Condensam-se neste livro os resultados de mais de três anos de trabalhos arqueológicos, desenvolvidos por equipas da Universidade de Évora, na Coudelaria de Alter. Esta ampla propriedade encerra um vasto património arqueológico até agora desconhecido. Descrevem-se neste estudo as sequências da ocupação humana, desde o Paleolítico até aos nossos dias, que se preservam na Coudelaria de Alter. Dos vários núcleos arqueológicos identificados seleccionou-se o do Reguengo, sede de uma antiga freguesia de Alter do Chão, onde a presença pré-histórica e medieval apresentava testemunhos muito evidentes. Neste núcleo para além das necrópoles neolíticas e medievais foi possível estudar vários contextos de habitats contemporâneos dos construtores das antas e identificar um santuário com arte rupestre gravada nos afloramentos graníticos. Publicam-se, também, neste livro os espantosos conjuntos artefactuais exumados nas escavações efectuadas, dos quais se destacam os ídolos-placa megalíticos e as cerâmicas decoradas atribuíveis às primeiras comunidades de agricultores e pastores que estanciaram nesta zona do Alentejo.

Apoios:
PORA / AINA



Jorge de Oliveira
(Univ. de Évora)

PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO da COUDELARIA de ALTER



JOÃO JOSÉ BICA

Jorge de Oliveira
(Universidade de Évora)

PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO da COUDELARIA de ALTER

e as primeiras comunidades agropastoris



Prefácio
J. Costa Ferreira

Anexos documentais
Nélson Almeida - Paleolítico na Coudelaria
David Duque - Paleoambiente da Coudelaria

EDIÇÕES COLIBRI / UNIVERSIDADE DE ÉVORA



JORGE DE OLIVEIRA é Professor Associado da Universidade de Évora, onde coordena a Área de Arqueologia. O interesse pelas coisas antigas inicia-se nas paisagens da sua aldeia, Santo António das Areias, onde, com quinze anos, funda um grupo de arqueologia e o embrião de um museu arqueológico. Na Faculdade de Letras de Lisboa licencia-se em História, porque ainda não existiam cursos de Arqueologia, tendo participado em todos os trabalhos arqueológicos que os seus mestres desenvolviam nessa altura. Com o seu professor Victor Gonçalves aprendeu que a Arqueologia não se resumia, apenas, à aventura da descoberta e que um longo caminho de estudo tinha que percorrer.
Não se afastando desse trilho doutorou-se em Pré-História e Arqueologia na Universidade de Évora com uma tese sobre as antas e menires que o viram crescer. Hoje tenta ensinar aos seus alunos que a Arqueologia não é apenas uma ciência mas, também, uma aventura e uma paixão.

PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO da COUDELARIA de ALTER

e as primeiras comunidades agropastoris

Jorge de Oliveira
(Universidade de Évora)

PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO da COUDELARIA de ALTER

e as primeiras comunidades agropastoris

EDIÇÕES COLIBRI

*À memória do meu
Amigo e Colega*

José Carlos Caetano

Titulo Original: **Património Arqueológico da Coudelaria de Alter**

Autor: ***Jorge de Oliveira***

Fotos de : ***Jorge de Oliveira e de David Duque, Gerardo Gonçalves, Joana Vivas, João Parreira, Mauro Constantino, Nélson Almeida, Paulo Domingues, Sara Ramos e João José Bica*** (pags. 6 / 22 / 26 / 35 / 239)

Revisão: ***Maria Fernanda Araújo***

Capa: João José Bica - ***VeludoAzul*** - Audiovisuais e Comunicação Lda

Design: ***Veludo Azul Lda*** - João José Bica

Pré-Impressão e Impressão: ***Colibri Artes Gráficas***

Data da Edição: Novembro de 2006 -

Tiragem: 1000 Exemplares

Depósito Legal n.º 248 722/06

Edição: Edições Colibri e Universidade de Évora

IBSN 972-772-673-9

IBSN 978-972-772-673-8



Índice

Ficha Técnica:

COORDENAÇÃO:

Jorge de Oliveira

CO-DIRECÇÃO DE TRABALHOS:

Gerardo Gonçalves – *Anta da Várzea Grande*; ***Joana Vivas –*** *Igreja de S. Bartolomeu (2ª fase) e Locus II*; ***João Parreira –*** *Habitat do Reguengo (2ª fase)*; ***Mafalda Capela –*** *Igreja de Bartolomeu (1ª fase)*; ***Mauro Constantino –*** *Locus da Toca da Raposa*; ***Miguel Correia –*** *Levantamento da Arte Rupestre*; ***Paulo Domingues –*** *Anta da Horta* ***e Santuário; Sara Ramos –*** *Anta da Soalheira, Habitat do Reguengo (1ª fase) e Locus I.*

PROSPECÇÃO GERAL:

Clara Oliveira

ESTUDOS PALEOAMBIENTAIS:

David Duque

A COUDELARIA DE ALTER DURANTE O PALEOLÍTICO:

Nélson Almeida

TÉCNICOS DE ARQUEOLOGIA:

Conceição Roque e Cristina Costa

DESENHO DE PEÇAS:

Joana Vivas, Conceição Roque e Madalena Vaz Freire

ESTUDANTES COLABORADORES:

Alexandre Ramos, Ana Borregas, Ana Botto, Ana Candeias, Ana Carla Nóbrega, Ana Ferro, Ana Luísa Francisco, Ana Nóbrega, Ana Pinto, Ana Rita Faleiro, Ana Rita Santos, Anabela Isidro, André Mano, André Mão-de-Ferro, Andrea Oliveira, Andrea Conceição, Ângela Ferreira, António Marujo, Artur Henriques, Bárbara Castiço, Bárbara Freitas, Carla Bento, Carlos Carpetudo, Carlos Silva, Catarina Mesquita, Catarina Saragoça, Cira Carvalho, Cláudia Carvalho, Cláudia Miguel, Cristóvão Mendes, Daniel Félix, Dina Pereira, Duarte Abêbora, Duarte Barreiros, Eduarda Mamede, Eunice Pimpão, Fátima Palma, Filipa Silva, Fernando Caldeira, Frederico Cunha, Gorete Dourado, Helena Silva, Hugo Porto, Inês Castanheira, Inês Garcia, Inês Palma, Ironia Santos, Ivo Santos, Jaylson Monteiro, Joana Frazão, Joana Negrão, João Contente, João Costa, João Maçãs, João Mora, João Pinto, João Zacarias, Jorge Parreira, José de Oliveira, Lídia Segão, Luciano Machado, Luís Teixeira, Madalena Gandum, Manuel Mão-de-Ferro, Marco Fernandes, Margarida Ribeiro, Maria Saragoça, Mário Pinto, Marta Castanheira, Nélson Santos, Norberto Fialho, Nuno Fortunato, Núria Alves, Paula Rosa, Rebeca Branco, Rita Santos, Rui Caetano, Rui Lopes, Rui Proença, Sara Cambeta, Sara Preto, Sara Simões, Susana Pais, Teresa Andrade, Ulrico Galamba, Vânia Pirata, Vera Viegas, Vicente de Sá, Vítor Meira

FUNCIONÁRIOS e TÉCNICOS DA COUDELARIA DE ALTER:

Arlindo Vilhena, Francisco Carvalho, Francisco Félix, Francisco Ventura, João Correia, João Mendes, Joaquim José Garcia, José Beirão, Manuel Baptista, Maria José Pais e Dr.ª Sandra Veiga de Araújo.

MESTRE CANTEIRO: Manuel Graxinha



PREFÁCIO

Do *Equus ferus* ao *Equus caballus*

Nada há de concreto sobre onde e quando se deu a domesticação do cavalo. É comummente aceite que o foi há cerca de 5.000 anos e, a ser assim, foi a última espécie pecuária a sê-lo, muitos anos após a penúltima. A ser isto verdade, é porque só então tal se tornou necessário e não decididamente porque fosse a mais difícil de domesticar.

O *Homo sapiens sapiens* há muito que, com o fim do último glaciar, iniciara o processo de sedentarização, dedicando-se à agricultura e/ou pastorícia, abandonando a condição de caçador recolector.



Cavalos em placa de bronze Hitita (2.º milénio a.C.) – Museu da C. de Alter

As suas necessidades básicas pareciam supridas, fossem elas alimentares, de vestir ou de tracção. O cavalo só lhe trazia de novo a velocidade de deslocação, o que, para uma comunidade daqueles tempos, só se vê como necessário para acompanhar e enquadrar os rebanhos ou procurar e trazer uma rês mais rebelde ou fugidia. São, pois, em nossa opinião, na convicção dos pressupostos atrás anunciados, essas remotas comunidades pastoris quem primeiro necessitou do cavalo, como auxiliar potenciador da eficácia da sua actividade, encontrando aí a razão para a sua domesticação.

Se a prática pastoril dessas comunidades passasse, e para algumas passaria certamente, pela transumância ou nomadização, então, fica-nos a percepção de quanto o cavalo lhes foi importante, nuns casos potenciando-a, noutros permitindo-a.

Ainda hoje, se retirarmos a utilização do cavalo nas forças armadas ou de segurança,

a utilização nas actividades desportivas ou de lazer, ultrapassada que está a de tracção no transporte de pessoas ou de mercadorias, a actividade que continua a não prescindir do cavalo é a da guardaria do gado. Veja-se o nosso campino, o "cowboy" ou o gaúcho, para quem nada é mais eficaz, na sua actividade, que o cavalo.

Se é minha convicção que foi o uso militar que ditou, mais do que isso, impôs toda a evolução até chegarmos ao cavalo que hoje conhecemos, não tenho por menos verdade que a utilização guerreira foi um uso subsequente e não a causa primeira que levou à domesticação. Em nossa opinião, foram as valências reveladas no uso civil que o levaram a ser utilizado na guerra, nunca o contrário. Não faria sentido, se assim não tivesse sido.

Se estivermos de acordo com este raciocínio, encontramos a necessidade que o homem ibérico tinha em domesticar o cavalo, pois aqui era um local onde a pastorícia, em vastas regiões, tinha (e inopinadamente nos dias de hoje volta a ter) predominância sobre a agricultura.


Cavalo em moeda de ouro cartaginesa (séc. IV a.C.) - Museu da C. de Alter

Hoje temos a certeza, o que é relativamente recente, que, na última glaciação (WURM), a Península foi um dos locais onde o cavalo subsistiu, pelos achados arqueológicos de restos de equinos em dezenas de sítios, na Península Ibérica, com datação que se reporta ao período que vai do último glaciar (WURM) à data apontada para a domesticação.(*)

Estão, assim, comprovadamente, reunidas, na Península Ibérica, todas as condições: havia o homem, o cavalo e, muito importante, a necessidade do seu uso, para que se desse aqui a domesticação.

No longo processo de domesticação, é possível distinguir duas fases. Numa primeira, o grupo ou grupos inicialmente domesticados, ou melhor, **amansados**, constituem o grupo fundador que, por circunstancialismos vários, se torna numa população fechada, ou seja, não tem introdução de reprodutores a ele estranhos, concretamente o original selvagem. Enquanto fracção do todo, o grupo fundador encerra em si só parte da variabilidade

genética da espécie original. Esta circunstância, a que se convencionou chamar o **efeito fundador**, é uma das causas determinantes da diferenciação que então se inicia, a **especiação**, e que tipifica a segunda fase.

Aos imperativos da **selecção natural**, os únicos que se verificavam até então, acrescem, nesta segunda fase, sobre o grupo fundador, os da selecção artificial, que são os que mais vão fazer sentir os seus efeitos.

Estes efeitos são potenciados na sua eficácia pelo maneio, ou seja, as práticas de alimentação, reprodução e utilização, a que a espécie em processo de domesticação passa a estar sujeita, ao ser-lhe facultado abrigo da intempérie e dos predadores, alimentação regular e em abundância e reprodução dirigida. São as necessidades do homem e/ou os seus caprichos que vão impor os ditames da evolução subsequente, concretizando a diferenciação com os seus ancestrais selvagens. Quando essa diferença é efectiva, e só então, é que se pode falar de uma nova espécie, a espécie doméstica, consubstanciando um processo que se prolonga por muitas e muitas gerações, no caso do cavalo, a passagem do *Equus ferus* ao *Equus caballus*.



Cavaleiro em moeda de bronze ibérica (séc. I a.C.) - M. C. Alter

Nada garante que essa ocorrência, e consequente evolução, tenha acontecido num único sítio do planeta e daí irradiado. Ela é tão prosaica que pode ter acontecido em vários locais em simultâneo, ou pode ter acontecido e desaparecido e voltado a acontecer mais tarde, no mesmo local, ou a muitos quilómetros de distância.

Que relação existirá entre os referidos achados arqueológicos de restos de equinos aqui na Península e o cavalo ibérico de hoje?

Será que o nosso Lusitano tem aí os seus avós?

Se assim fosse, toda a história, no que ao cavalo diz respeito, teria de ser reescrita.

As modernas tecnologias permitem concluir sobre essa relação com segurança, assim

seja possível extrair DNA desses ossos. Com esse intuito, trabalha uma equipa da Faculdade de Ciências de Lisboa, liderada pela Prof. Doutora Maria do Mar Oom.

A grande inovação que se seguiu aos avanços metodológicos na análise do DNA moderno, foi a sua aplicação ao DNA ancestral, que sobrevive em pequenas quantidades no seio das colecções arqueológicas, embora de difícil extracção.

Segundo estudos anteriores, recorrendo à análise de haplótipos de DNA mitocondrial (mtDNA), verificou-se que a divergência na espécie *Equus caballus* terá ocorrido muito antes da sua domesticação. A população equina, do Pliestocénio Médio ao Recente, sem dúvida estruturada regionalmente, terá acumulado uma variação considerável ao nível do mtDNA, sugerindo-se que indivíduos desta população tenham originado os ancestrais das raças domésticas actuais. É de esperar que haja uma continuidade genética entre as formas extintas e as actuais.



Cavalo em moeda de bronze ibérica de Balsa (séc. I a.C.) - Museu da Coudelaria de Alter

O projecto de investigação tem como objectivos a determinação das relações filogenéticas entre as formas extintas e actuais de *Equus caballus* existentes na Península lbérica e no Mundo, bem como determinar tempos de divergência para as raças ibéricas actuais com recurso à análise de DNA ancestral e moderno e à aplicação do relógio molecular. Entretanto, um outro trabalho de investigação, desenvolvido por uma equipa do Centro de Biotecnologia da Universidade dos Açores, chefiada pelo Prof. Doutor Artur da Câmara Machado, cujos resultados, já foram publicados, em revista científica de referência, a *Animal Genetics*, por via indirecta, permite concluir que assim será.

Este trabalho também, baseado no DNA mitocondrial, que convirá aqui recordar, tem a particularidade de ser a cópia fiel do DNA da mãe. Assim, o DNA tipificado numa

égua de hoje só não é o mesmo da primeira égua (a Eva da espécie humana), porque entretanto houve mutações. Estas mutações acontecem com intervalos de muitos milhares de anos, o que permite presumir que esse mtDNA é o mesmo à época anterior à domesticação.

De todo o actual efectivo da raça Lusitana, foram encontrados 27 mtDNAs diferentes, pelo que se conclui que a actual raça Lusitana é descendente de 27 linhas femininas, à data da domesticação.


Mosaico dos Cavalos – Conímbriga

Da pesquisa efectuada no GENE BANK, onde estão depositadas as tipificações levadas a cabo por investigadores de todo o mundo, constata-se que esses mtDNAs são partilhados por muitas outras raças, que descendem das daqui, ou as actuais Lusitanas descendem dessas.

O tempo e a investigação se encarregará de clarificar essa movimentação .

Existe, contudo, um grupo de sete mtDNAs dos 27 da raça Lusitana para os quais não foram encontrados correspondentes, sendo, no estado actual do conhecimento, únicos. Se assim for, ter-se-á de concluir tratar-se de mtDNA de linhas femininas que nunca daqui saíram e, mais importante, nem vieram de outro lado, sendo, portanto, directamente descendentes da população aqui residente à data da domesticação.

Esta suposição, e só disso se trata, é corroborada pela interpretação de como os outros haplótipos se ramificam, a que é dada grande relevância no trabalho em causa.

Penso que esta argumentação, só por si, se não é suficiente para contrariar a corrente de opinião que diz que o cavalo domesticado foi trazido por povos invasores e deles descende o nosso cavalo, é, pelo menos, perturbadora e dá uma vontade imensa de persistir na busca da verdade.



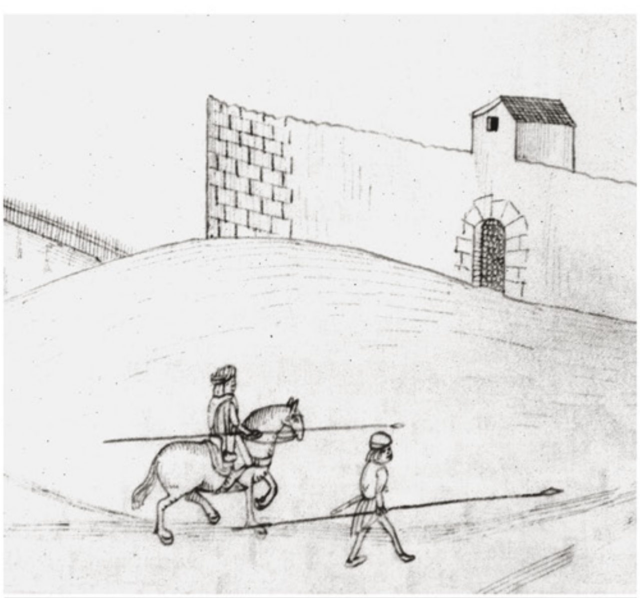
Cavaleiros Medievais – gravura do Museu da Coudelaria de Alter

A individualidade do nosso cavalo, tem origem na **selecção dirigida** por muitos e muitos séculos, ou a verdadeira causa está para além dos milénios e recua ao tempo da domesticação?

A pergunta ganha total pertinência .

Julgo fácil de entender quanto será gratificante se se vier a confirmar que o nosso cavalo é descendente de uma população aqui residente, leia-se espaço ibérico, à data da domesticação.

Além dos considerandos atrás expostos, que apoiam a plausibilidade da domesticação ter acontecido, ou também ter acontecido, na Península Ibérica, porque não também procurar vestígios desse facto através da investigação arqueológica, num local como o espaço da Coudelaria, onde, desde sempre, tudo é propiciador da criação do cavalo e é, de modo exuberante, evidenciado que nele a ocupação humana é bem anterior ao período em causa, ocupação essa continuada e ininterrupta até aos nossos dias?



Duarte d'Armas e o seu escudeiro (séc. XVI)

Assim, como foi possível demonstrar, à evidência, que o megalitismo não foi importado do Oriente e é daqui originário, (para o que muito contribuem os trabalhos do Prof. Doutor Jorge de Oliveira), talvez seja possível vir a demonstrar, com a mesma força probatória, que o nosso cavalo também não veio daí, mas é

resultado de um processo aqui iniciado e continuado a partir de uma população do *Equus ferus* aqui residente.



Cavaleiro – gravura de Albert Durer - Museu da Coudelaria de Alter

Foi com tudo isto em mente que desafiei o Prof. Jorge de Oliveira e a sua equipa, no âmbito do protocolo estabelecido com a Universidade de Évora, a iniciarem um processo de investigação sobre os monumentos megalíticos existentes do espaço murado da Coudelaria d'Alter e que, em primeira mão, foram inventariados pela Dr.ª Clara Oliveira, sua colaboradora.

O aumento do interesse de visita do espaço da Coudelaria pela musealização dos possíveis achados e a sensibilização da comunidade científica, sobretudo a portuguesa, para a questão da domesticação do cavalo, eram dois objectivos só por si justificativos da iniciativa. Os resultados vieram a dar-lhe plena satisfação.

Ao serem identificados testemunhos materiais das primeiras comunidades de pastores e agricultores, remontando ao IV e V milénios antes de Cristo, em cujo contexto se encontrou um dente de cavalo, deixa-nos uma enorme alegria, que resulta da confirmação de estarmos no caminho que, de modo mais consistente, nos permita admitir a confirmação como possível, pela arqueologia, de que a domesticação se fez, ou também se fez, aqui na nossa terra.

24 de Ago. 2006

João Costa Ferreira

(Director da Coudelaria de Alter)

(*) International Union of Preasstoric and Protohistoric Sciences – Proceedings of the XIII Congress – A Preliminary Catalogue of Holocene Equids From the Iberian Peninsula.

AGRADECIMENTOS

A realização deste estudo só foi possível graças à dedicação, ao empenho e à paixão com que o Sr. Dr. João Costa Ferreira dirige a Coudelaria de Alter. Homem de ciência e de cultura que, como poucos, se dedica, de alma e coração, à *res publica* (coisa pública). Tantas vezes, contra ventos e tempestades, soube transformar a Coudelaria no espaço de excelência que hoje é. Sentindo, como só ele sente e sabe transmitir, a magia e a carga histórica daquele lugar, cedo adivinhou que ali, sob o solo, um longo passado se guardava. E tinha razão, a nós coube o privilégio de levantar um pouco do véu, muito ficando ainda por desvendar. Ao médico-veterinário e arqueólogo amador, Dr. João Costa Ferreira, os nossos agradecimentos.

Um estudo arqueológico de três anos de campo e em trabalho contínuo só é possível quando as equipas de investigação aí se sentem bem. E, nos quase cem estudantes de Arqueologia que passaram pela Coudelaria, a saudade já se sente. Não foi só a excitação da descoberta, a magia do local ou o privilégio de privar com os magníficos cavalos de Alter, foram e são as pessoas que aí trabalham e que nos souberam acolher no seio da grande família que é a Coudelaria de Alter. A todos os técnicos e funcionários da Coudelaria manifestamos a nossa gratidão.

Investigar na Coudelaria de Alter e não aprender a montar seria um crime. Teve o Sr. Tenente Henriques a capacidade e o engenho de evitar que esse delito se perpetrasse, recebendo no Clube Equestre, de que é concessionário, todos os jovens arqueólogos que quiseram dar os primeiros passos na arte de em toda a sela bem cavalgar. Para ele, os nossos agradecimentos. Agradecimentos que temos que estender, igualmente, ao Sr. Dr. João José Casquilho Ribeiro, que nos ensinou a História recente da Coudelaria e à Sr.ª Dr.ª Maria José Carvalho, que, pacientemente, nos explicava as diferenças entre um metacarpo e um metatarso, enquanto aguardava que mais uma égua parisse. Mas os nossos agradecimentos terão que se estender

a tantas e tantas pessoas que nos ajudaram, como o Sr. Manuel "Borlinhas", o Sr. Mihai Nichita e o Sr. João Mendes que com a sua serena mestria erguiam os esteios de antas com o balde da rectro, ao Sr. José Beirão, homem dos sete instrumentos e que inventou uma torre para a Igreja de S. Bartolomeu e a tantos outros funcionários da Coudelaria, como os Srs. Arlindo Vilhena, Francisco Carvalho, Francisco Félix, Francisco Ventura, João Correia, Joaquim José Garcia, Eng. Joaquim Calado ou o Alexandre, que nos ajudaram a descobrir o subsolo da Coudelaria, o nosso obrigado. Uma palavra de gratidão queremos dirigir, também, aos funcionários da Secretaria, da Messe, do Restaurante e da Cantina da Coudelaria, que sempre, simpaticamente, nos acolheram. À Sr.ª D.ª Maria José Pais e à Sr.ª Dr.ª Sandra Veiga de Araújo, os nossos agradecimentos pela forma como tantas vezes nos ajudaram a ultrapassar as eternas burocracias. Ao Sr. Padre Paulo Dias, à Banda Filarmónica, aos Bombeiros, Câmara Municipal e à comunidade de Alter do Chão, que nos ajudaram a recuperar uma tradição perdida, mas não esquecida, a Romaria de S. Bartolomeu, manifestamos a nossa gratidão.

Ao Sr. Jaime Estorninho, Governador Civil do Distrito de Portalegre, ao Sr. Ceia da Silva, enquanto Presidente da Região de Turismo e à Sr.ª Dr.ª Maria Leal Monteiro, reconhecidamente lhes agradecemos todo o apoio concedido.

Mais que justa devemos uma palavra de apreço pela dedicação dos técnicos da Universidade de Évora, que nos ajudaram a ultrapassar as angústias com a gestão financeira deste projecto, à Sr.ª Dr.ª Cesaltina Frade, Sr.ª Dr.ª Valentina Castro, à D.ª Maria José Dias e à D.ª Fernanda Seabra, o nosso obrigado. Ao Professor Doutor Afonso de Almeida, então Vice-Reitor da Universidade de Évora, com quem aprendemos a preparar projectos e a ultrapassar barreiras burocráticas, o nosso obrigado. Queremos, também, aqui deixar um agradecimento especial aos nossos colegas e amigos, André Carneiro, Catarina Tente,

Cristina Cerdeira, David Duque, Fernando Real, João Carlos Caninas, José d' Encarnação, Juan Javier Navascues, Leonor Rocha, Manuel Calado, Marciano da Silva, Mariana Dinis, Marta Alexandre, Nélson Almeida, Paula Morgado, Primitiva Bueno, Rodrigo Balbin, Teresa Matos Fernandes e Victor Gonçalves, pelos ensinamentos, colaboração e apoio que nos dispensaram ao longo deste estudo.

Ao Sr. Manuel Graxinha, mestre-canteiro, especialista na recuperação de megálitos, que mais uma vez conseguiu fazer o impossível, o nosso obrigado.

Aos quase cem estudantes, de diversos graus de ensino, de escolas básicas e secundárias de Portalegre, Évora e Lisboa e das universidades de Évora, Lisboa, Coimbra e Porto, que, ao ajudarem a revolver a terra, escreveram capítulos da História, o nosso obrigado.

À nossa jovem equipa de Arqueólogos e Técnicos de Arqueologia, que connosco, durante três anos, prospectaram, escavaram e pensaram estruturas, materiais e estratigrafias da Coudelaria, Clara Oliveira, Conceição Roque, Cristina Costa, Gerardo Gonçalves, Joana Vivas, João Parreira, Mafalda Capela, Mauro Constantino, Miguel Correia, Paulo Domingues e Sara Ramos, expressamos os nossos reconhecidos agradecimentos.

Ao meu Amigo João José Bica que com a sua arte e dedicação soube transformar um relatrório técnico num livro, o meu obrigado. Ao meu Amigo Luís Silva que pacientemente acompanhou as morosas reviões, estendo os meus agradecimentos.

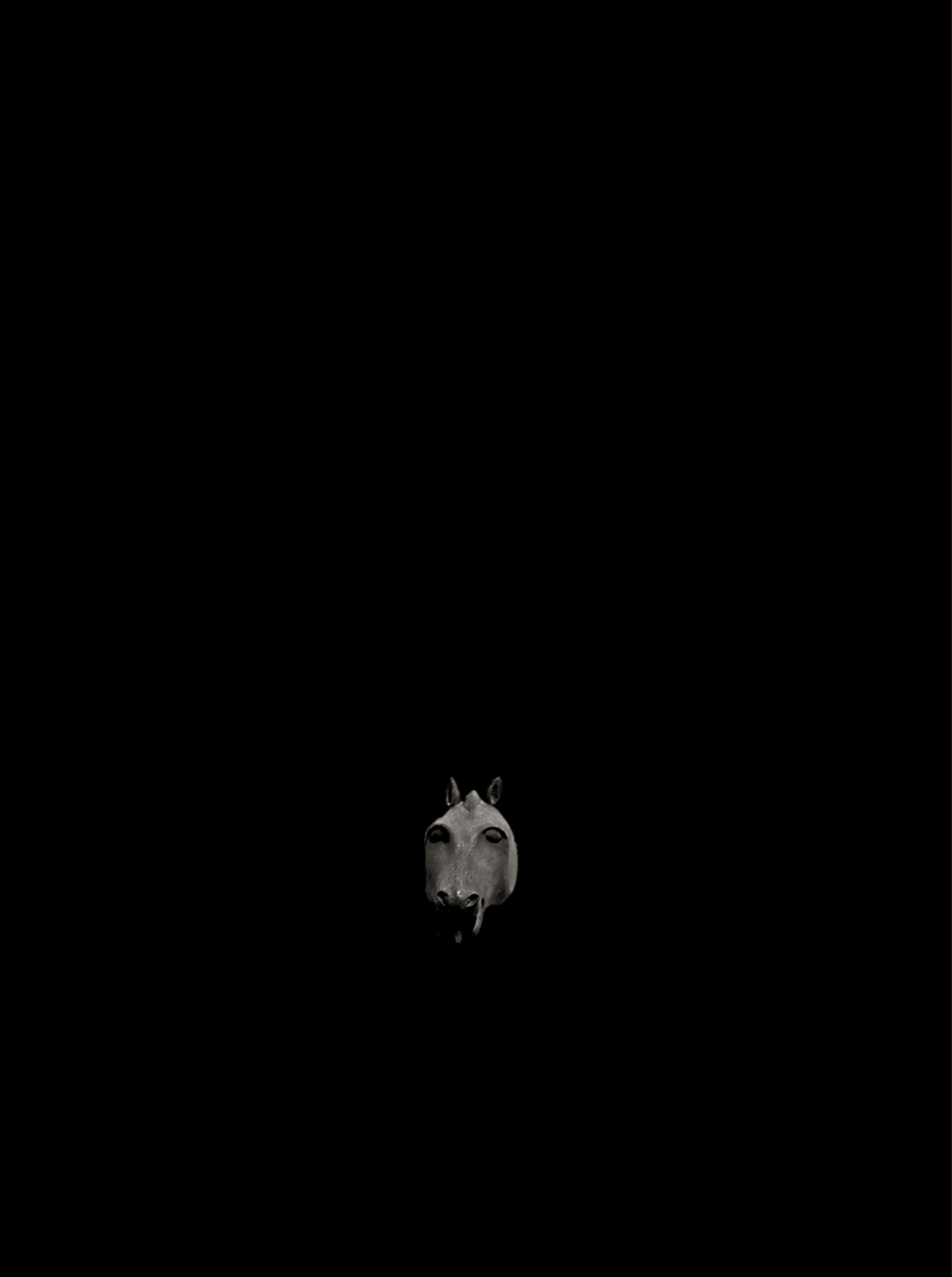
À minha Mãe, que, mais uma vez, pacientemente, nos ajudou a distribuir as vírgulas pelo texto, o nosso obrigado.

Para terminar e com a certeza de que a muitos mais devemos a nossa gratidão pela colaboração prestada neste projecto, queremos aqui registar o apoio e ensinamentos que o nosso saudoso colega e amigo José Carlos Caetano sempre nos quis dispensar nas visitas semanais que fazia à Coudelaria.



Eguada - Coudelaria de Alter





1. INTRODUÇÃO

A Coudelaria de Alter, fundada por vontade de D. João V, em 1748, junto à actualmente extinta freguesia de S. Bartolomeu do Reguengo, a escassos três mil metros de Alter do Chão, configura um caso quase único na paisagem alentejana. Os oitocentos e cinquenta hectares de terra, destinados, maioritariamente, para pastagens de cavalos e éguas, encontram-se totalmente murados e, por isso, de acesso muito reservado. Se somarmos a este controlo de acesso a quase inexistência de práticas agrícolas intensivas, tão comuns em todo o Alentejo durante grande parte do século XX, que esventraram até à rocha os solos, com a consequente destruição de inúmeros vestígios arqueológicos, então entender-se-á melhor a existência e estado de conservação de tão abundante património arqueológico na área da Coudelaria. Contudo, e, provavelmente, porque o acesso às terras da Coudelaria foi, desde sempre, muito controlado, não se conhecia qualquer referência bibliográfica a testemunhos arqueológicos aí existentes.

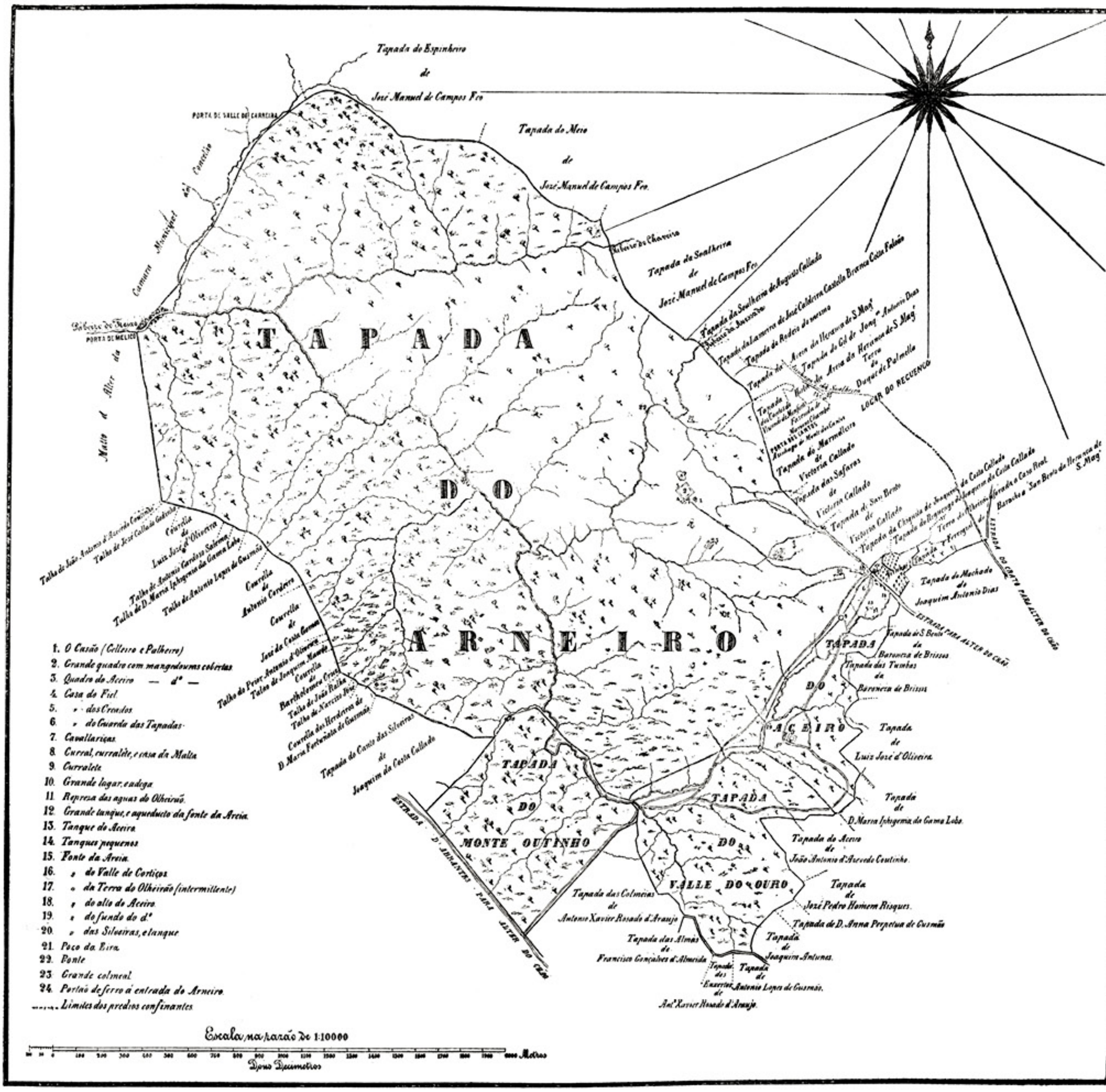
Nos finais da década de noventa, durante uma visita às ruínas da cidade romana de Ammaia, fomos contactados pelo actual Director da Coudelaria, Dr. João Costa Ferreira, que nos questionou sobre o eventual potencial arqueológico da instituição que dirige. Desse contacto projectou-se uma campanha de prospecções arqueológicas de campo, que veio a ser desenvolvida por Clara Oliveira, com a colaboração de Elisabete Pereira. Paralelamente,

procedeu-se a uma pesquisa bibliográfica intensa que nada forneceu. Nem nas múltiplas publicações de Farinha Isidoro, decorrentes dos trabalhos de campo desenvolvidos nos concelhos do Crato e Alter do Chão, nem no *corpus* de Georg e Vera Leisner, que também percorreram o concelho de Alter, nem nos volumes sobre a rede viária romana editados por Mário Sáa, nem em trabalhos mais antigos de investigadores como Leite de Vasconcelos, que por estas paragens deambularam, nenhuma informação de interesse arqueológico foi possível registar para a área que era matéria de estudo. Esgotada a bibliografia arqueológica, dirigimos a pesquisa para a secção de manuscritos da Biblioteca Pública de Évora, na esperança de encontrar alguma referência na correspondência de Frei Manuel do Cenáculo. Também nesses maços nada se identificou. Contudo, num maço de documentos vários, provavelmente reunidos por Cunha Rivara, identificou-se um manuscrito, não datado, nem assinado, intitulado *Antiguidades de Alter do Chão* (B.P.E. Cód. CIX/1-16, n.º 67), cuja transcrição se apresenta em anexo. Pela caligra-



Coudelaria de Alter - Monumento ao Fundador D. João V

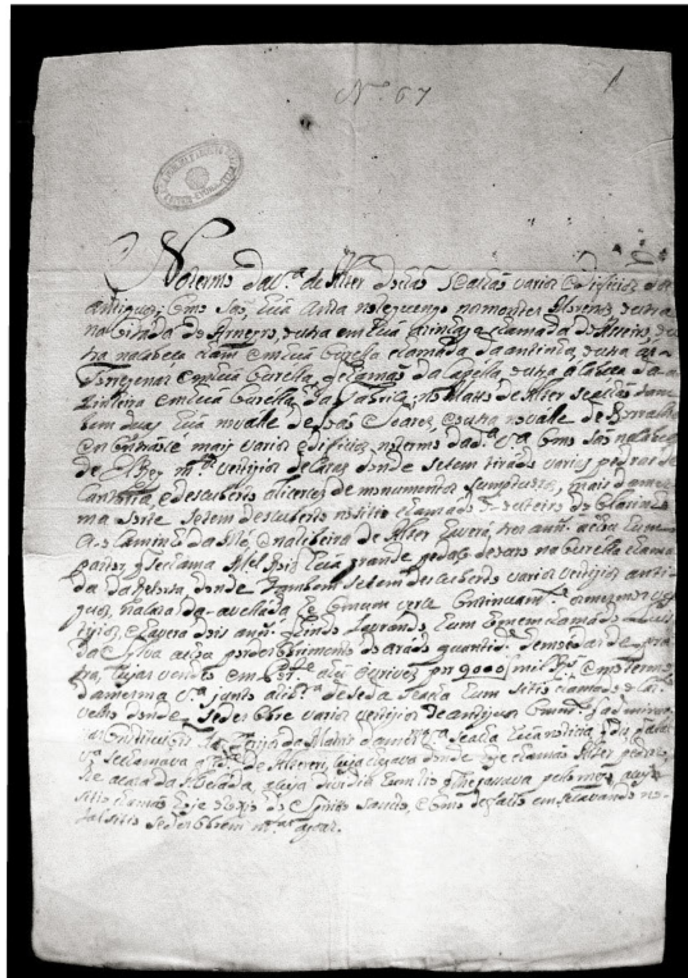
fia, cor da tinta e tipo de papel, parece tratar-se de um documento de meados dos finais do



PLANTA DA COUTADA DO ARNEIRO E TAPADAS ANEXAS
Levantada em 1858 pelo Tenente-coronel de engenharia J. A. de Abreu

século XVII ou inícios do século XVIII, que relata a existência de um conjunto assinalável de testemunhos arqueológicos, dando especial atenção às antas. Neste manuscrito, para

além de outros monumentos megalíticos, refere-se a existência de uma "anta no Reguengo" e outra na "Coutada do Arneiro". Estes topónimos situam-se na área da actual coudelaria e, de facto, tal como as prospecções de campo vieram a confirmar, alguns dos dólmenes identificados poderão ser os que se encontram referidos no manuscrito da Biblioteca Pública de Évora. Para além da pesquisa em documentação manuscrita, procuraram-se outras fontes de informação, com especial destaque para as vulgarmente denominadas *Memórias Paroquiais*. Nesta documentação foi possível reconhecer ter existido, na actual área da coudelaria, uma ermida de invocação de S. Bento e a Igreja Paroquial de S. Bartolomeu do Reguengo. Concluída a recolha bibliográfica, os trabalhos de prospecção vieram a revelar uma densidade surpreendente de testemunhos arqueológicos, dos quais se destacam sete antas, vários núcleos de *habitat* pré-históricos, conjuntos de afloramentos graníticos, com arte rupestre esquemática, diversas sepulturas escavadas na rocha e as ruínas da Igreja de S. Bartolomeu.


Doc. da B.P.E. - Antiguidades de Alter do Chão

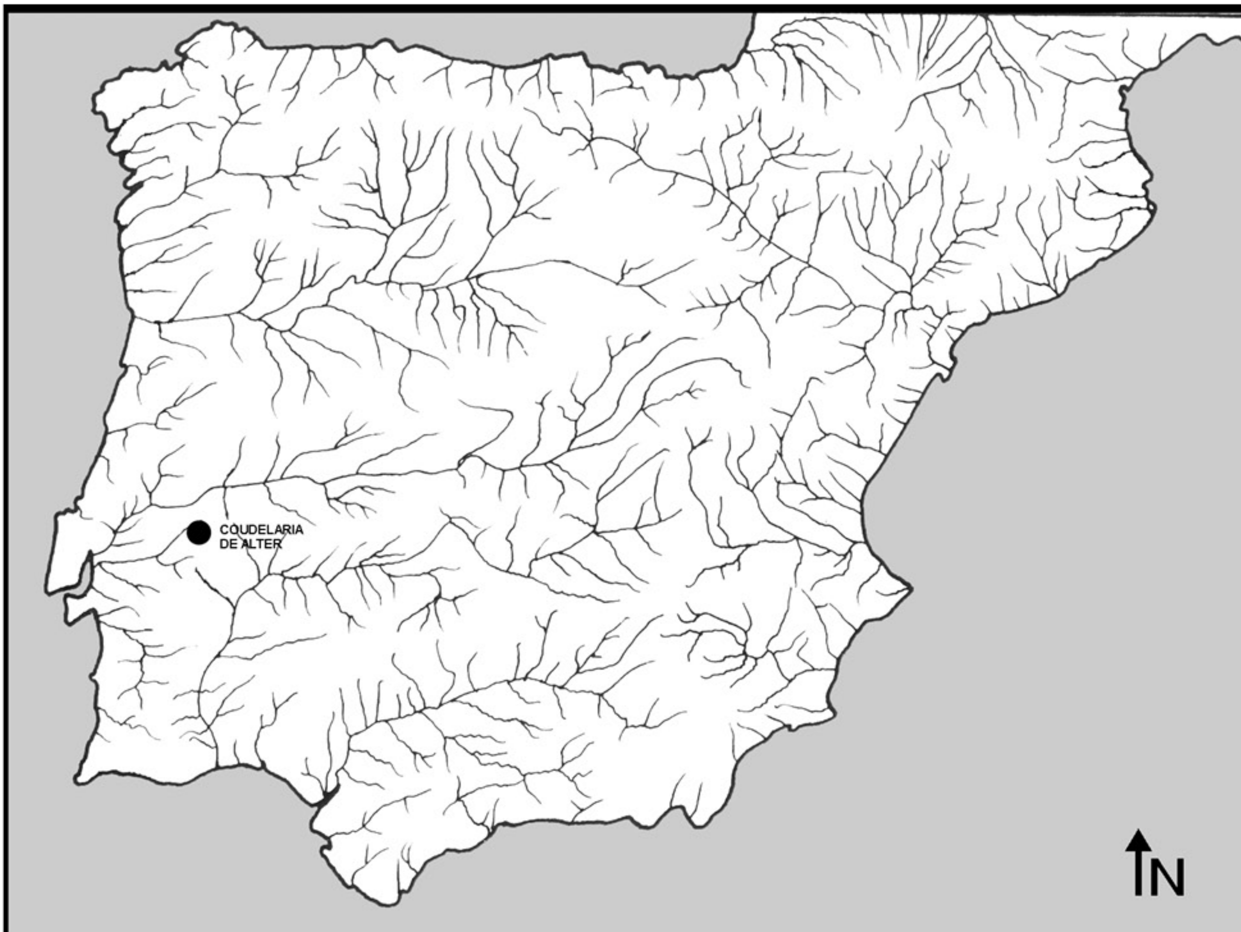
Perante esta surpreendente riqueza arqueológica, entendeu a Direcção da Coudelaria convidar a Universidade de Évora a apresentar um projecto de estudo, valorização e divulga-

ção deste interessante complexo arqueológico. Projectou-se, assim, numa primeira fase, um conjunto de acções destinadas a avaliar o potencial arqueológico identificado durante as prospecções e, numa fase subsequente, o estudo pormenorizado de jazidas que se viessem a seleccionar. As intervenções previstas destinavam-se, igualmente, a estabelecer um percurso visitável e de fácil interpretação ao vasto conjunto de turistas que anualmente visitam a Coudelaria de Alter. Com base no levantamento arqueológico, foi possível isolar duas áreas de interesse e grande potencial arqueológico: o Núcleo do Vale de Carreiras e o Complexo do Reguengo. O primeiro, situado na zona ocidental da Coudelaria, é constituído, maioritariamente, por vestígios pré-históricos onde ocorrem várias sepulturas megalíticas e diversos contextos de *habitat*, provavelmente contemporâneos dos construtores dos dólmenes. O segundo núcleo, que denominámos por Complexo Arqueológico do Reguengo, situa-se na zona oriental, junto à entrada da Coudelaria e prolonga-se até às imediações da zona edificada. Os diversos testemunhos arqueológicos até agora identificados neste complexo



Vista Geral da Coudelaria tirada do Monte de S. Miguel

abarcam um longo período de tempo, que se estende desde, pelo menos, o Neolítico antigo até ao século XIX. Destacam-se, pela sua singularidade e abundância, os diversos *locus* de



Localização da Coudelaria de Alter na Península Ibérica

habitat neolíticos, o "santuário" com arte rupestre, os dois dólmenes, a alongada necrópole alto-medieval e as ruínas da Igreja de S. Bartolomeu. A presença romana e islâmica está também atestada, embora com vestígios residuais. Os testemunhos romanos reduzem-se a pequenos fragmentos de cerâmica que ocorrem em zonas de revolvimento, nas imediações da Igreja de S. Bartolomeu, e ao pequeno espaço de habitação identificado no interior da grande fossa de violação registada no interior da câmara da Anta da Soalheira. A presença islâmica apenas é atestada pela recolha, em terras de superfície, no *habitat* pré-histórico da

Toca da Raposa, de uma moeda de prata cunhada ao tempo de Abederramão ll. Fora destes dois núcleos, na margem oposta da ribeira que circunda o Vale de Carreiras, situa-se a Anta da Várzea Grande, junto da qual se identificou, igualmente, mais uma sepultura escavada na rocha. Estes dois testemunhos poderão configurar, se novas prospecções vierem a ser desenvolvidas, outro núcleo arqueológico, eventualmente correlacionável com os vestígios situados para lá do muro da Coudelaria, onde se incluem as antas da Torrejana e as estruturas romanas do Monte da Porra, também conhecido por Casa da Aveleda. A modelação do terreno, marcado pela grande várzea da Coudelaria, parece isolar este provável conjunto arqueológico do núcleo do Vale de Carreiras, conferindo-lhe, do ponto de vista geomorfológico, unidades próprias.



Ermida de S. Miguel

Efectuado o diagnóstico do potencial arqueológico de superfície da Coudelaria de Alter, elaborou-se um primeiro plano de trabalhos de investigação e valorização do seu património. Em convergência com o plano de desenvolvimento interno da Coudelaria, projectou-se o início dos trabalhos para o Complexo Arqueológico do Reguengo. Perspectivaram-se,

COUDELARIA DE ALTER

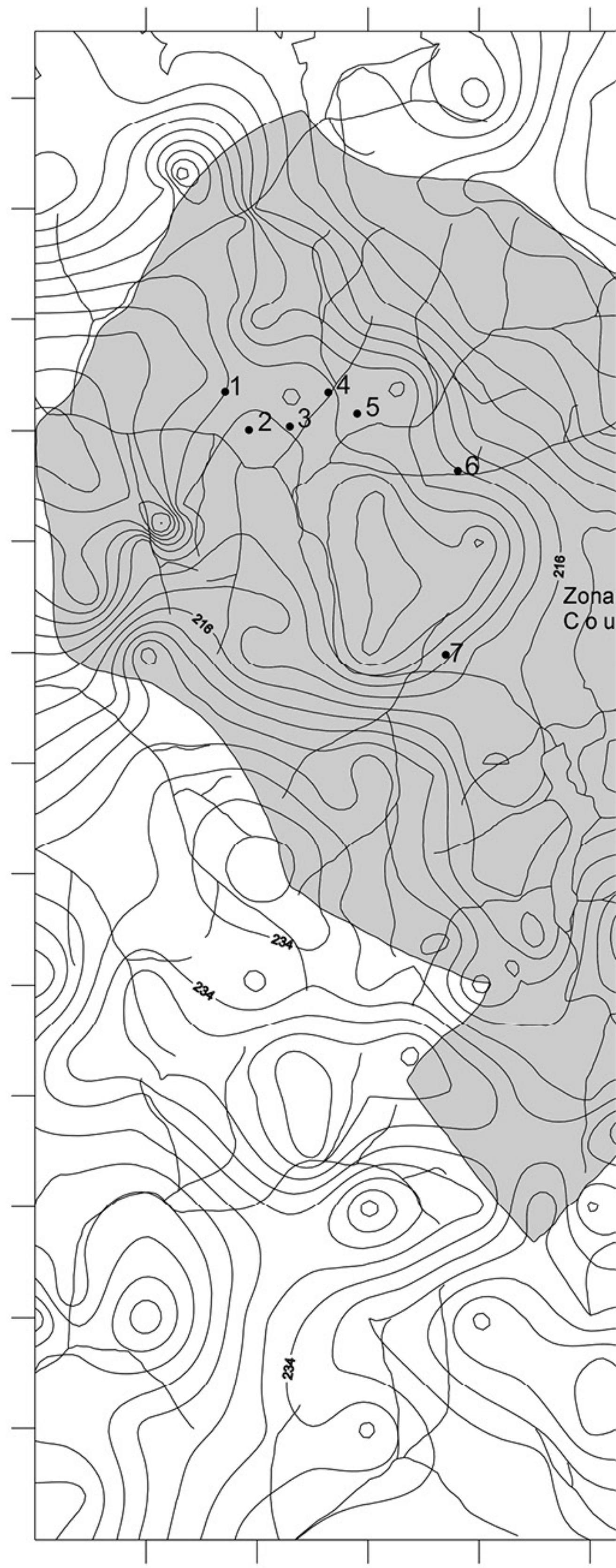
JAZIDAS ARQUEOLÓGICAS

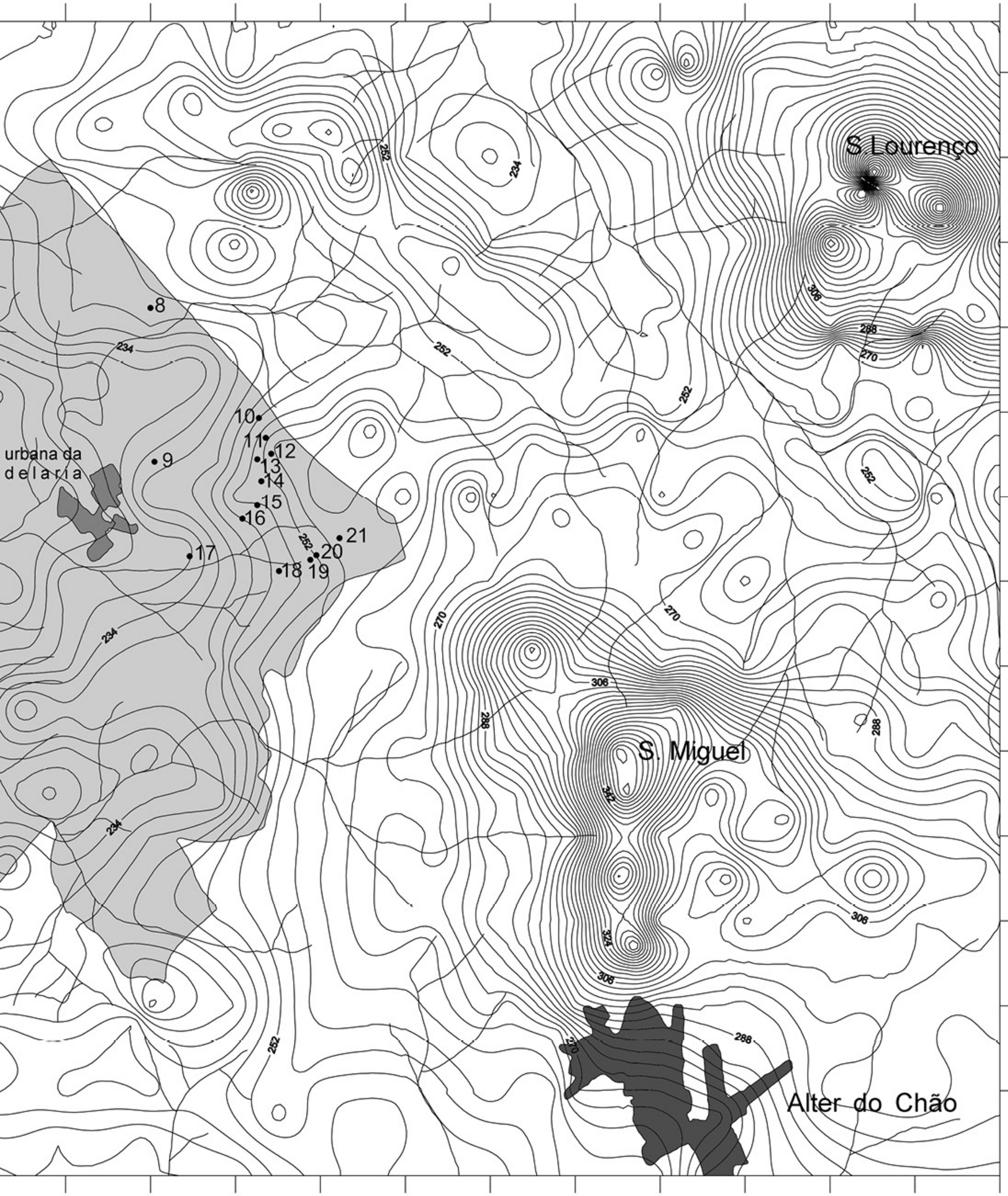
Legenda

1-Anta do Vale de Carreiras IV
2-Anta do Vale de Carreiras III
3-*Habitat* Neolítico
4-Anta do Vale de Carreiras II
5-Anta do Vale de Carreiras I
6-Choça
7-Anta da Varzea Grande
8-*Habitat* Alto-Medieval/Moderno da Fonte da Areia
9-Anta da Soalheira
10-Igreja de S. Bartolomeo
11-*Habitat* Neolítico do Reguengo
12-Santuário Pré-Histórico
13-Anta da Horta
14-*Habitat* Calcolítico
15-Sepultura V
16-*Loci* da Porta do Tempo
17-Sepultura VI
18-Sepultura IV
19-Sepultura II
20-Sepultura III
21-Sepultura I

0 1 Km

N




S.Lourenço
S. Miguel
Alter do Chão
urbana da
delaria
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
234
252
270
288
306
324
342

logo de início, duas fases de trabalhos. A primeira destinava-se, sobretudo, a avaliar o potencial arqueológico dos sítios definidos como zonas de *habitat* pré-históricos, à limpeza dos suportes e levantamento da arte rupestre, à desobstrução, escavação e reabilitação da Anta da Soalheira e da Anta da Horta, à limpeza e estudo da necrópole alto-medieval e à interpretação e valorização das ruínas da Igreja de S. Bartolomeu. Decorrente dos resultados dessa primeira campanha, realizada em 2003, providenciar-se-ia uma segunda campanha destinada a aprofundar conhecimentos conducentes a uma melhor interpretação da história antiga da área hoje ocupada pela Coudelaria de Alter. A segunda campanha veio a decorrer entre Abril de 2005 e Março de 2006. Durante esta campanha, realizámos trabalhos na Anta da Várzea Grande, em dois *locus* do *Habitat* pré-histórico da Porta do Tempo, *Locus* 2 e *Locus* da Toca da Raposa e no *Habitat* pré-histórico do Reguengo, assim como, em colaboração com a equipa que estuda a ocupação paleolítica do Norte Alentejano, dirigida por Nélson Almeida, se procedem a prospecções sistemáticas e pequenas sondagens destinadas a avaliar e caracterizar os potenciais testemunhos paleolíticos existentes nos terrenos da Coudelaria.
Os apoios para o desenvolvimento da primeira campanha foram obtidos através de uma candidatura apresentada pela Coudelaria de Alter ao POC - Programa Operacional da Cultura, e para o desenvolvimento da segunda, através de outra candidatura apresentada à AINA (Acção Integrada do Norte Alentejano), que possibilitaram que equipas de arqueologia da Universidade de Évora, no âmbito das cadeiras de Prática Arqueológica, Métodos e Técnicas de Arqueologia e Seminário de Arqueologia das Licenciaturas de História – Variante de Arqueologia e Variante de Património Cultural aqui pudessem ser leccionadas.
Apresenta-se agora uma síntese dos resultados obtidos em cada um dos sítios arqueológicos intervencionados na área da Coudelaria de Alter.



Picadeiro - Coudelaria de Alter



Casas Altas e Parada - Coudelaria de Alter



2. INTERVENÇÕES

2.1. *HABITAT* PRÉ-HISTÓRICO DO REGUENGO

2.1.1. O CONTEXTO

O *Habitat* Pré-histórico do Reguengo situa-se no extremo este da Coudelaria, em terrenos que outrora faziam parte da zona periférica da aldeia do Reguengo e que foram incorporados na área da Coudelaria, nos finais da década de 40, do século vinte. Grandes formações graníticas, de entre as quais se destaca a Pedra da Águia, com mais de quatro metros de altura, ponto mais alto de toda a propriedade, marcam a paisagem envolvente. Foi no entorno da Pedra da Águia que Clara Oliveira, durante os trabalhos de prospecção, identificou cerâmicas pré-históricas e restos de talhe em sílex, o que a conduziu à sua classificação como espaço de *habitat*. Estas formações graníticas estendem-se no sentido Norte–Sul por cerca de cem metros e no sentido Este-Oeste em cerca de 25 metros. Nestes afloramentos podemos isolar dois núcleos. O mais a Norte, onde emerge a Pedra da Águia, foi classificado por Clara Oliveira como *habitat* do Reguengo e o que se localiza no extremo Sul por "Santuário do Reguengo". A identificação de diversos painéis com covinhas gravadas sobre as superfícies dos afloramentos da zona do "Santuário" e a diminuta ocorrência de materiais de superfície estiveram na origem desta diferenciação funcional do espaço. Acresce a estas evidências o reconhecimento na zona do "Santuário", da denominação popular de "oliveiras do feitiço" atribuída a um conjunto de velhas oliveiras que envolvem um recinto parcialmente natural formado por afloramentos onde ocorre a maior concentração de covinhas. Na memória local ainda se fala de uma maldição que recairia sobre quem descansasse à sombra das "oliveiras do feitiço". Esta maldição consubstanciar-se-ia em ataques de loucura e visões infernais. É exactamente neste sítio que se situa o afloramento com maior carga simbólica decorativa e, paradoxalmente, o mesmo que apresenta maior sinal de destruição intencional. Contudo, este recanto é o mais aprazível para o repouso e do qual se desfruta a melhor vista sobre o poente e onde o pôr-do-sol assume maior beleza, sendo, igualmente, nessa direcção, a escassos cinquenta metros que se situa a Anta da Horta. Provavelmente, por ser um dos locais mais apetecíveis para o descanso, sobretudo nas tardes mais quentes dos abrasadores

verões, ter-se-á criado esta historieta, por forma a evitar sestas demasiado prolongadas durante as fainas agrícolas. Recorde-se que, cerca de cem metros para Norte, se situam as ruínas da Igreja de S. Bartolomeu, santo invocado para a cura das doenças do foro psíquico. Parece, assim, existir toda uma forte carga espiritual relacionada com este espaço que remonta, pelo menos, ao Neolítico mais antigo e que, de forma ininterrupta, se prolongou até aos nossos dias. A actualidade desta carga simbólica está ainda de tal forma bem presente que um dos nossos informantes se recusou a aproximar-se do local e nos desaconselhou que procedêssemos à sua escavação, lembrando-nos que nem as éguas da Coudelaria comem a erva que aí cresce. Na verdade, o recanto envolto pelas denominadas "oliveiras do feitiço" permite o desenvolvimento de um coberto contínuo de grandes urtigas, que provocará a sua rejeição por parte das éguas. Tentando esquecer a história da demência e visões infernais, mantivemos o propósito de aí proceder a uma escavação e ao registo dos painéis gravados, que mais à frente descreveremos, e à abertura de várias sondagens no entorno da Pedra da Águia, definido, à partida, como espaço de *habitat*. Embora todo o conjunto possa apresentar uma leitura contínua, optámos por manter a separação funcional proposta por Clara Oliveira e que, de alguma forma, os trabalhos de escavação parecem confirmar. Mantivemos, assim, a denominação de *habitat* do Reguengo ao espaço envolvente da Pedra da Águia e de Santuário ao conjunto de afloramentos decorados com arte rupestre que se situa mais a Sul.

2.1.2. SONDAGENS NO *HABITAT* DO REGUENGO

Os trabalhos desenvolvidos no *Habitat* do Reguengo decorreram em três fases. Durante a primeira, o IPA apenas nos autorizou a proceder à limpeza do coberto vegetal e à cartografia dos afloramentos. Para a realização do levantamento, utilizou-se a rede altimétrica própria da Coudelaria. Estes trabalhos decorreram nos finais de 2001. A segunda campanha, já com nova direcção no IPA e novos técnicos na Extensão do Crato, possibilitou-nos, então, dar início aos trabalhos de escavação. A segunda fase decorreu entre Julho e Setembro de 2003. Decorrente dessa campanha, cujos resultados não foram suficientemente esclarecedores, realizámos uma terceira campanha, que decorreu entre Julho e Outubro de 2005. Ao longo destas três campanhas, abriram-se sete sondagens. Quatro na face norte dos afloramentos e as restantes três na face sul.

O *habitat* pré-histórico do Reguengo possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS num ponto central dos afloramentos: UTM: X – 614157; Y – 4342784; Geográficas: 007º 40´ 39.1´´ W, 039º 13´ 34.3´´ N.

Em torno do grande afloramento, localmente denominado por "Pedra da Águia", o de maiores dimen-



Vista geral da Pedra da Águia



Início das decapagens



Escavação do empedrado



Empedrado da sondagem 2



Sondagem 3



Desenho dos fornos



Empedrado em O / P 9 e 10



Empedrado e fornos em O / P 9 e 10



Fornos de P 10



Indústria lítica do *Habitat* do Reguengo



Restos de talhe do *Habitat* do Reguengo



Coroa do dente de cavalo identificado no nível neolítico do *Habitat* do Reguengo



Dente de cavalo identificado no nível neolítico do *Habitat* do Reguengo

sões e sobretudo o mais alto de toda a Coudelaria, outros afloramentos definem pequenos abrigos propícios ao estabelecimento de acampamentos.
O recanto mais aprazível situa-se na face norte da Pedra da Águia. A superfície do terreno apresentava-se muito regularizada, ocorrendo pedras de pequeno e médio calibre, algumas com vestígios de argamassa. Por entre alguns fragmentos de cerâmica pré-histórica muito rolados, registavam-se, também, fragmentos de tijoleira e de faiança azul e branca.
Quando procedíamos à montagem da rede de quadrículas, fomos informados por um antigo funcionário da Coudelaria de que naquele local teria existido um pequeno casebre, destruído na década de quarenta, durante o alargamento das terras da Coudelaria e que faria parte da desaparecida aldeia do Reguengo.
Ainda que esta informação pudesse pôr em causa os resultados esperados, mantivemos o nosso propósito e marcámos, para escavação, dois quadrados de 2 X 2 metros imediatamente encostados à face norte da "Pedra da Águia" (sondagens 1 e 4). Outros dois quadrados de 2 X 2 metros (sondagens 5 e 6) foram marcados em recantos distintos, cerca de oito metros para poente, mas igualmente na face norte dos afloramentos de maiores dimensões. A sondagem nº 2 realizou-se no interior de um espaço bem abrigado, protegido a Norte pela Pedra da Águia e a Sul e Este por outros afloramentos. Esta sondagem, porque muito condicionada pela irregularidade dos contornos dos afloramentos, não permitiu a definição de quadrículas completas. A sondagem n.º 3, também de 2 X 2 metros, foi marcada numa suave pendente na zona SW do habitat*, entre dois afloramentos que parecem definir um dos acessos ao espaço principal. A sondagem n.º 7, a última a ser aberta e a que melhores resultados forneceu, foi marcada na face sul de dois grandes afloramentos que envolvem a sondagem n.º 2.*

2.1.2.1. **Sondagens 1 e 4**

Nestas sondagens, os níveis de terra que se sucedem até à rocha-base parecem indicar uma utilização contínua deste espaço, ao longo do tempo. As primeiras camadas de terra, muito compactadas, apresentavam materiais datáveis da época Medieval até à Contemporânea, sendo sobretudo comum a presença de materiais de construção (tijolos, telhas, argamassas, cal e arames). Apareceram, também, nestes primeiros níveis, onde ocorreram várias bolsas com terras mais soltas, cerâmicas de cozinha de uso comum, vidros e faianças. Misturados com estes materiais mais recentes, ocorreram alguns materiais líticos pré-históricos, como restos de talhe em sílex e um fragmento de ponta de seta em quartzo.
Sob este nível de revolvimento, registou-se um outro, com terras mais compactas, onde ocorrem fragmentos de tijoleiras e tegullae *e um pequeno fragmento de* sigillata *hispânica. Embora este nível apresente uma grande uniformidade artefactual, não se registou qualquer estrutura. Sob o nível com materiais romanos, identificou-se um último nível de terras mais claras e fortemente compactadas onde ocorreram pequenos fragmentos, muito rolados, de cerâmica pré-histórica. Este nível assentava directamente na rocha de base.*

2.1.2.2. ***Sondagem 2***

A sondagem n.º2 localiza-se num alongado nicho escondido por entre grandes afloramentos, onde múltiplas raízes trespassavam a área de escavação. Trata-se de um espaço alongado mas relativamente estreito. Do lado este existe, hoje em dia, uma oliveira de grande porte que tapa o acesso ao nicho. No próprio espaço existem pequenos recantos, os quais denominámos como sondagens 2 a), b) e c). A sondagem 2 a) localiza-se entre o grande penedo, no lado norte do nicho, o grande bloco de pedra, que define o lado este do nicho, e a pedra com uma covinha, depositada no meio do mesmo. A sondagem 2 b) encontra-se num pequeno recanto entre o grande penedo, no lado norte do nicho, e o grande bloco granítico, que define o lado oeste do mesmo. A sondagem 2 c) é constituída por uma fresta, de cerca de 40 cm de largura, entre os dois afloramentos no lado sul do nicho (vide plano da sondagem 2).

Durante os trabalhos de escavação, deparámo-nos com camadas sucessivas de terra com grande quantidade de pedra de pequeno e médio calibre. Estas camadas persistiram quase até à rocha. O depósito de pequenas pedras não apresentava qualquer disposição estruturada. Por entre as pedras e terras, identificaram-se materiais arqueológicos das mais variadas épocas: desde latas de sardinha e um chocalho, a faianças, a cerâmicas vidradas e a cerâmicas e líticos pré-históricos. Na verdade, quase até à rocha, o nível de revolvimento de terras comprovava a permanente ocupação daquele espaço, até aos nossos dias. Apenas nas camadas imediatamente acima da rocha e nos pequenos recantos dentro do abrigo encontrámos níveis pré-históricos, possivelmente, sem violações. Este único nível de revolvimento tem uma potência média de 0, 85 m.

Nas sondagens 2 a) e 2 b), à cota de 131,69 m, surgiu um nível de terra mais clara e solta, tipo saibro, que não se verificou no resto do nicho. Este nível de terra mais clara apresentou, exclusivamente, materiais datáveis pré-históricos, atribuíveis a momentos antigos do Neolítico. A potência média deste nível é de 0,35 m.

Na sondagem 2 a), à cota de 131,43 m, apareceu um fragmento de cerâmica com decoração incisa, atribuível ao Neolítico antigo, ou médio.

Na sondagem 2 b), entre as cotas 131,69 e 131,39 m, registaram-se três fragmentos de lâmina, em sílex, um geométrico, em quartzo, um seixo (ovinho) e vários fragmentos de cerâmica neolítica, entre os quais três fragmentos de bordo.

Na sondagem 2 c), na fresta entre os dois afloramentos, ocorreram, também, materiais pré-históricos, depois de um primeiro nível com materiais recentes. Recolhemos desta sondagem um movente partido, dois fragmentos de lâmina em sílex, uma lamela em sílex, um núcleo em quartzo e um seixo rolado (ovinho).

2.1.2.3. ***Sondagem 3***

Nesta sondagem, constituída por um quadrado incompleto de dois metros, apareceram, sobretudo, materiais muito recentes, da Idade Moderna e Contemporânea. Apresentava níveis de revolvimento, com muitas faianças, vidros, cerâmicas vidradas

e tijolo. Teria sido, talvez, um local de depósito de entulho. Nesta sondagem, os materiais pré-históricos identificados resumem-se apenas a quatro restos de talhe em sílex, um núcleo de quartzo, dois seixos rolados (ovinhos) e um bordo de cerâmica neolítico. Esta sondagem encontra-se numa cota mais baixa do que as 1 e 2, tendo sido, possivelmente, um local de escorrência.

2.1.2.4. **Sondagem 5**

Esta sondagem foi realizada numa pequena plataforma rodeada por afloramentos pouco elevados. A regularização do terreno indiciava grande potência de solo, o que nos levou a iniciar esta escavação. É constituída por um único quadrado de dois metros de lado, cuja designação na quadrícula geral corresponde ao H16. A proximidade dos afloramentos viria, no entanto, a condicionar negativamente a possibilidade de alcançar mais resultados, uma vez que atingimos a rocha a apenas 30 cm de profundidade. Os escassos materiais que aí foram identificados reportam-se a cronologias muito recentes, formados por fragmentos de cerâmica vidrada, fragmentos de tijolo e telha e argamassas. Contudo, por entre as terras soltas recolheram-se restos de talhe e uma pequena lamela, todos em sílex.

2.1.2.5. **Sondagem 6**

Por forma a definir a amplitude de ocupação do sítio, marcou-se outra sondagem no limite oeste das formações rochosas. Esta sexta sondagem de 2 X 2 metros de lado localiza-se entre afloramentos, em suave declive, num possível local de acesso natural ao espaço central. O nível geológico foi identificado a 40 cm de profundidade. Os resultados foram muito semelhantes aos das sondagens 3 e 5, anteriormente descritas: restos de materiais de construção e fragmentos de cerâmica, moderna e contemporânea, tudo em revolvimento. No meio da miscelânea de fragmentos cerâmicos, foi ainda encontrado um percutor esférico, em quartzo leitoso, e um resto de talhe, em sílex. No decorrer dos trabalhos de escavação, foi possível constatar um notório aumento da percentagem de cerâmica pré-histórica, à medida que se avançava em profundidade, embora tenha ficado excluída a possibilidade de existência de um nível conservado, facto comprovado pela recolha de materiais recentes junto ao nível geológico, como, por exemplo, um fragmento de ferradura. Notória foi, também, a acumulação de materiais no sentido da pendente, provocada, muito provavelmente, pelo escorrimento das águas da chuva.

2.1.2.6. **Sondagem 7**

Nas sondagens anteriores havíamos optado por escavar apenas na área a Norte dos principais afloramentos. Esta opção foi tomada com base na abundância de materiais recolhidos à superfície, mas também devido ao aspecto "acolhedor" do local. No entanto, ao tornarem-se evidentes as dificuldades de recolha de informação sobre a ocupação pré-histórica na face norte do sítio, optámos por abrir uma nova sondagem (sondagem 7), a Sul dos grandes afloramentos. Esta zona, para além

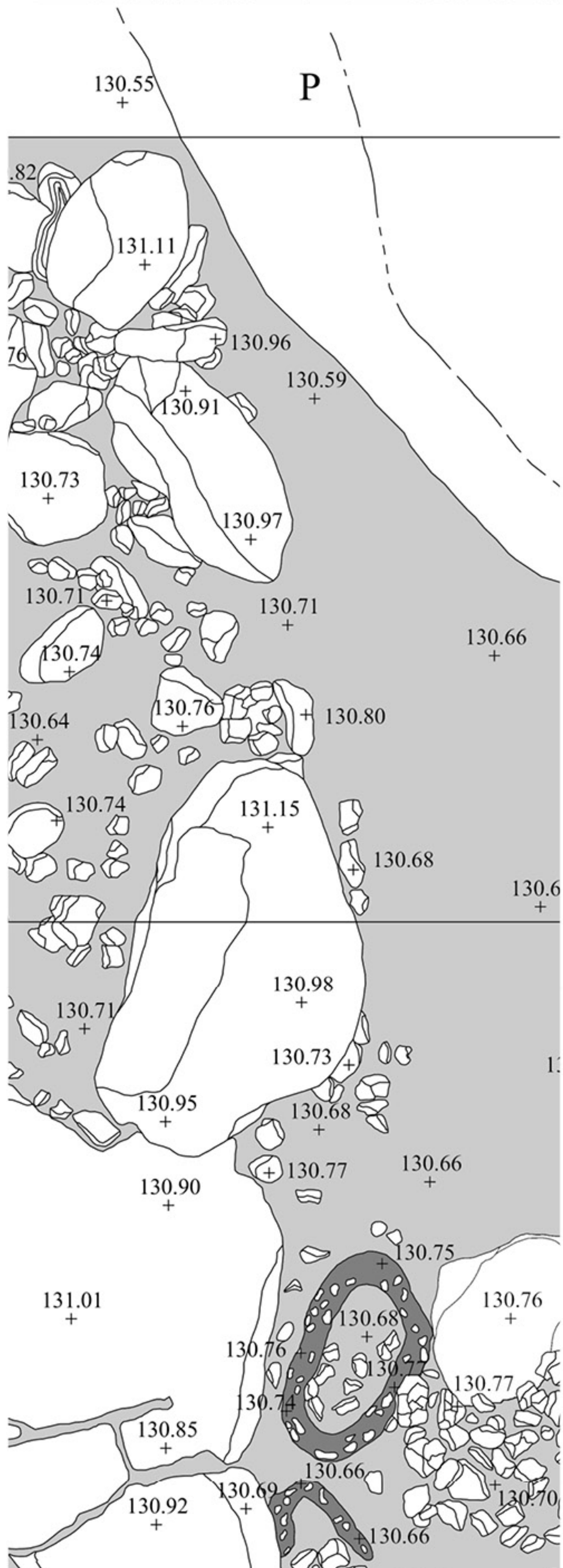
de, também, apresentar materiais à superfície, oferecia a vantagem de se encontrar protegida do vento norte. Após os trabalhos de limpeza da vegetação, durante os quais foram recolhidos vários fragmentos de cerâmica pré-histórica, foram marcados dois quadrados de dois metros de lado, correspondentemente O e P 9, encostados aos dois grandes afloramentos que limitaram a Sul a sondagem 2. Iniciados os trabalhos de escavação propriamente dita, deparámos com um primeiro nível bastante semelhante às camadas superiores das sondagens do lado norte composto por terra extremamente compactada, muito difícil de escavar, com constante presença de detritos de construção e mistura de materiais cerâmicos de várias épocas, sem qualquer ordem estratigráfica. Mais uma vez, há que referir que, nesta primeira camada, muito revolvida, não deixam de estar presentes numerosos fragmentos de cerâmica sem marcas de roda, assim como restos de talhe e fragmentos de lamelas. Nomeadamente, foram recuperados, no nível 1 de O e P 9, seis restos de talhe e um núcleo em sílex, uma lâmina e uma lamela, ambas em sílex e no que se reporta aos líticos polidos, um talão de um pequeno machado em rocha anfibólica.

Cerca de 60 cm de profundidade, deparámos com uma súbita mudança na coloração da terra, que passou a apresentar-se castanha muito clara, praticamente branca junto aos afloramentos. Apresenta um aspecto arenoso e um elevado grau de compactação, que muito dificultou o avanço dos trabalhos. Neste nível, constatou-se o desaparecimento, quer dos detritos de construção, quer dos materiais de outras épocas. O espólio recuperado é, na sua maioria, composto por cerâmica pré-histórica lisa, estando, no entanto, presentes, também, cerca de uma dezena de fragmentos com decoração impressa e incisa. No que se reporta a materiais líticos, foram recuperados seis restos de talhe, três núcleos e um fragmento de lâmina, todos em sílex e ainda um percutor, em quartzito.

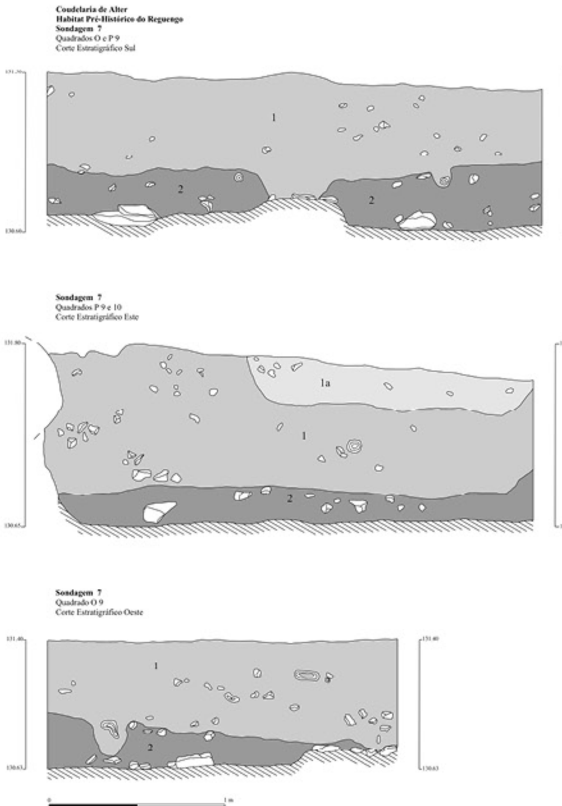
Foi nesta sondagem que se viria a identificar a principal descoberta do sítio da Pedra da Águia. Foi identificado um empedrado, bastante irregular, composto, maioritariamente, por blocos de rocha granítica escura, de pequena e média dimensão. Este empedrado apresenta-se delimitado a nascente por três grandes blocos também em granito, cuja disposição sugere que tenham feito parte de uma estrutura de habitat*. A sua forma, aproximadamente triangular, acompanha, de forma quase perfeita, o perímetro dos dois grandes afloramentos adjacentes. Bordeja esta estrutura, delimitando os afloramentos, um vazio, com cerca de vinte centímetros de largura média, destinado a conduzir as águas que escorressem pelas faces dos batólitos. Há que referir que a totalidade das cerâmicas decoradas provém da área imediatamente acima do empedrado. Considerando que a estrutura identificada em O e P 10 aparentava desenvolver-se na direcção do corte sul, tomámos a decisão de alargar a sondagem. Devido à proximidade de um zambujo, optámos por marcar apenas meio quadrado no prolongamento de O 10 e um quadrado de dois metros de lado na continuação de P 10. As terras retiradas nos primeiros 60 cm apresentavam características idênticas às dos dois quadrados anteriormente descritos. Mais uma vez, no meio da amálgama de materiais de várias épocas, em revolvimento, foram encontrados vários restos de talhe, em sílex e mesmo um fragmento cerâmico decorado*

com mamilo perfurado. Escavado o primeiro nível, entrámos no nível 2, que manteve as características anteriormente descritas. Como havíamos previsto, foi encontrado o prolongamento do empedrado junto ao corte noroeste de O 9, embora este só se desenvolva uns escassos 30 cm para Sul. A restante área do quadrado apresenta-se praticamente desprovida de pedras, à excepção de um grande bloco granítico, afloramento natural, identificado na continuação do alinhamento formado pelas três grandes pedras pertencentes à estrutura do empedrado, referidas anteriormente. Foi junto à face este deste novo afloramento que identificámos duas pequenas "estruturas" de forma ovóide, com um diâmetro máximo que não supera os 20 cm. Apresentam paredes de altura muito reduzida, cerca de 10 cm, formadas por terra mais compactada intercalada por um grande número de pequenos nódulos de argila cozida. A sua textura mostra ter sido alvo de temperaturas elevadas, que congregou os nódulos argilosos com a restante terra, igualmente, argilosa. No seu interior, o fundo estava coberto por uma camada de pequenos termoclastos, conservados in situ. Este mesmo tipo de pedras foi também encontrado junto ao limite este das referidas estruturas.

No que aos materiais diz respeito, o último nível dos dois novos quadrados produziu, mais uma vez, exclusivamente, espólio integrável em fases antigas do Neolítico. Factor que, aliado à presença de estruturas, parece apontar para a existência de um nível conservado no local. Para além dos frequentes fragmentos cerâmicos, foram recuperados restos de talhe, três núcleos, uma lâmina e dois furadores, todos eles em sílex, e ainda dois moventes de granito.

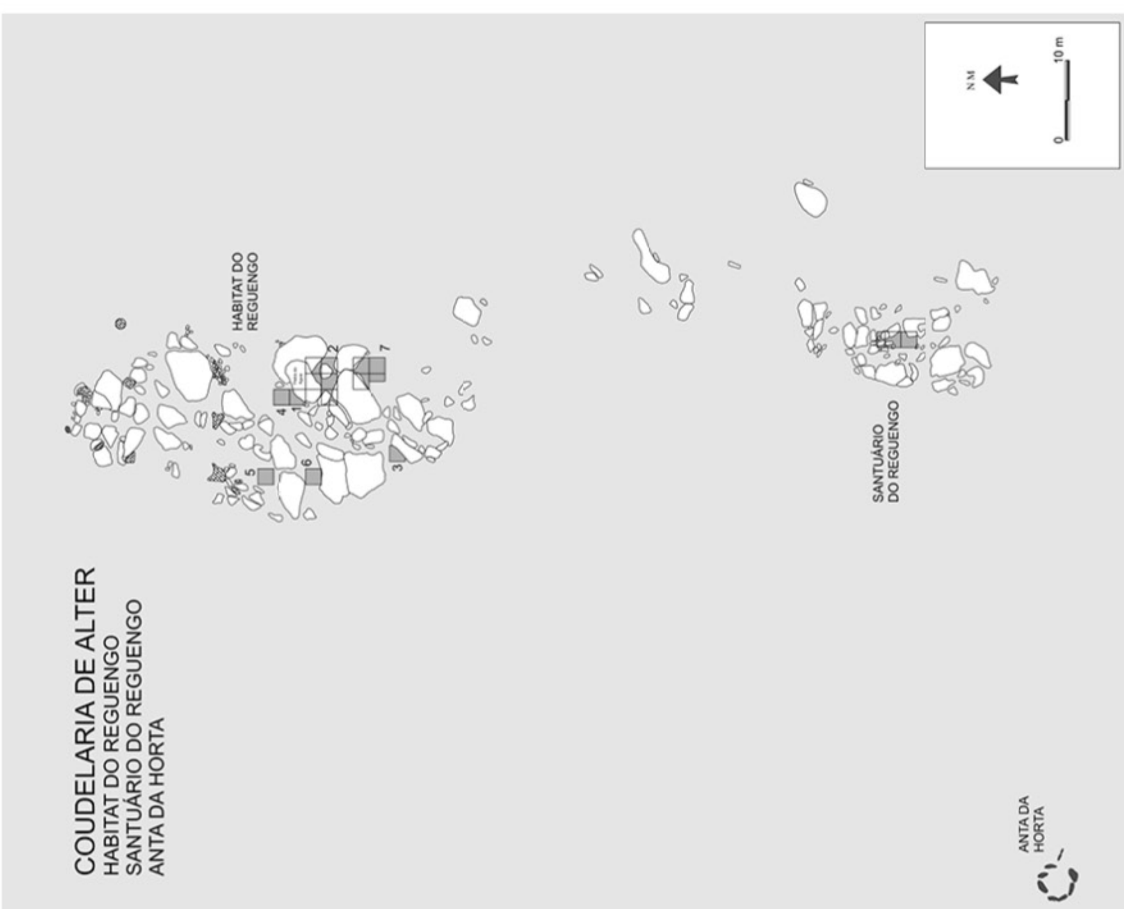


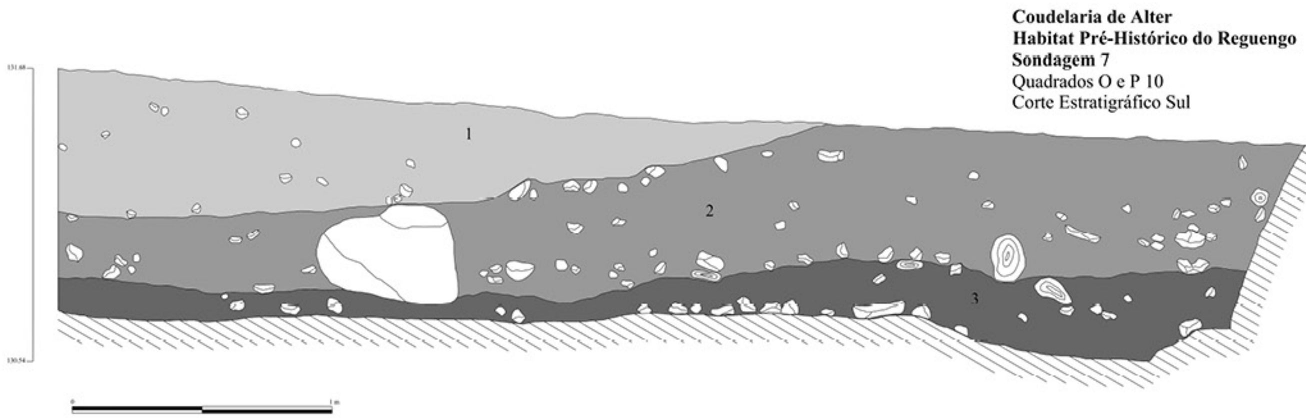
Coudelaria de Alter
Habitat Pré-Histórico do Reguengo

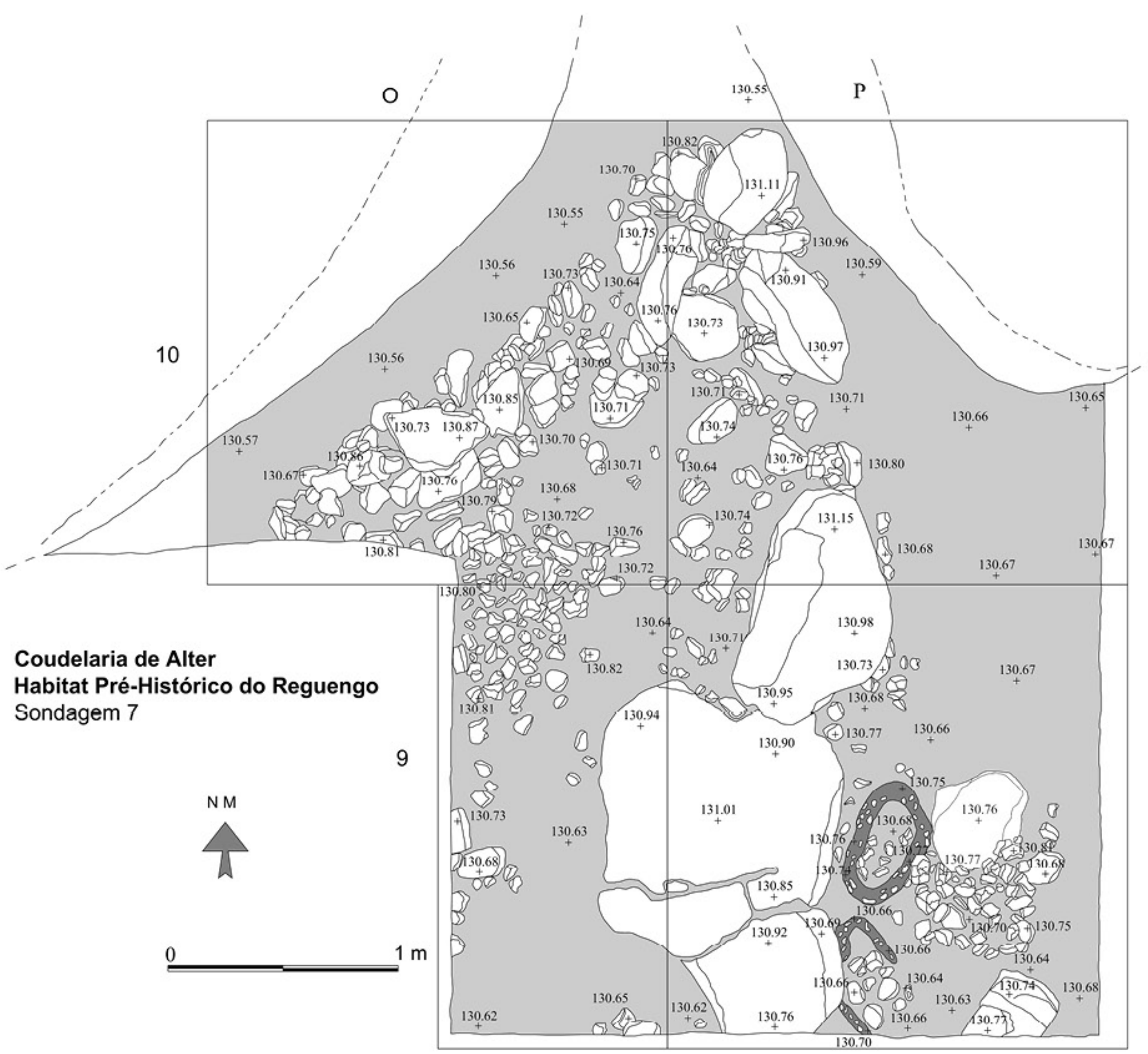


COUDELARIA DE ALTER - SANTUÁRIO
Localização dos painéis com arte rupestre
e área escavada

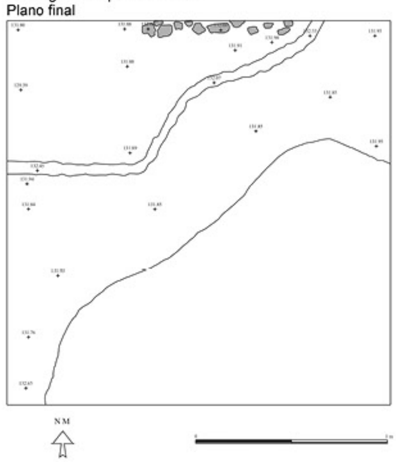




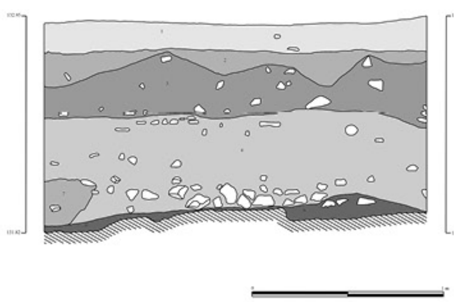

Coudelaria de Alter
Habitat Pré-Histórico do Reguengo
Sondagem 7
Quadrados O e P 10
Corte Estratigráfico Sul
1
2
3


O
P
10
9
Coudelaria de Alter
Habitat Pré-Histórico do Reguengo
Sondagem 7
N M
0
1 m

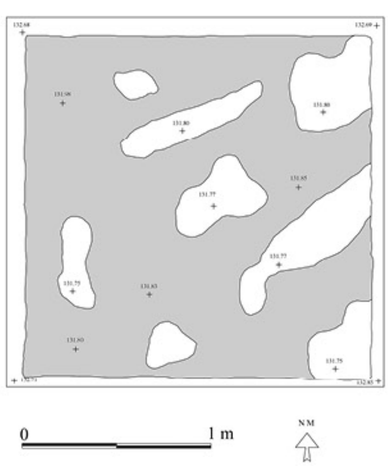
COUDELARIA DE ALTER
Habitat Pré-Histórico do Reguengo
Sondagem 1 - quadrado N 14
Plano final



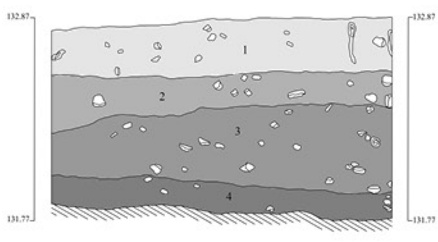
Sondagem 1 - Quadrado N 14
Corte Norte



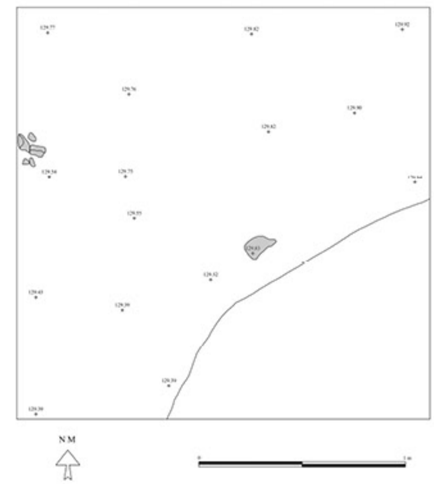
Habitat do Reguengo
Sondagem 4



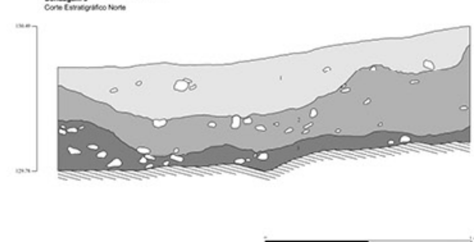
Sondagem 4
Quadrado N 15 - Corte ESTE



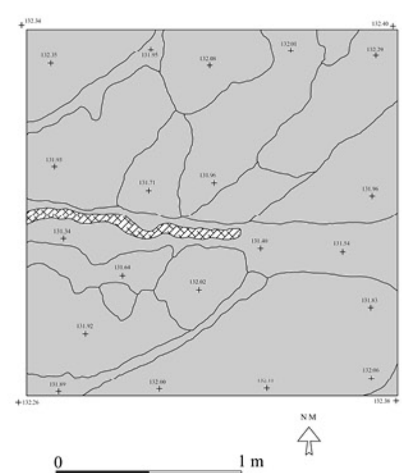
Coudelaria de Alter
Habitat Pré-Histórico do Reguengo
Sondagem 3
Plano Final



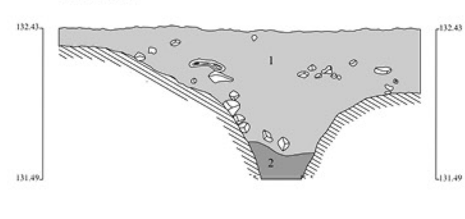
Coudelaria de Alter
Habitat Pré-Histórico do Reguengo
Sondagem 3
Corte Estratigráfico Norte



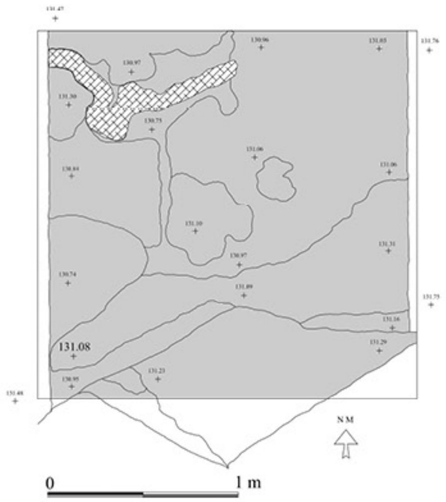
Habitat do Reguengo
Sondagem 5



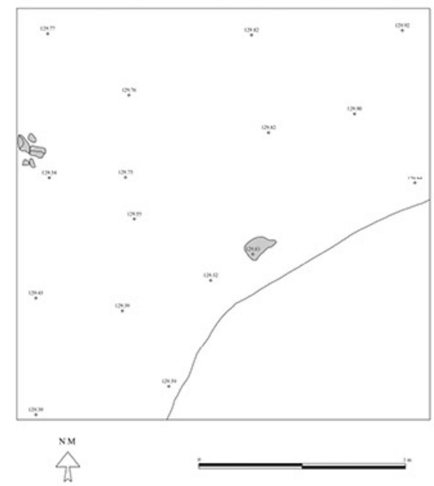
SONDAGEM 5 Quadrado H16
Corte ESTE



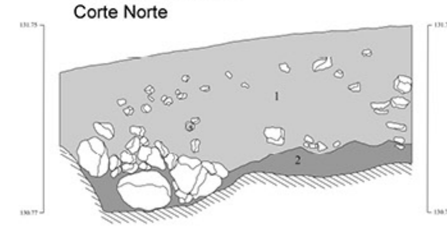
HABITAT DO REGUENGO
SONDAGEM 6



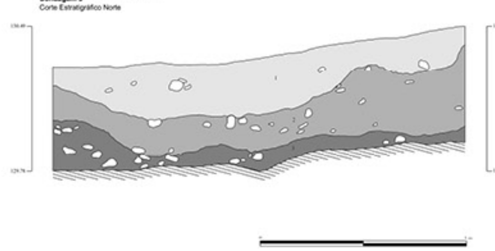
Coudelaria de Alter
Habitat Pré-Histórico do Reguengo
Sondagem 3
Plano Final



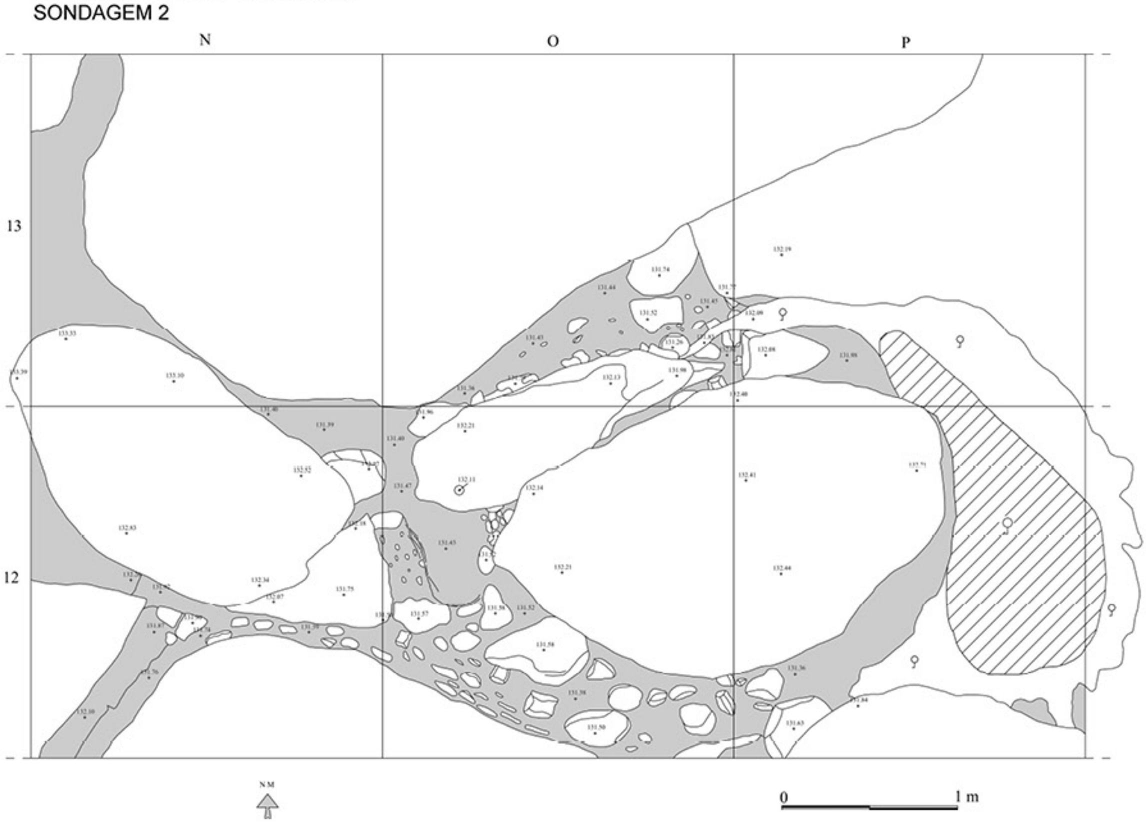
SONDAGEM 6 - H13
Corte Norte



Coudelaria de Alter
Habitat Pré-Histórico do Reguengo
Sondagem 3
Corte Estratigráfico Norte

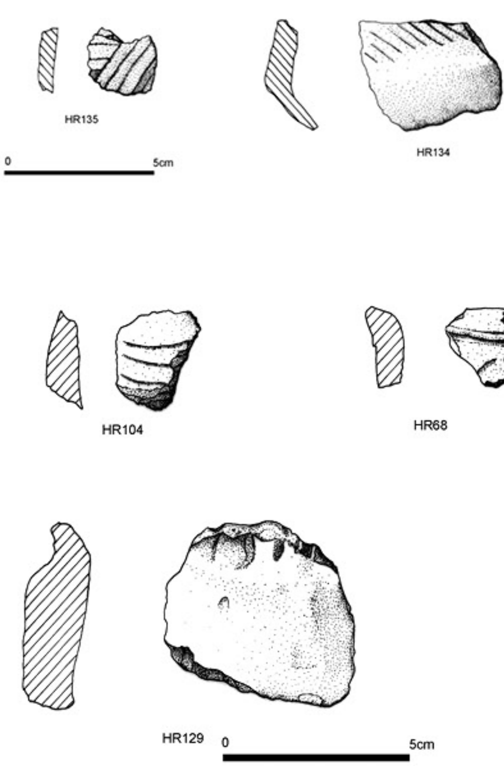


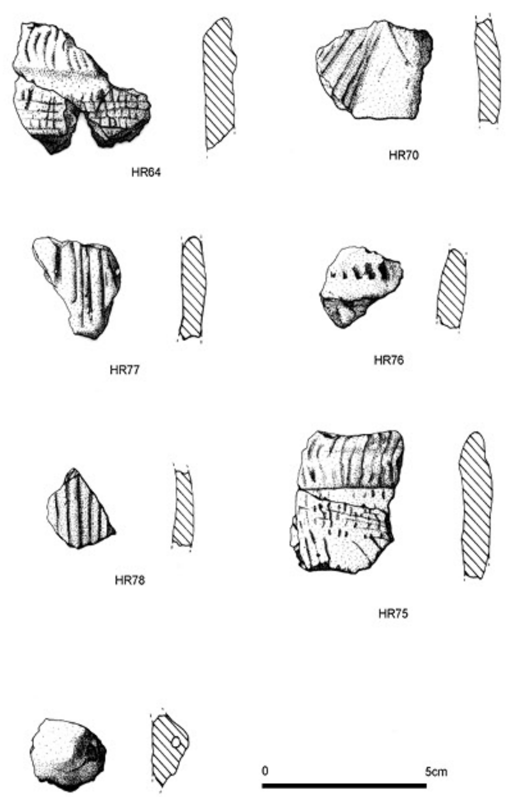
COUDELARIA DE ALTER
HABITAT DO REGUENGO
SONDAGEM 2

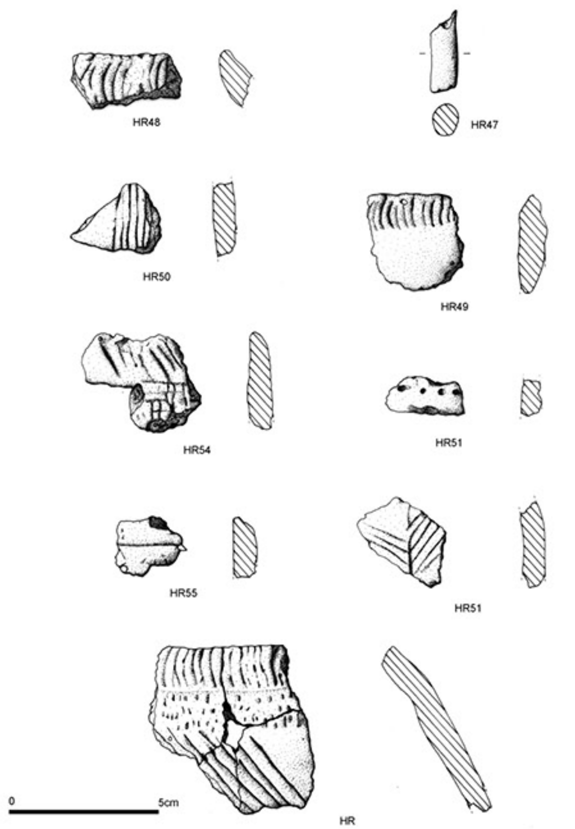


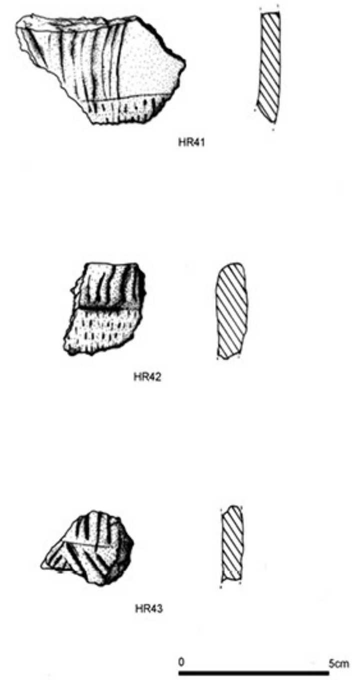

Coudelaria de Alter
Habitat do Reguengo
Sondagens abertas
Sondagem 5
H16
Sondagem 4
N15
Sondagem 1
N14
Pedra da Águia
Sondagem 6
H13
O13
P13
N12
O12
P12
Sondagem 2
O10
P10
O9
P9
Sondagem 7
Sondagem 3
N M
0
4 m

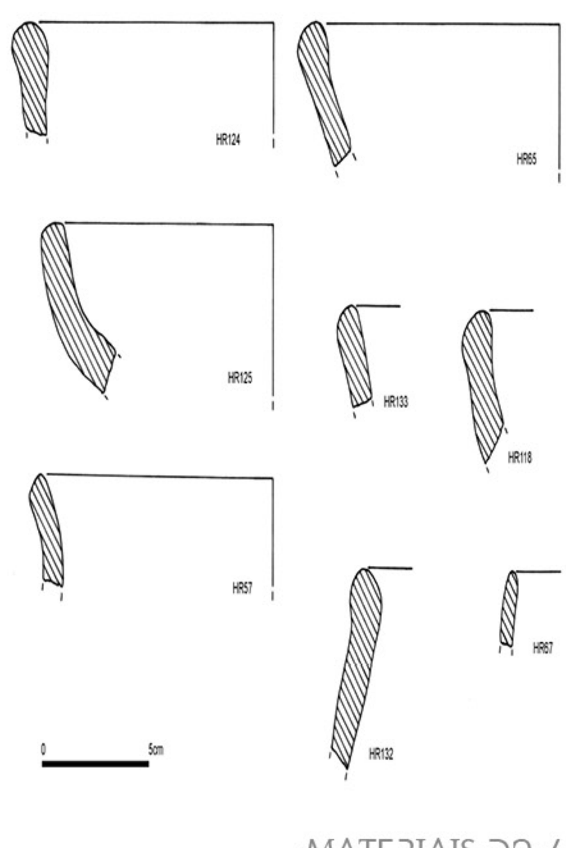

Coudelaria de Alter
Habitat Pré-Histórico do Reguengo
Sondagens abertas
Sondagem 5
Sondagem 4
Sondagem 6
Sondagem 3
Sondagem 7
H J K L M N O P
16 15 14 13 12 11 10 9
N M
0 4 m

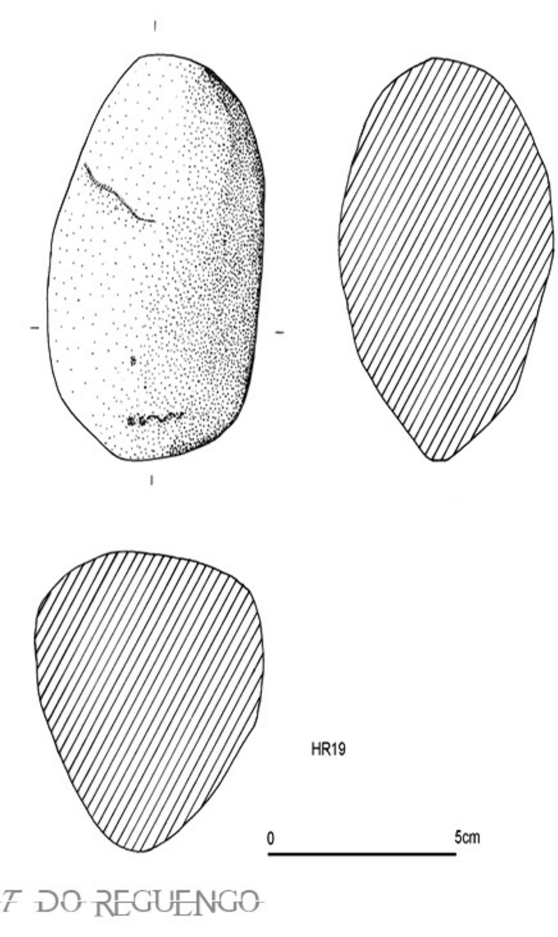

HR135
HR134
0 5cm
HR104
HR68
HR129
0 5cm

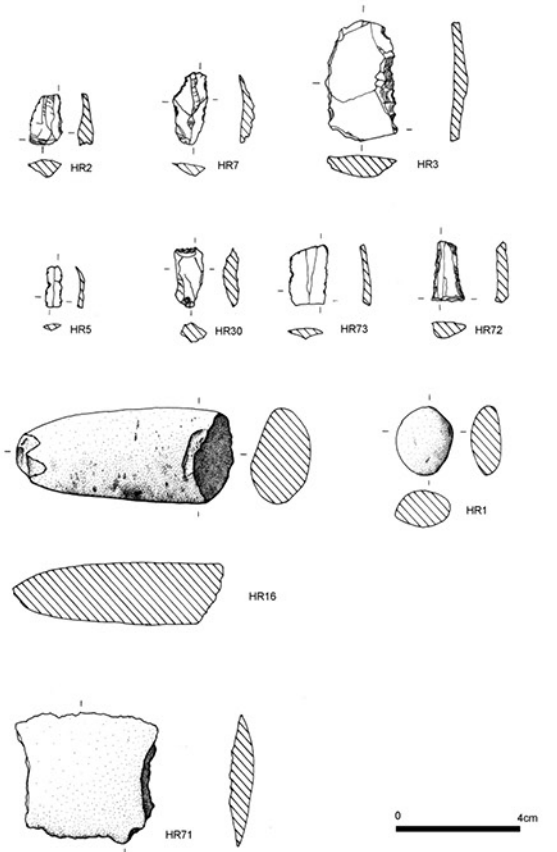

HR64
HR70
HR77
HR76
HR78
HR75
HR109
0 5cm

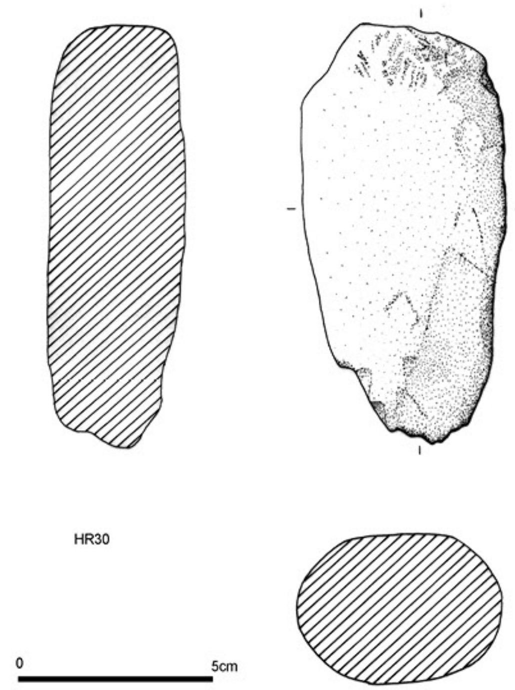

HR48
HR47
HR50
HR49
HR54
HR51
HR55
HR51
0
5cm
HR

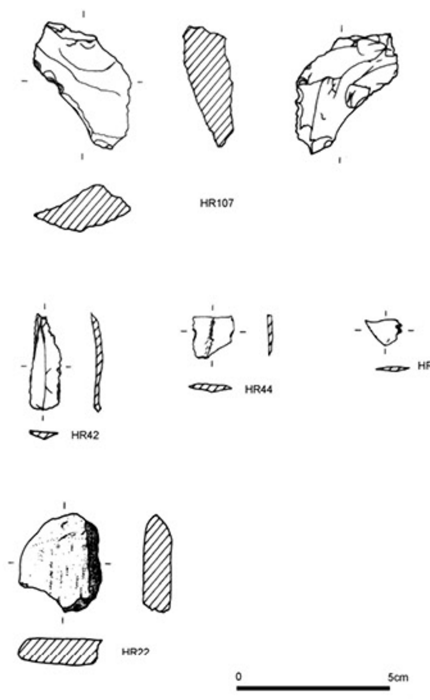

HR41
HR42
HR43
0
5cm

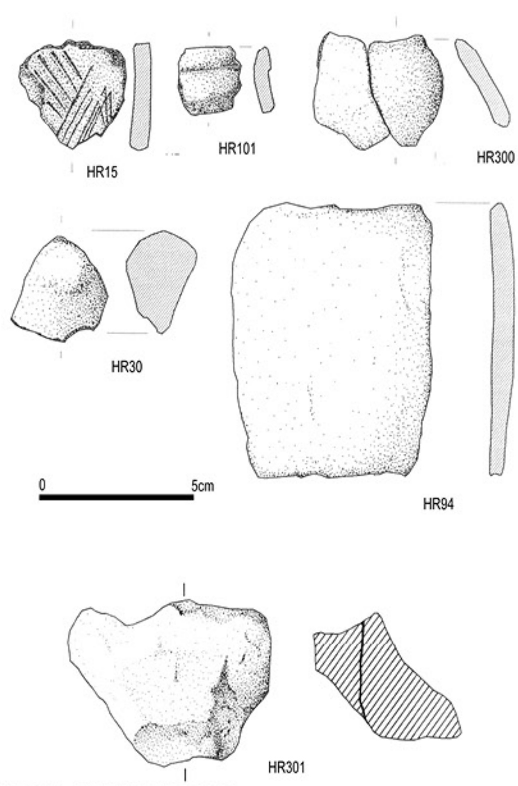

HR124
HR65
HR125
HR133
HR118
HR57
HR67
HR132
0
5cm


HR19
0
5cm

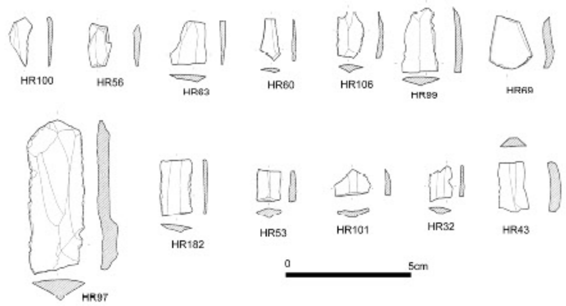


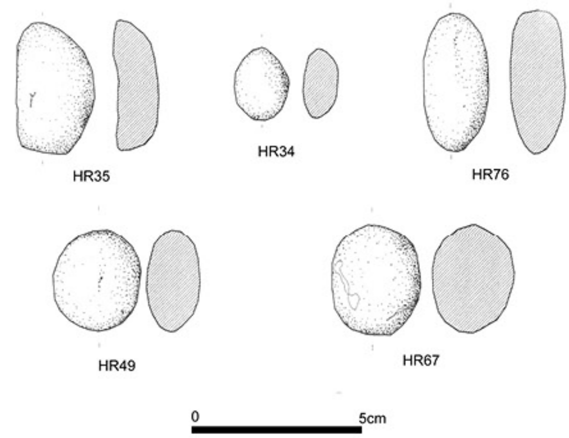


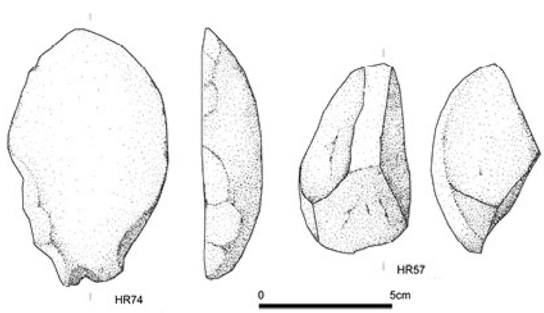


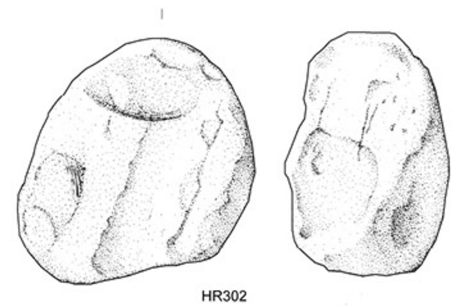


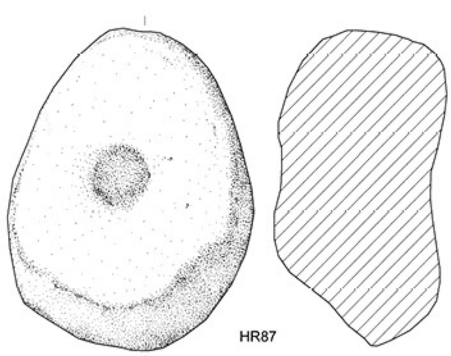
MATERIAIS DO *HABITAT* DO REGUENGO

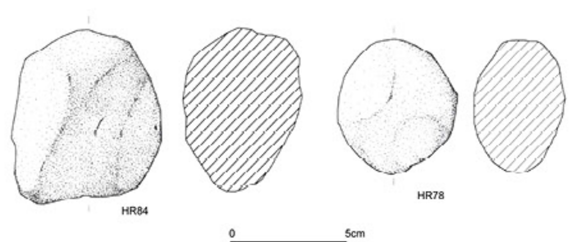

HR100
HR56
HR63
HR60
HR106
HR99
HR69
HR97
HR182
HR53
HR101
HR32
HR43
0
5cm

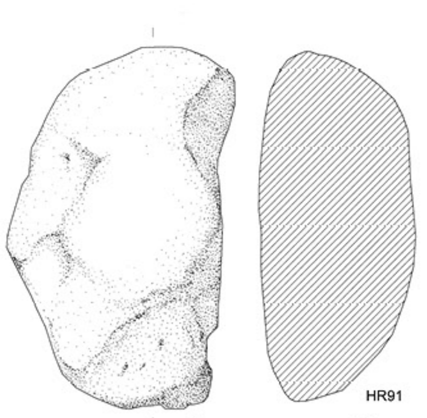

HR35
HR34
HR76
HR49
HR67
0
5cm

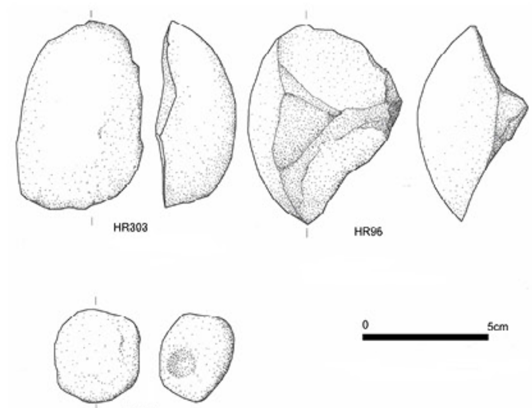

HR74
HR57
0
5cm

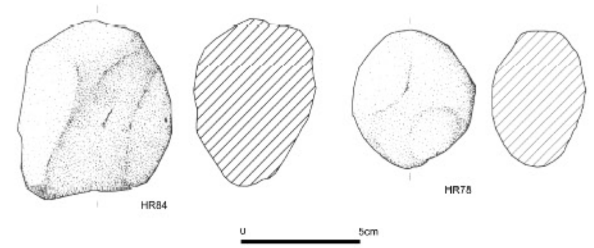

HR302

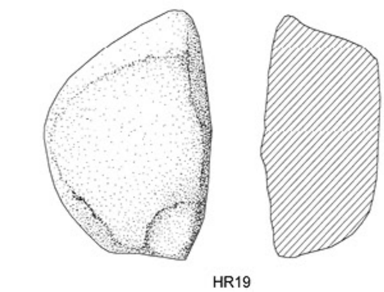

HR87

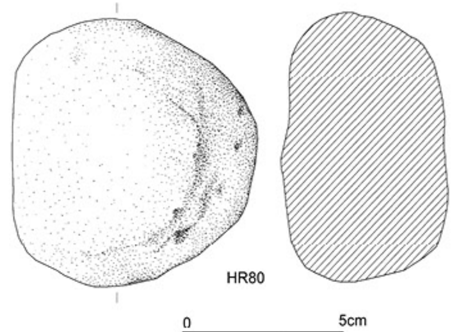

HR84
HR78
0
5cm

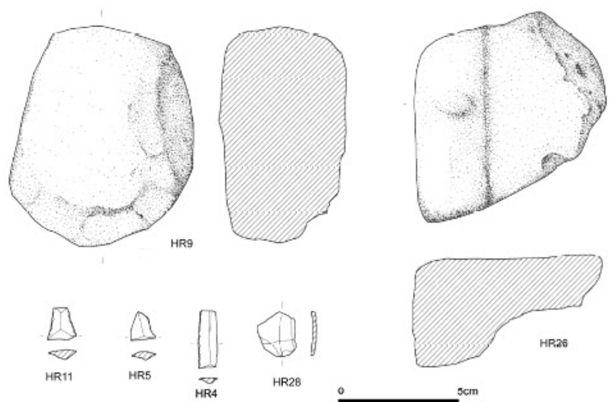

HR91
0
5cm

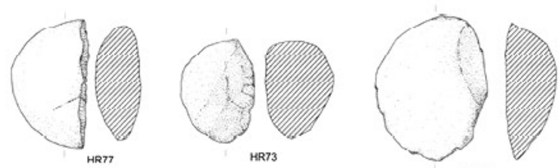

HR303
HR96
HR108
0
5cm

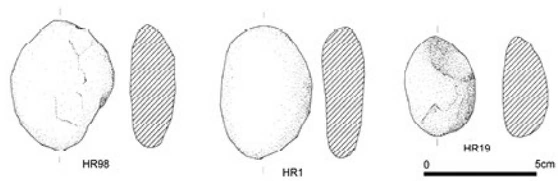

HR84
HR78
0
5cm

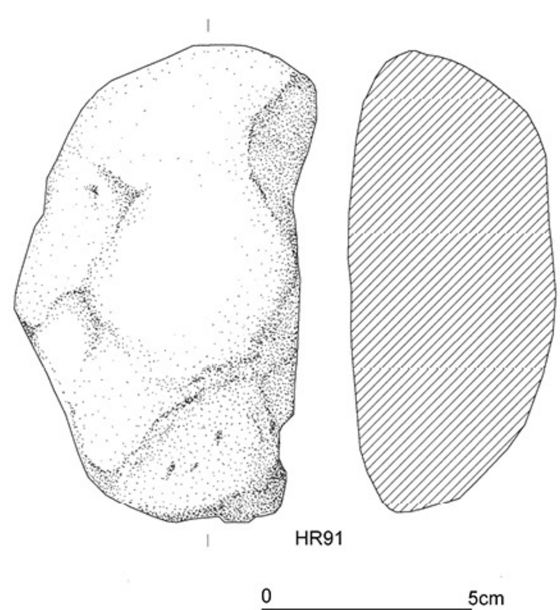

HR19

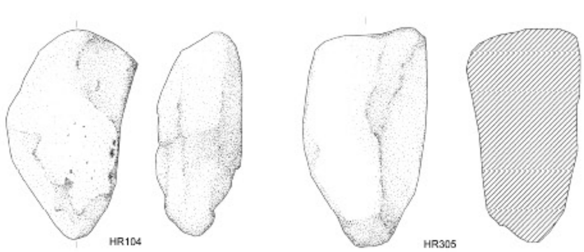

HR80
0
5cm

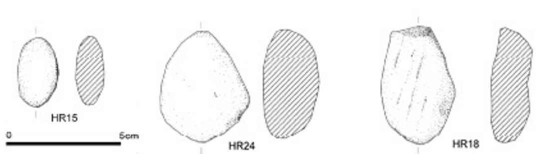

HR9
HR11
HR5
HR4
HR28
HR26
0
5cm


HR77
HR73
HR304


HR98
HR1
HR19
0
5cm


HR91
0
5cm


HR104
HR305


HR15
0
5cm
HR24
HR18



“Oliveiras do Feitiço” – visita das éguas



2.2. SANTUÁRIO PRÉ-HISTÓRICO DO REGUENGO

Os trabalhos que se efectuaram no local denominado por Santuário tinham como objectivo determinar a existência de testemunhos materiais soterrados que nos possibilitassem uma interpretação mais conclusiva. Aqui decorreram trabalhos em duas fases. A primeira, em Novembro de 2001, permitiu a extracção mecânica dos musgos que cobriam os afloramentos e a fotografia nocturna, com luz rasante, das manifestações artísticas gravadas sobre os batólitos. A segunda campanha, realizada entre Julho e Setembro de 2003, destinou-se à abertura de sondagens no interior do espaço denominado por "oliveiras do feitiço". O "Santuário Pré-Histórico do Reguengo" é constituído por 22 afloramentos e blocos graníticos, que definem na zona central um pequeno recinto. Nalguns deles foram identificadas marcas de antropização: negativos de talhe, covinhas, filiformes e gravuras com representações astrais. Dos 22 afloramentos, apresentam gravações, maioritariamente covinhas, as seguintes rochas: 1, 5, 6, 7, 7a), 10, 11, 17, 18, 19, 21 e 22. A rocha n.º20 é a que apresenta maior carga simbólica, na qual se destaca uma representação solar raiada e representações lunares.
Um ponto central do recinto das "oliveiras do feitiço" possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 614181; Y – 4342713; Geográficas: 007º40´38.1´´W; 039º13´32.0´´N.

2.2.1. LEVANTAMENTO DAS ROCHAS DECORADAS DO SANTUÁRIO

Depois de se proceder ao levantamento fotográfico do sítio antes do início dos trabalhos, deu-se seguimento à limpeza do coberto vegetal em toda a área dos afloramentos. O denso revestimento de líquenes e musgos que revestiam a maioria dos blocos graníticos obrigou à sua prévia limpeza manual. Com espátulas de madeira e escovas de pêlo plástico removeu-se a camada superficial vegetal que cobria os afloramentos. Foi atribuída uma marcação numérica a todos os blocos graníticos, ainda que alguns não apresentem trabalho humano. À medida que se continuaram os trabalhos de limpeza, esta medida revelou-se necessária, pois foram-se detectando novas covinhas e sobretudo filiformes, antes não perceptíveis.

Terminada a limpeza, procedeu-se ao levantamento gráfico de todas as rochas. Para melhor leitura dos motivos gravados, procedeu-se à fotografia integral, com luz rasante, de todos os afloramentos.

Das vinte e duas rochas que compõem este espaço, pelo menos doze apresentam representações gráficas. Maioritariamente, as manifestações artísticas são constituídas por covinhas. Estas parecem ter sido produzidas por dois processos. Constata-se que nas formações graníticas desta zona ocorrem com muita frequência nódulos intrusivos, maioritariamente de forma esférica. Com a sua extracção natural, ou artificial, subsistem no afloramento os negativos, que, por si só, poderão ser confundidos com as comuns covinhas pré-históricas. Estamos seguros de que algumas das covinhas aqui presentes tiveram origem neste processo. Contudo, observando minuciosamente cada uma delas, constata-se que o seu interior foi regularizado e nalguns casos aprofundado. Com auxílio de uma lupa de 40 aumentos, foi possível reconhecer os sulcos concêntricos da abrasão intencionalmente aplicada. Se algumas das covinhas resultaram, originalmente, da extracção de nódulos, outras há que foram intencionalmente abertas por mão humana. Na rocha n.º1, parece reconhecer-se a existência dos dois tipos acima descritos, o mesmo ocorrendo na rocha 22. Nesta, a covinha existente na face superior poderá ter tido uma origem artificial, enquanto que a identificada na face virada a Este resultará da regularização do negativo de um nódulo anteriormente extraído.

As covinhas tanto ocorrem nas superfícies horizontais como nas verticais. Na rocha n.º17, para além de possuir covinhas de diversos diâmetros e distintas profundidades, parece reconhecer-se a presença de, pelo menos, uma linha vertical. A granulação de grande dimensão e a fraca compactação do granito destes afloramentos, associadas à forte erosão que apresentam, torna muito difícil a sua correcta leitura. Esta dificuldade foi ainda mais sentida durante a leitura da rocha n.º 20. Esta rocha, ao contrário de todas as outras, não se trata de um afloramento. Ela foi arrancada, transportada e colocada na vertical, no extremo norte no interior do recinto das "oliveiras do feitiço". A superfície aplanada e que apresenta um painel profundamente decorado expõe-se a Sul, tendo a parte superior ligeiramente descaída para Norte. Esta rocha, igualmente de granito de grão muito grosso, apresenta claros sinais de múltiplas fracturas intencionais e sinais de outras tentativas de corte não consumadas. Na superfície decorada, do lado esquerdo, são bem visíveis sete entalhes sequenciais para

fractura, felizmente não conseguida. No actual limite esquerdo, reconhecem-se, ainda, os meios negativos de uma outra antiga extracção que lhe terá separado uma porção, a todo o comprimento. O motivo figurativo principal desta rocha encontra-se na zona central, da metade superior. Um grande nódulo, ligeiramente aplanado, de forma circular, de cor mais clara, com um diâmetro de cerca de 18 cm, foi intencionalmente avivado no seu contorno. Na zona central, foi gravado um outro círculo, com cerca de 6 cm de diâmetro, no centro do qual é observável um pequeno abatimento claramente artificial. Com luz rasante, é possível ainda observar que do contorno do nódulo nascem vários raios, configurando, nitidamente, uma representação solar. Sem querermos entrar em ambiente de especulação, não gostaríamos de deixar de aqui registar a percepção que nos foi dada, ao observarmos com luz rasante este disco solar. Os dois círculos concêntricos e sobretudo o pequeno abatimento central parecem representar um olho, transfigurado num sol. Um pouco mais abaixo, em relevo, ainda que muito desgastadas, são visíveis o que parece serem duas representações lunares. A que se representa imediatamente sob o disco solar parece ter as extremidades viradas para baixo, enquanto que, na outra, as extremidades estão viradas para cima. Vestígios de outros motivos decorativos, como prováveis serpentiformes, ocorrem por toda a superfície, sendo, contudo, hoje já muito difícil de compreender. Desconhecemos que outros elementos gráficos comportariam a rocha n.º20, na porção que lhe foi extraída e que eventualmente nos ajudariam a compreender melhor a mensagem gráfica que comporta.

Esta rocha, pela sua carga decorativa, por se tratar da única que aí foi colocada intencionalmente, pela sua posição e orientação e sobretudo pelos múltiplos sinais de acções destrutivas que sofreu ao longo dos tempos, deverá ter desempenhado um papel significativo no ambiente mágico-religioso deste santuário. Para se tentar recolher mais elementos que nos possibilitassem compreender melhor este espaço e posicioná-lo crono-culturalmente, optámos por abrir uma sondagem na área central das "oliveiras do feitiço".

2.2.2. ***SONDAGEM NO SANTUÁRIO DAS "OLIVEIRAS DO FEITIÇO"***

As cotas utilizadas nesta escavação foram estabelecidas com base na rede interna de cotas da Coudelaria de Alter e foram transportadas a partir do lancil da porta das Casas Altas, com a cota de 102,25 metros. Iniciámos os trabalhos com uma limpeza do coberto vegetal em toda a área. De seguida, procedemos à marcação de uma rede de quadrículas, organizadas a partir de dois eixos ortogonais, orientados, respectivamente, nos sentidos Norte–Sul e Este–Oeste, magnéticos. A partir destes eixos estabeleceu-se uma quadrícula de 2 X 2 metros de lado que cobriu toda a área a intervencionar. A rede de quadrículas foi denominada por um sistema alfanumérico. Inicialmente, marcou-se apenas uma quadrícula de 2 x 2m que se denominou J-10. Marcou-se, posteriormente, a quadrícula J-11 e J-12 a), com, respectivamente, 2 m e 1 m para Norte e a quadrícula I-10 b) com 1 m para Oeste da quadrícula J-10.

Na zona intervencionada, diferenciaram-se três principais camadas estratigráficas distintas, a saber:

O primeiro nível é constituído por terras soltas e gra-



Vista geral do Santuário



Vista geral das "oliveiras do feitiço"



Limpeza das rochas decoradas



Fotografia com luz rasante



Sondagem nas "oliveiras do feitiço"



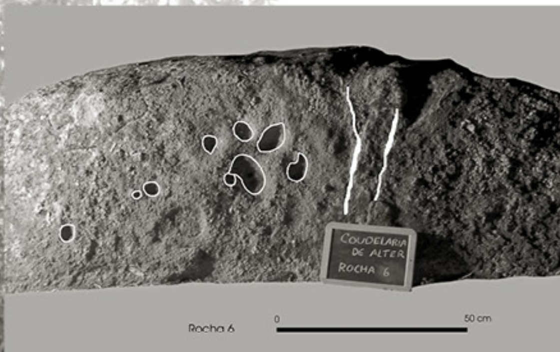
Vista geral da área escavada



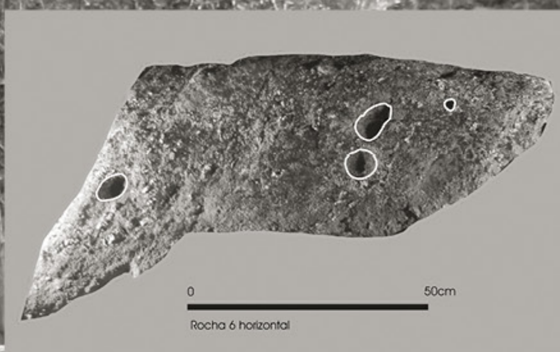
Visita de Primitiva Bueno e Rodrigo Balbin à arte rupestre da Coudelaria



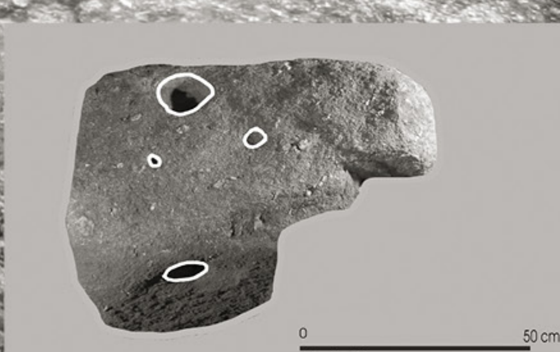
Rodrigo Balbin entre painéis com covinhas



Rocha 6



Rocha 6 horizontal



Rocha 22

nuladas, onde se verifica a presença de materiais de épocas distintas, tais como seixos rolados, em quartzito, que podem indicar um contexto pré-histórico, restos de madeiras, pregos, vidros, cerâmicas recentes e plásticos. Quer pela qualidade da terra, quer pelos materiais exumados, consideramos estar na presença de um nível de revolvimentos recente, provavelmente de uma utilização deste espaço para guarida de animais. Esta camada prolongava-se, em média, até 20 cm de profundidade.

O segundo nível, com uma potência média de 30 cm, apresenta terras menos granuladas e ligeiramente mais compactadas. Estaremos ainda em presença de um nível de revolvimentos, onde se nota a existência de algumas, mas raras e muito roladas, cerâmicas pré-históricas, associadas a fragmentos cerâmicos medievais e modernos, igualmente muito fracturados. Existe, ainda, um terceiro nível formado por terras muito compactadas, com presença de um número muito reduzido de fragmentos cerâmicos pré--históricos muito rolados. Não se verifica a existência de outros materiais arqueológicos. Este nível encontra-se imediatamente acima do substrato rochoso, e atingia uma potência máxima de 17 cm.

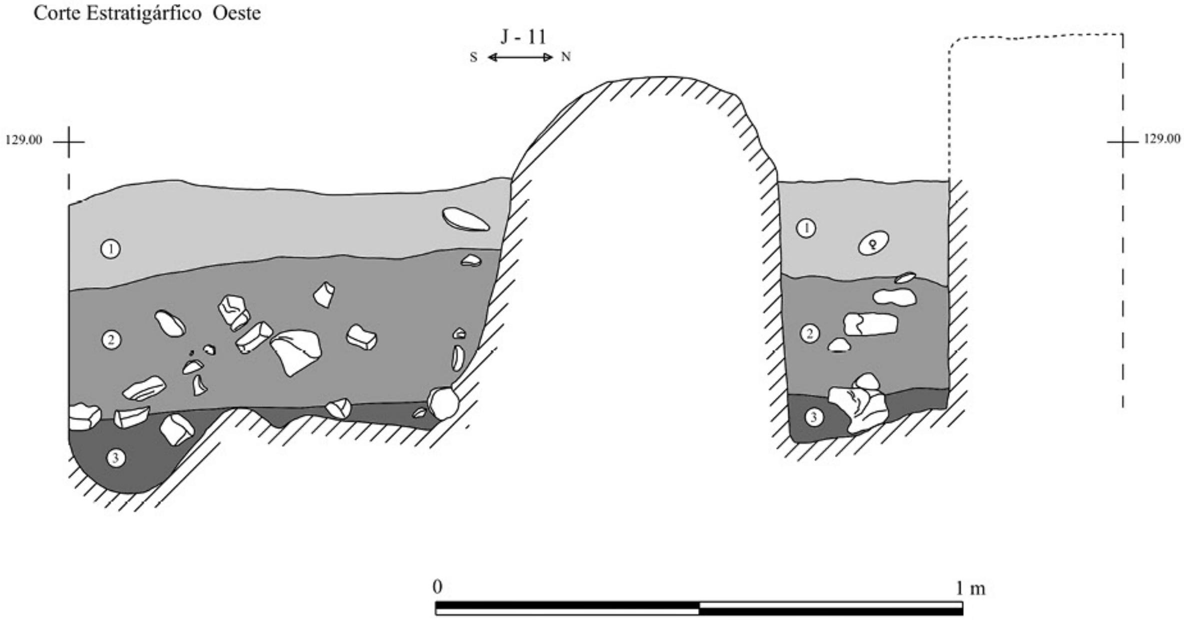
Na zona intervencionada, apareceram alguns blocos graníticos de dimensão pequena e média não estruturados. A escavação efectuada provou-nos a existência de materiais pré-históricos, eventualmente neolíticos, compostos por fragmentos de cerâmica lisa, dois restos de talhe em sílex e alguns seixos rolados, tipo "ovinhos". Os trabalhos de escavação evidenciaram um pequeno afloramento, até aí coberto com terra, onde se pode ver mais uma covinha, com claros sinais de trabalho humano.



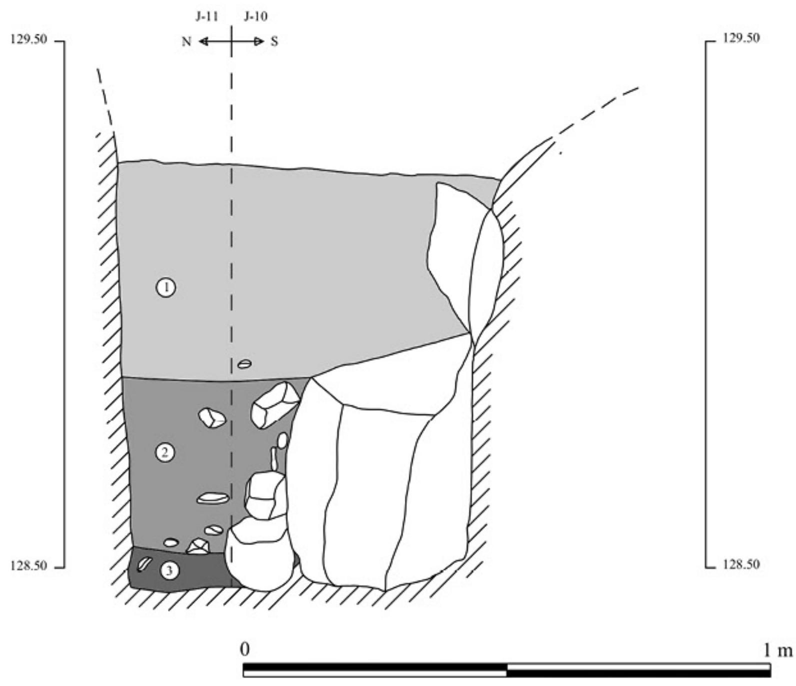
Rocha 20 "Santuário das oLiveiras do feitiço"

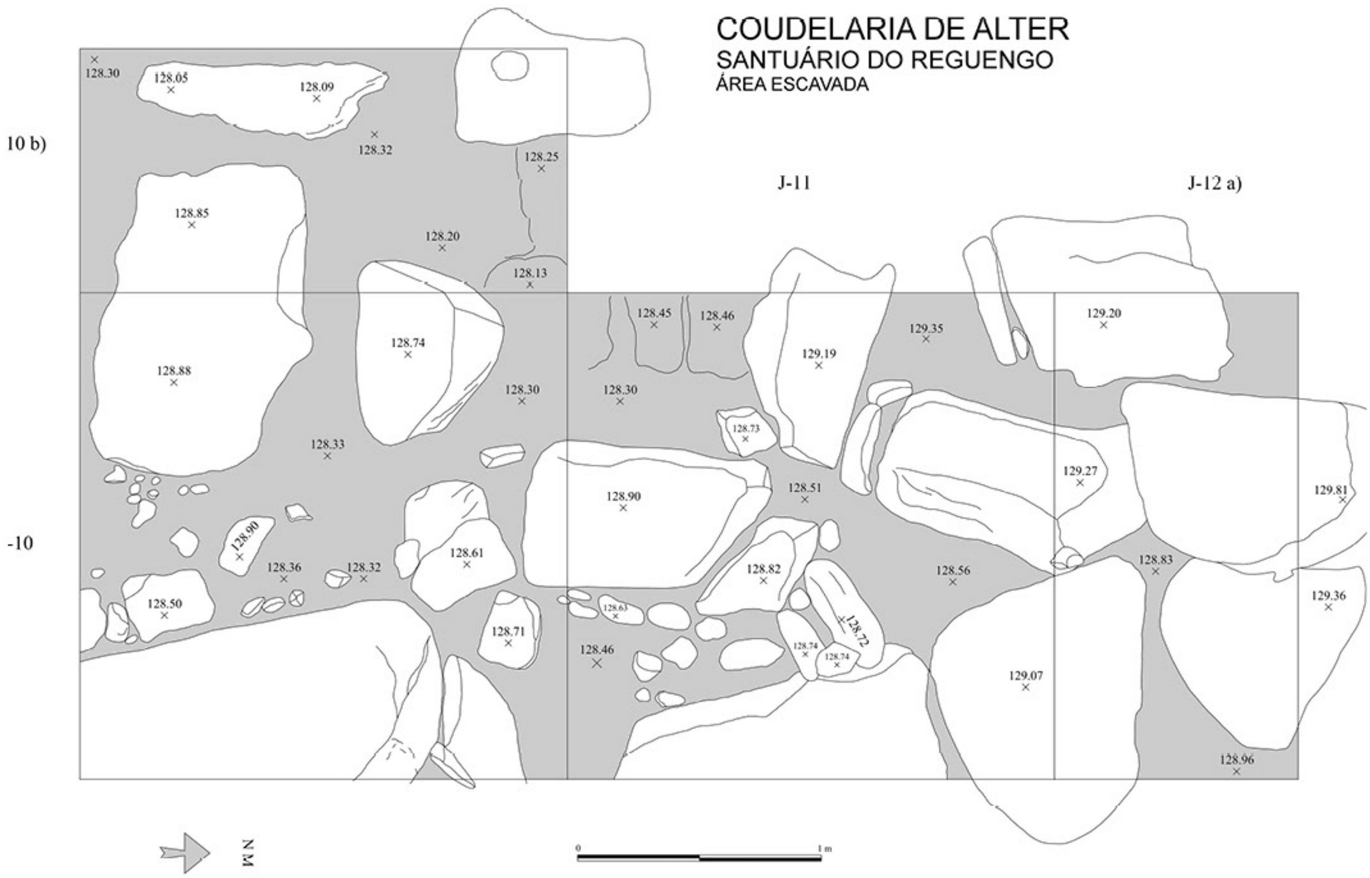
COUDELARIA DE ALTER
Santuário do Reguengo
Cortes estratigráficos

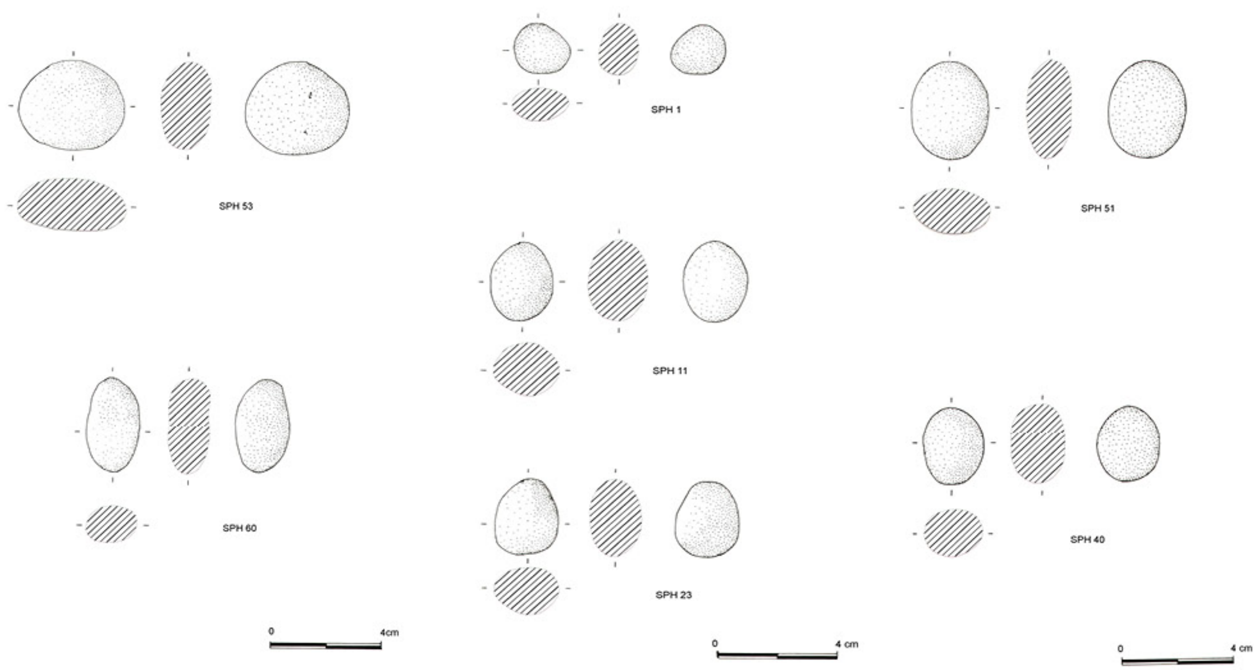
J - 11
Corte Estratigárfico Oeste



J - 10 e J - 11
Corte Estratigárfico Este




COUDELARIA DE ALTER
SANTUÁRIO DO REGUENGO
ÁREA ESCAVADA
10 b)
J-11
J-12 a)
-10
N M
0
1 m


SPH 1
SPH 53
SPH 51
SPH 11
SPH 60
SPH 40
SPH 23
0
4cm
0
4 cm
0
4 cm

2.3. HABITAT DA PORTA DO TEMPO

2.3.1. *LOCUS* 1


Limpeza da área de escavação

Durante os trabalhos de prospecção, Clara Oliveira registou, junto à Porta do Tempo, com base nas recolhas de superfície, um arqueossítio que classificou, ainda que com muitas dúvidas, de alto-medieval. Se, de facto, ocorriam, maioritariamente, fragmentos de tijoleira, muito rolados, também se reconheciam outros fragmentos de cerâmica, aparentemente, sem vestígios de roda de oleiro. À direita da vereda que liga a Porta do Tempo à Casa da Horta, um pequeno muro muito arruinado, obtido em pedra seca, define um recanto demarcado a Este por afloramentos, que poderia ter servido de cerca de gado. Foi neste local que Clara Oliveira registou a maior concentração de cerâmica de construção medieval, mas, paralelamente, nas terras de escorrência, recolheu restos de talhe em sílex. Considerando que o maior volume de materiais era medieval e que se encontrava associado a uma provável cerca de gado, adjacente ao velho muro que separava a área da primitiva Coudelaria das terras da Aldeia do Reguengo, junto à pequena porta que permitia a passagem entre as duas propriedades, levou-a a classificar este sítio como remontando aos inícios do Período Medieval, ainda que, entre parêntesis, colocasse um ponto de interrogação.

Com o objectivo de determinar a sequência de ocupação das terras da Coudelaria, projectámos uma sondagem neste local, com clara intenção de o poder relacionar com a necrópole formada por sepulturas escavadas na rocha que se situa a escassa distância.

Numa primeira fase e assim consta do primeiro pedido de autorização junto do IPA, considerámo-lo como habitat *Alto-Medieval. Projectou-se, desta forma, uma sondagem no interior do curto recinto, limitado a Norte pelo muro de pedra seca, a Sul, Este e Oeste por afloramentos graníticos.*

Um ponto central deste recinto possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 614053; Y – 4342429; Geográficas: 007º 40´ 43.6´´W; 039º 13´ 22.8´´N.

Os trabalhos aqui realizados decorreram de 9 de Fevereiro a 11 de Março de 2004.

Por, à partida, desconhecermos, exactamente, a extensão do sítio e possíveis interligações com outras eventuais estruturas, denominámo-lo de Locus *1 da Porta do Tempo, identificação que mantivemos, mesmo depois de se reconhecer que a sua principal*



Vista geral do *Locus* 1 antes da escavação



Início da escavação



Limpeza do muro do *Locus* 1



Vista da escavação



Face interna do muro



Implantação do *Locus* 1



Aspecto da escavação



Área escavada vista de Este

ocupação remontava ao Neolítico Antigo.

As cotas utilizadas na escavação estabeleceram-se de acordo com a rede interna de altimetria da Coudelaria de Alter e foram transportadas a partir do passeio junto à porta das Casas Altas, que possui a cota de 102,25 m.

Procedeu-se à marcação de uma rede de quadrículas de dois metros de lado, organizadas a partir de dois eixos ortogonais orientados nos sentidos Sul–Norte e Oeste–Este, magnéticos. As quadrículas foram denominadas segundo um sistema alfanumérico.

*Procedeu-se ao levantamento topográfico de toda a área do "*Locus *1 da Porta do Tempo", que se estende até à dita porta.*

Iniciaram-se os trabalhos de escavação. Abriram-se os quadrados L 11, L 12, L 13, M 11 e N 13. Limpou-se a parte externa do muro de pedra seca, definindo as pedras do seu aparelho. Ao definir a parte interna do muro, este pareceu apresentar duas fases construtivas: uma primeira fase de construção com pedra de pequeno calibre, assente sobre uma camada de argila, que está imediatamente acima da rocha; e uma segunda fase de construção com pedra de maior calibre, assente sobre as pedras da primeira fase de construção do muro. Esta leitura foi possível nas duas sondagens feitas junto ao muro, nos quadrados L 12 e N 13.

Ao longo dos trabalhos de escavação, logo abaixo do primeiro nível de terras muito soltas com manta morta e materiais recentes, foram-se definindo algumas pedras de médio e pequeno calibre que não revelaram qualquer consolidação ou disposição estruturada. Poderiam pertencer a um nível de derrube do muro. No nível abaixo dessas pedras, existia uma camada de terra, mais compacta, com ocorrência de pequenas pedras soltas e materiais cerâmicos e líticos associados ao Neolítico Antigo / Médio (fragmentos de lamela em sílex, uma ponta de seta em quartzo, um "microcrescente" em sílex branco, fragmentos de machado de pedra polida, vários fragmentos de cerâmica, um deles com decoração incisa). Imediatamente abaixo desse nível de terra, identificou-se uma camada de argila compactada, já sem ocorrência de materiais. Este nível assenta, directamente, sobre a rocha.

Nos quadrados L 11 e M 11, a sucessão de níveis é idêntica à anteriormente descrita. Contudo, na camada de terra compacta com ocorrência de materiais do Neolítico, assente na camada de argila compactada, definiu-se um conjunto de pedras de pequeno e médio calibre que parecem constituir uma estrutura semicircular, cuja funcionalidade não foi possível determinar. Das terras retiradas do interior dessas pedras estruturadas, recolheram-se fragmentos de cerâmica neolítica muito rolada e um percutor em quartzito.

No quadrado N 13, definiu-se a continuação do muro delimitador. Na parte interna deste muro, os níveis distribuem-se do mesmo modo que nos outros quadrados: um primeiro nível de terra solta com manta morta e materiais recentes, um segundo nível com pedras soltas, provavelmente derrubes do muro, um terceiro nível constituído por uma terra mais compacta com ocorrência de materiais cerâmicos e líticos, datáveis do Neolítico Antigo / Médio, e um último nível, geológico, constituído por uma camada de argila compactada assente sobre a rocha.

Concluiu-se, então, que se trata de um abrigo com vestígios de ocupação atribuível ao Neolítico Antigo / Médio e que terá sido posteriormente "ocupado", já

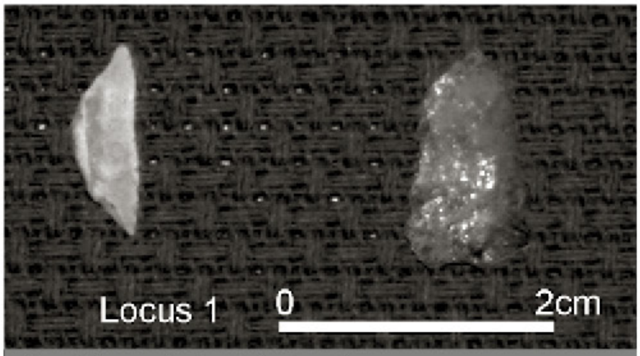
em período histórico. O muro que delimita a plataforma foi obtido em pedra seca de médio calibre e será atribuível à primeira fase de ocupação do local. Numa segunda fase, que neste momento não podemos determinar com precisão, terá sido reforçado com pedras de maior calibre. A segunda estruturação do muro poderá corresponder à delimitação da vereda que lhe passa junto, configurando o espaço uma pequena cerca para gado.



Área escavada vista de Norte *Locus* 1



Indústria lítica do *Locus* 1



Geométrico e ponta de seta do *Locus* 1

2.3.2. *LOCUS* DA TOCA DA RAPOSA

Quando, em 2005, retomámos os trabalhos na Coudelaria tornava-se fundamental confirmar as evidências arqueológicas reconhecidas no *Locus* 1 e determinar, com maior precisão, a sua área de dispersão. Depois de reconhecimento cuidado por entre os afloramentos que se situam a Norte da sondagem anteriormente efectuada, verificámos que, praticamente, sob a manta morta, desde o muro da Porta do Tempo até à linha de água que corre a Norte, identificavam-se fragmentos de cerâmica neolítica e restos de talhe em sílex. Assim, por todos os recantos e abrigos que se formam entre os abundantes afloramentos sobranceiros à linha de água, ocupando, em suave colina, uma área que ultrapassa os 25 000 metros quadrados, registavam-se testemunhos materiais atribuíveis ao Neolítico. Este extenso povoado define-se em três plataformas suaves, bem reconhecíveis, sobretudo na face oeste, enquanto que, na face norte, sobranceira à linha de água, a pendente é mais abrupta. Nesta face, observam-se diversas lapas, bem protegidas, com vestígios de ocupação e pequenos muretes em pedra seca, construídos em data indeterminada, que parecem funcionar como estabilizadores de terras.

Perante uma tão grande área de dispersão de materiais haveria que optar por um dos recantos, que nos garantisse uma potência de solo suficientemente espessa e não afectada por eventuais trabalhos agrícolas. Na plataforma intermédia, exposta a poente, num recanto bem protegido por grandes afloramentos, identificou-se uma toca de raposa que se metia sob um grande bloco de granito. No volumoso monte de terras retiradas pela raposa eram visíveis diversos


Limpeza do coberto vegetal - Toca da Raposa


Topografia - Toca da Raposa


Início da escavação - Toca da Raposa


Vista geral da escavação - Toca da Raposa


Limpeza da placa térmica - Toca da Raposa


Identificação de um machado - Toca da Raposa


Limpeza do canal de escoamento de águas - Toca da Raposa


Aspecto da escavação do *habitat* - Toca da Raposa



Canal depois de limpo



Vista da área central do *habitat* da Toca da Raposa



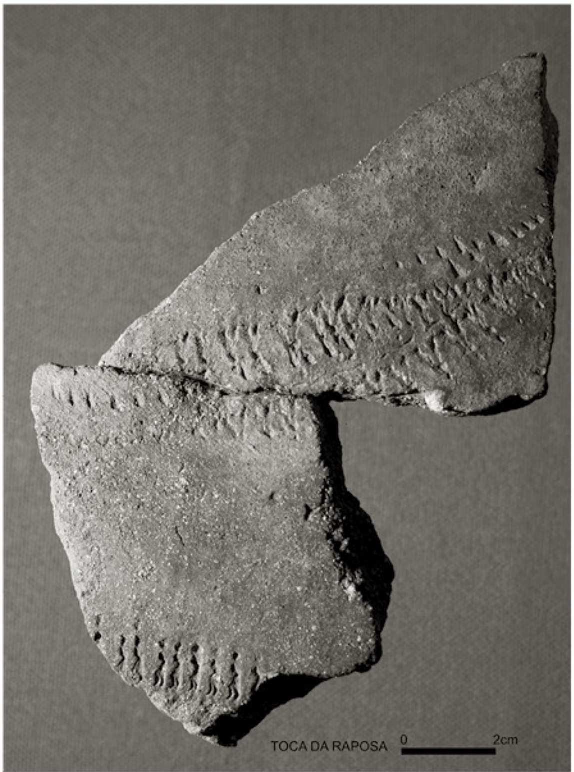
Vista da área central do *habitat* da Toca da Raposa



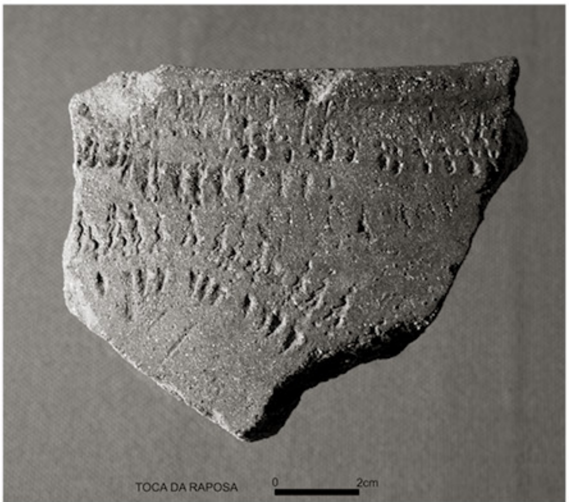
Placa térmica do *habitat* da Toca da Raposa



Vista geral do *habitat* da Toca da Raposa



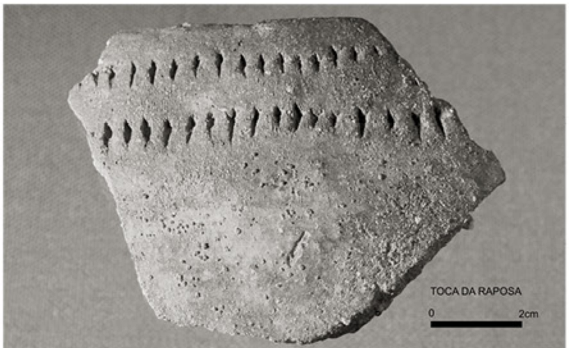
Cerâmica com decoração impressa e incisa



Cerâmica com decoração "cardial"



Moeda de prata de Abderramão II



Cerâmica incisa



Cerâmica com mamilo e impressa



Cerâmica perfurada



Cerâmica impressa e incisa


Cerâmica impressa



Cerâmica impressa e incisa



Pormenor de decoração “cardial”



Cerâmica com aplicações plásticas

fragmentos de cerâmica, alguns decorados, restos de talhe em sílex e um percutor esferóide de quartzo. Garantida que estava a potência de solo e abundantes materiais, optámos por escavar, integralmente, este abrigo, que denominámos por Locus da Toca da Raposa. Os trabalhos de escavação decorreram entre 5 de Setembro e 9 de Dezembro de 2005.

Um ponto central do Locus da Toca da Raposa possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X - 29613897; Y – 4342273; Geográficas: 007º 40' 50'' W; 039º 13' 20,1'' N.

Para a cotagem geral do sítio escavado, estabeleceu-se, como ponto de cota 100,00 metros, o topo de um afloramento situado em local central e assinalado na planta geral.

Os trabalhos iniciaram-se com a limpeza do coberto vegetal, a que se seguiu a marcação de duas sondagens, A e B, organizadas a partir de dois eixos ortogonais orientados, respectivamente, nos sentidos Norte-Sul e Oeste–Este, magnéticos.

Os trabalhos de escavação desenvolveram-se em duas frentes. A sondagem A, situada na zona central do Locus, consubstanciou-se inicialmente nos quadrados N-10 e O-10, e a sondagem B, num nicho entre afloramentos, a Sueste dos grandes blocos graníticos, constituída pelos quadrados R-12 e S-12.

Na zona mais central, sondagem A, reconheceu-se até ao solão um depósito uniforme de terras muito soltas e abundantes raízes, onde ocorreram, de forma muito desconexa, fragmentos de cerâmica, lamelas, núcleos, maioritariamente em sílex e percutores de quartzo e granito. As cerâmicas identificadas, lisas e decoradas,



Colher de cerâmica

apontam para ambientes balizáveis entre o Neolítico antigo e inícios do Calcolítico. O espessamento de alguns bordos e as formas levemente abertas, conotáveis com os inícios do Calcolítico, contrastam com as cerâmicas de superfícies decoradas e algumas profusamente decoradas, atribuíveis ao Neolítico mais antigo.

A sondagem B localizou-se num nicho entre grandes afloramentos. Trata-se de um pequeno espaço, protegido a Sul por imponentes blocos graníticos. Este espaço, também formado por terras muito soltas, é igualmente caracterizado pela fraca potência do solo e ainda pela abundância de raízes. Neste local, foram marcados dois quadrados, R-12 e parte de S-12. Logo nas primeiras camadas de terra, por entre cerâmicas pré-históricas, identificou-se uma moeda árabe, de

prata, de Abderramão II.

Atendendo ao potencial arqueológico do sítio, alargou-se a rede de quadrículas a todo o espaço limitado pelos afloramentos, unindo-se as duas sondagens previamente demarcadas.

Iniciaram-se os trabalhos em P 10, revelando a presença de um nível constituído por aglomerados pétreos, não estruturados, à cota de 99,44 m. Em O 10, continuou-se a baixar, denotando-se a existência de materiais, maioritariamente formados por fragmentos de cerâmica neolítica lisa e decorada (99,38 m). À mesma cota, em O 11, recolheu-se um fragmento de taça levemente carenada atribuível ao final do Neolítico, ou inícios do Calcolítico, um movente e fragmentos de quartzito.

À medida que se ia avançando nos trabalhos de escavação de O 11 a M 9, surgiu uma estrutura que acompanhava o limite interno dos afloramentos. Esta estrutura, ainda muito bem conservada, destinava-se a conduzir as águas pluviais que escorriam dos afloramentos. Esta estrutura aproveita a inclinação natural do terreno, conduzindo as águas para o exterior do espaço de habitat. *É formada por blocos finos de granito colocados em V e justapostos.*

Em O 10, à cota de 99,18 m, identificou-se, in situ, *a parte inferior de um recipiente cerâmico, fracturado, de grandes dimensões, de paredes lisas, que, pelo tipo de pasta, poderá ser atribuível a um momento dos finais do Neolítico. Com a abertura e realização de sucessivas decapagens em P 11, surgiu um nível de depósito de pedras de pequeno calibre depostas por arraste e encostadas ao afloramento, sobre as quais ocorriam fragmentos de cerâmica, concretamente, um fragmento de colher (99,64 m) e um fragmento de bordo decorado (99,64 m), de características que remetem para o Neolítico antigo.*

Os trabalhos continuaram nesta zona e, após a desmontagem do nível pétreo, revelou-se a existência de uma concentração de cerâmica neolítica, com e sem decoração. Estes materiais, sem conexão, estendiam-se por toda a área em escavação. No quadrado O 9, junto ao corte sul, apareceu um machado de pedra polida, de secção suboval, à cota de 99,22 m. Este machado encontrava-se em associação com restos de talhe e pequenos núcleos esgotados em quartzo hialino. Em P 10, à cota de 99,36 m, identificou-se uma estrutura de barro cozido, conservada in situ, *correspondendo, provavelmente, a uma base de aquecimento, com uma forma alongada, mas irregular, fragmentada no perímetro, com cerca de 30 cm por 20 cm. Em torno desta base de combustão, eram visíveis termoclastos, embora não fosse possível identificar matéria orgânica carbonizada. Por entre os termoclastos de quartzito, recolheram-se fragmentos de cerâmica com decoração, restos de talhe em sílex e lamelas em sílex e quartzo.*

Em O 9, depois de rebaixada nova camada de terra, associada a um empedrado muito irregular, identificou-se, à cota de 99,17 m, o que parece ser um buraco de poste, estruturado. Este buraco de poste, associado à caleira atrás descrita, indica-nos estarmos em presença de um espaço que terá possuído uma cobertura, sustentada por poste ou postes de madeira. Estes seriam de espessura reduzida, atendendo ao diâmetro interno do buraco de poste, que não ultrapassava os 15 cm. Tanto em Q-9, Q-10, R-9 e R-10, continuaram a surgir fragmentos de cerâmica pré-histórica (99,46 m/99,37 m), até ao nível geológico.

Nos quadrados M 9 e N 9, apesar da fraca potência de solo, a identificação de cerâmica decorada, associada ainda a restos de talhe e núcleos de quartzo, confirma que em toda a área do *locus* houve continuada ocupação.

Escavada toda a área definida pelos afloramentos, procedeu-se ao registo gráfico e fotográfico das estruturas identificadas, que foram recobertas com terra crivada e isoladas com manta geotextil.

O *Locus* da Toca da Raposa inscreve-se num espaço mais amplo onde ocorrem, à superfície, fragmentos de cerâmica pré-histórica. Este espaço é preenchido por grandes afloramentos graníticos e denso coberto arbóreo que dificulta a leitura geral do contexto. Contudo, no limite sul parece desenhar-se uma muralha natural formada por afloramentos graníticos, aos quais se anexa uma larga plataforma aberta, indiciando elevada potência estratigráfica. No lado oposto, a Norte, a plataforma é limitada por uma linha de água, actualmente de curso sazonal. No espaço interior, os afloramentos definem recantos naturalmente abrigados que foram eleitos pelas comunidades desde o Neolítico mais antigo até aos inícios do Calcolítico. Aqui foram construídos abrigos cobertos, suportados por postes de madeira. Para elevar o espaço de vivência, os primeiros habitantes construíram empedrados irregulares, cobertos por terra e eventualmente por matéria vegetal. Sensivelmente ao centro destes *habitats* existiria uma lareira definida por blocos de pedra, com evidentes sinais de fracturas térmicas, que envolviam uma base de aquecimento feita em argila sobreposta sobre uma fina camada de terra. Para evitar que a água pluvial que escorria dos afloramentos inundasse o *habitat* construíram-se caleiras, em torno dos batólitos, que conduziam as águas para o exterior. Aqui foram talhados núcleos de sílex e quartzo, dos quais chegaram até nós restos de talhe e núcleos esgotados. Mas este espaço, porque muito acolhedor, foi repetidamente ocupado desde o Neolítico até, pelo menos, ao início do Calcolítico, se atendermos à presença, maioritariamente em cotas mais superficiais, de fragmentos de cerâmica com bordos mais espessados e de formas mais abertas. Esta ocupação parece ter sido menos demorada, atendendo ao número inferior de ocorrências. Nos inícios da Idade Média, sob o domínio Islâmico, provavelmente ao tempo de Abderramão II, uma moeda de prata foi aqui perdida. Esta moeda, identificada no espaço mais protegido deste abrigo, poderá indicar que também este local terá servido de protecção nos inícios da Idade Média. As características do solo e a multiplicidade de ocupações inviabilizaram a identificação de estratigrafias legíveis, o que, de alguma forma, impossibilita uma melhor caracterização da ocupação do espaço. Pelas mesmas características do solo, não se conservaram matérias orgânicas que possibilitem datações absolutas. Foram, contudo, recolhidas terras de níveis mais compactos para eventuais estudos antracológicos e palinológicos. Pelo potencial informativo do espaço escavado, tudo aponta para a ocorrência de situações ocupacionais semelhantes nos recantos mais abrigados desta suave colina.

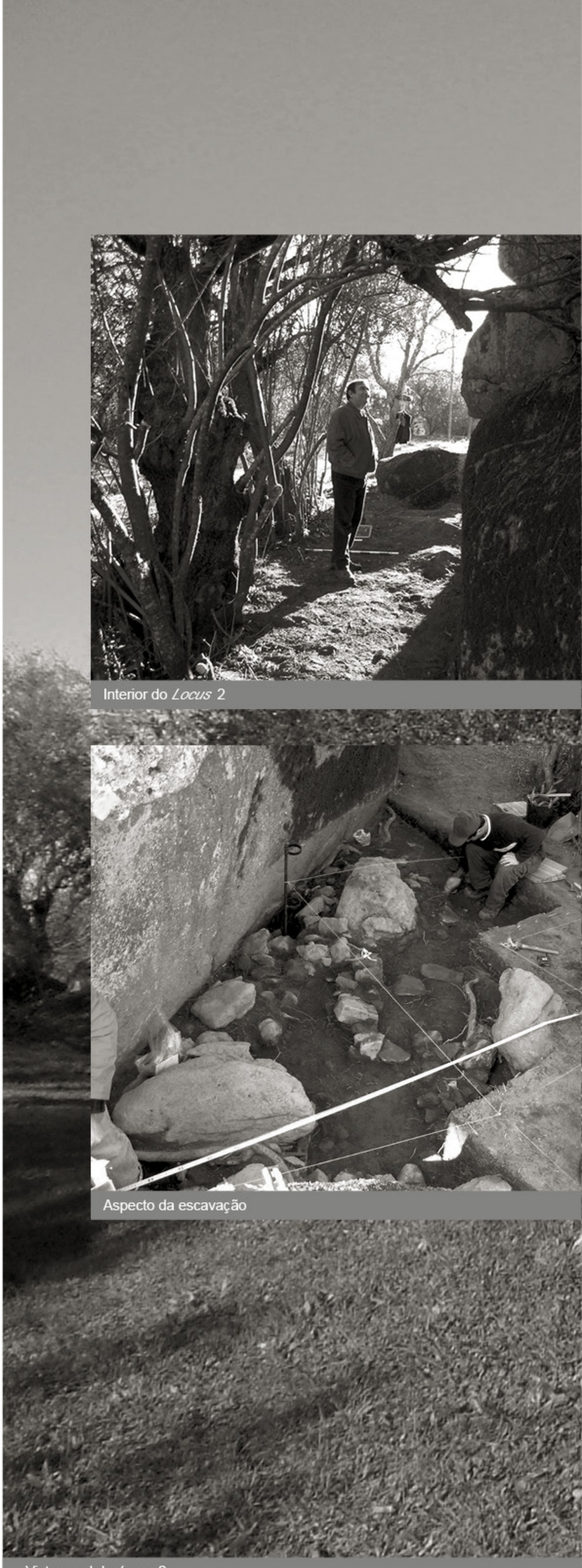
Confirmada a ocupação, durante o Neolítico, das faces sul e oeste, destas formações graníticas, importava avaliar se, na face menos protegida, exposta a Norte, se registava a mesma densidade ocupacional. Assim, elegeu-se um pequeno abrigo, virado a Norte, no início da pendente sobranceira à linha de água. Este abrigo foi denominado de *Locus* 2.

2.3.3. *LOCUS 2*

O *Locus* 2 possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X - 4342401; Y - 29613998; Geográficas: 39° 13' 20'' N; 007° 40' 48''W.
Os trabalhos decorreram entre 12 de Dezembro de 2005 e 12 de Janeiro de 2006.
O *Locus* 2 apresenta uma morfologia idêntica aos demais nichos de *habitat* da Porta do Tempo. Junto a um conjunto de blocos graníticos de grandes dimensões, foram recolhidos alguns fragmentos cerâmicos atribuíveis ao Neolítico. Também foram identificados fragmentos de cerâmica atribuíveis a cronologias mais recentes (períodos Medieval e Moderno). Este local situa-se a cerca de 60 m do *Locus* 1 da Porta do Tempo, sobranceiro a uma ribeira, numa vertente virada a Norte. Este nicho, situado numa encosta virada a Norte, surpreendentemente, também apresentava, logo à superfície, vestígios de ocupação, facto pouco vulgar em ambientes semelhantes. Por norma, nestes contextos, as faces viradas a Norte raramente apresentam sinais tão evidentes de ocupação, denotando-se muito maior apetência por zonas mais protegidas e expostas ao sol. O local encontrava-se coberto por uma manta morta, devido à proximidade de duas oliveiras e vários arbustos. A conservação do local também foi condicionada pela presença das raízes destas árvores. Devido ao facto de o local apresentar algum declive, esteve sujeito à acção de escorrência das águas pluviais, o que condicionou os depósitos aqui existentes. Foi projectada a abertura de uma sondagem para avaliação do potencial arqueológico do sítio.
Procedeu-se à marcação de uma rede de quadrículas, a partir de dois eixos ortogonais, orientados no sentido Norte-Sul, Este-Oeste. Estas sondagens foram implantadas junto a um grande afloramento granítico e compreenderam as seguintes quadrículas: I 9, J 9, J 10, K 8, K 9, K 10. Trata-se de um espaço muito restrito, condicionado pela presença de vários afloramentos, encontrando-se as quadrículas todas incompletas.
Foi efectuado o transporte de cotas para este local, a partir do *Locus* 1 da Porta do Tempo. Os dois afloramentos graníticos de maiores dimensões, junto dos quais foi estabelecido este espaço de *habitat*, foram referenciados com as letras A e B. Situam-se, respectivamente, a Oeste e a Este, relativamente à rede de quadrículas implantada no local. Esta referência pretende proporcionar uma maior clareza nos registos.
Após a limpeza do coberto vegetal, iniciámos os trabalhos de escavação em J 9, K 8 e K 9. A terra revelou-se muito humosa e solta, de cor castanha escura. Este primeiro nível estratigráfico regista-se, sensivelmente, até à cota 122,75 m. Foram identificados fragmentos de cerâmica atribuíveis ao Neolítico, paralelamente a fragmentos de cerâmica de cronologias mais recentes, medieval e moderna. Não foi escavado o topo nordeste da quadrícula K 9 devido à presença de uma oliveira, que terá perturbado a conservação da estratigrafia do local e por forma a preservar a integridade da árvore. Na quadrícula I 9 verifica-se o mesmo nível de terra humosa, onde pudemos registar a existência de materiais cerâmicos enquadráveis numa ampla cronologia, como sucede nas restantes quadrículas da área sondada.
Numa segunda unidade estratigráfica, formada por terras com a mesma coloração escura, embora um pouco mais compactadas que no nível superior,

ocorre o que designámos por nível detrítico. É constituído por vários blocos líticos com dimensão média e pequena, em quartzo, quartzito e granito, provenientes de cotas superiores e resultantes da escorrência de águas pluviais, devido à forte pendente do local. Este nível verificou-se entre a cota 122,85 m e o solão de base. Encontrámos uma maior concentração destes detritos na zona norte de I 9, na passagem de I 9 para J 9, onde há um estrangulamento entre os afloramentos graníticos (A e B), e em toda a área desta quadrícula. Este facto verifica-se devido à inclinação que o terreno ostenta entre a quadrícula I 9 e as restantes quadrículas que compõem a área intervencionada. Neste mesmo nível, a profusão de materiais de várias épocas também se voltou a comprovar. A perturbação estratigráfica do local, devido sobretudo à forte pendente, impossibilitou uma precisa definição de unidades estratigráficas. Contudo, estatisticamente, a cotas inferiores corresponde um maior número de materiais arqueológicos com tipologias mais recuadas, que poderemos posicionar nos inícios do Neolítico. Em cotas mais superficiais, ocorrem, maioritariamente, materiais que se podem atribuir a momentos dos finais do Neolítico, ou mesmo já dos inícios do Calcolítico. Este facto diz respeito tanto aos materiais cerâmicos como líticos. Formas cerâmicas fechadas e decoradas ocorrem paralelamente a formas abertas, mais evoluídas, o que indicia uma ocupação continuada no tempo, neste local. Foram identificadas cerâmicas decoradas, por técnica incisa, impressa e puncionada e também foram recolhidos alguns fragmentos com decoração plástica, a par de fragmentos de taças lisas. Relativamente aos artefactos líticos, foram encontrados fragmentos de lamelas e lâminas em sílex, grande número de restos de talhe e núcleos, em quartzo e sílex, percutores, maioritariamente em quartzo e quartzito, elementos de mó fracturados (dormentes e moventes), um pendente de forma sub-rectangular em xisto e uma conta de colar, fracturada, de forma bicónica, em âmbar. Neste contexto de revolvimento, mas na cota mais baixa, identificou-se um fragmento de placa em arenito, que mostra poder tratar-se de um ídolo-placa em fase de acabamento, embora fracturado. Contudo, é necessário salientar o contexto de revolvimento em que todos estes materiais ocorreram, principalmente, devido à presença constante de raízes das várias oliveiras que circundam este espaço e à pendente do local. Ainda neste horizonte estratigráfico foi identificado um aglomerado pétreo formado por pedras de pequeno calibre, que se encontram compactadas. Poderá ser o que resta de um empedrado. Só se verifica numa área muito restrita, junto ao grande afloramento granítico (A), entre as quadrículas J 9 e K 9, maioritariamente em J 9. Encontra-se a uma cota média de 122,65 m. As quadrículas J 10 e K 10 que são ocupadas, na maior parte da sua extensão, por afloramentos graníticos, apresentam potências de solo muito reduzidas. Mesmo assim, ao serem escavadas, apresentaram a mesma estratigrafia identificada nas quadrículas adjacentes. Na quadrícula I 9, face sudeste do bloco granítico em que justificou este locus *de* habitat*, registou-se o mesmo contexto arqueológico, embora mais sujeito à escorrência das águas. Aqui, a terra é um pouco mais arenosa, de um castanho mais claro, com presença de cerâmicas manuais muito fracturadas, de cronologia pré-histórica, cerâmicas comuns e de construção de cronologia Medieval/Moderna. À cota média de 123,45 m definiu-se um nível pétreo,*

que ocorre sensivelmente até à cota 123,00 m. É constituído essencialmente por grandes blocos graníticos que se prolongam para o corte este. Este aglomerado não constitui uma estrutura, pois a sua disposição não apresenta qualquer conexão e a altimetria é inconstante. Tratar-se-á, provavelmente de derrubes de alguma estrutura que se situaria em cotas superiores, em área não escavada. Optámos por retirar este nível de pedras, já que a terra que se encontrava imediatamente abaixo pertencia à mesma unidade estratigráfica anteriormente descrita. Indiciava, ainda, a presença de materiais arqueológicos semelhantes aos registados anteriormente, o que se veio a verificar. Nesta zona, a ocupação humana parece ter sido mais intensa, justificável, eventualmente, pela maior exposição ao sol. Registou-se um maior número de materiais arqueológicos, principalmente maior representatividade de restos de talhe e núcleos em sílex. No entanto, este nível estratigráfico continua a não constituir uma unidade preservada, pois detectaram-se intrusões de materiais de épocas mais recentes e várias raízes, que contribuíram para o revolvimento encontrado. A terra de contacto com o solão de base foi identificada como um terceiro nível estratigráfico, de cor mais clara, com a presença de alguns blocos arenosos, amarelados, já pertencentes ao solo em desagregação. Apresenta as mesmas características em toda a área intervencionada. Neste nível, ainda foram recolhidos alguns materiais cerâmicos e líticos: um fragmento de parede de recipiente cerâmico com decoração compósita (incisa e puncionada), na quadrícula K 9, e restos de talhe em quartzo.



Interior do *Locus* 2

Aspecto da escavação

Vista geral do *Locus* 2

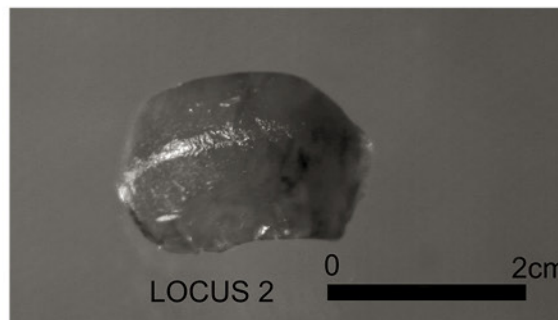

LOCUS 2



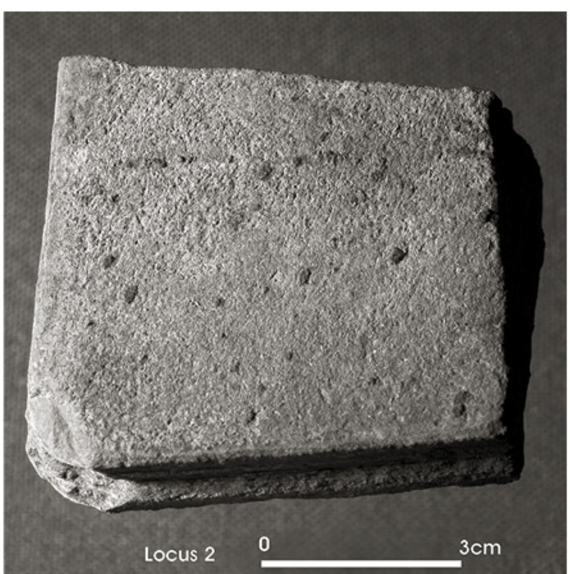
Aspecto da escavação



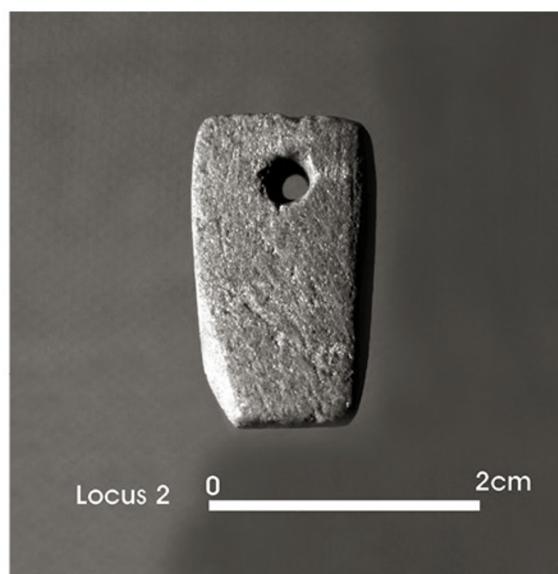
Vista geral da área escavada



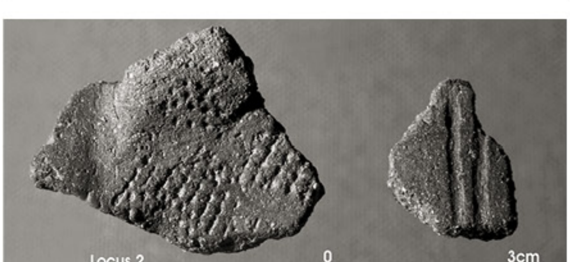
Conta de colar em âmbar



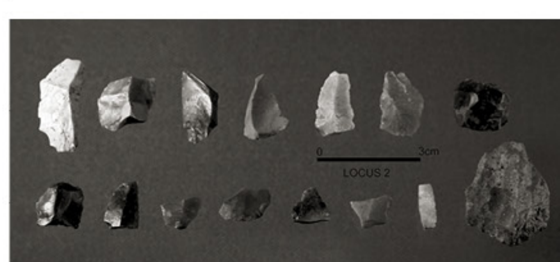
Ídolo-placa inacabado, fracturado



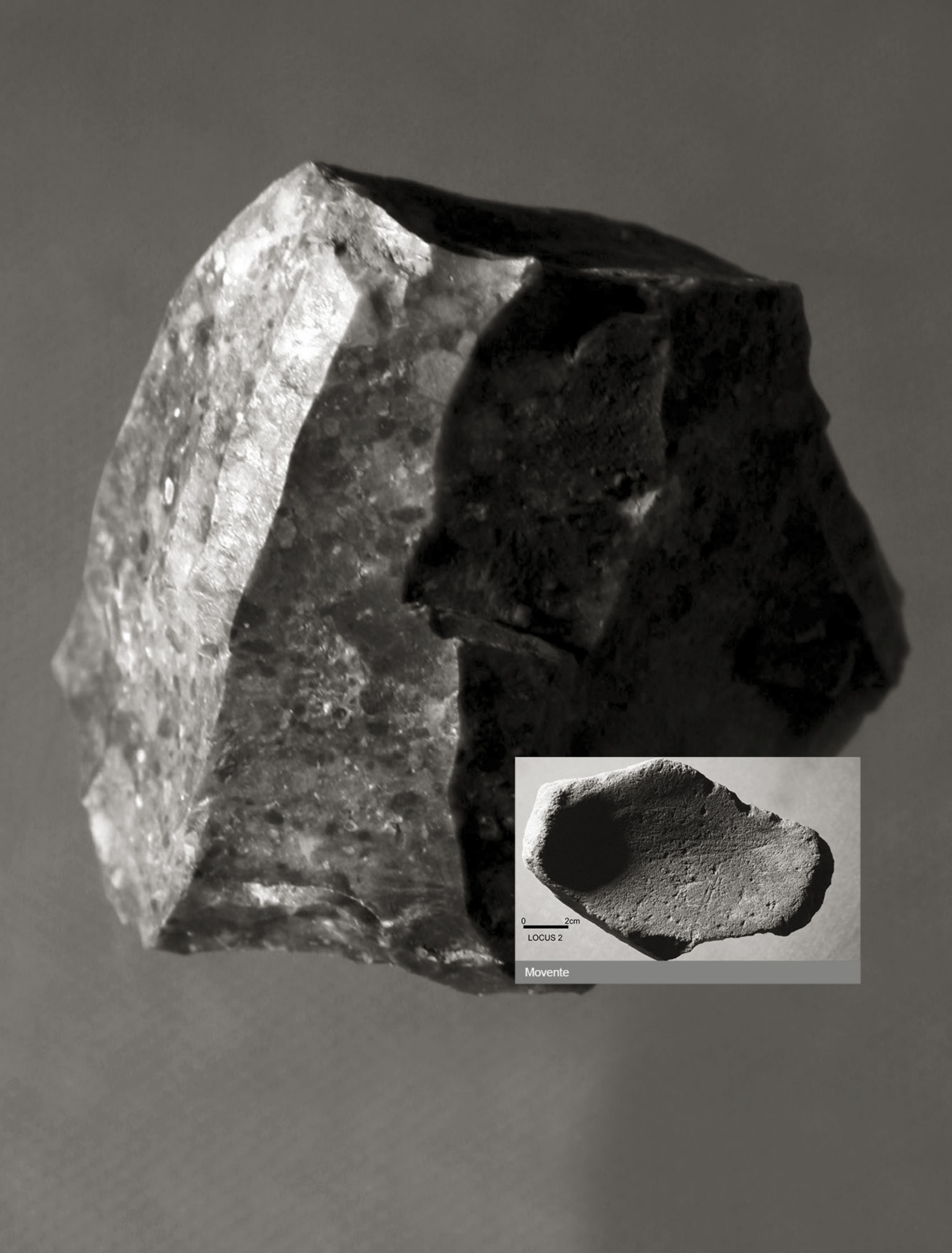
Pendente



Cerâmica decorada

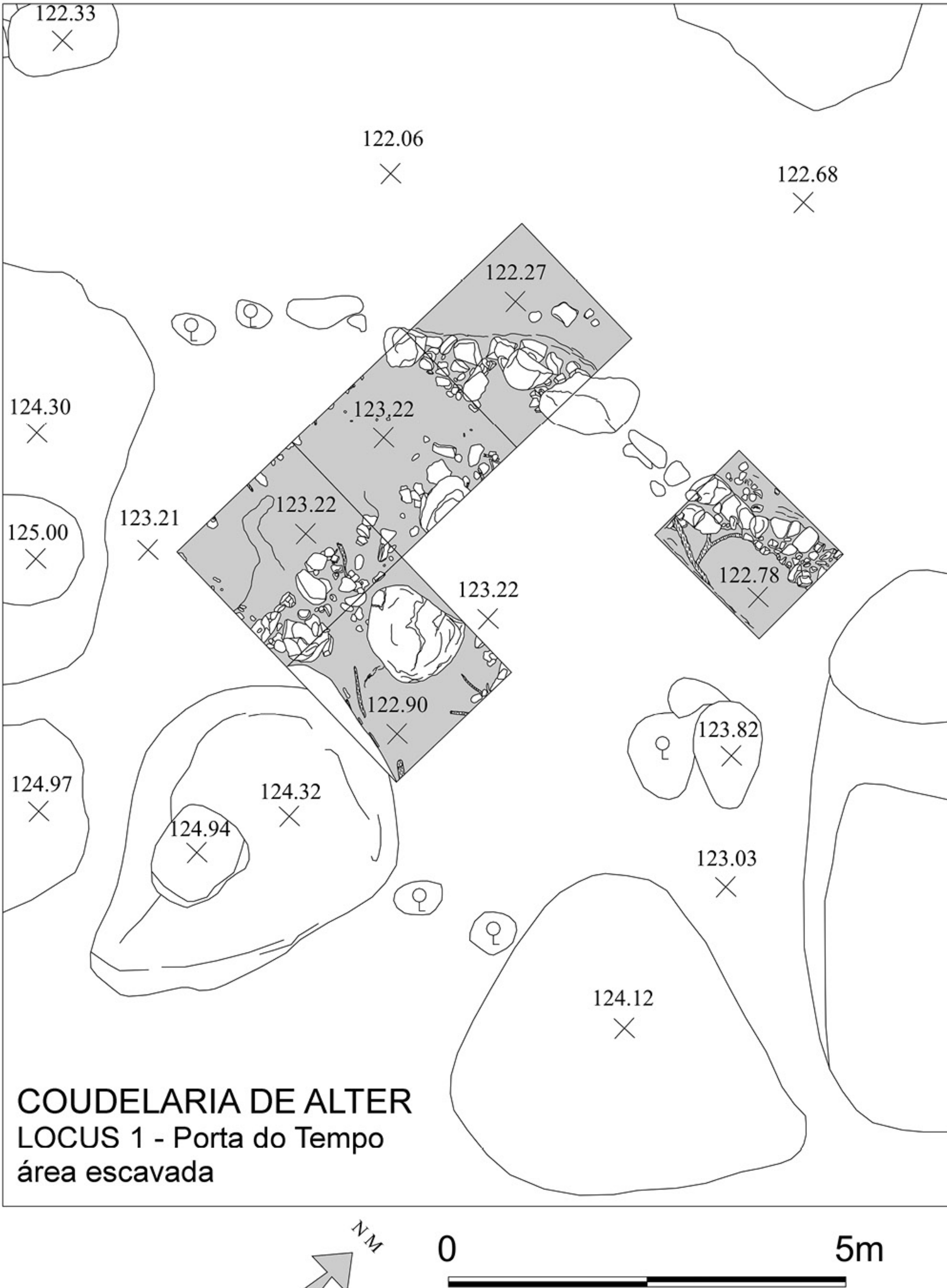


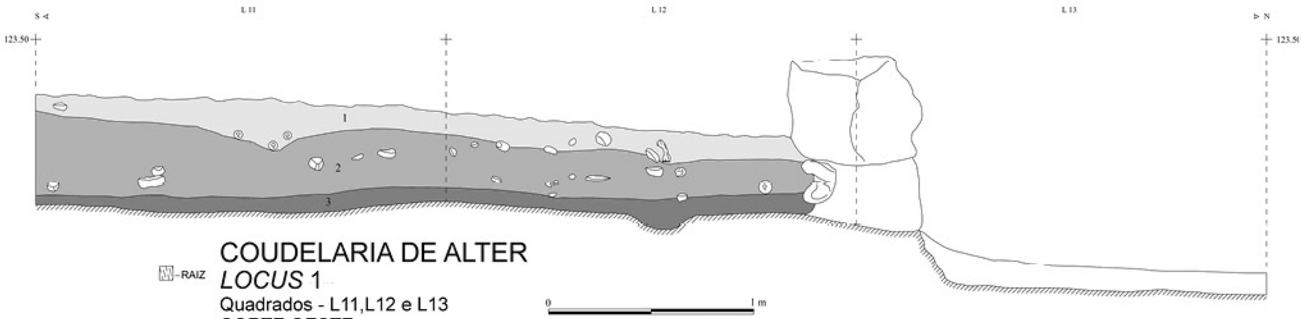
Indústria lítica



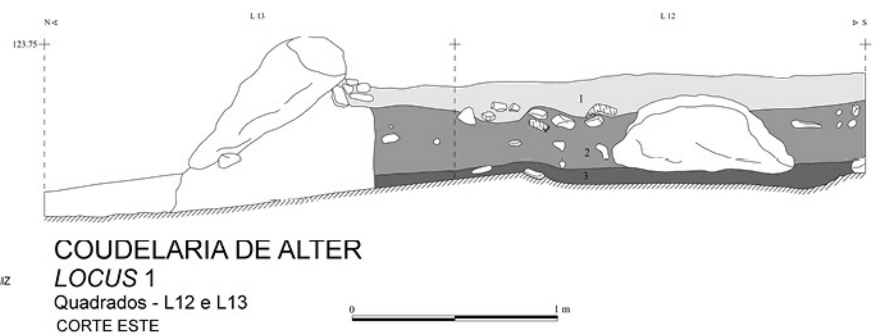
Movente

Núcleo de sílex *Locus* 2


122.33
122.06
122.68
122.27
124.30
123.22
123.21
123.22
125.00
122.78
123.22
122.90
123.82
124.97
124.32
124.94
123.03
124.12
COUDELARIA DE ALTER
LOCUS 1 - Porta do Tempo
área escavada
NM
0
5m



COUDELARIA DE ALTER
LOCUS 1
Quadrados - L11,L12 e L13
CORTE OESTE

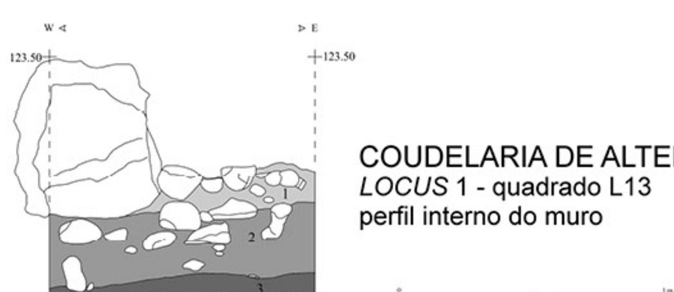


RAIZ

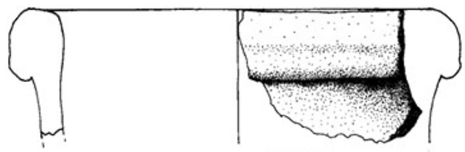
COUDELARIA DE ALTER
LOCUS 1
Quadrados - L12 e L13
CORTE ESTE

COUDELARIA DE ALTER
LOCUS 1 - quadrado L13
perfil externo do muro



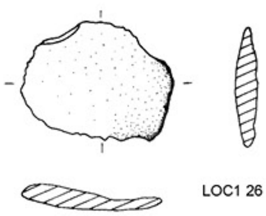


COUDELARIA DE ALTER
LOCUS 1 - quadrado L13
perfil interno do muro

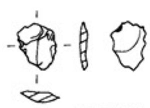


LOC1 64

0 5cm

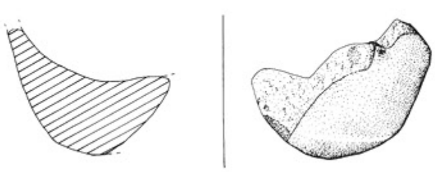


LOC1 26

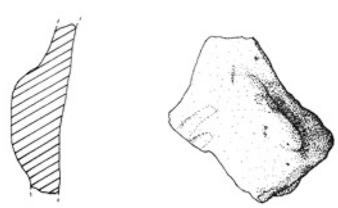


LOC1 18

0 5cm



LOC1 69

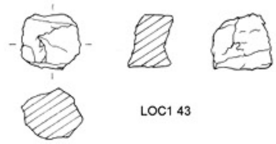


LOC1 55

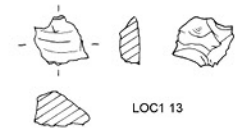


LOC1 70

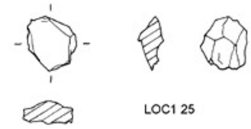
0 5cm



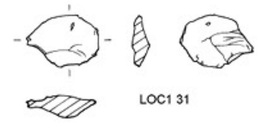
LOC1 43



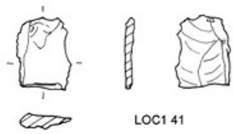
LOC1 13



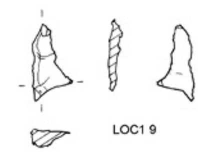
LOC1 25



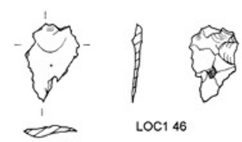
LOC1 31



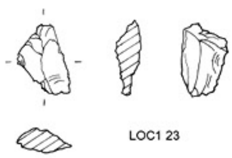
LOC1 41



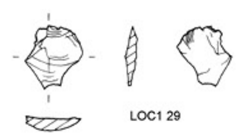
LOC1 9



LOC1 46

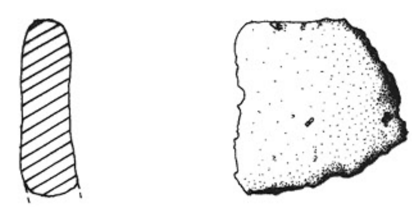


LOC1 23



LOC1 29

0 5cm

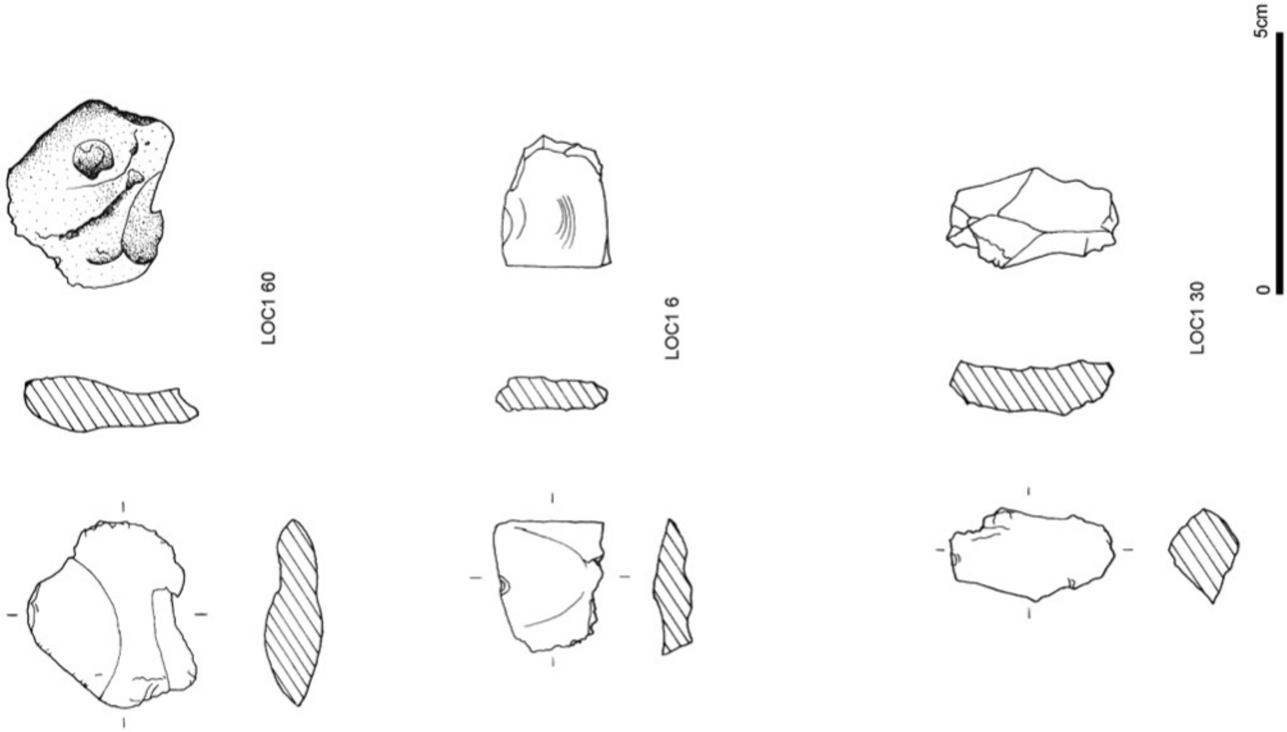


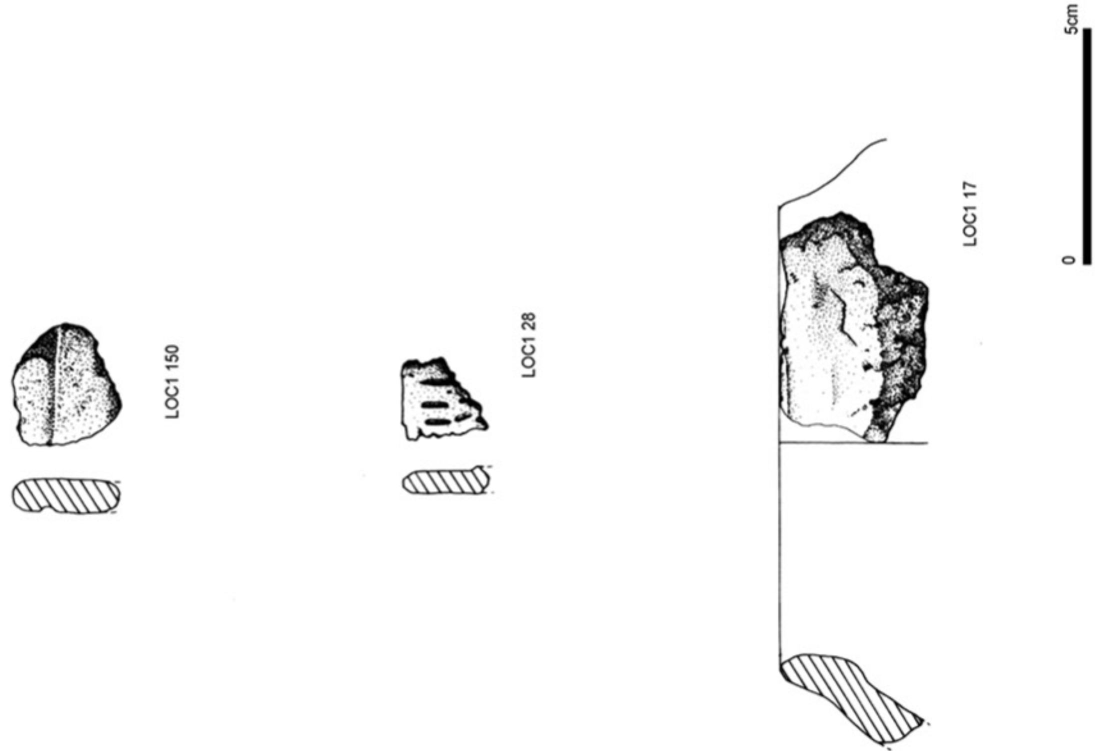
LOC1 24

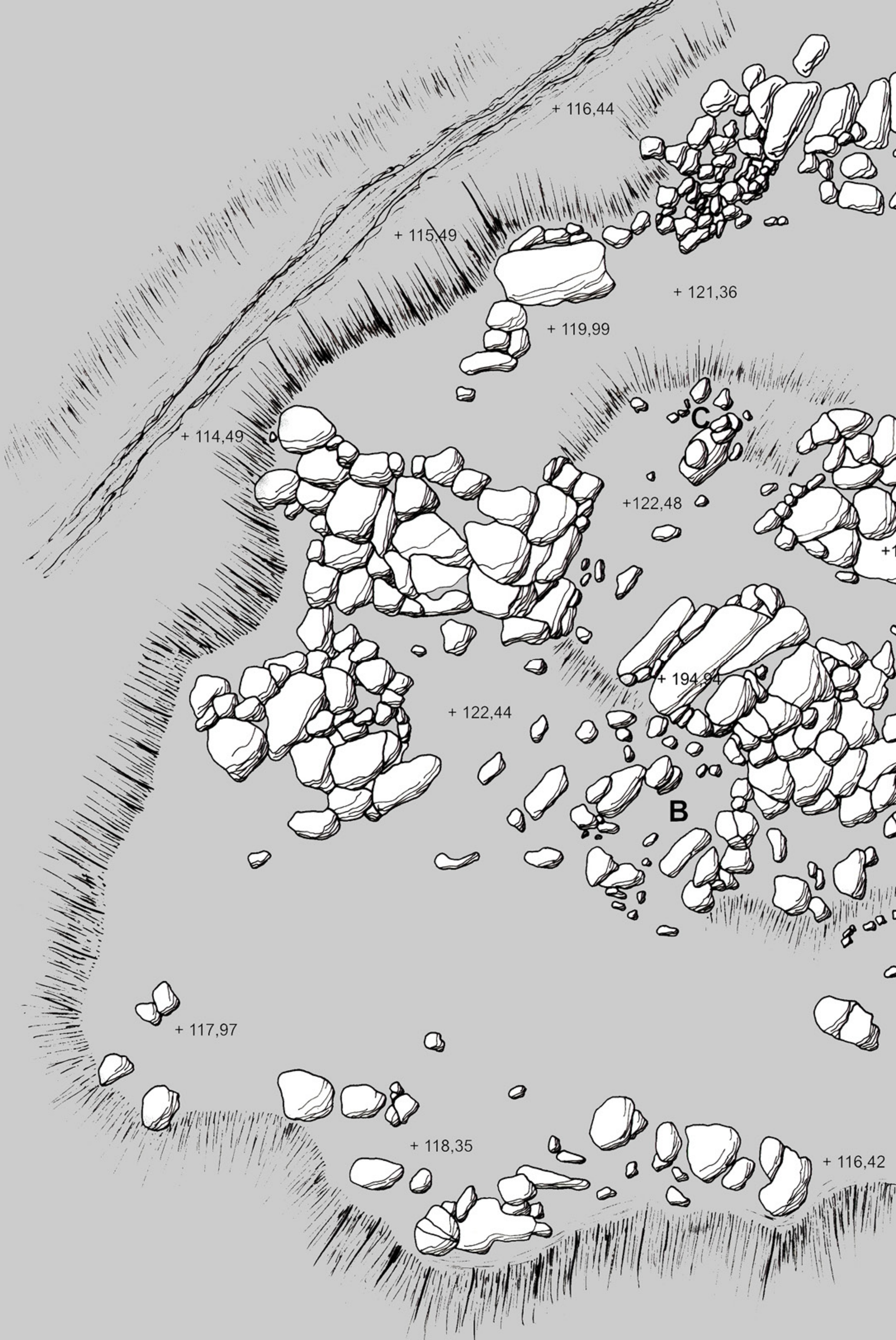


LOC1 15

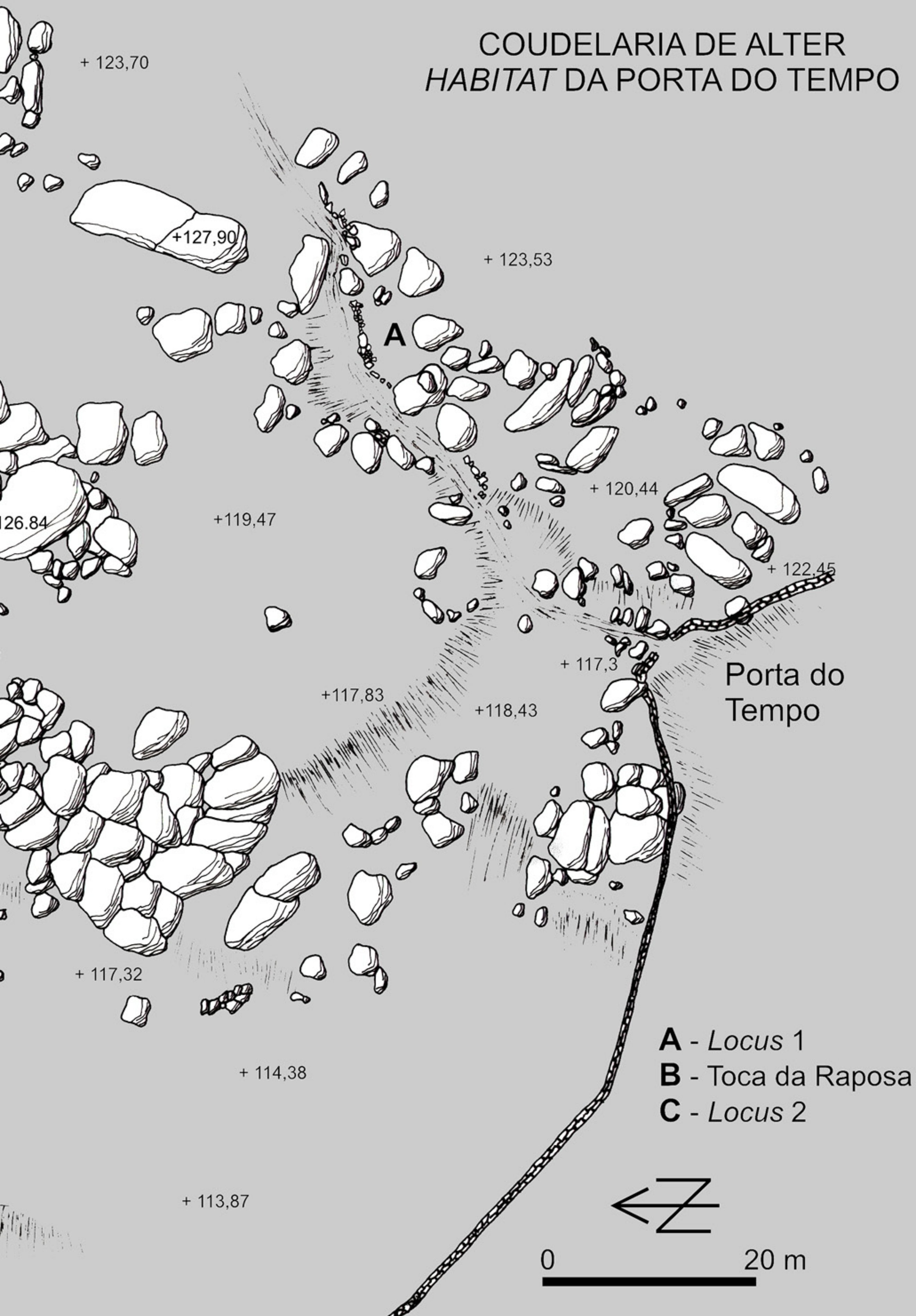
0 5cm


LOC1 60
LOC1 6
LOC1 30
0
5cm


LOC1 150
LOC1 28
LOC1 17
0
5cm

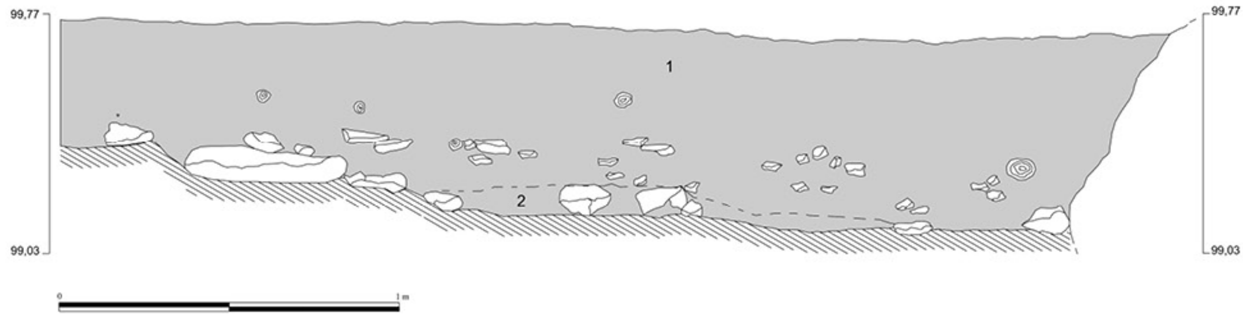


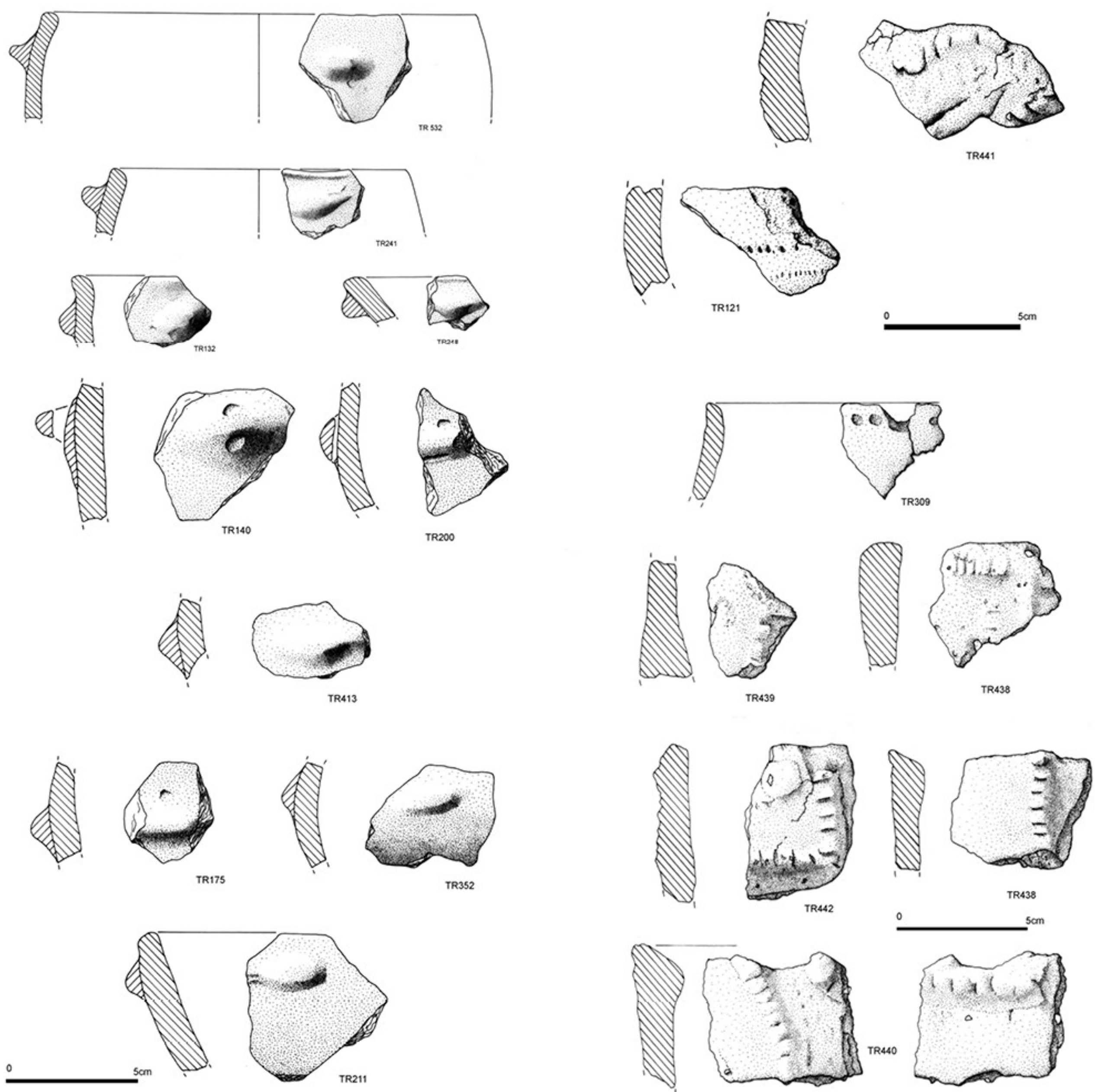
+ 116,44
+ 115,49
+ 121,36
+ 119,99
+ 114,49
C
+122,48
+ 194,94
+ 122,44
B
+ 117,97
+ 118,35
+ 116,42

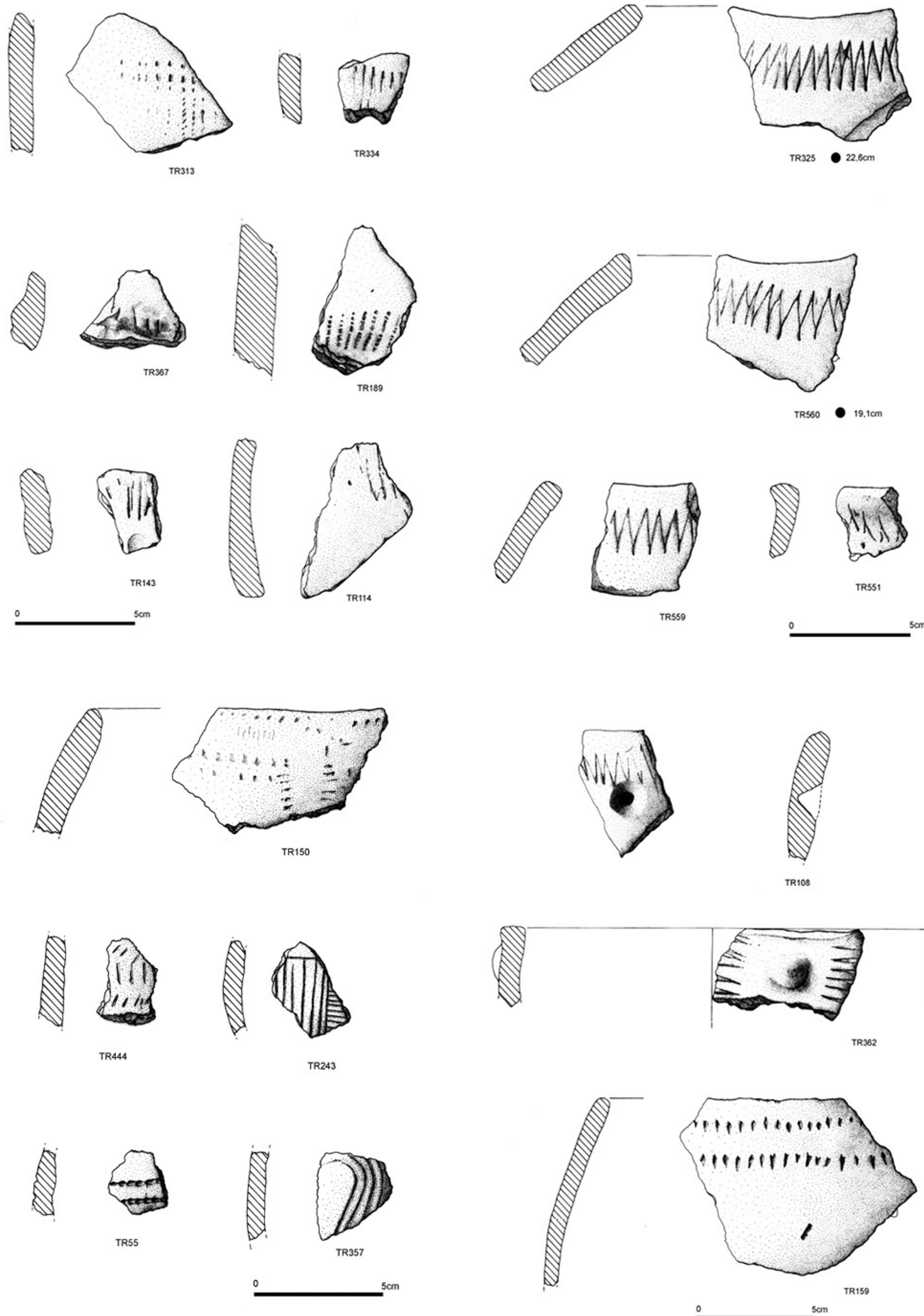

COUDELARIA DE ALTER
HABITAT DA PORTA DO TEMPO
+ 123,70
+127,90
+ 123,53
A
+ 120,44
126.84
+119,47
+ 122,45
+ 117,3
Porta do Tempo
+117,83
+118,43
+ 117,32
+ 114,38
+ 113,87
A - *Locus* 1
B - Toca da Raposa
C - *Locus* 2
0
20 m


Coudelaria de Alter
Habitat da Porta do Tempo
Locus da Toca da Raposa
N
0
1 m

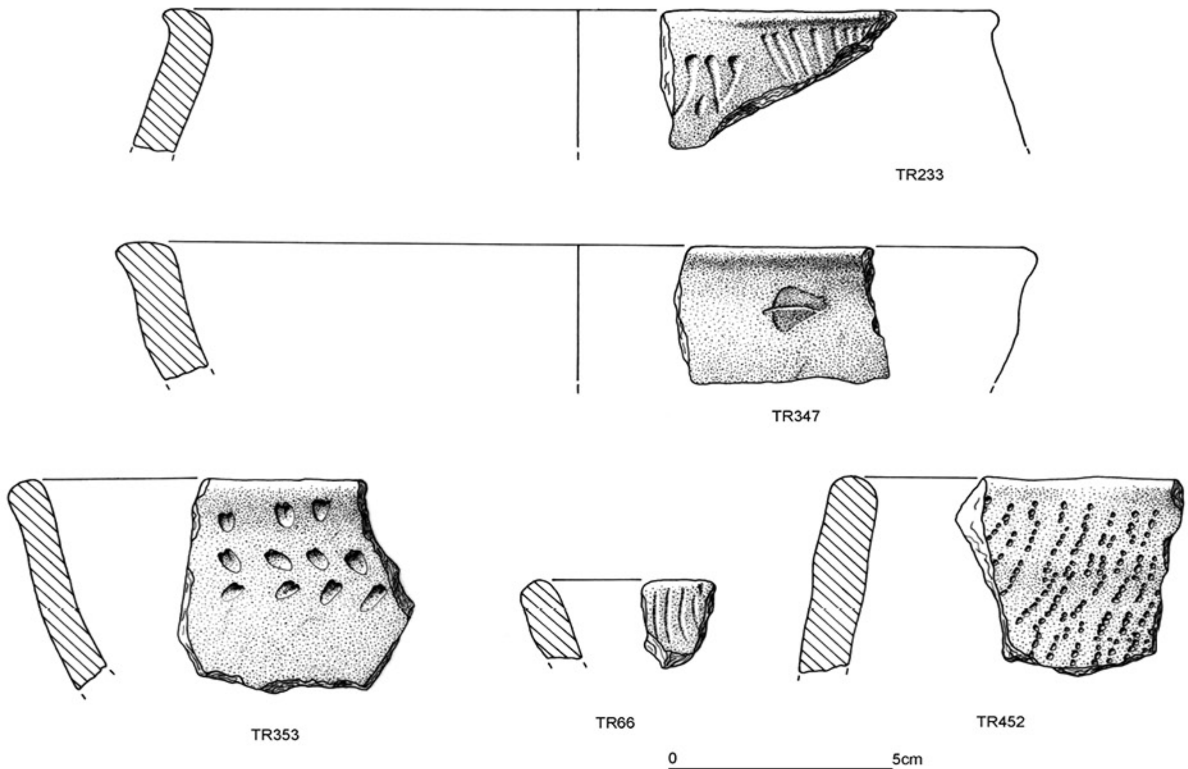
COUDELARIA DE ALTER
TOCA DA RAPOSA
Quadrados O9 e P9
CORTE OESTE

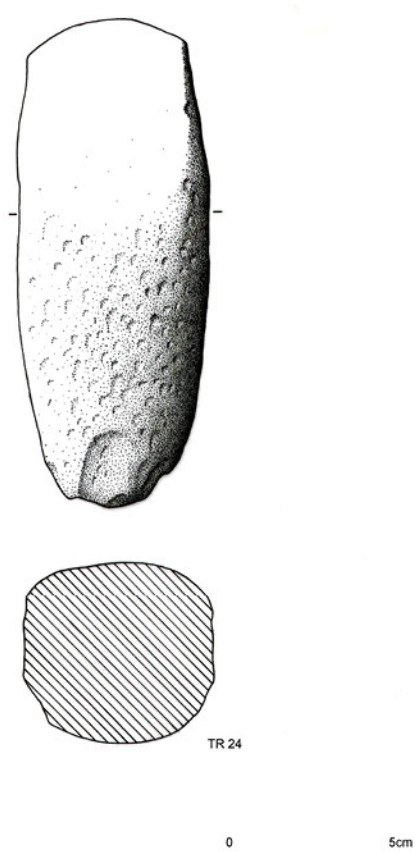


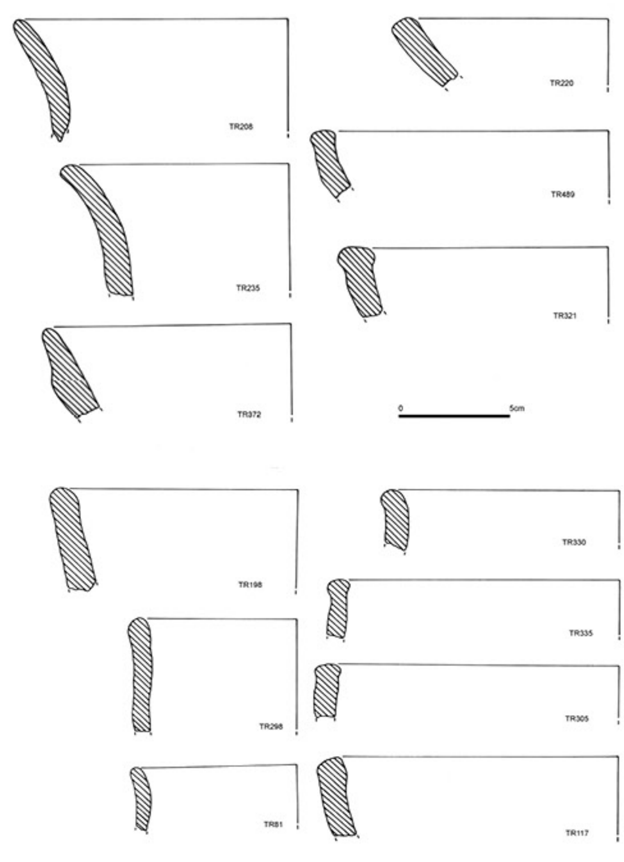


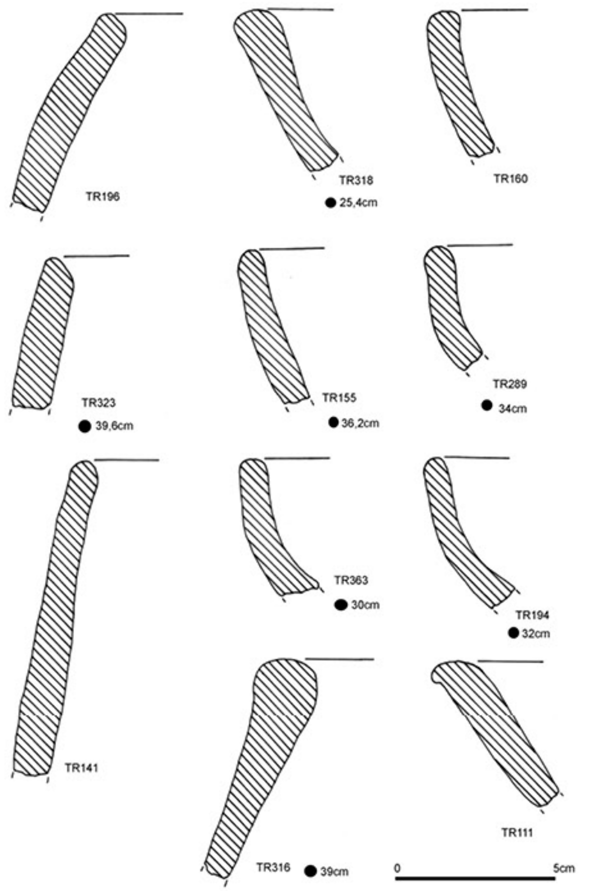


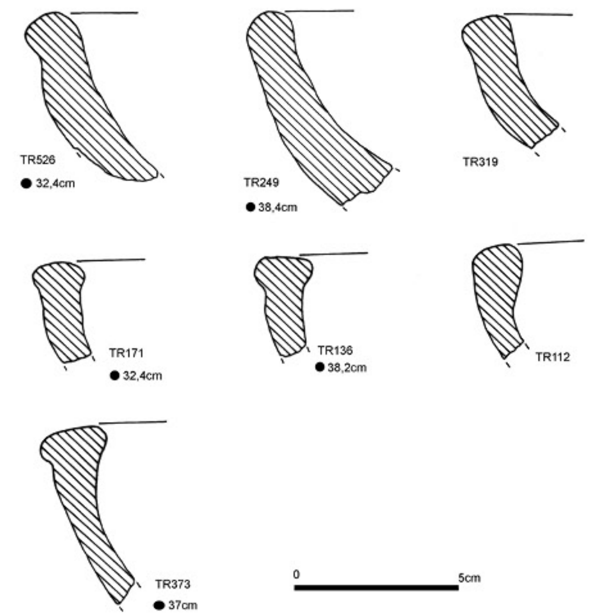
MATERIAIS DA TOCA DA RAPOSA

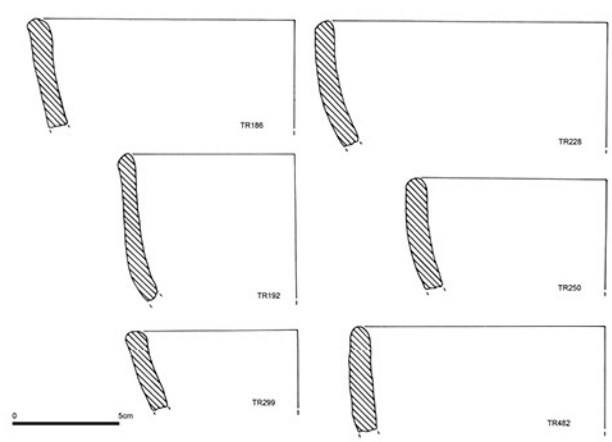

TR233
TR347
TR353
TR66
TR452
0
5cm

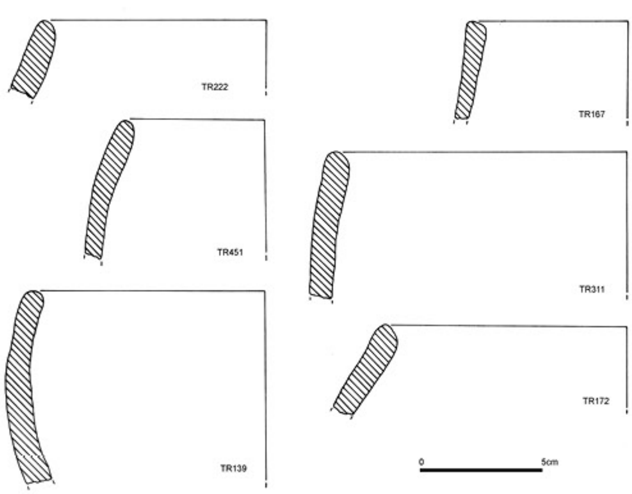

TR 24
0
5cm

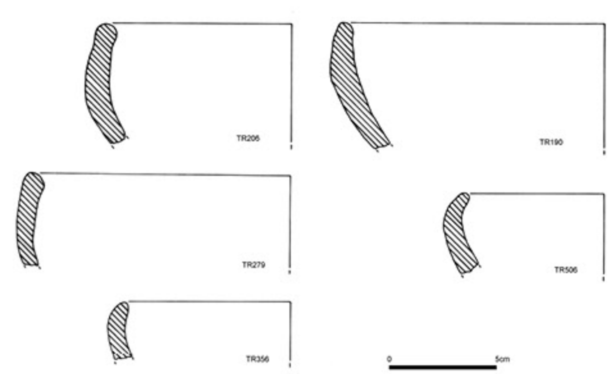

TR208
TR220
TR489
TR235
TR321
TR372
0
5cm
TR198
TR330
TR335
TR298
TR305
TR81
TR117
0
5cm

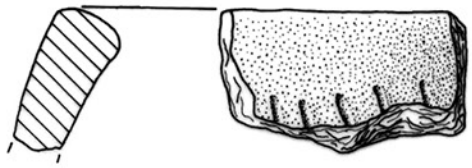

TR196
TR318
● 25,4cm
TR160
TR323
● 39,6cm
TR155
● 36,2cm
TR289
● 34cm
TR363
● 30cm
TR194
● 32cm
TR141
TR316 ● 39cm
TR111
0
5cm


TR526
● 32,4cm
TR249
● 38,4cm
TR319
TR171
● 32,4cm
TR136
● 38,2cm
TR112
TR373
● 37cm
0
5cm

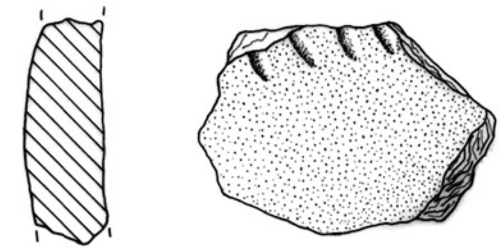

TR186
TR228
TR192
TR250
TR299
TR482
0
5cm


TR222
TR167
TR451
TR311
TR139
TR172
0
5cm

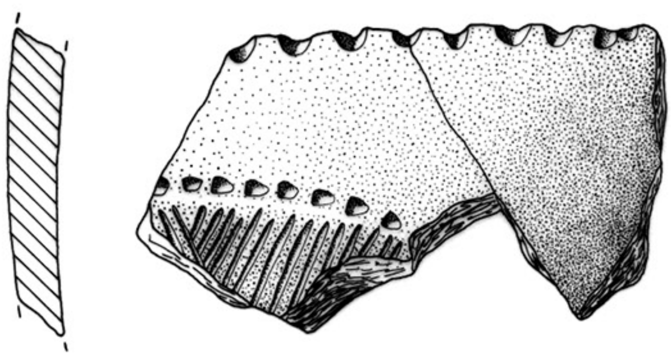

TR206
TR190
TR279
TR506
TR356
0
5cm



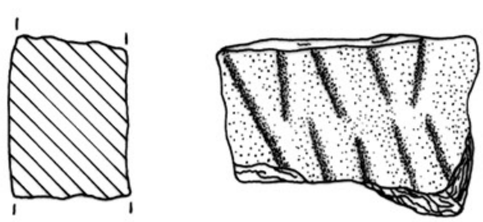
TR176



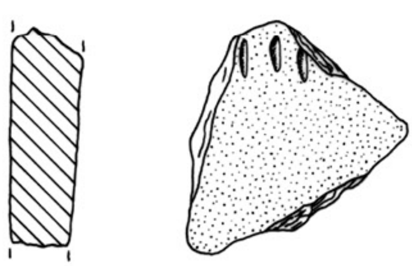
TR230



TR109



TR303

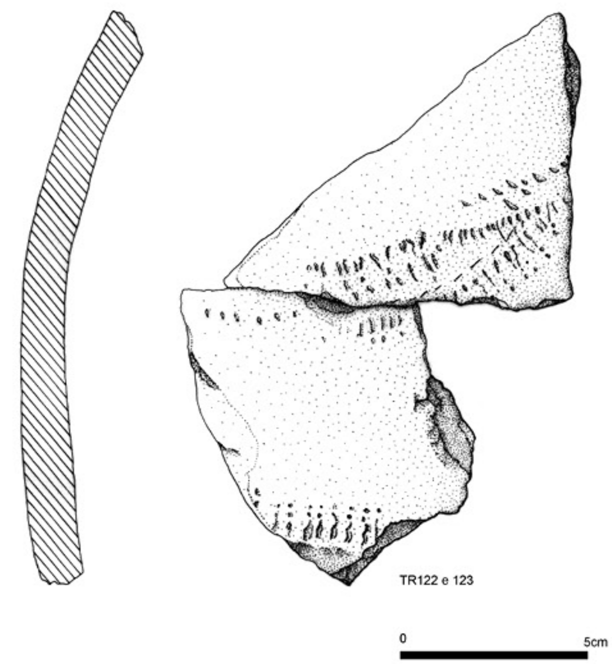


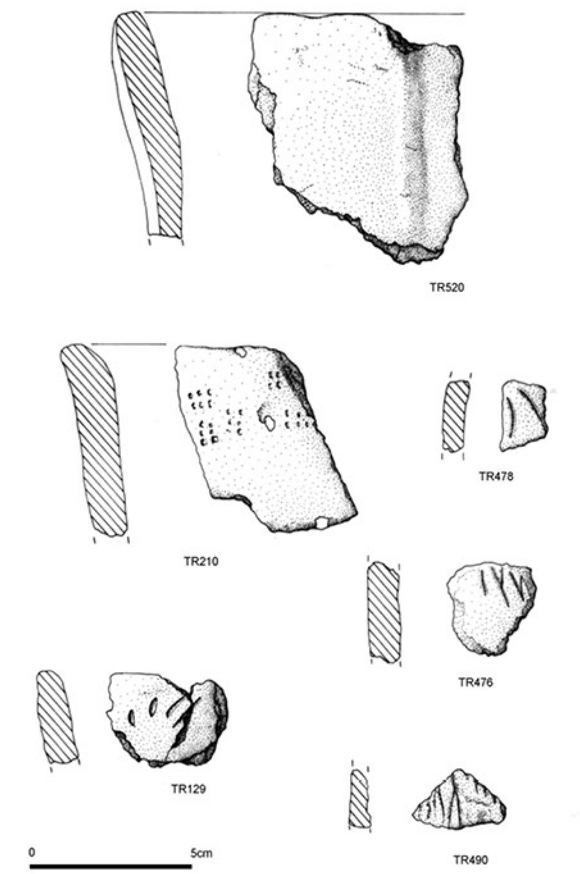
TR151

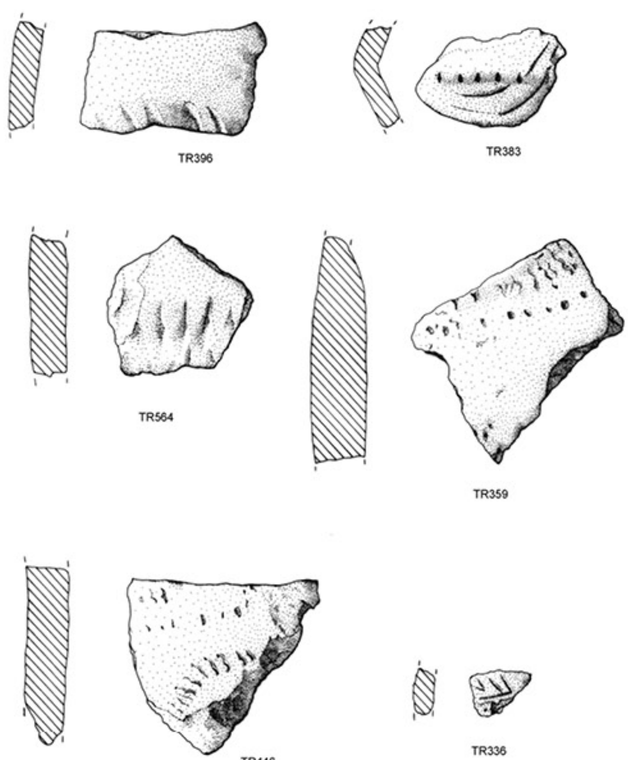


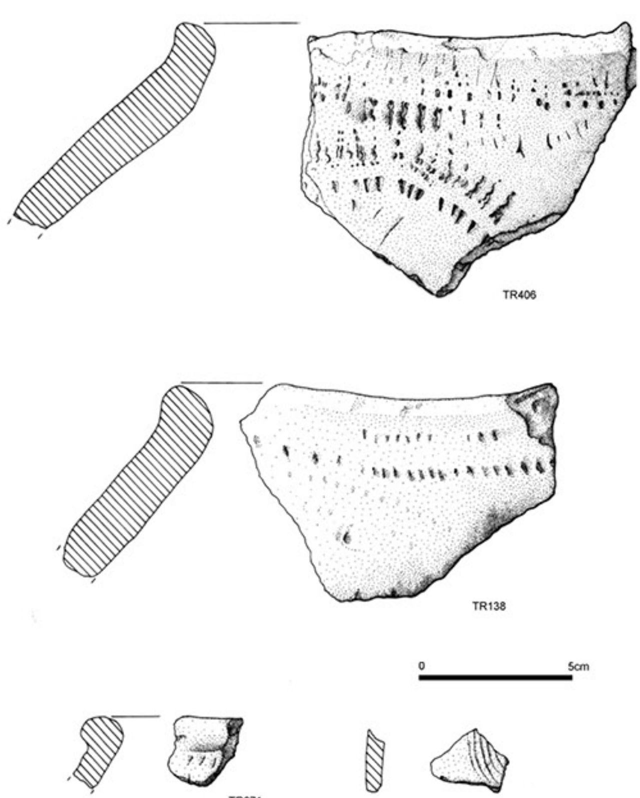
TR324

0 5cm

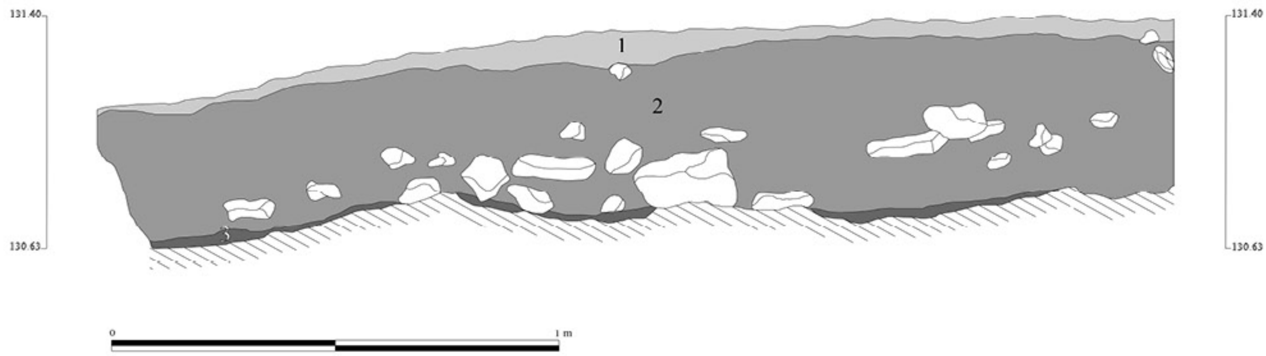

TR122 e 123
0
5cm

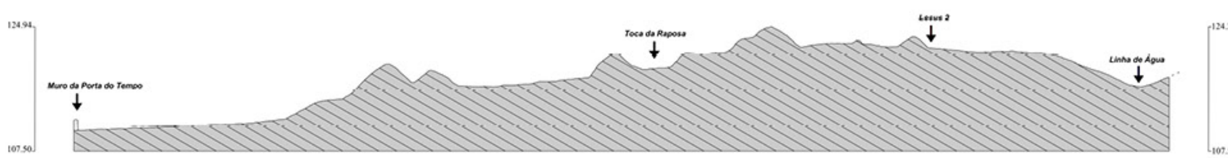

TR520
TR210
TR478
TR476
TR129
TR490
0
5cm


TR396
TR383
TR564
TR359
TR446
TR336
0
5cm


TR406
TR138
0
5cm
TR271

COUDELARIA DE ALTER
LOCUS 2
Quadrados K8 e K9
CORTE NORTE

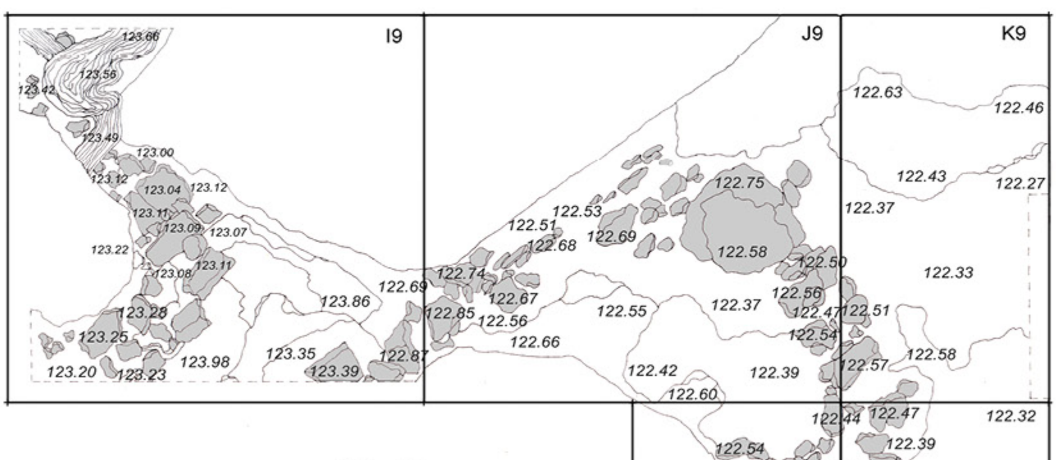




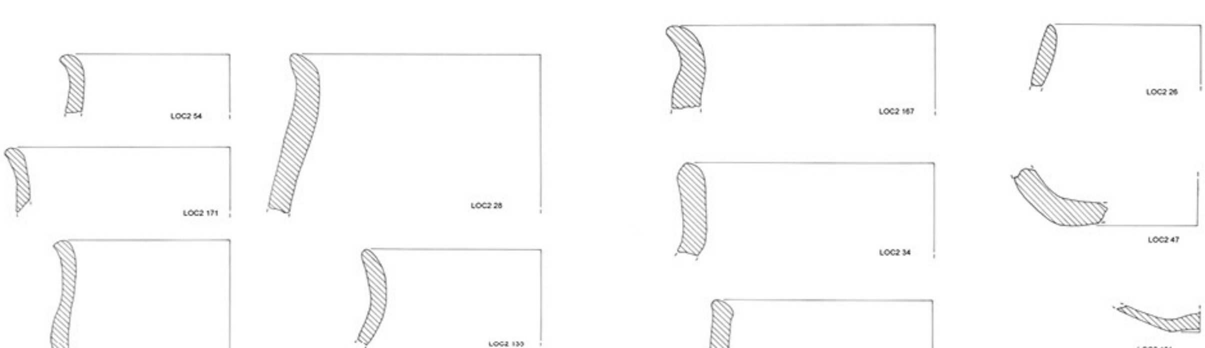
Porta do Tempo
Coudelaria de Alter
Corte topográfico W/E

0 10 m

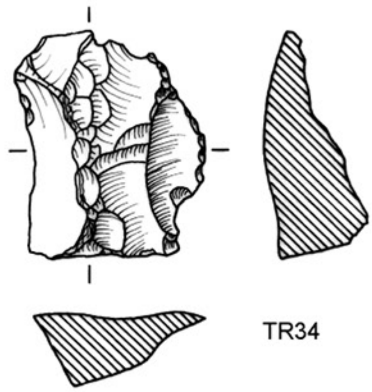
Este



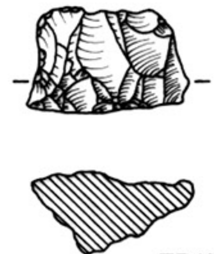
COUDELARIA DE ALTER - PORTA DO TEMPO
LOCUS 2



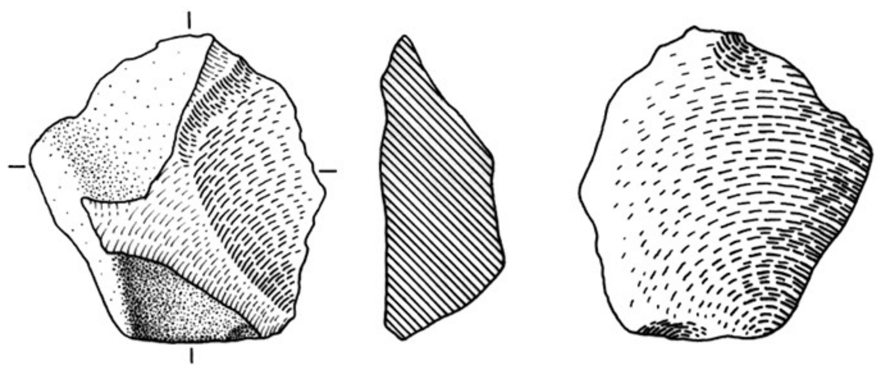
MATERIAIS DO *LOCUS* 2



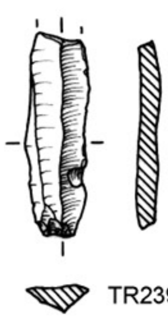
TR34



TR493



TR41



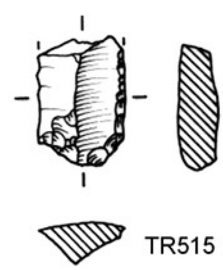
TR239



TR106

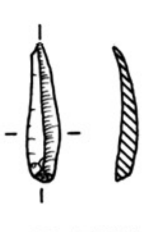


TR450

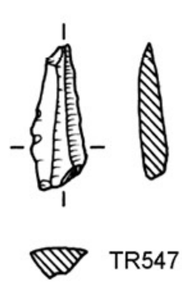


TR515

0 5cm



TR27



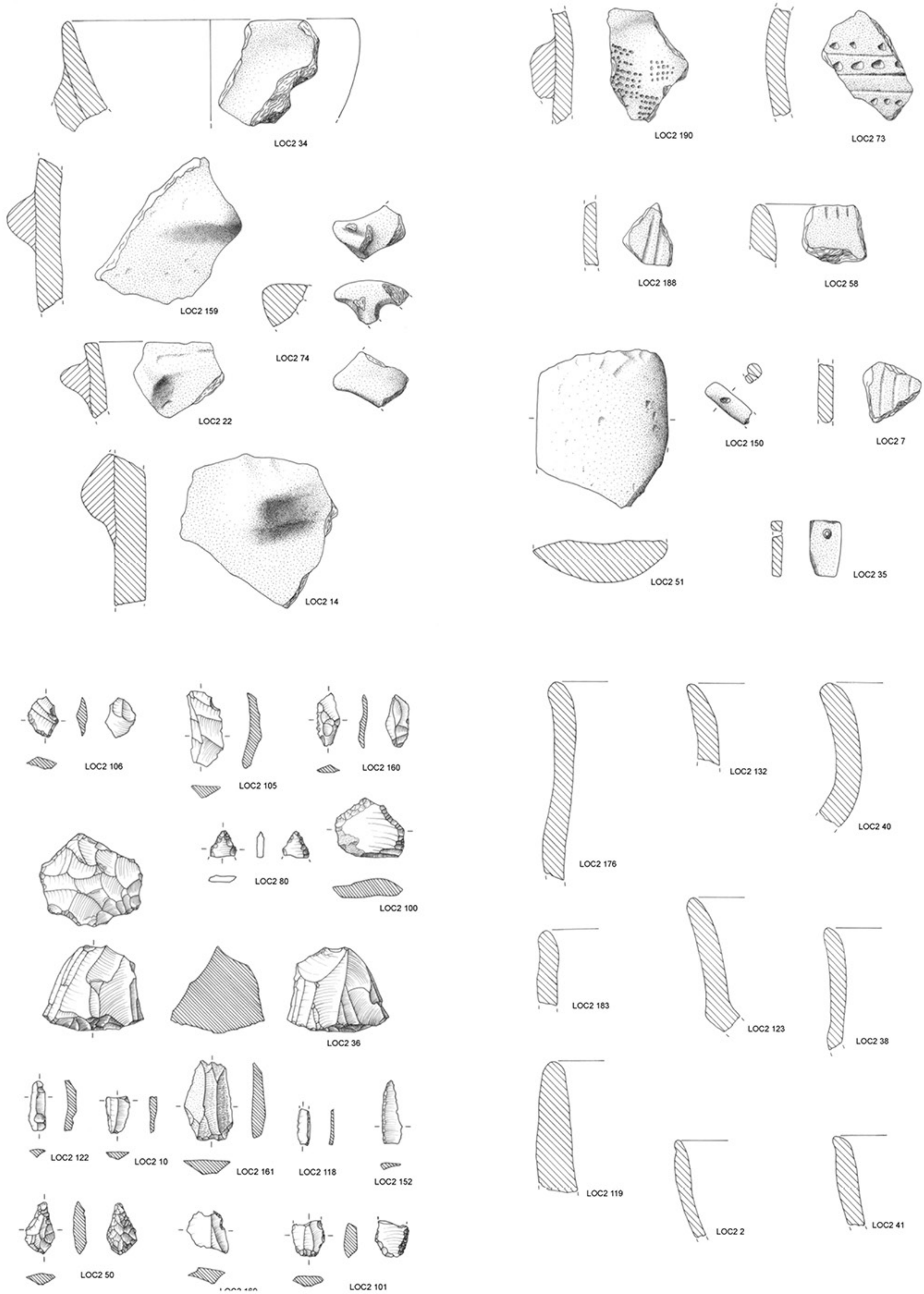
TR547



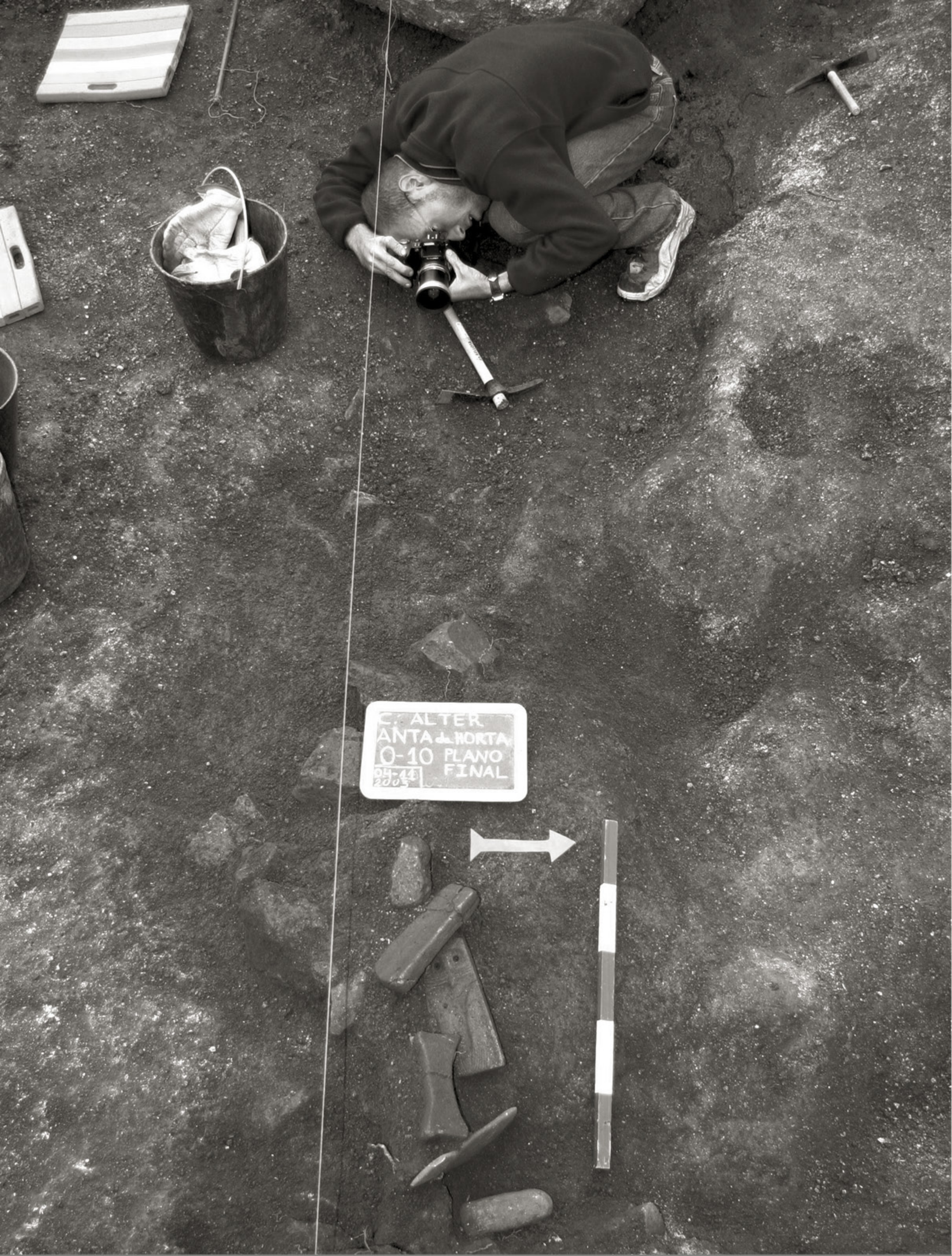
TR238



TR240



MATERIAIS DO *LOCUS* 2


C. ALTER
ANTA da HORTA
O-10 PLANO
FINAL

2.4. ANTA DA HORTA

Os trabalhos desenvolvidos na Anta da Horta decorreram em duas fases. A primeira, durante a qual apenas se procedeu à limpeza do coberto vegetal, decorreu na segunda quinzena de Setembro de 2001. A segunda, durante a qual se procedeu à escavação e reabilitação do monumento, entre Novembro de 2003 e Janeiro de 2004.
Esta anta situa-se na área da Coudelaria de Alter, numa das poucas zonas onde se denotam alterações morfológicas dos solos decorrentes de práticas hortícolas. A zona onde se situa esta anta foi uma das últimas a ser incorporada na área da Coudelaria, o que ocorreu durante o segundo quartel do século XX. Até essa data, a área envolvente da Anta da Horta fazia parte das hortas da povoação do Reguengo.
A pendente natural do solo foi regularizada, dando lugar a taludes com mais de um metro de altura, separando patamares artificiais de terra muito humosa. A câmara da Anta da Horta situa-se na orla de um desses patamares, tendo a face poente da mamoa sido totalmente destruída.
Antes de iniciados os trabalhos, podiam-se observar dois esteios da câmara ainda de pé e dois tombados. Na zona onde se situaria o corredor, apenas era possível identificar um provável fragmento de esteio. Entre a câmara e o corredor, erguia-se uma grande e vetusta oliveira. Na face interna dos esteios, que ainda se conservavam in situ*, identificámos o que teria sido um pequeno canil abandonado, haveria vários anos.*
A Anta da Horta possui as seguintes coordenadas obtidas por GPS:
Coordenadas UTM: X – 614119; Y – 4342691.
Coordenadas geográficas: 07º 40´ 40.7´´ W; 039º 13´ 31.3´´ N.

2.4.1. ESCAVAÇÃO DO MONUMENTO

A cotagem geral utilizada na escavação foi estabelecida a partir da rede geral de altimetria da Coudelaria, transportada do ponto com a cota de 102,25 m, estabelecida na soleira da porta das denominadas Casas Altas.
Iniciámos os trabalhos com uma limpeza do coberto vegetal, em toda a área. Foi também realizado o levantamento gráfico e topográfico do monumento, bem como o desenho de um corte estratigráfico da mamoa, definido pelo talude já existente que a atravessa no sentido NW/SE. Para esse efeito, o talude foi regularizado e limpo.
Para possibilitar a intervenção na zona do corredor, foi removida uma oliveira, que aí se situava. De segui-

da, foram erguidos e reimplantados os dois ortóstatos tombados, de modo a possibilitar a escavação no interior da câmara, local onde se encontravam caídos.
Concluídos estes trabalhos, procedeu-se à marcação de uma rede de quadrículas, organizadas a partir de dois eixos ortogonais, orientados, respectivamente, nos sentidos Sul-Norte e Oeste-Este, magnéticos. A partir destes eixos estabeleceu-se uma rede de quadrículas de 2 X 2 metros de lado, que cobriu toda a área a intervencionar. As quadrículas foram denominadas por um sistema alfanumérico.
Inicialmente, foram marcadas para escavação as quadrículas L-10, L-11, L-12, M-10, M-11, M-12 e N-10. Posteriormente, esta área foi alargada para as quadrículas M-09, N-09, N-11, O-09, O-10, O-11, P-09, P-10, P-11 e Q-10, consoante as necessidades colocadas pelo avanço dos trabalhos.
Os trabalhos de escavação iniciaram-se na zona da câmara, prosseguindo, posteriormente, para o corredor.

2.4.1.1. ESCAVAÇÃO DA CÂMARA

Na câmara, iniciaram-se os trabalhos com decapagens sucessivas na totalidade do espaço, com excepção da quadrícula L 10, que só foi escavada no final da campanha. Foi tomada esta opção para se manter um registo estratigráfico e, sobretudo, para não retirar sustentabilidade ao esteio que aí se encontra.
Analisando a sequência da estratigrafia, podemos concluir que:
O primeiro nível de terra, muito humosa, apresentava-se muito solta onde ocorriam materiais pré-históricos misturados com fragmentos de cerâmica romana de construção, medievais e modernos. Este nível prolongava-se, em média, até 15 cm de profundidade.
Terminada esta camada de terras soltas, identificou-se uma segunda camada com terras mais compactadas, mantendo-se, contudo, os sinais de revolvimentos. Estas terras tinham uma potência que rondava os 10 cm. Neste nível, registou-se a presença de algum material ósseo, tendo a sua escavação sido efectuada pela Equipa de Antropologia da Universidade de Évora. Foram identificados quatro conjuntos de material ósseo, maioritariamente, em conexão. Estes conjuntos foram nomeados por Enterramento 1, Enterramento 2, Enterramento 3 e Enterramento 4, por ordem da sua identificação. Alguns dos ossos destes enterramentos são de animais, mas encontram-se associados a ossos humanos, como crânios, falanges e ossos longos. Aguarda-se, ainda, o relatório dessa equipa. A estes conjuntos estavam associados dois ídolos-placa, uma conta de colar e fragmentos de taças de cerâmica lisa. Embora este nível apresentasse terras muito estabilizadas, nalguns locais continuaram a detectar-se materiais romanos e medievais, o que indicia profundas violações, ocorridas em várias épocas, no espaço definido pela câmara.
Já muito perto da rocha de base, foram identificadas algumas lajes em xisto, que aparentavam estar *in situ*, principalmente em L 10, na zona encostada aos esteios ainda de pé. Pelo posicionamento destas lajes, poderemos deduzir que, originalmente, a câmara do monumento teria sido totalmente revestida por lajes de xisto. Estas lajes assentavam sobre uma fina camada de argila muito compactada, que regularizava o solão granítico. Na restante área da câmara, onde não se verificava a existência das referidas lajes, foi detectada esta camada de argila, imediatamente aci-

ma da rocha. Neste nível, foram identificados diversos fragmentos de cerâmica lisa, mas muito rolados.
Na sequência da escavação da câmara, foi possível identificar os alvéolos de implantação dos esteios tombados e fracturados. Em quatro deles, foram identificados fragmentos de esteios associados com material cerâmico, igualmente muito fracturado.
Vários elementos de mó manual, maioritariamente dormentes, encontravam-se no interior dos alvéolos.
À semelhança do que ocorre noutros dólmenes do Norte alentejano, também estes elementos de mó apresentavam sinais de fractura intencional.
No alvéolo da quadrícula M 10, na entrada da câmara, foram identificados alguns fragmentos de faiança, imediatamente acima do solão de base.

2.4.1.2. **ESCAVAÇÃO DO CORREDOR**

Por à superfície não ser possível definir com rigor a posição e orientação do corredor do monumento, foi utilizada uma metodologia de avanço de escavação por quadrículas.
No decurso da escavação, apenas foram identificados quatro esteios, dois dos quais estavam tombados.
Na restante zona por onde se prolongaria o corredor, não foram identificados ortóstatos nem alvéolos de implantação.
No que se reporta à estratigrafia, notamos três realidades distintas:
Num primeiro nível, com uma potência média de 25 cm, ocorriam terras muito humosas com sinais de revolvimentos muito recentes, resultado dos sucessivos trabalhos de lavoura que aqui se efectuavam.
Neste nível, encontrámos uma grande variedade de materiais cerâmicos muito fracturados, atribuíveis a vários períodos, desde a pré-história até ao século XX.
No segundo nível, com uma potência média de 30 cm, identificaram-se terras de cor castanho-escura, pouco compactadas, com a presença de pedras de pequeno e médio calibre. Neste nível, registou-se, com especial incidência na zona central do espaço onde se desenvolveria o corredor e junto dos locais onde se situariam os esteios, um grande número de materiais, com poucos sinais de revolvimento. Este nível arqueológico, sobretudo próximo dos locais onde se situariam, originalmente, os esteios do corredor, emergia o nível arqueológico inferior.
O terceiro nível é constituído por terras muito compactadas e com bastante saibro e rocha desagregada misturados. Este nível, com uma potência variável entre os 5 e os 30 cm, encontra-se principalmente encostado aos locais onde estariam implantados os esteios. Foi neste nível, mas na zona onde se situaria a entrada do corredor, que se identificou um conjunto assinalável de materiais, aparentemente não remexidos. Um crânio humano com a face virada para o interior do monumento, sustentado na zona occipital por um calcâneo, apresentava-se rodeado por uma alargada panóplia de oferendas, composta por machados e enxós de pedra polida, ídolos-placa de xisto, micaxisto e arenito, cerâmicas carenadas, semiesféricas e esféricas, placas de arenito sem decoração mas com formas inéditas, lâminas e pontas de seta de sílex. Não foi possível identificar com precisão o posicionamento deste notável conjunto artefactual em relação à estrutura lítica do monumento. A ausência de esteios e alvéolos do corredor, nesta zona, não nos possibilitou perceber se a deposição deste espó-

lio ocorreu na zona inicial mas interna do corredor, se nalgum possível átrio à entrada do mesmo. Este depósito assentava sobre uma fina camada de argila que se unia ao solão de base.
Ao prolongarmos a escavação para Este, na quadrícula Q 10, identificámos apenas uma camada de terra com cerca de 30 cm e, imediatamente abaixo, a rocha. O espólio arqueológico aí identificado era formado por fragmentos cerâmicos que se inserem, cronologicamente, num vasto período de tempo pós-romano. Imediatamente acima da rocha, foram identificados alguns fragmentos de faiança e a própria rocha apresenta rasgos que parecem ter sido feitos por um arado. Isto leva-nos a identificar esta camada como sendo um nível de revolvimentos recentes provocados pelos trabalhos agrícolas efectuados no local.

2.4.1.3. ESCAVAÇÃO DA MAMOA

Para a compreensão da mamoa que envolve este monumento, foram efectuados trabalhos de limpeza e regularização do talude que a atravessa, no sentido NW/SE, que se rasga imediatamente a SW dos esteios da câmara.
Destes trabalhos, há que registar a existência de duas camadas de terra humosa, apenas diferenciadas pelas respectivas consistências. Estas duas camadas atingem uma profundidade de, sensivelmente, 50 cm. Por baixo destas, identificámos uma camada de terras mais claras e compactadas, que desaparece quando chega perto dos esteios. Aqui registámos, sensivelmente, às mesmas cotas, terras ligeiramente mais escuras, correspondentes aos enchimentos dos alvéolos.
Por baixo destas, ocorre uma fina camada, 15 cm em média, de terras misturadas com o estrato rochoso em desagregação.
De notar que não foram identificados anéis líticos ou qualquer outro tipo de contrafortagem pétrea, para além de calços de pequeno e médio calibre incorporados nos alvéolos do monumento. A implantação dos esteios foi obtida pela abertura de alvéolos no substrato rochoso, contrafortados por terras saibrentas e calços líticos de médio calibre, onde ocorrem dormentes fragmentados.

2.4.2. REABILITAÇÃO DO MONUMENTO

Concluída a escavação, procedeu-se, com o auxílio de uma máquina, à reimplantação dos esteios tombados. O interior do monumento foi preenchido com uma camada de pedra miúda, recolhida na área envolvente, sobre a qual se depositou a terra crivada extraída do seu interior. A restante área escavada voltou a ser preenchida com as terras. Na face poente da câmara funerária, no local onde se fez sentir com maior intensidade a abertura do talude e que colocava em perigo a estabilidade dos esteios da câmara, depositaram-se, com o auxílio de uma máquina, grandes blocos de pedra, o que possibilitou a estabilização do monumento, substituindo a mamoa já desaparecida. Por forma a evitar o crescimento de erva cobriu-se a área imediatamente envolvente do monumento com casca de pinheiro.


A excitação da descoberta !!


Vista geral do monumento antes do início dos trabalhos


Corte na mamoa


Escavação de vaso na câmara


Depósito funerário na câmara


Ninho de machados


Ninho de ídolos-placa


Vista geral da área escavada


Recolha de ídolo-placa



Interrogações sobre ídolos-placa



Identificação de ídolo-placa



Depósito votivo no corredor

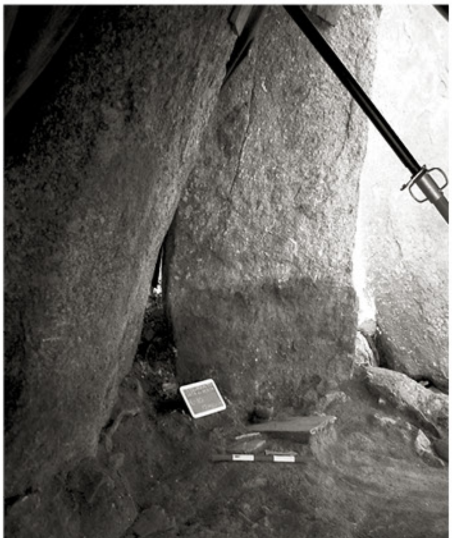


Desenho de ídolos-placa *in situ*

2.4.3. **HISTÓRIA DO MONUMENTO**

A Anta da Horta, situada a escassas dezenas de metros de um *habitat* e de um santuário com presença de materiais atribuíveis ao Neolítico antigo, dificilmente a poderemos desligar desse ambiente. Erguida durante o Neolítico, esta anta, de dimensões médias e provavelmente de corredor curto, acolheu no interior da sua câmara funerária diversos enterramentos, dos quais chegaram até nós testemunhos de, pelo menos, três deposições em conexão anatómica. Estamos seguros de que estas tumulações não correspondem à primeira fase de utilização do monumento. O piso de lajes de xisto que teria revestido, originalmente, toda a câmara funerária, encontrava-se destruído sob estes enterramentos, denunciando que estas tumulações terão destruído deposições anteriores. Os materiais que acompanhavam estas tumulações inscrevem-se, claramente, numa fase atribuível ao Neolítico pleno, onde ocorrem cerâmicas lisas e placas de xisto decoradas. Um fragmento de mandíbula de um destes enterramentos foi submetido a datação por radiocarbono, fornecendo a data de 3350 a 3020 Cal BC (dois sigmas) (Beta – 194313), o que se inscreve, plenamente, nos contextos do Neolítico final desta zona do Alentejo. A zona média do corredor, porque muito destruída, não nos possibilita qualquer tipo de compreensão. Contudo, num momento dos inícios do Calcolítico, se atendermos à presença de taças carenadas, ao fragmento de uma cabeça de alfinete em osso, canelada, e à presença de ídolos-placa em arenito, com decoração em relevo, o monumento volta a ser visitado e objecto de deposição e oferendas. Provavelmente, nesse momento, é removido um crânio e um calcâneo do interior do monumento, em torno do qual são colocadas as oferendas atrás referidas. Do calcâneo submetido a datação, obteve-se a data de 2800 a 2760 Cal BC (dois sigmas) (Beta – 194312), o que nos parece ser uma data demasiado recuada, relativamente aos materiais que se lhe encontravam associados. Levantamos, portanto, a hipótese de, nos inícios do Calcolítico, durante algum ritual de culto aos antepassados, um crânio e um calcâneo para o sustentar terão sido removidos, provavelmente do interior da câmara e ao seu redor foram depositadas diversas oferendas.

À semelhança do que ocorreu na Anta da Soalheira, durante o domínio romano ou em fase imediatamente posterior, também este monumento deverá ter servido de abrigo. Justificam esta afirmação a presença de fragmentos de cerâmica romana de construção, identificados em terras de revolvimento no interior da câmara. Durante a Idade Moderna e até ao século XX, a Anta da Horta continua a ser revisitada. Num destes momentos, terão sido arrancados os esteios do corredor e escavada grande parte do interior da câmara, o que provocou o abatimento interno dos esteios. Numa destas alturas de reutilização da anta, alguns esteios e o chapéu terão sido partidos para qualquer construção. Testemunham esta afirmação as diversas marcas de cunhas para corte de pedra evidentes em dois fragmentos de esteios da câmara. A face poente da mamoa sofreu profunda destruição durante a preparação dos solos envolventes para práticas hortícolas. A última fase de utilização da Anta da Horta terá sido para abrigo de um canídeo. Fragmentos de uma corrente de ferro ainda atada ao tronco da oliveira que aí se erguia e um pequeno alguidar esmaltado e a parte inferior de uma panela de cerâmica indiciam esta última utilização da Anta da Horta.



Lajeado junto aos esteios



Ídolos-placa *in situ*



Escavação de ninho de ídolos-placa



Ninho de ídolos



Outro ninho de ídolos-placa



Reabilitação da anta



Olhos de Deusa

Anta da Horta, após a recuperação



Reimplantação de esteio

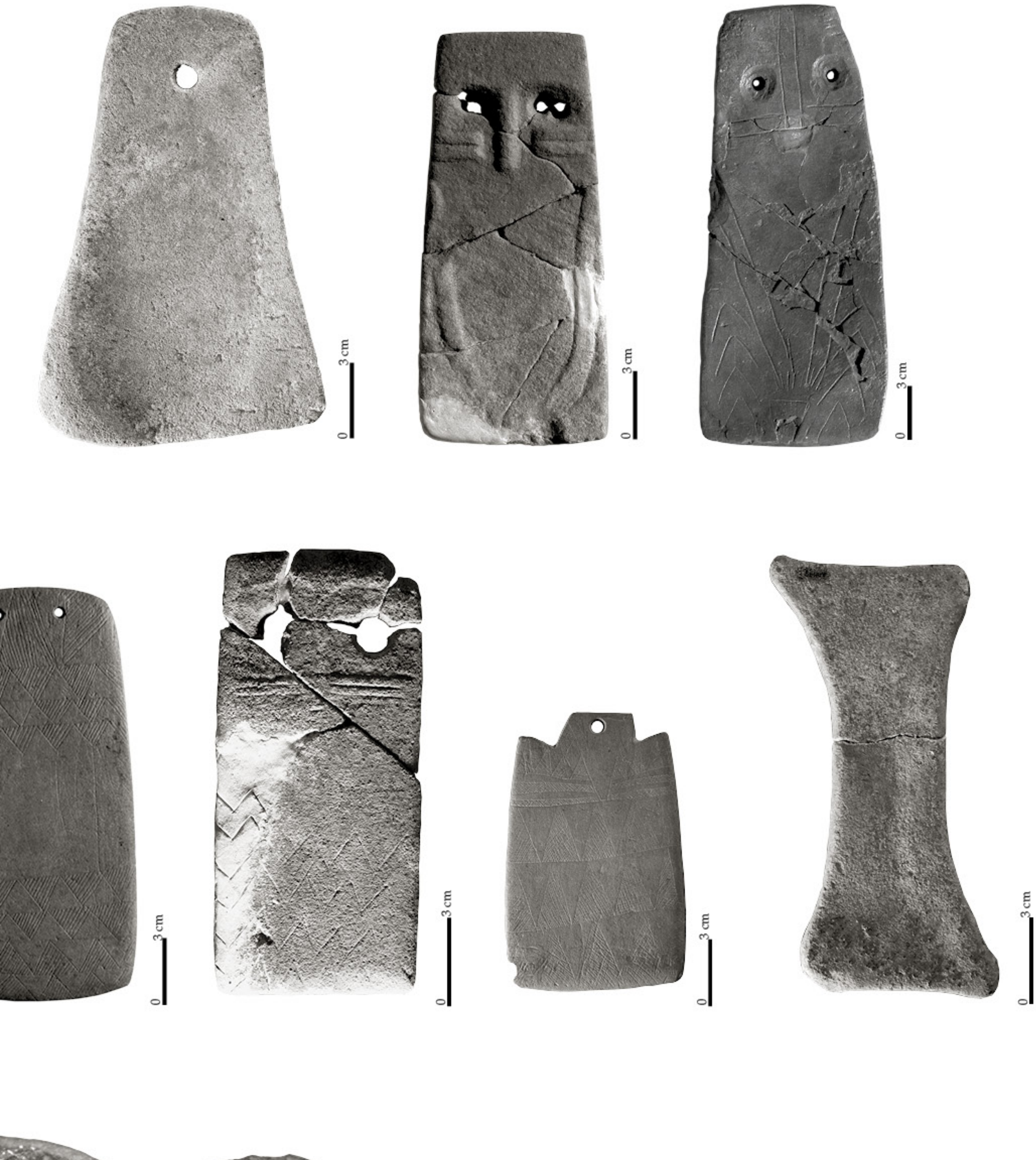


Reabilitação da anta





Anta da Horta

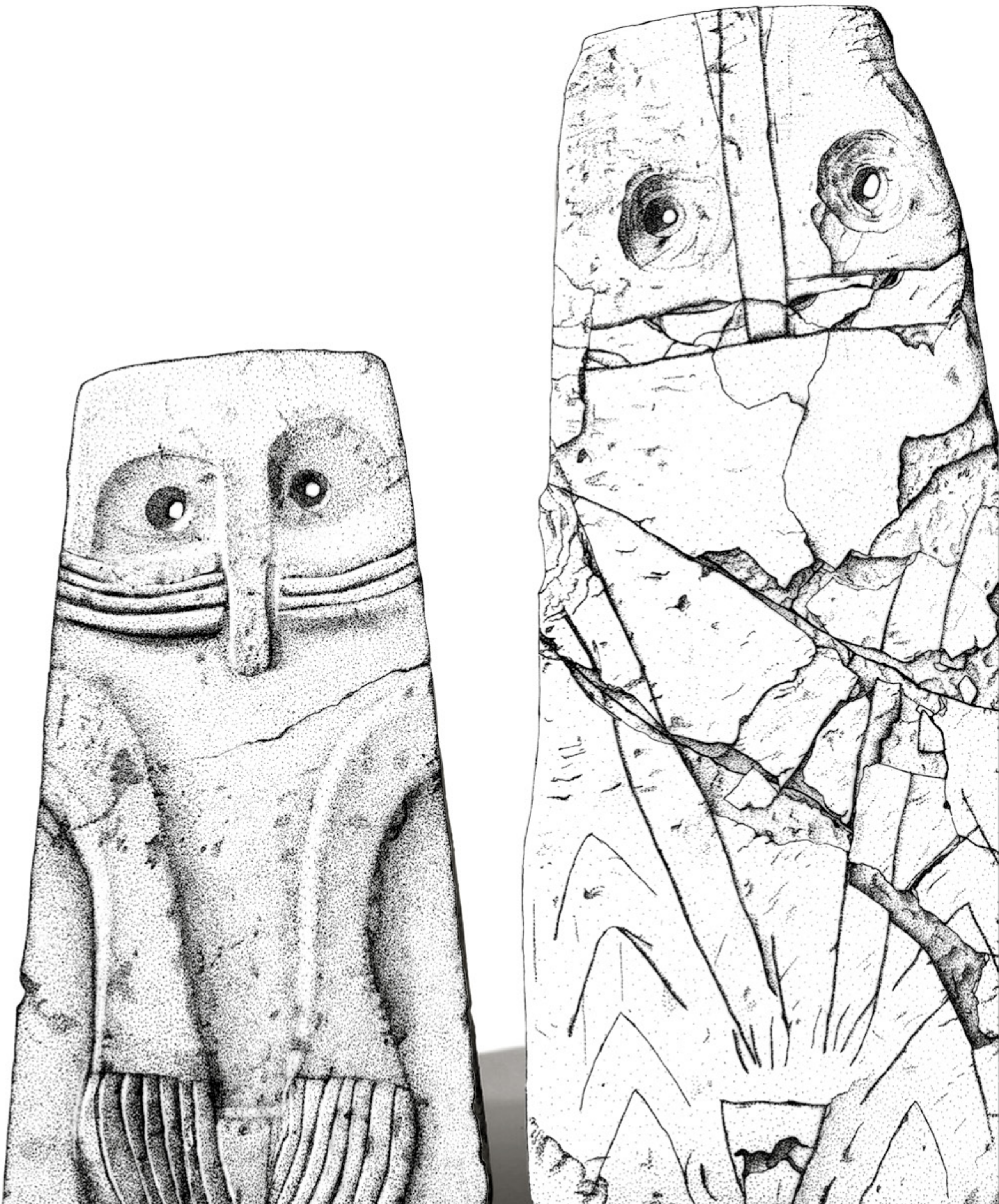


0
3 cm
0
3 cm
0
3 cm
0
3 cm
0
3 cm
0
3 cm
0
3 cm

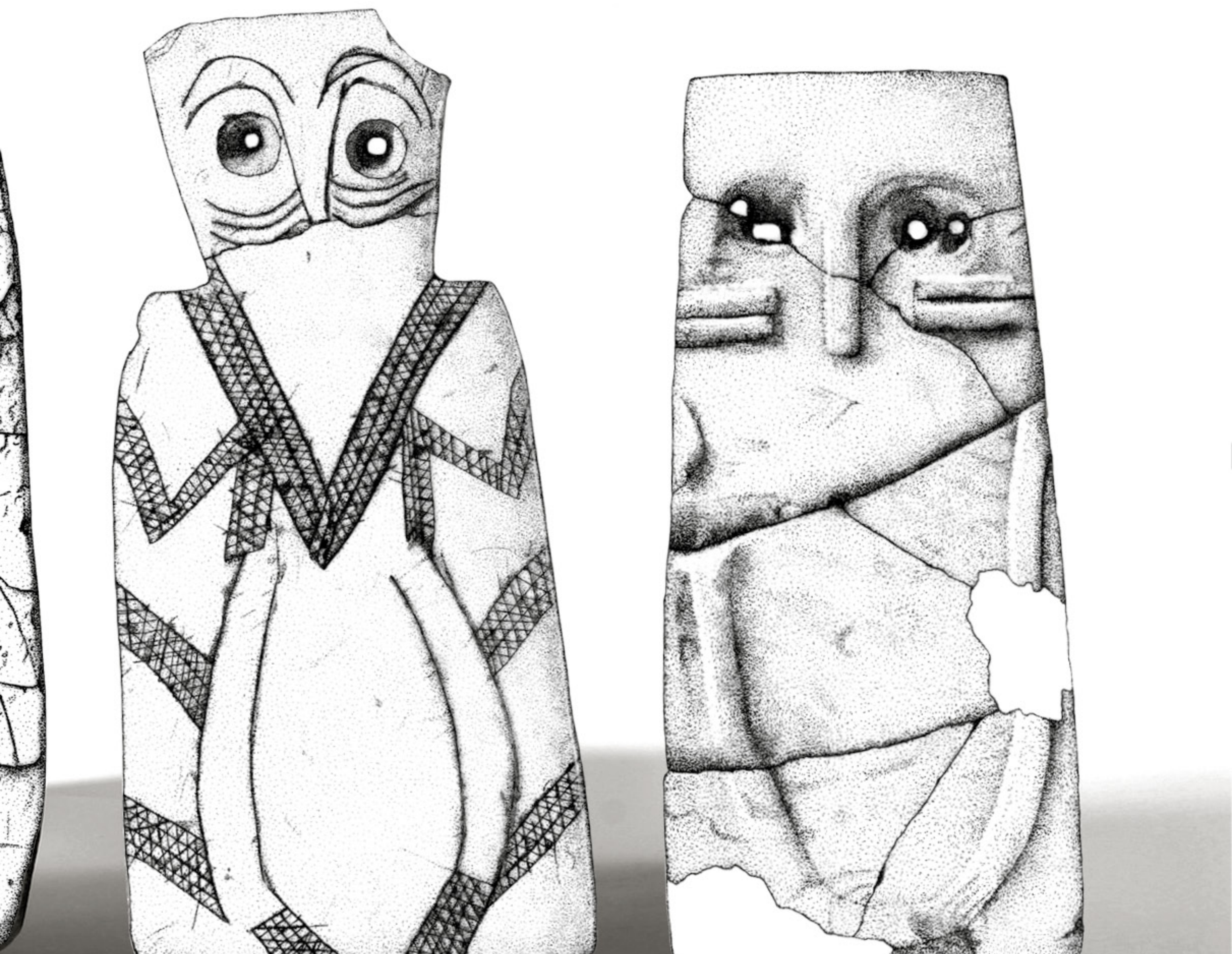


Anta da Horta



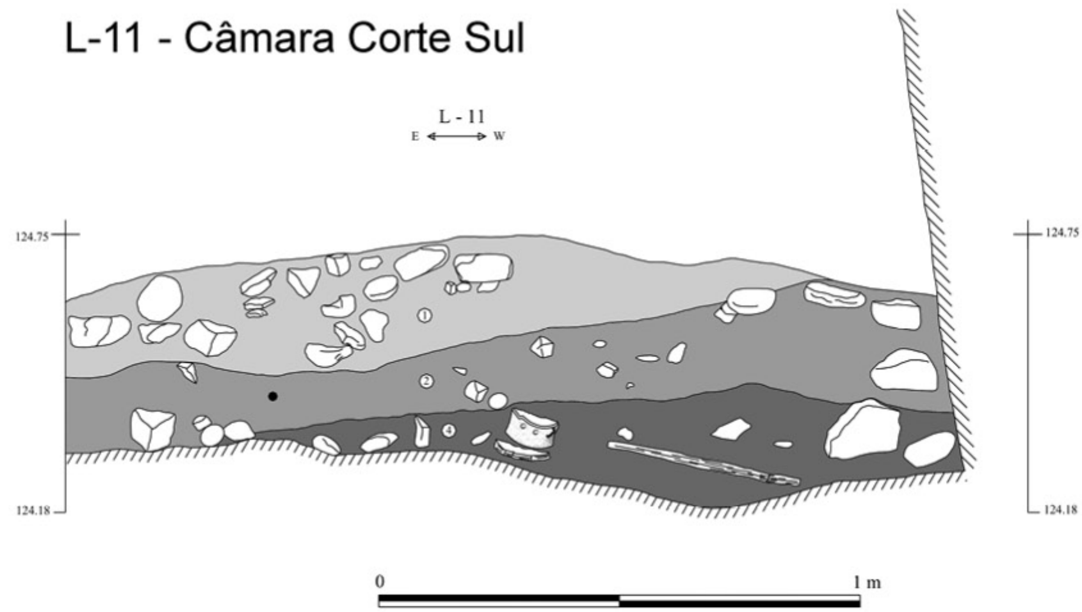


MATERIAIS DA ANTA DA HORTA

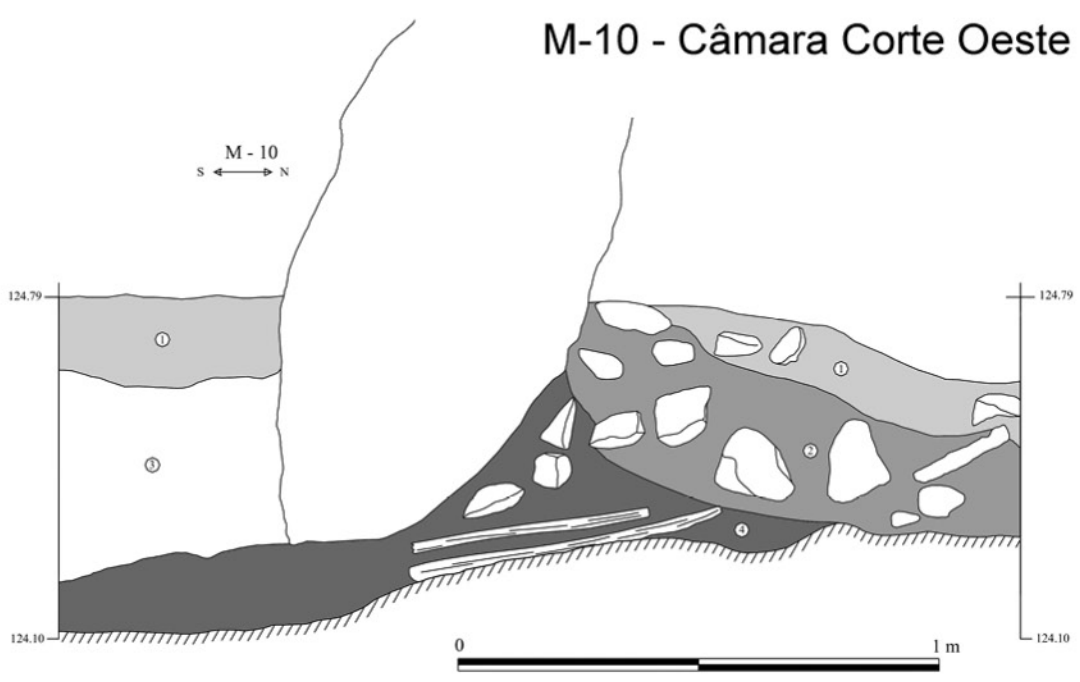


COUDELARIA DE ALTER
ANTA DA HORTA - CÂMARA

L-11 - Câmara Corte Sul

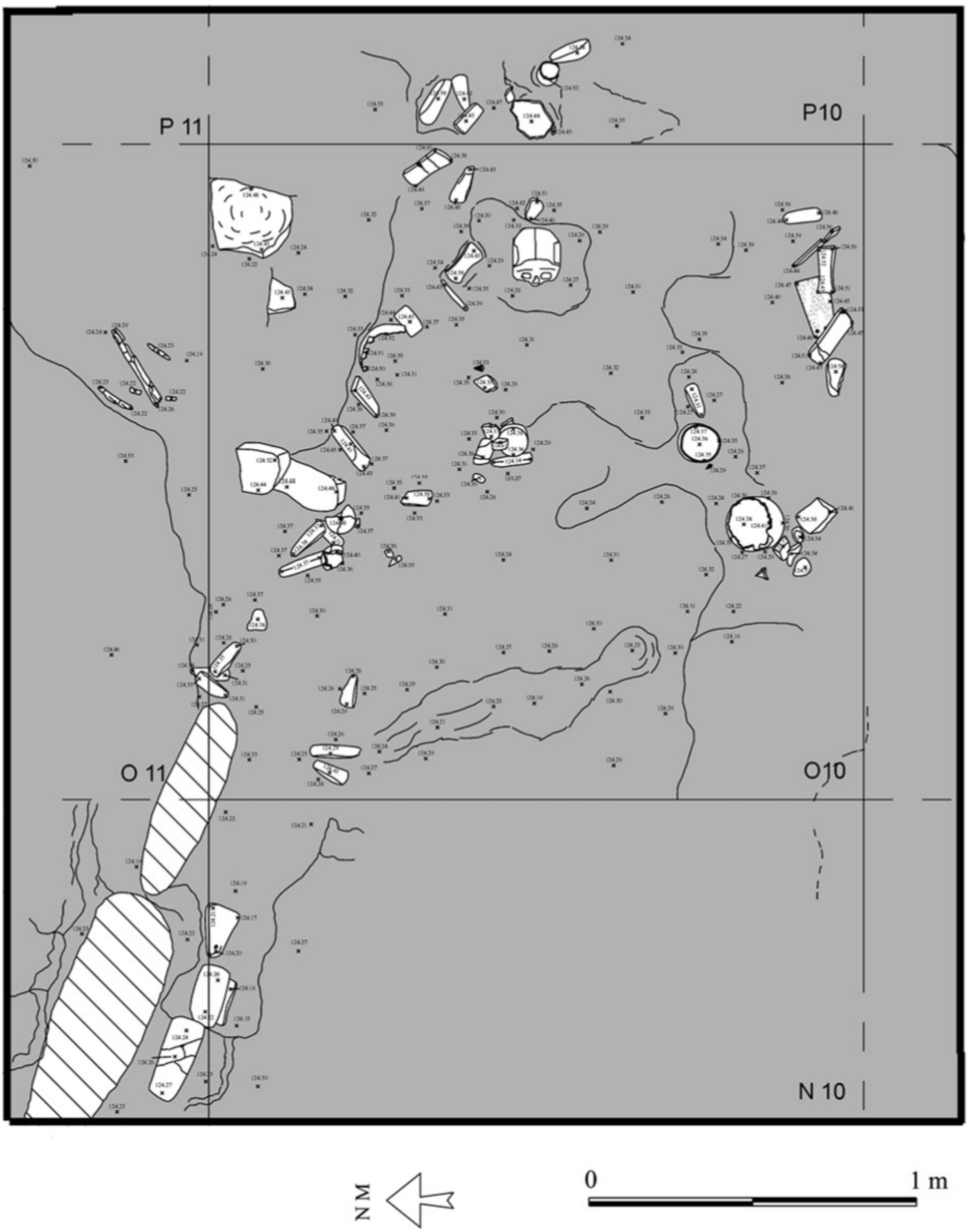


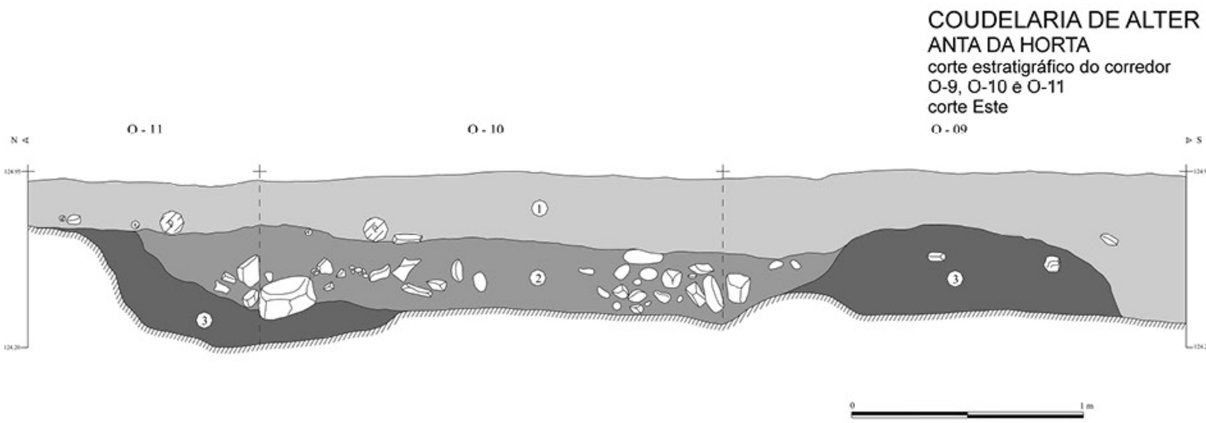
M-10 - Câmara Corte Oeste

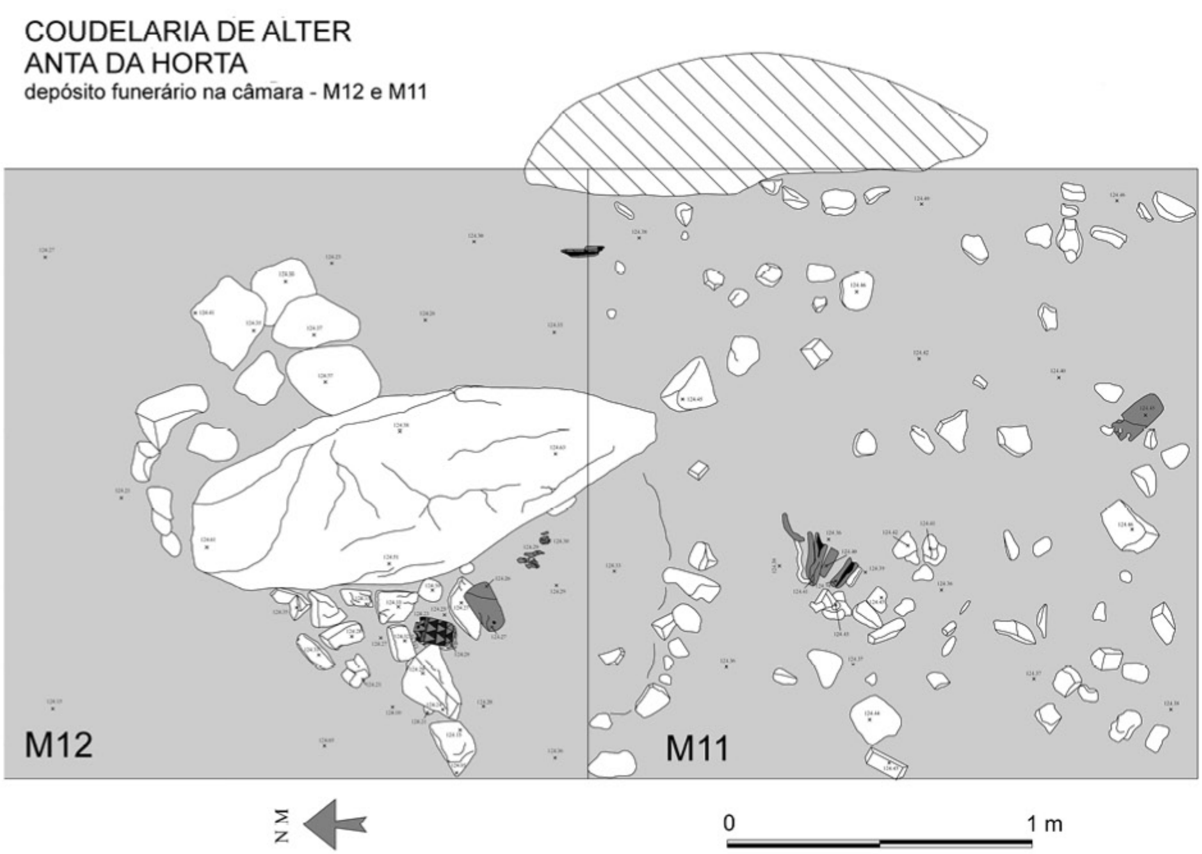


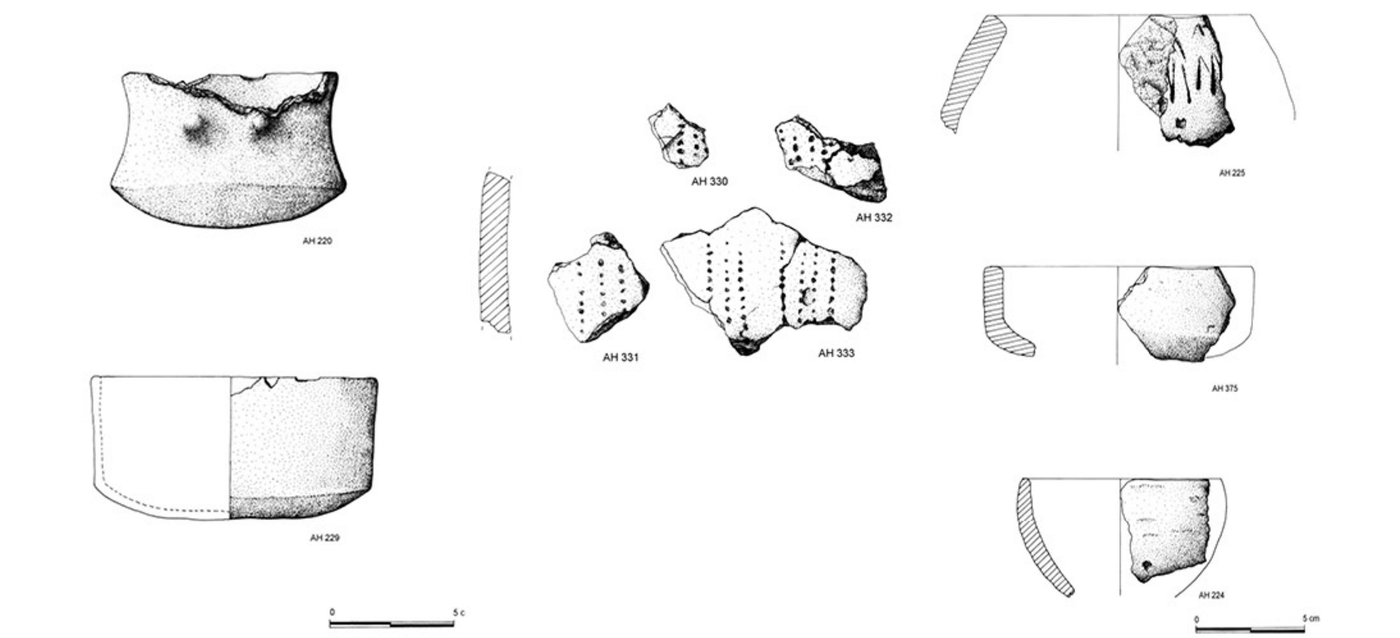

COUDELARIA DE ALTER
ANTA DA HORTA
ÁREA ESCAVADA
L
M
N
O
P
Q
12
11
10
9
N.M.
0
2 m

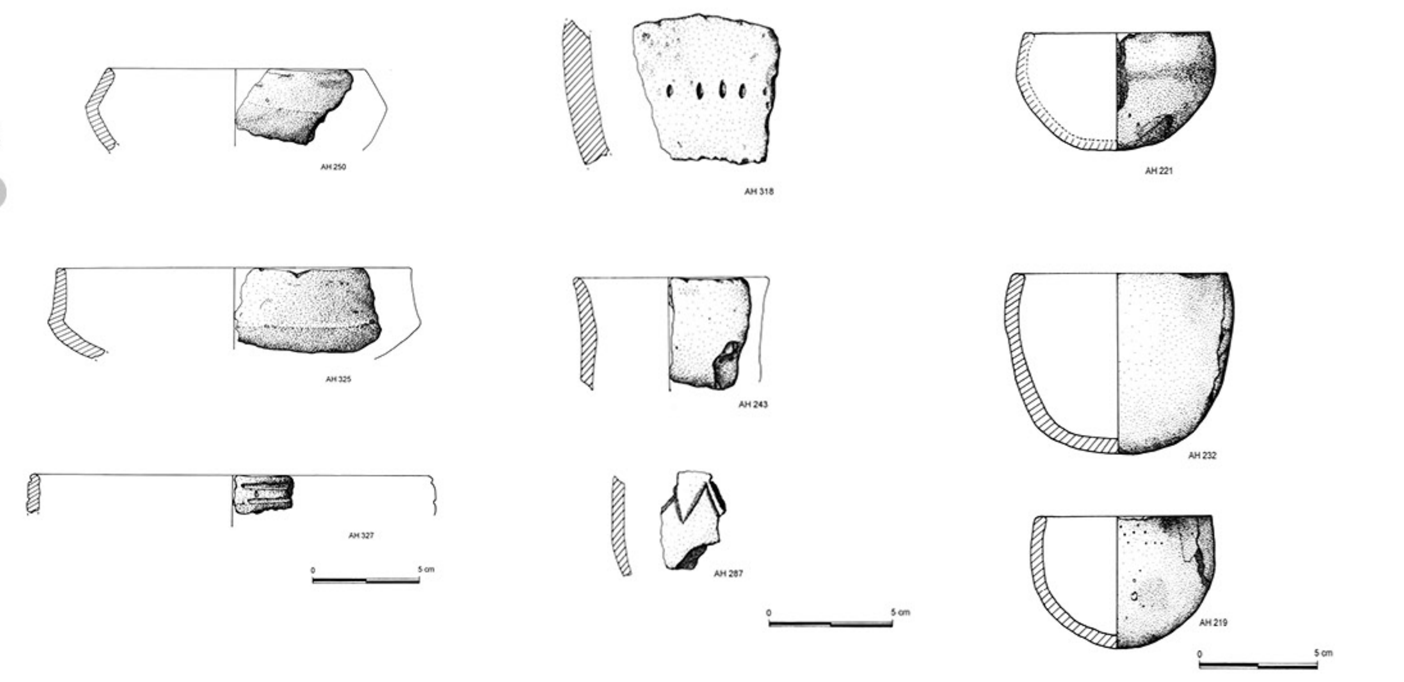
COUDELARIA DE ALTER
ANTA DA HORTA
depósito votivo em O 10



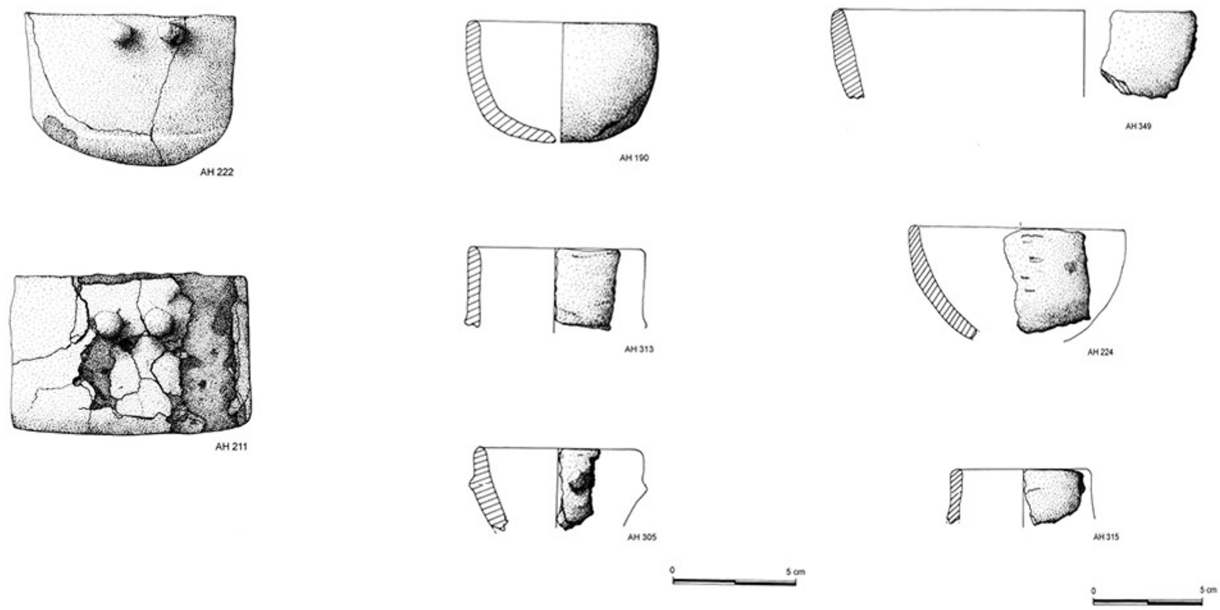

COUDELARIA DE ALTER
ANTA DA HORTA
corte estratigráfico do corredor
O-9, O-10 e O-11
corte Este
O - 11
O - 10
O - 09
0
1 m

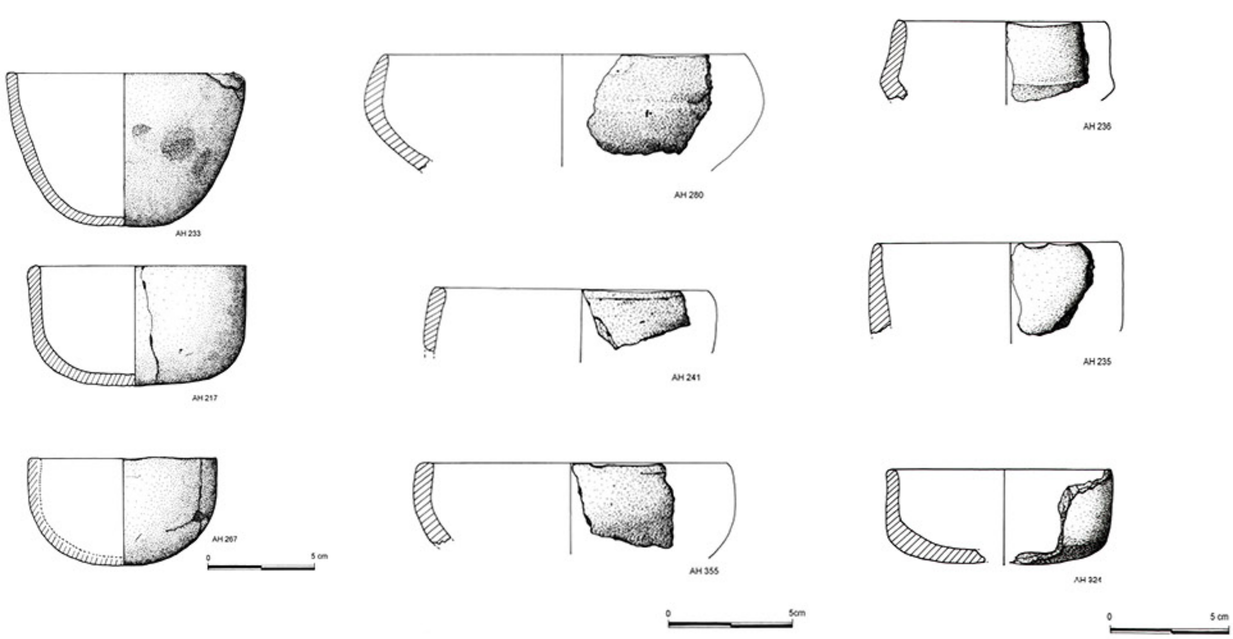

COUDELARIA DE ALTER
ANTA DA HORTA
depósito funerário na câmara - M12 e M11
M12
M11
NM
0
1 m

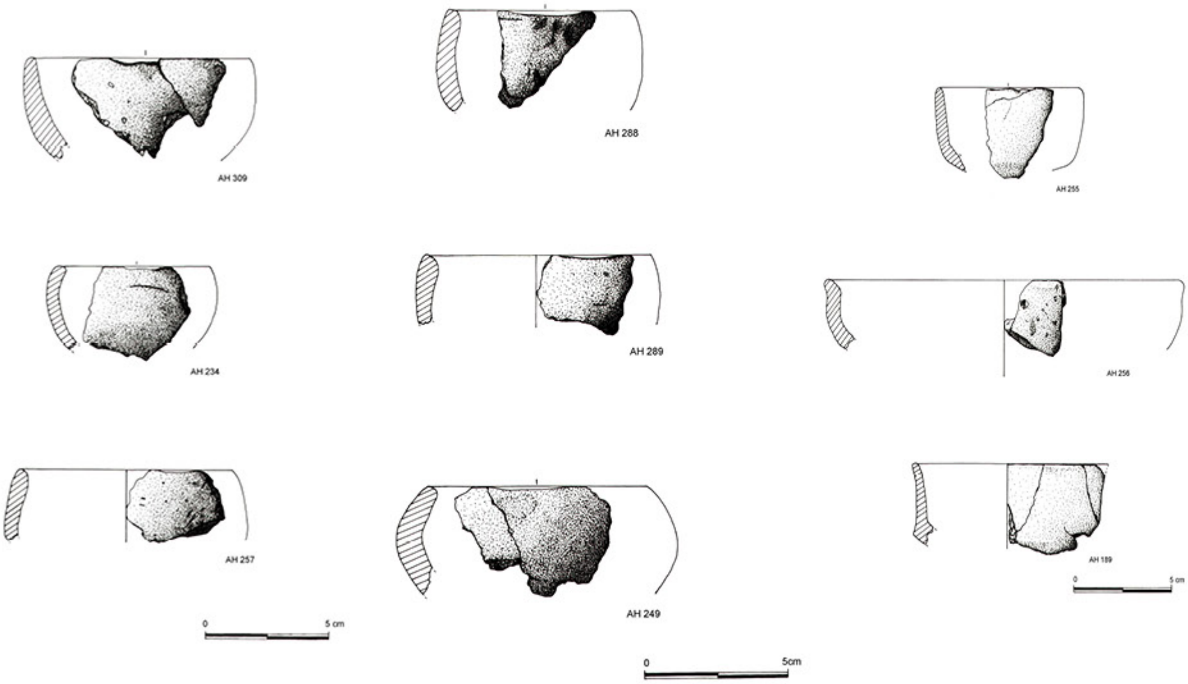


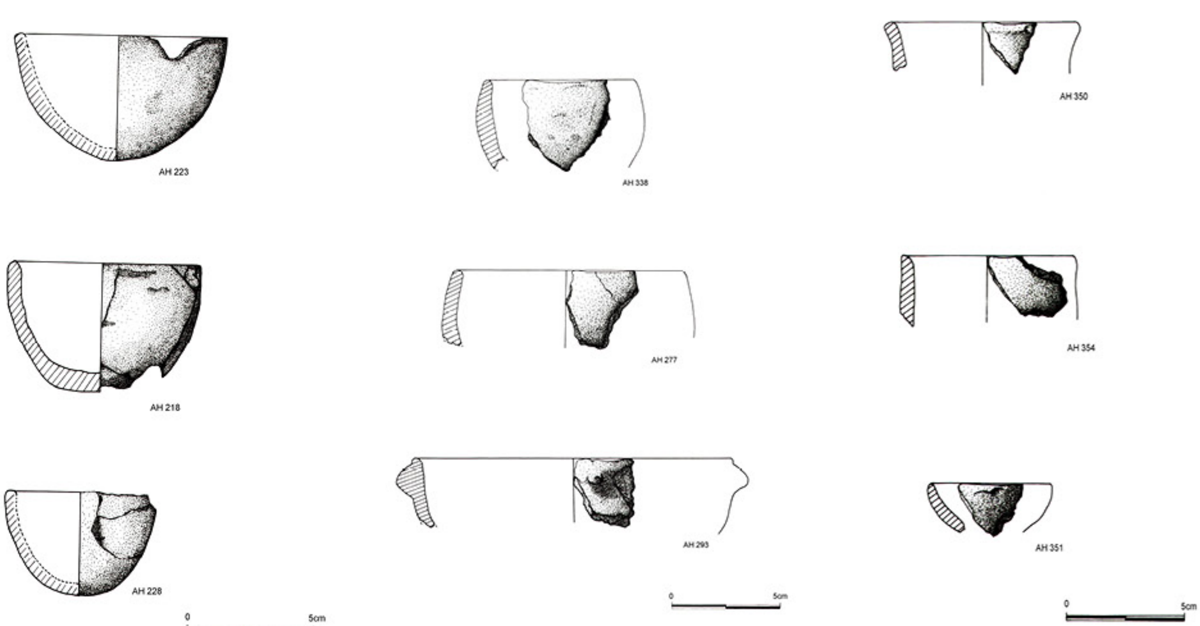


MATERIAIS DA ANTA DA HORTA

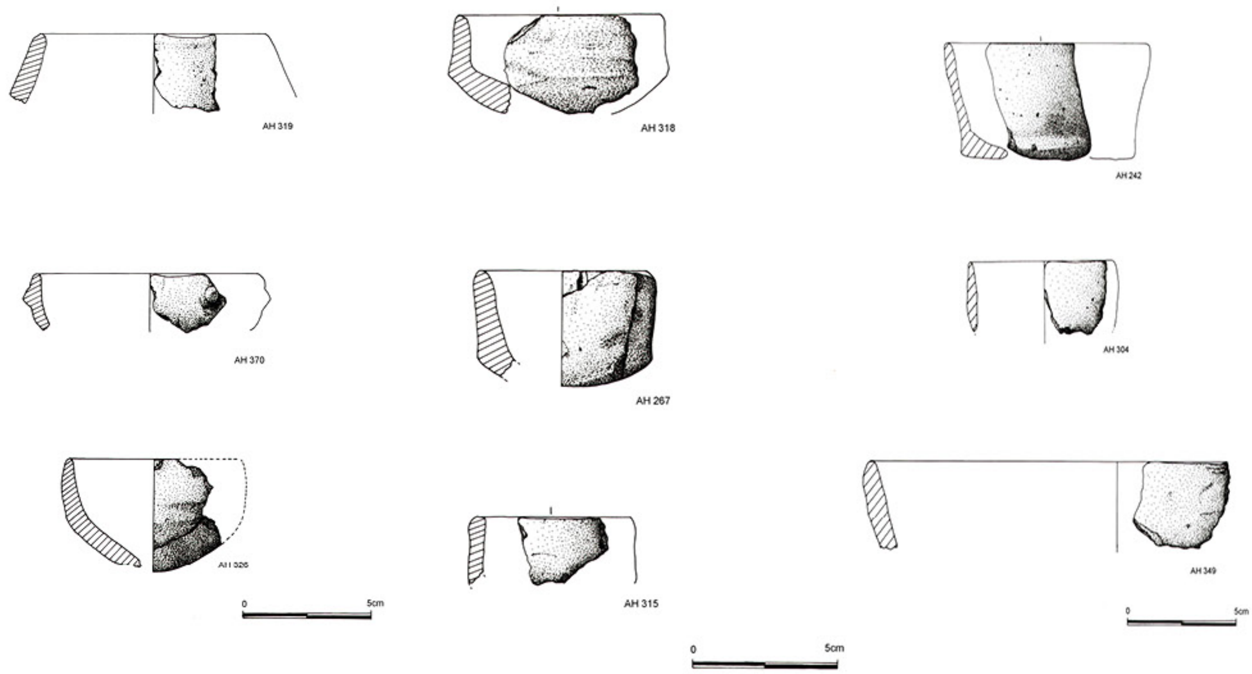

AH 222
AH 190
AH 349
AH 211
AH 313
AH 224
AH 305
AH 315
0
5 cm
0
5 cm

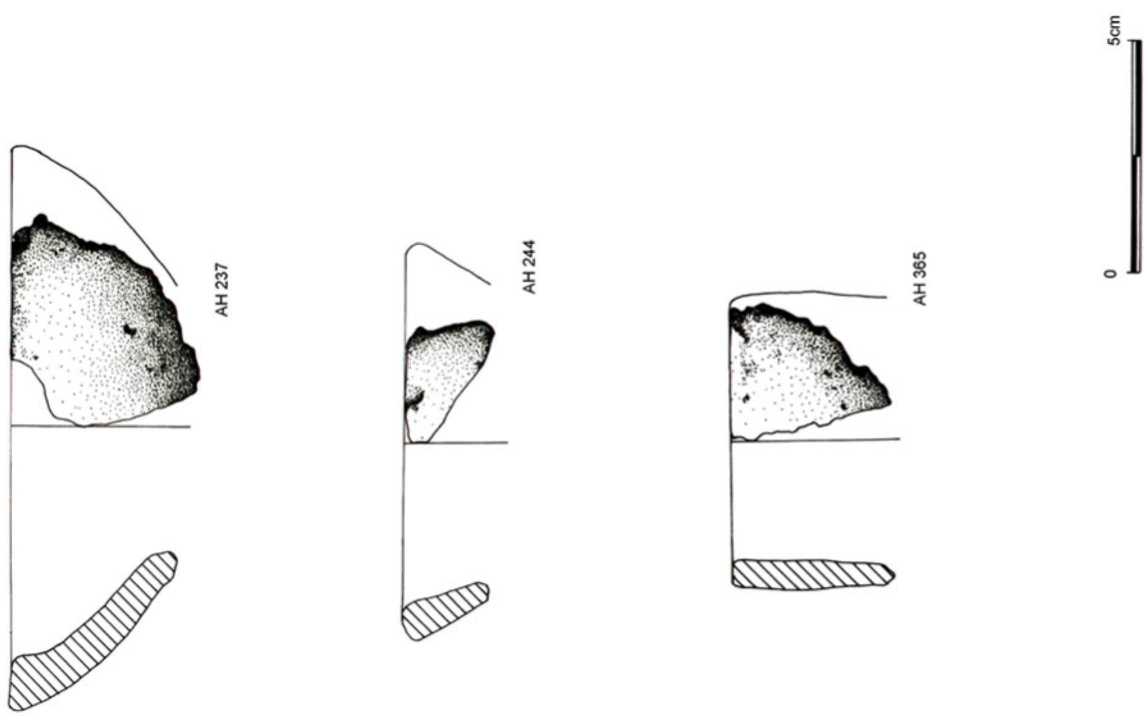

AH 236
AH 233
AH 280
AH 217
AH 241
AH 235
AH 267
0
5 cm
AH 355
0
5cm
0
5 cm

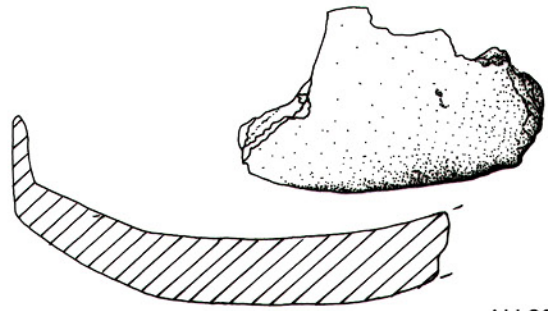




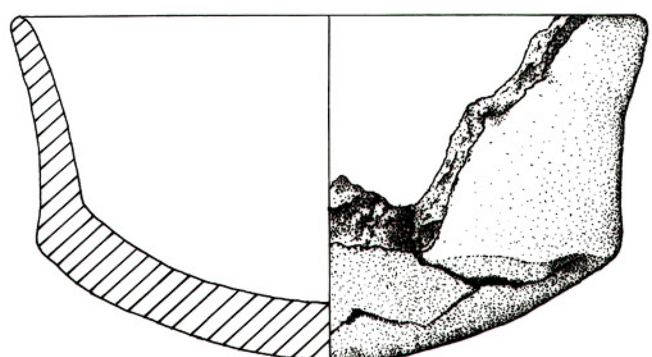
MATERIAIS DA ANTA DA HORTA


AH 319
AH 318
AH 242
AH 370
AH 267
AH 304
AH 326
AH 315
AH 349
0
5cm

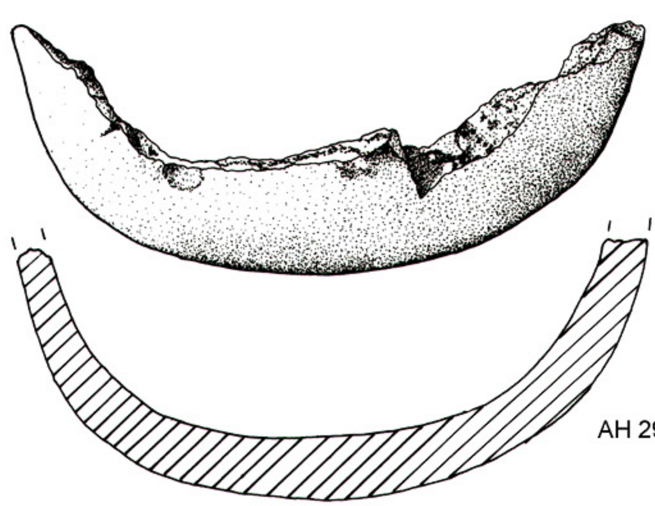

AH 237
AH 244
AH 365
5cm
0



AH 239

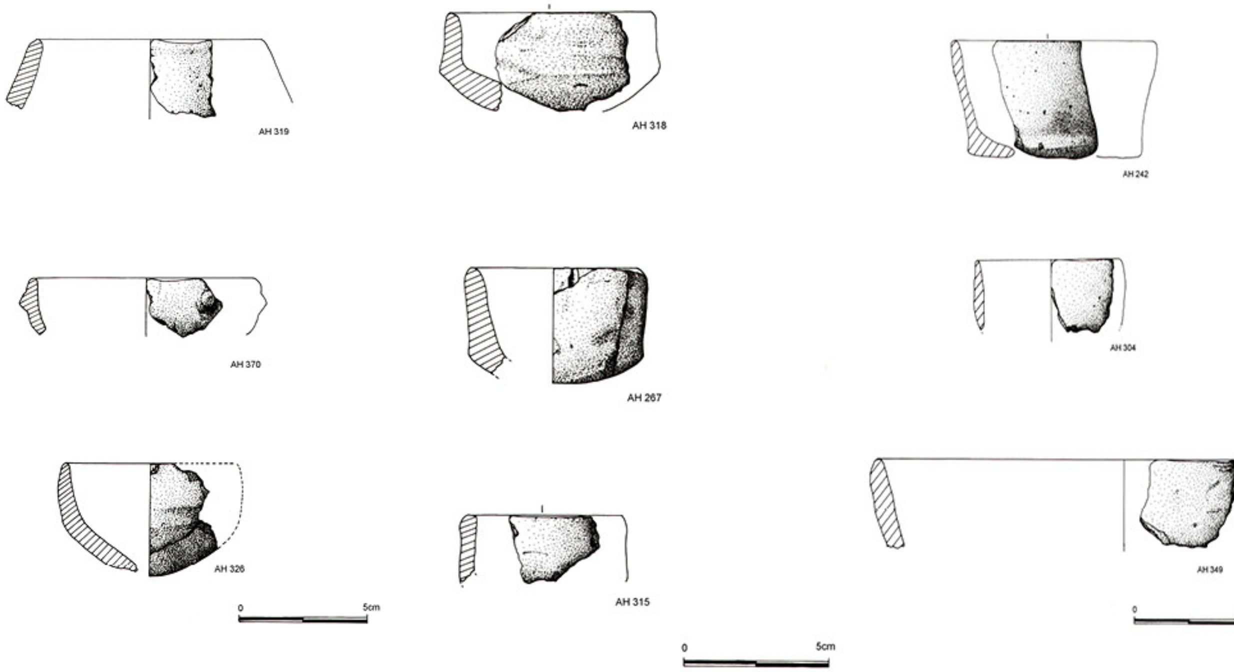


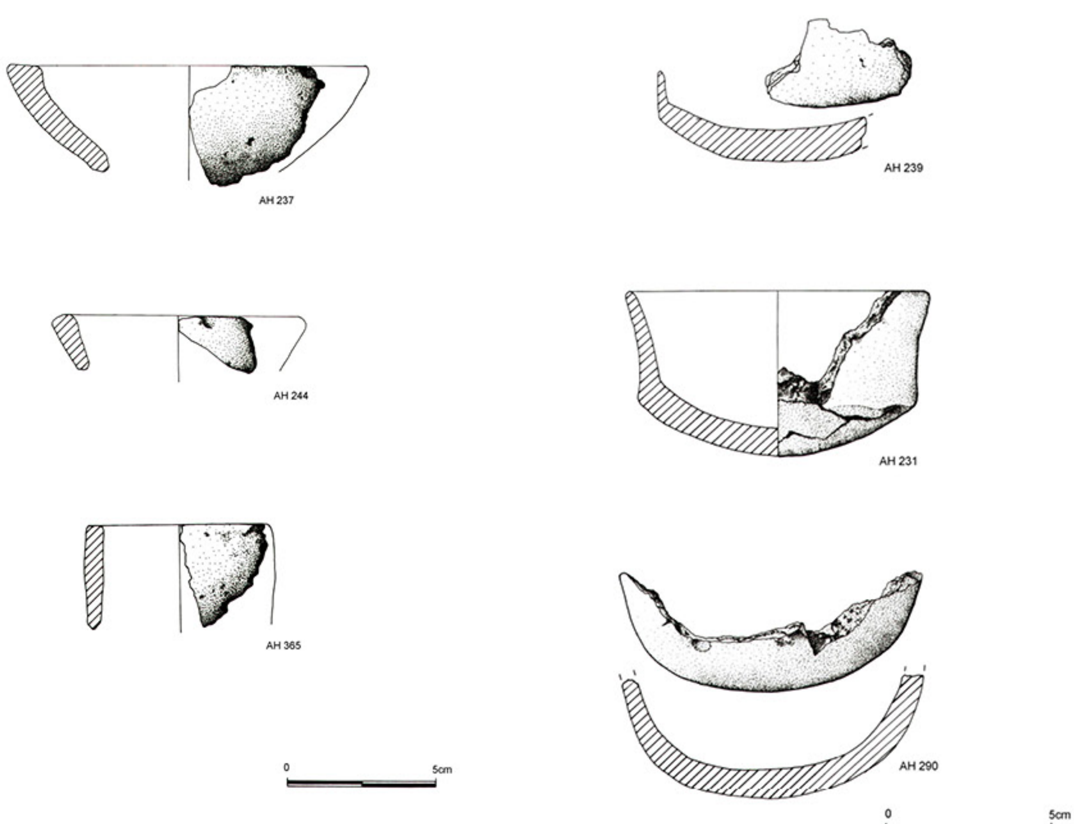
AH 231

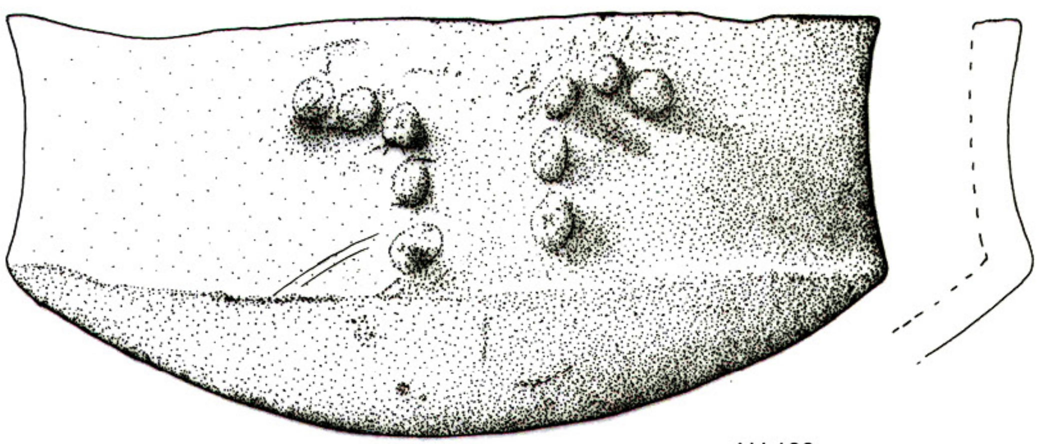


AH 290

0 5cm

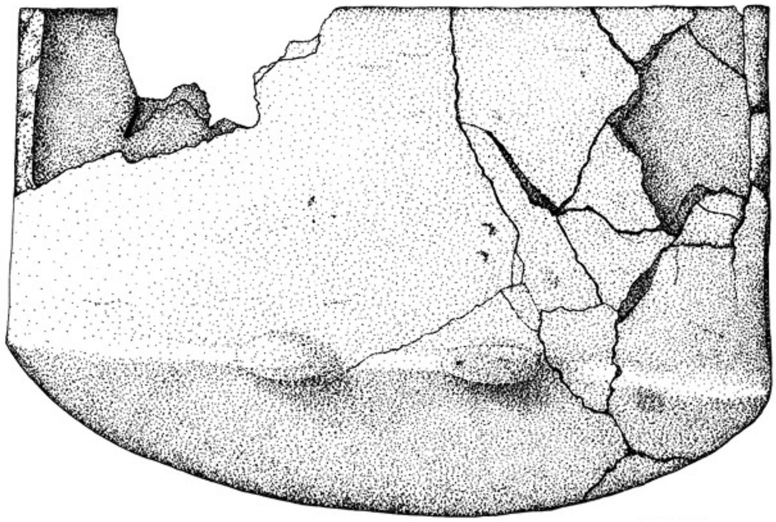

AH 319
AH 318
AH 242
AH 370
AH 267
AH 304
AH 326
AH 315
AH 349
0
5cm
0
5cm
0
5cm


AH 237
AH 239
AH 244
AH 231
AH 365
AH 290
0
5cm
0
5cm

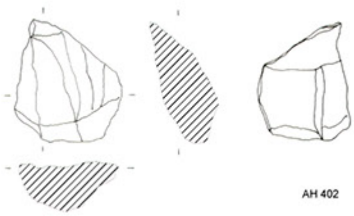


AH 186

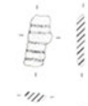
0 5cm



AH 187



AH 402

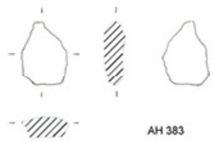


AH 66

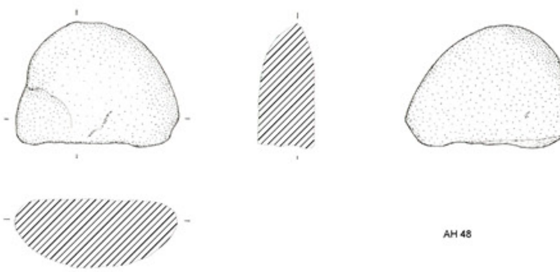


AH 101

0 4cm

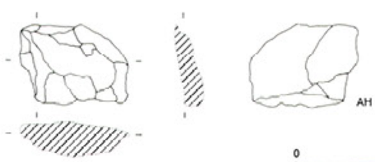


AH 383



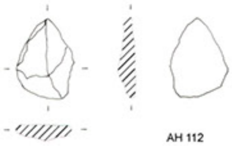
AH 48

0 4 cm

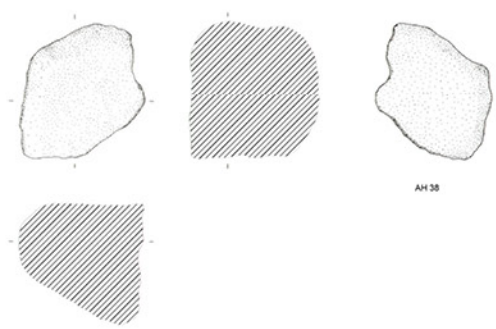


AH 145

0 4 cm

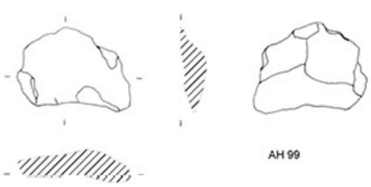


AH 112

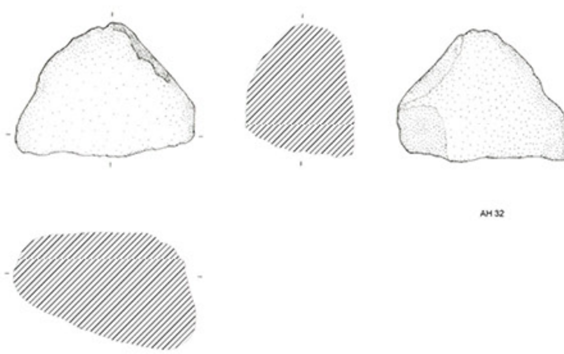


AH 38

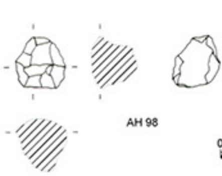
0 4cm



AH 99



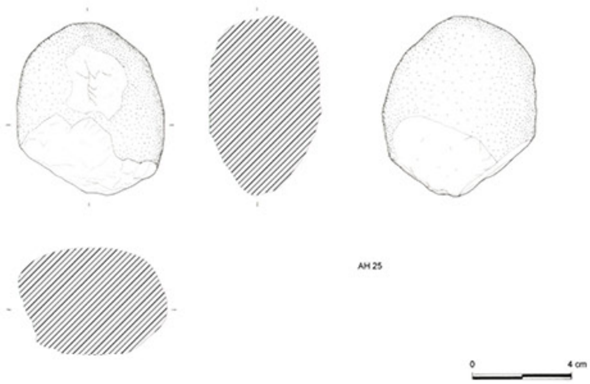
AH 32

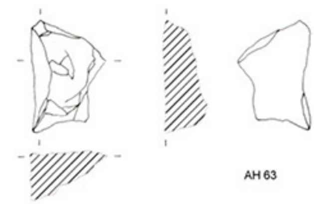


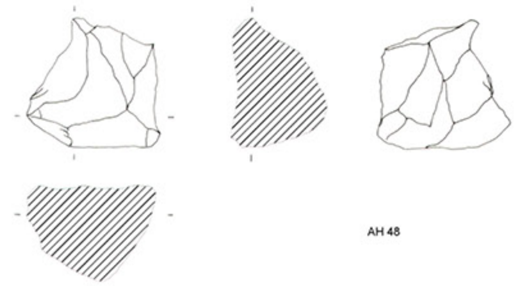
AH 98

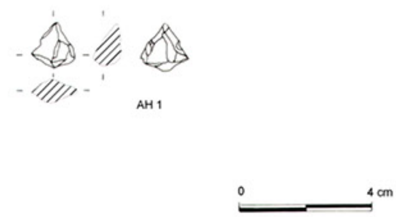
0 4 cm

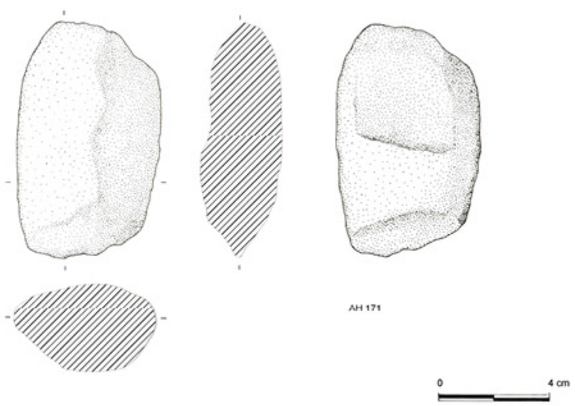
0 4cm

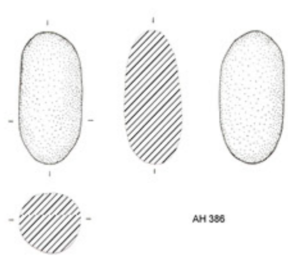

AH 25

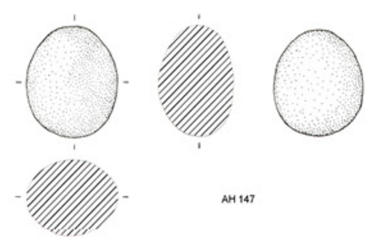

AH 63

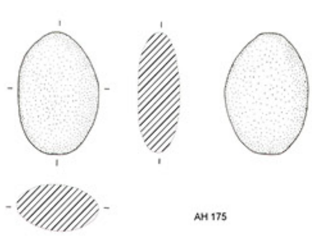

AH 48

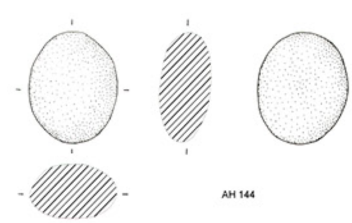

AH 1

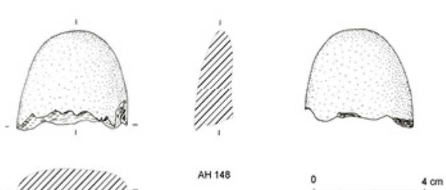

AH 171

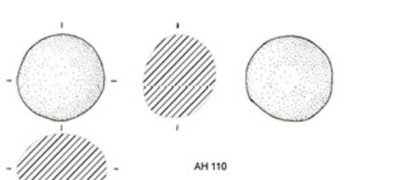

AH 386

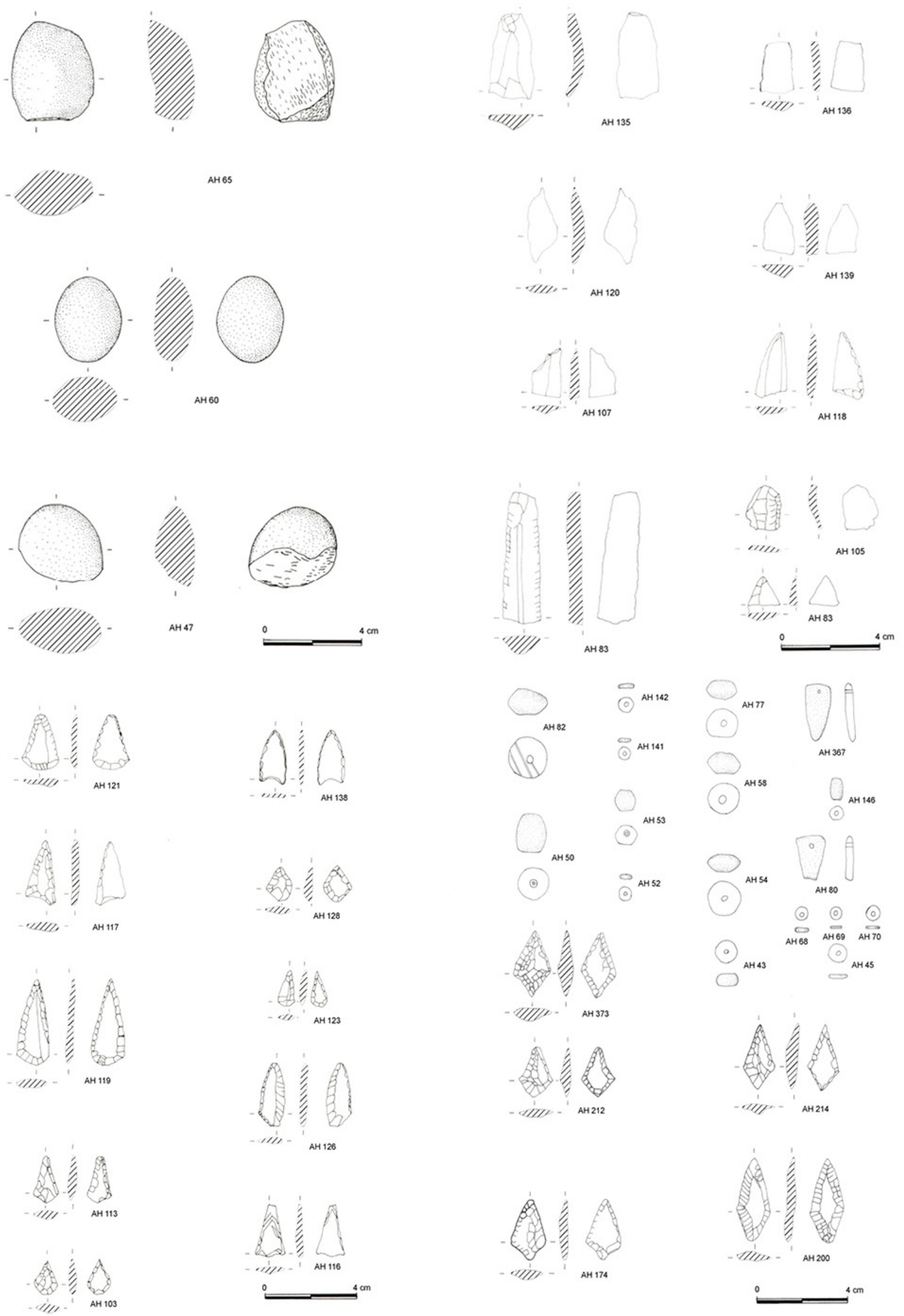

AH 147


AH 175

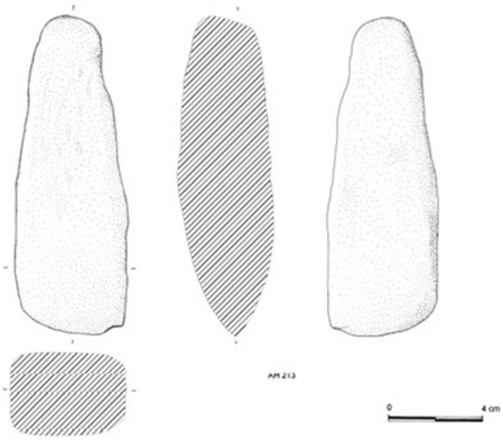

AH 144


AH 148

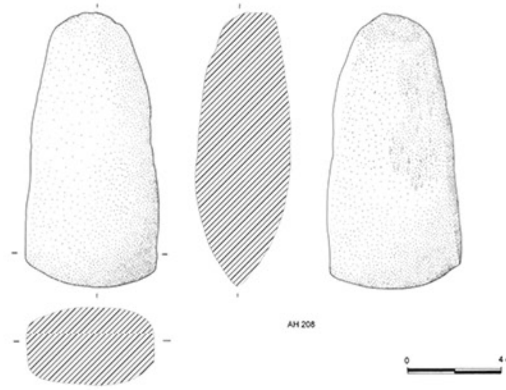

AH 110



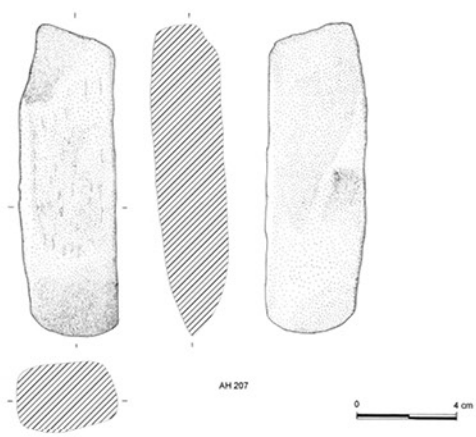
MATERIAIS DA ANTA DA HORTA



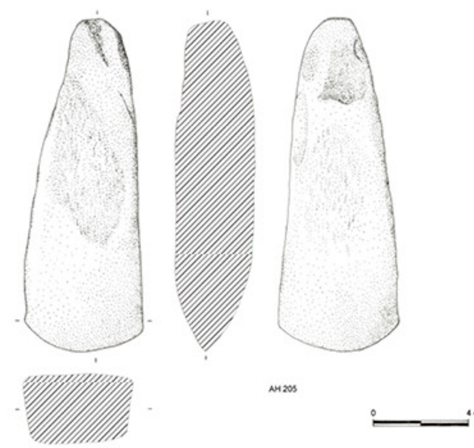
AH 213



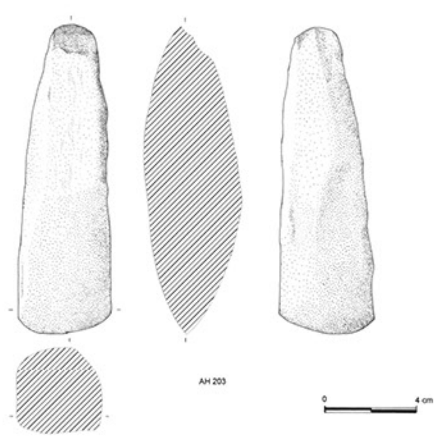
AH 208



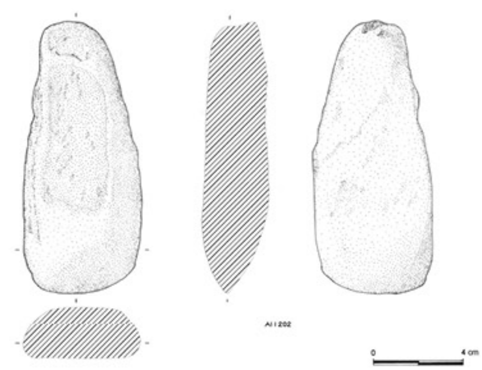
AH 207



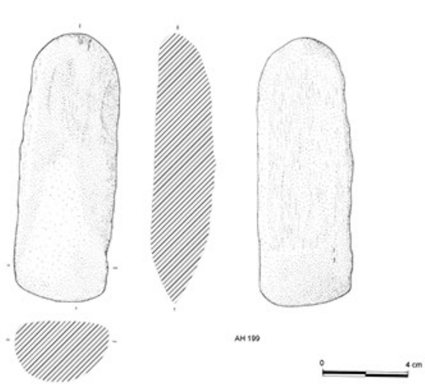
AH 205



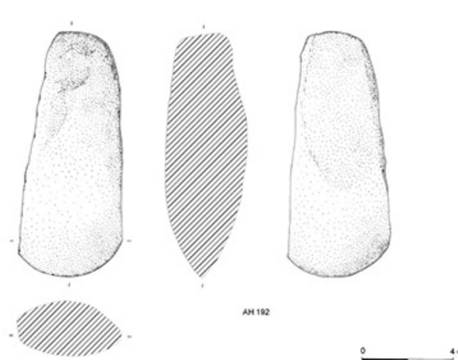
AH 203



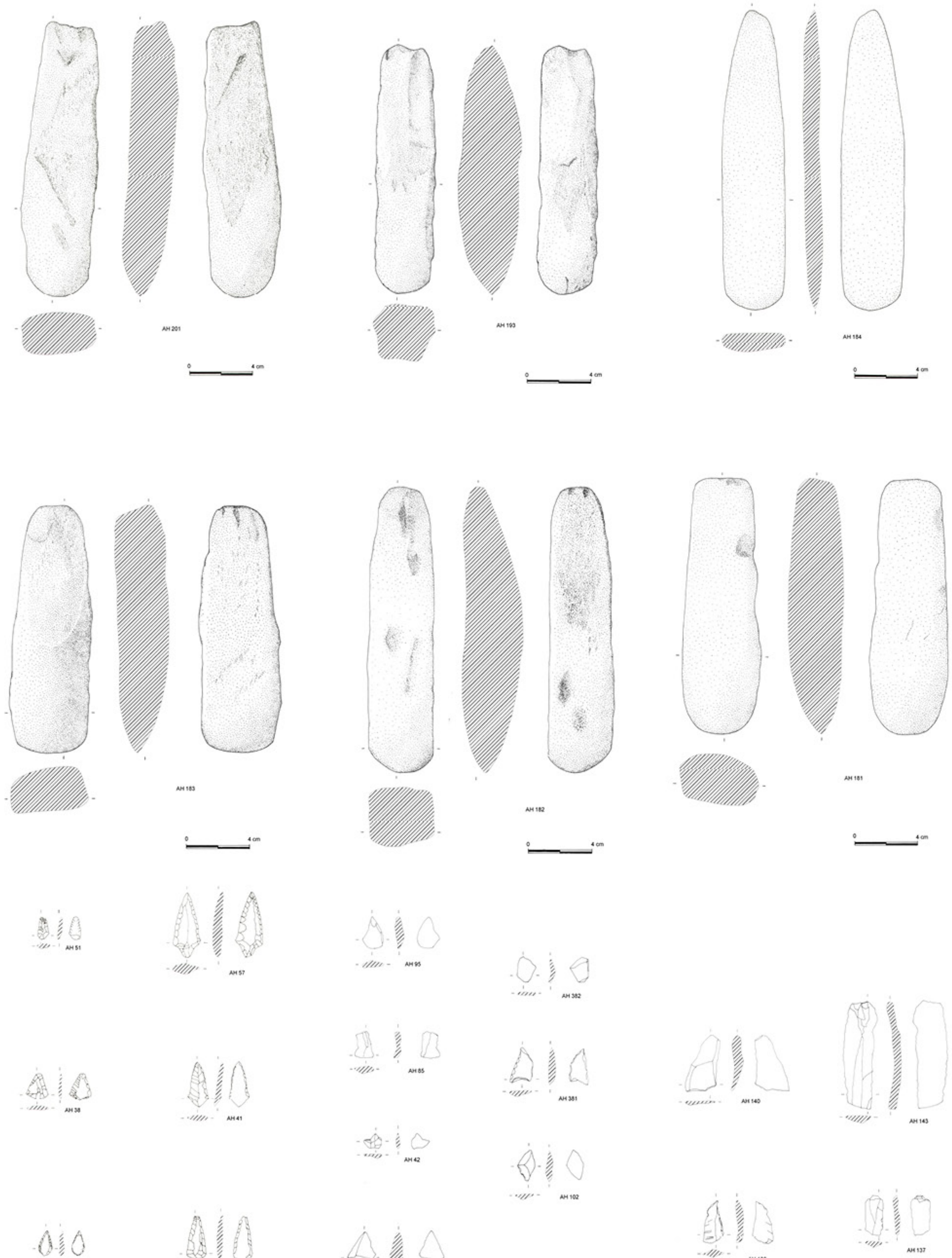
AH 202



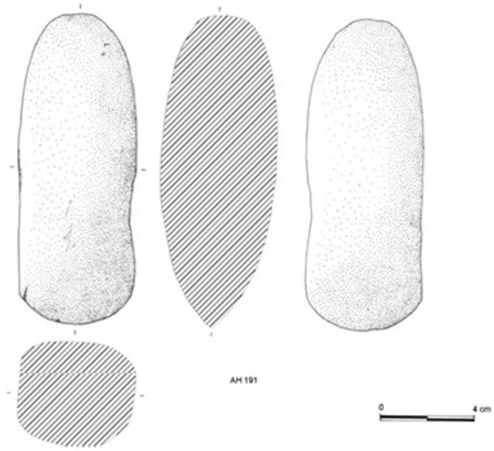
AH 199



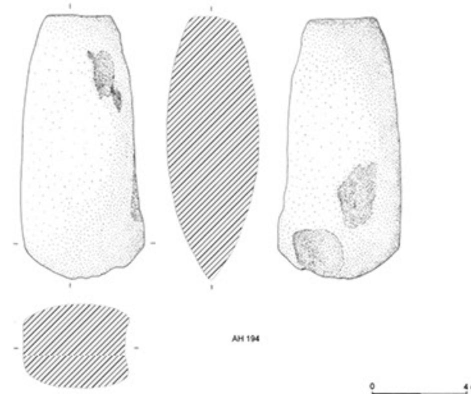
AH 192



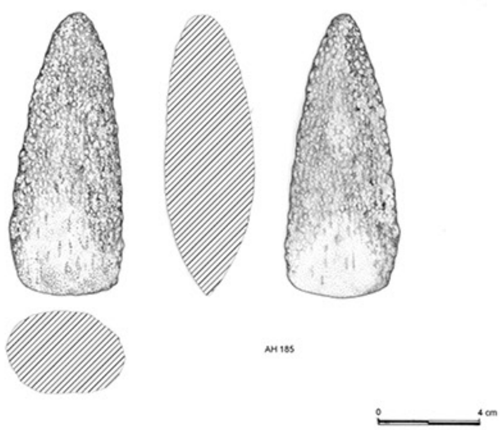
MATERIAIS DA ANTA DA HORTA



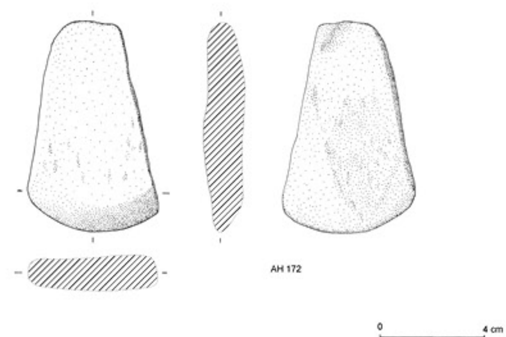
AH 191



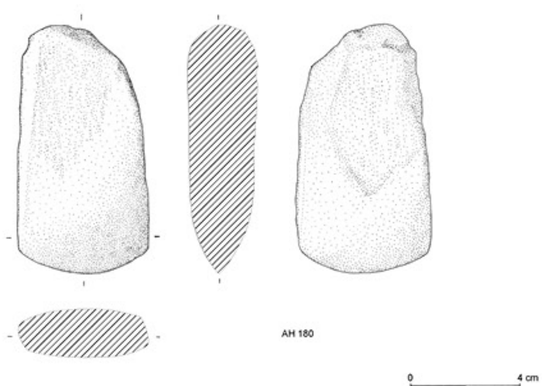
AH 194



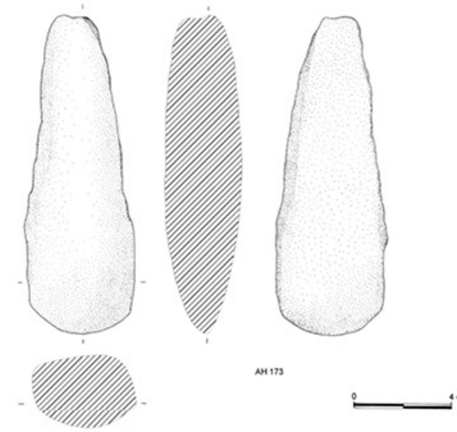
AH 185



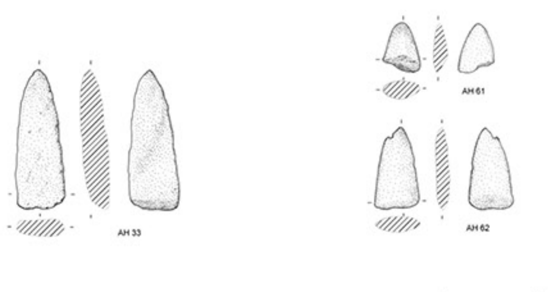
AH 172



AH 180



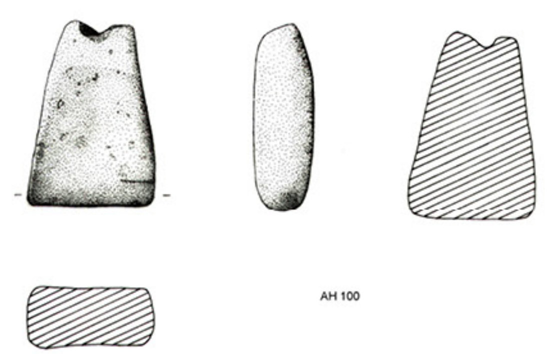
AH 173



AH 33

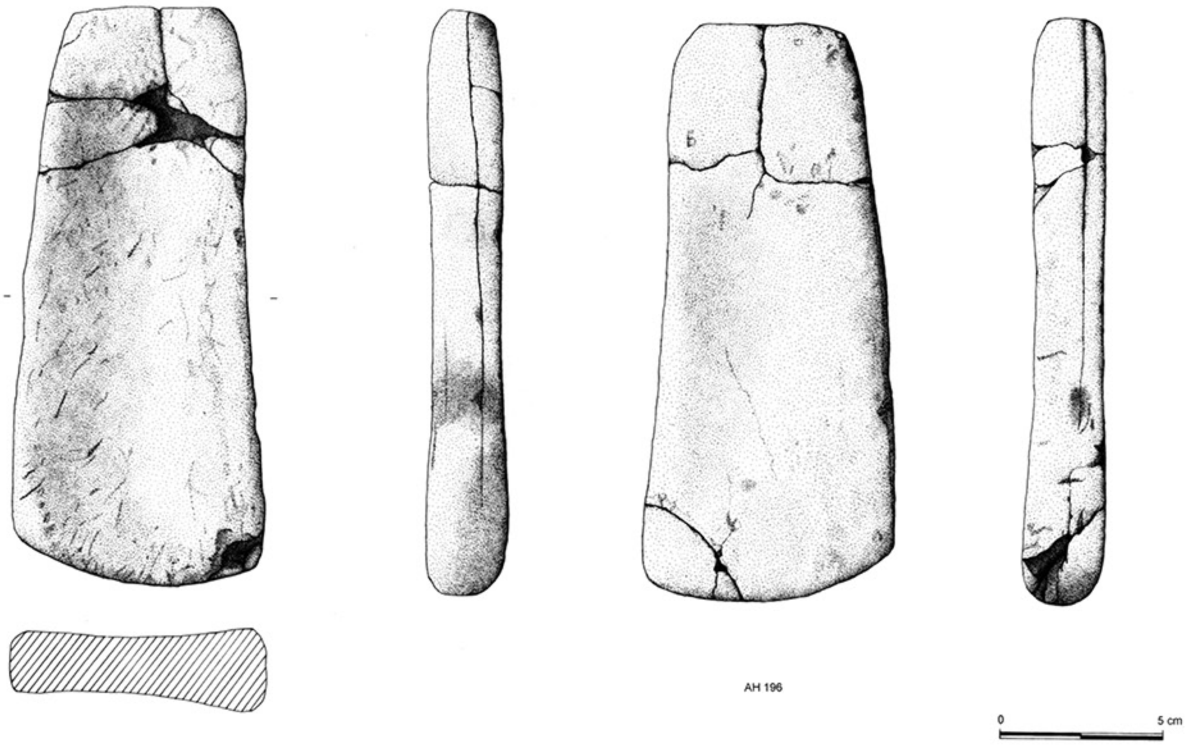
AH 61

AH 62

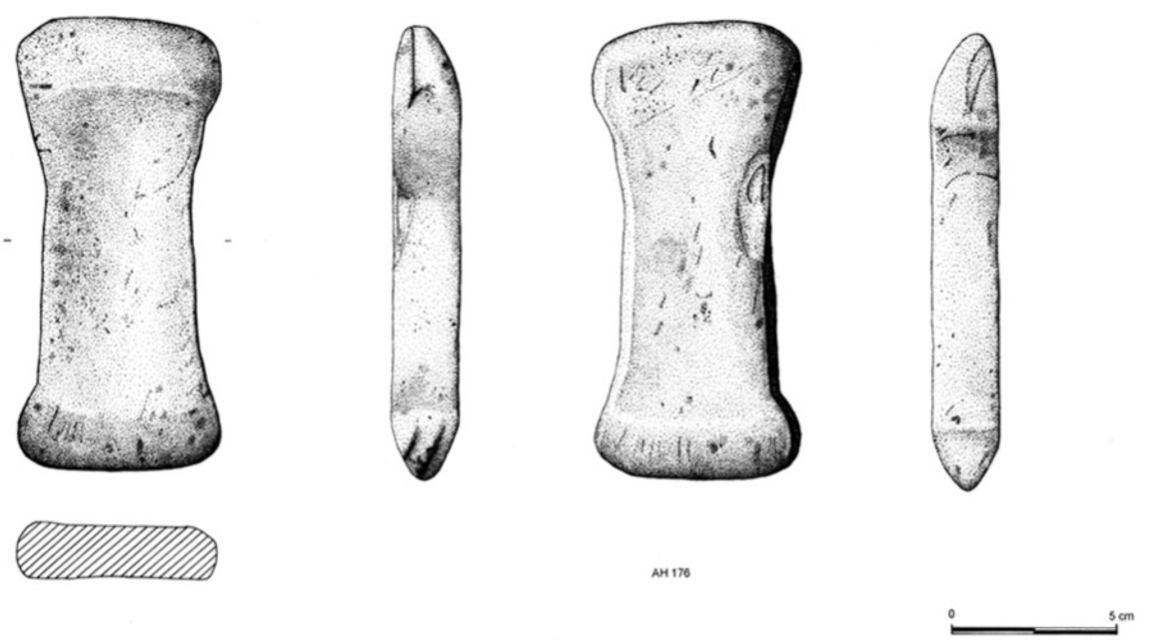


AH 100

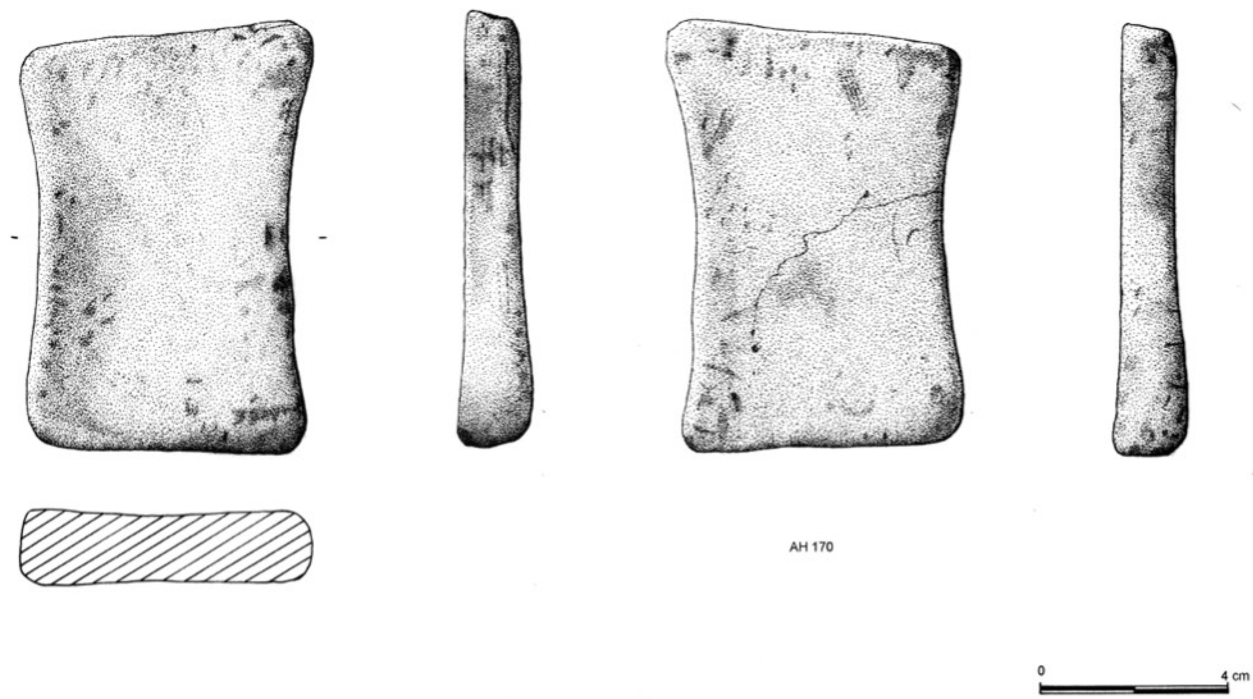
MATERIAIS DA ANTA DA HORTA



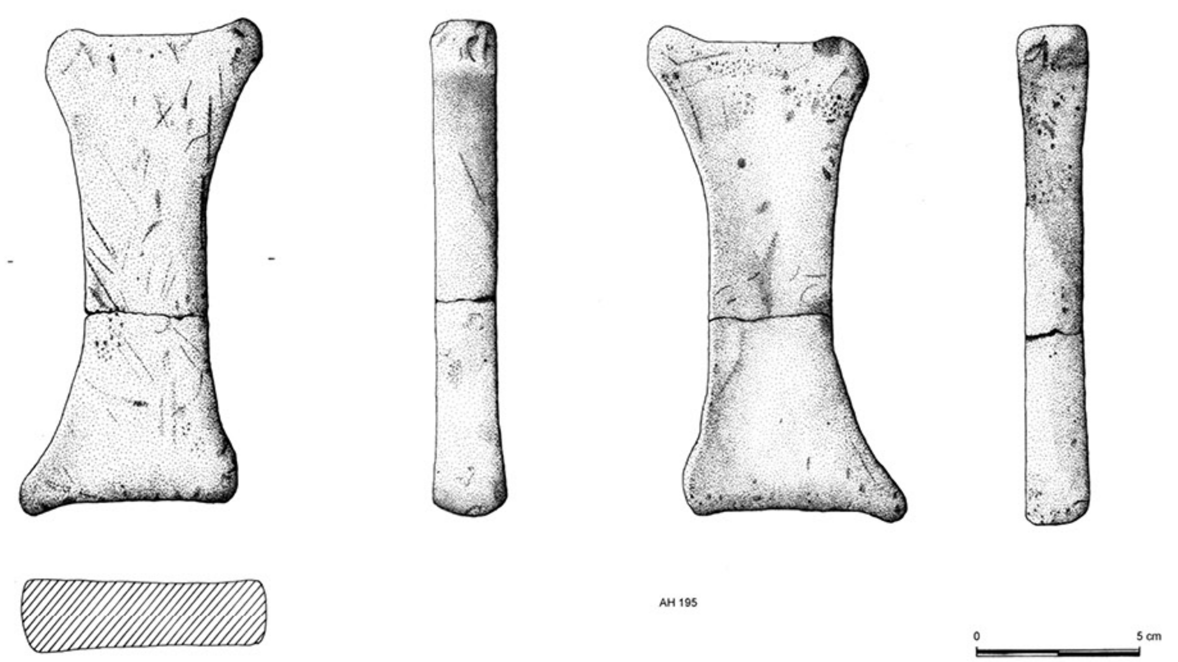
AH 196



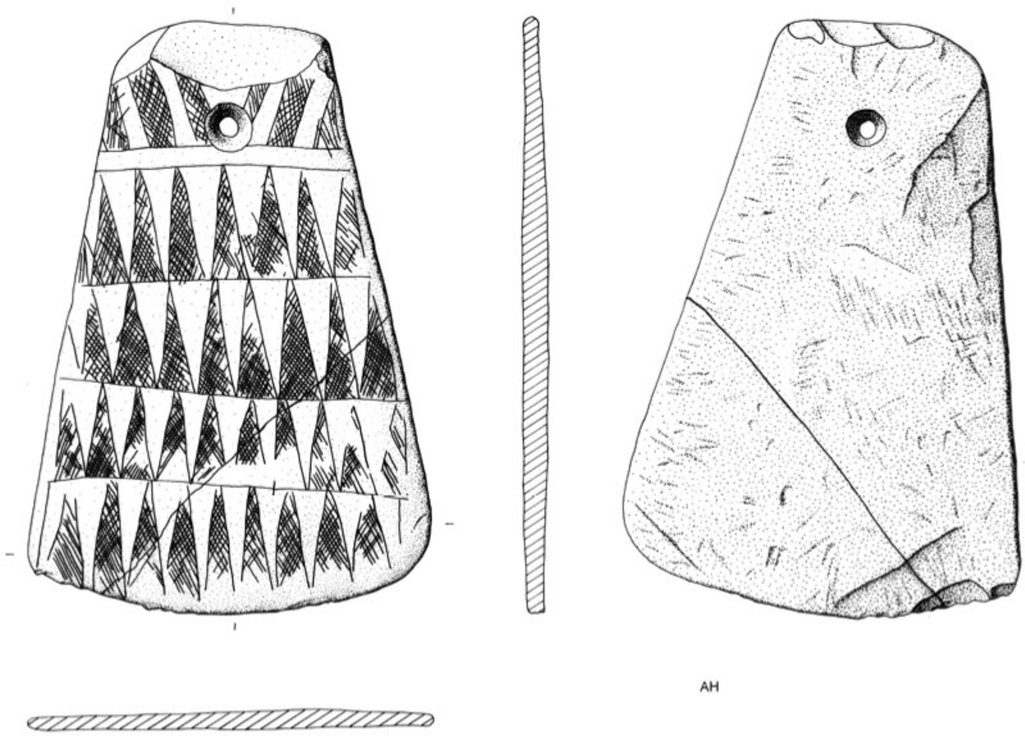
AH 176



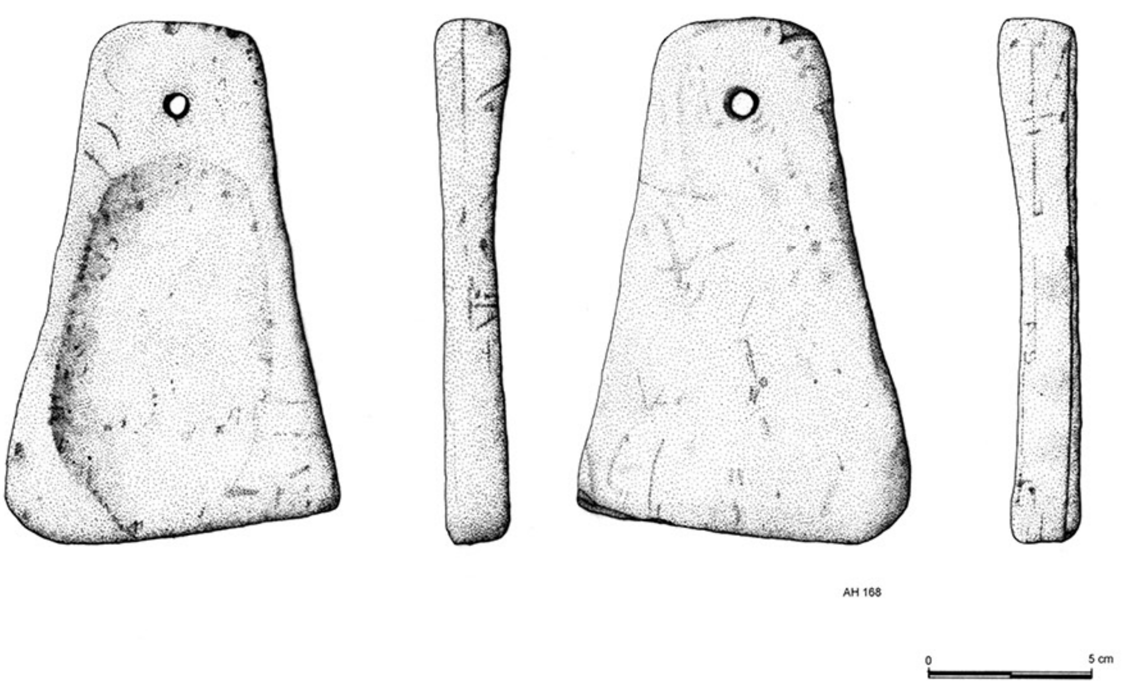
AH 170



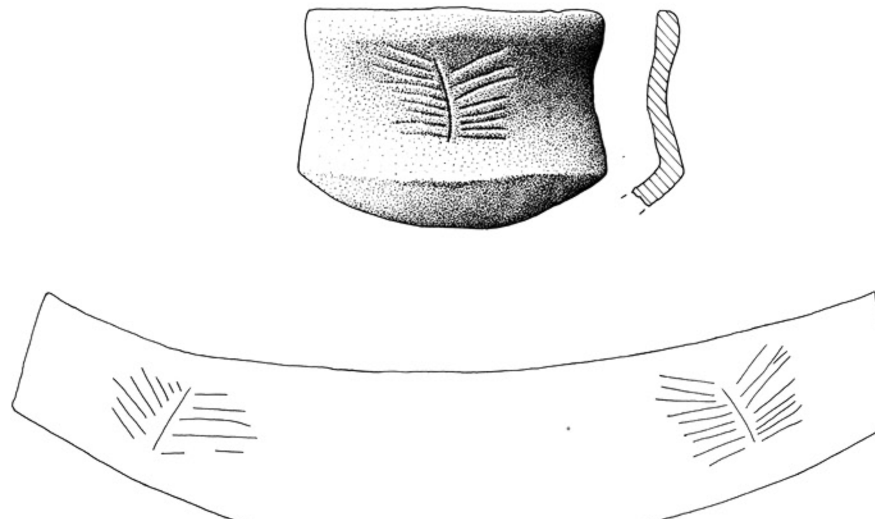
AH 195



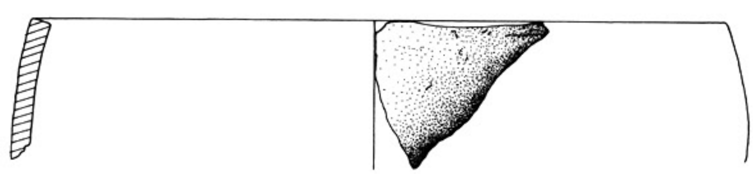
AH



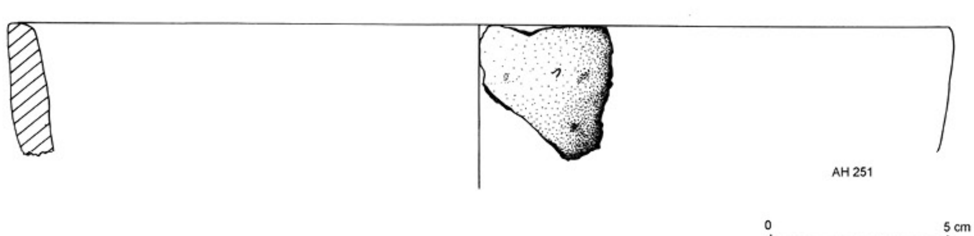
AH 168



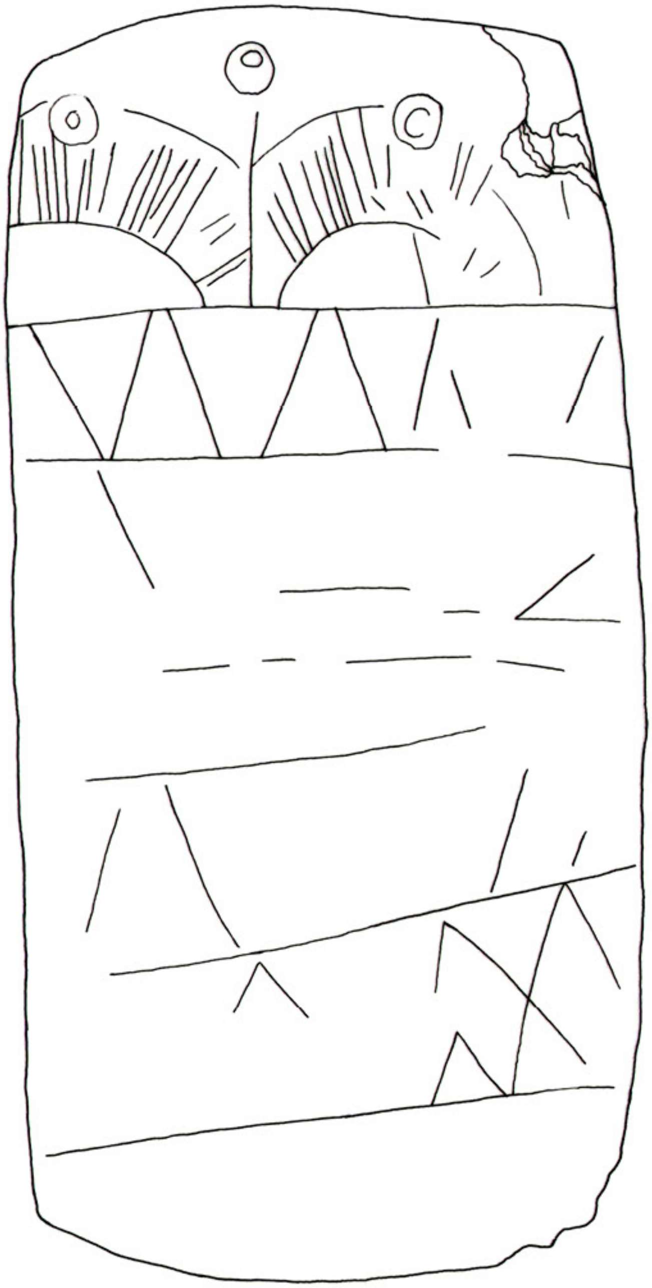
AH 216

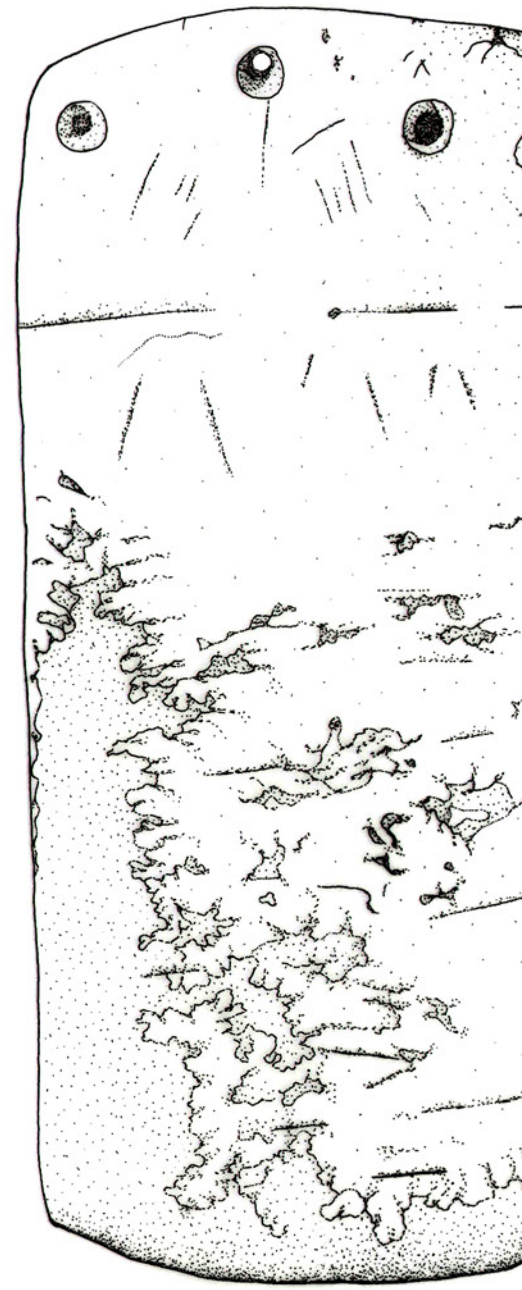


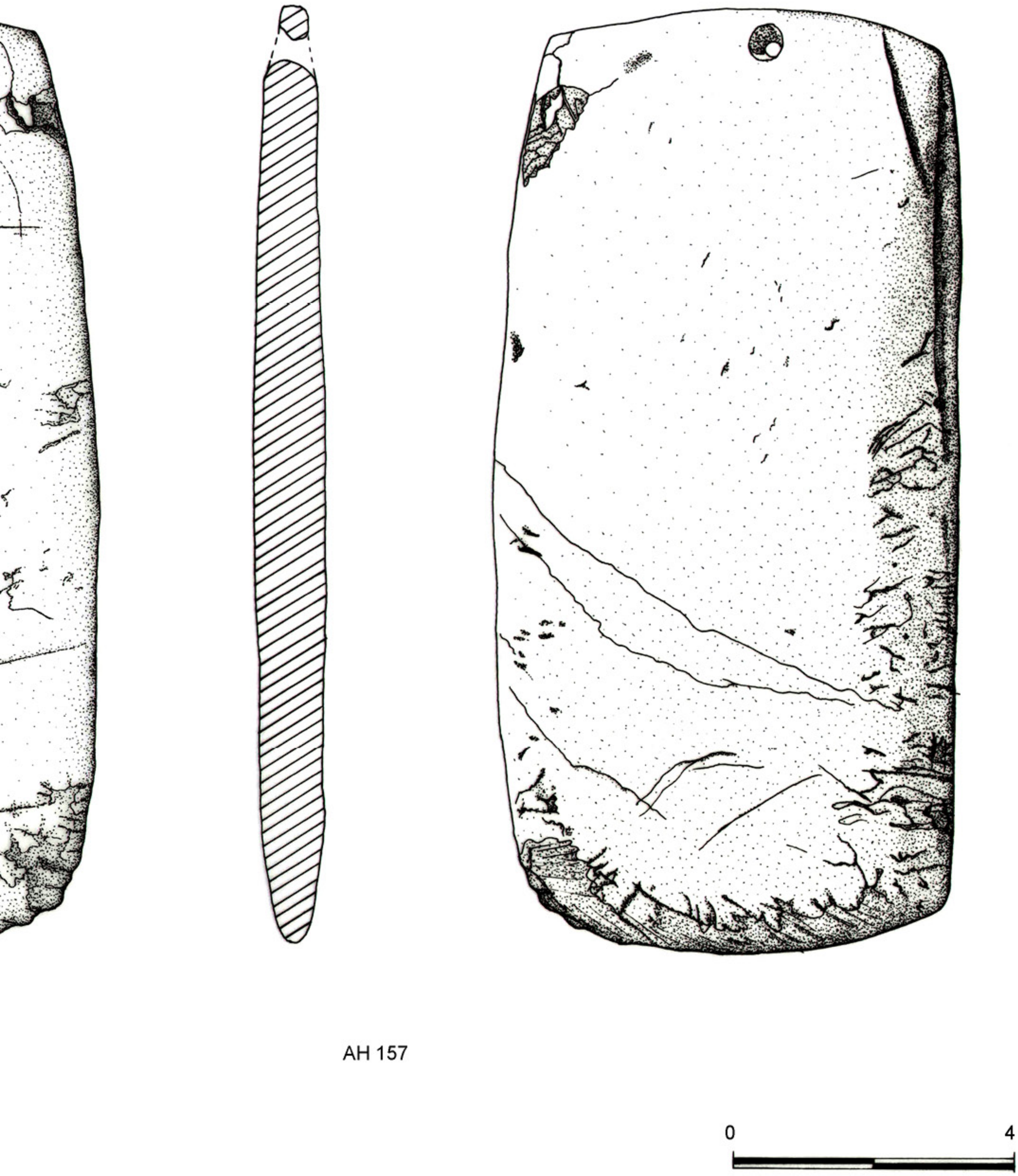
AH 312



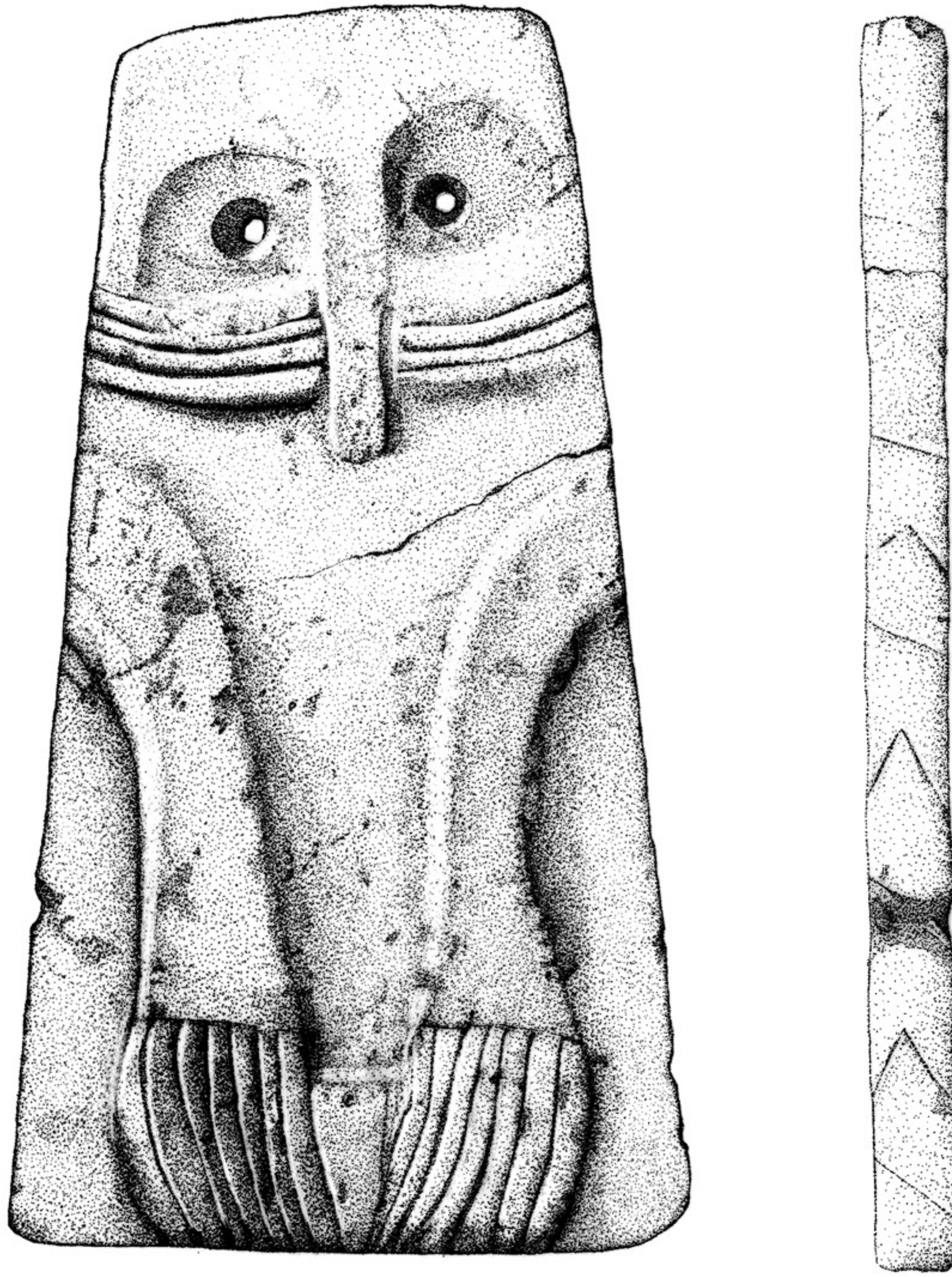
AH 251



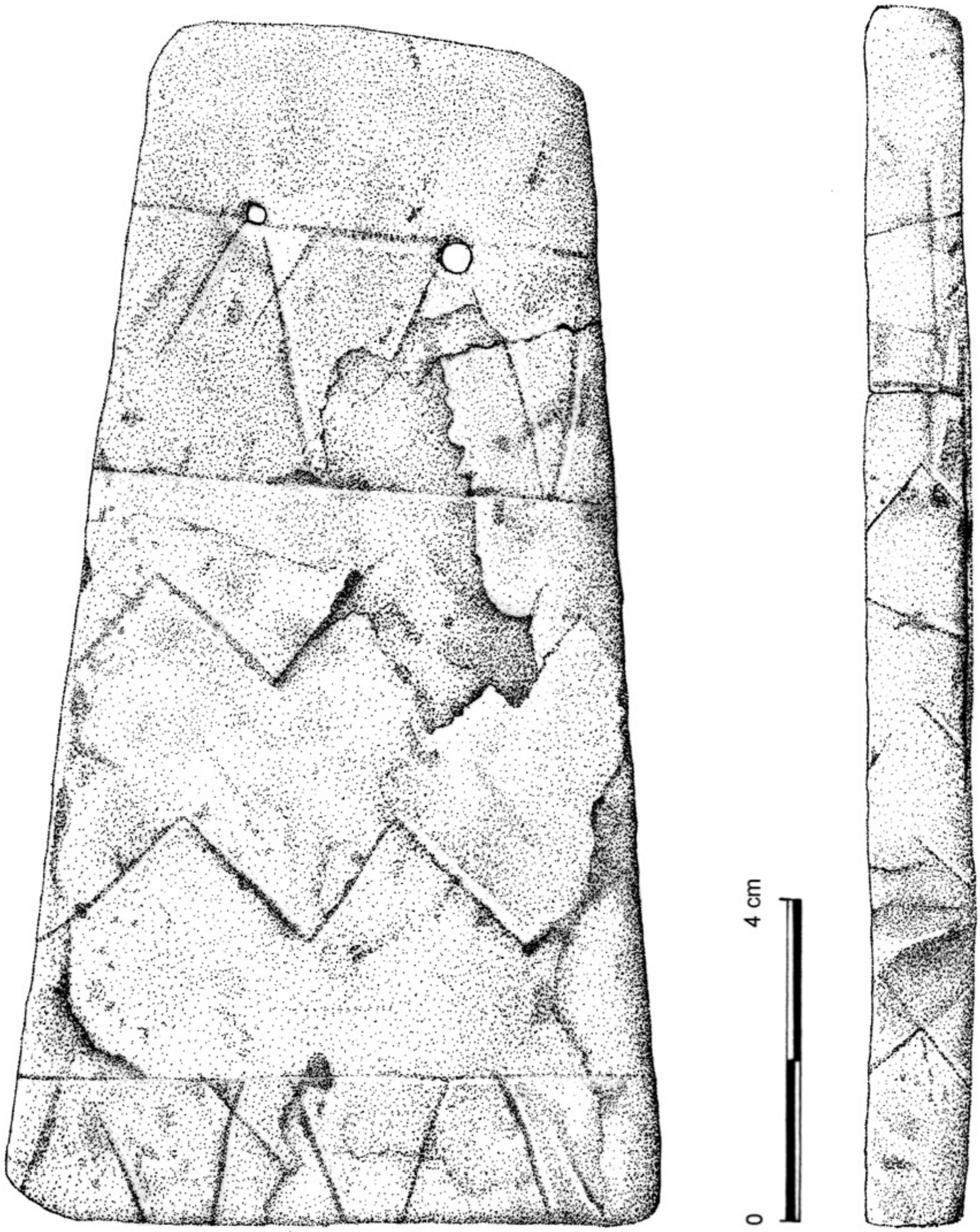




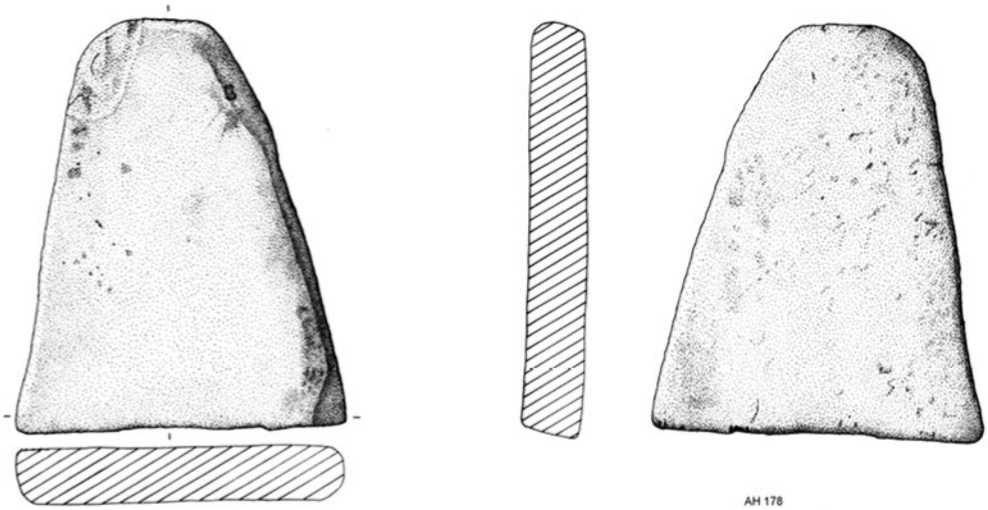
AH 157



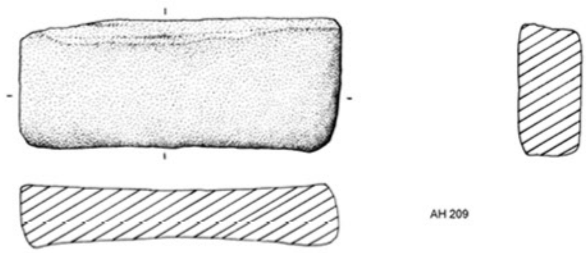
MATERIAIS DA ANTA DA HORTA



AH 197

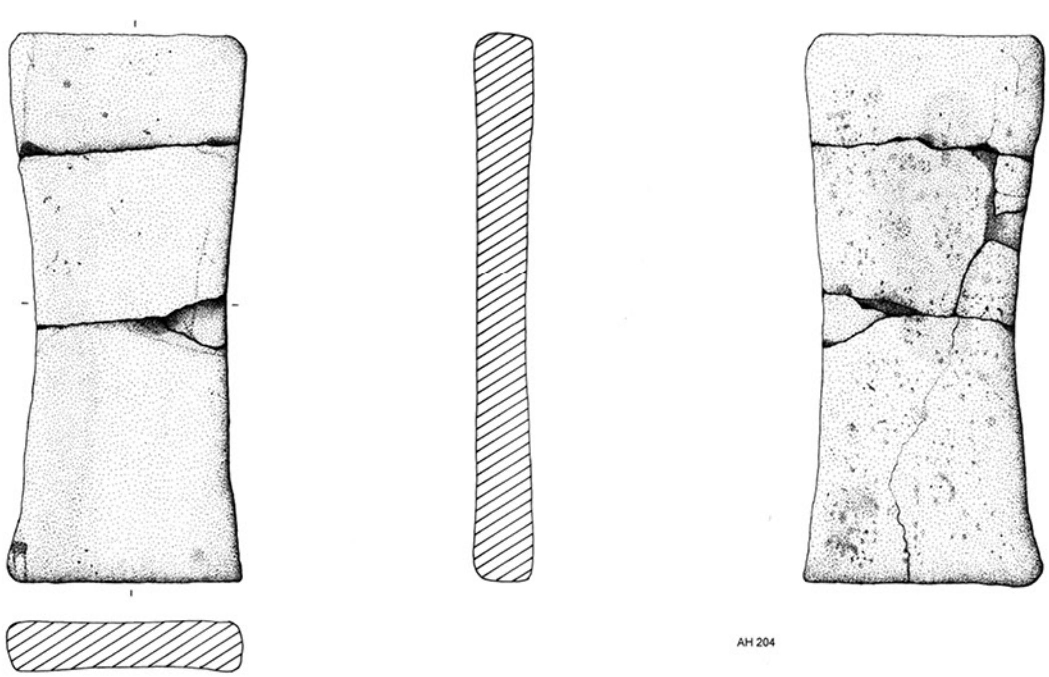


AH 178



AH 209

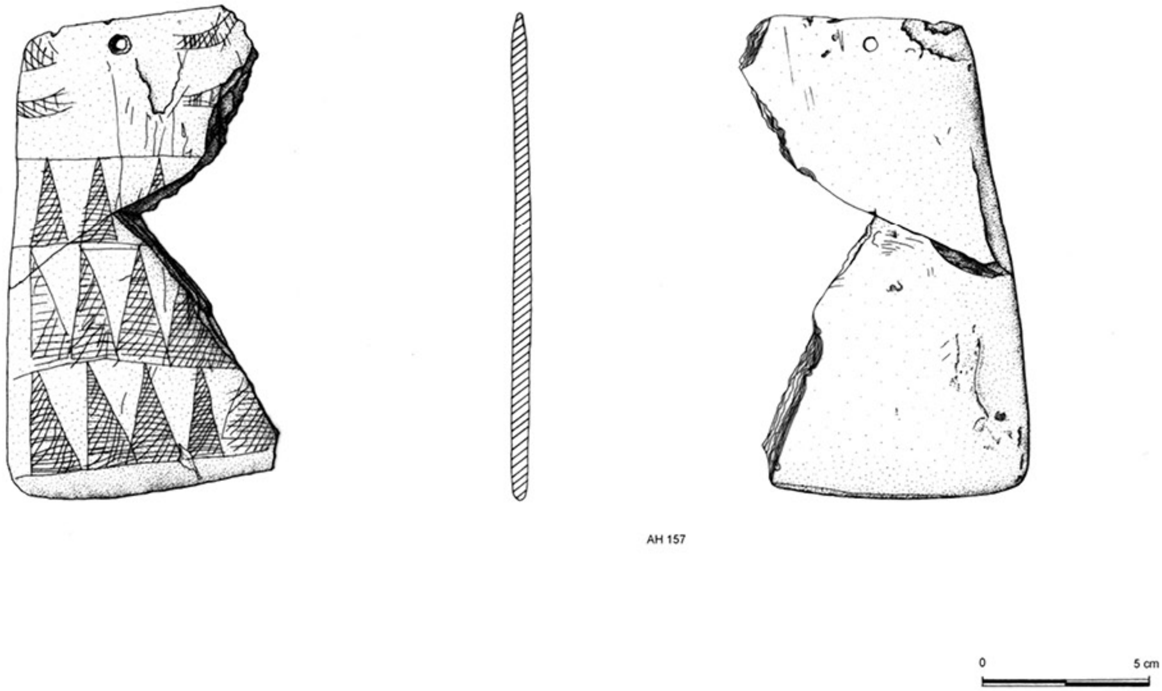
0 5 cm



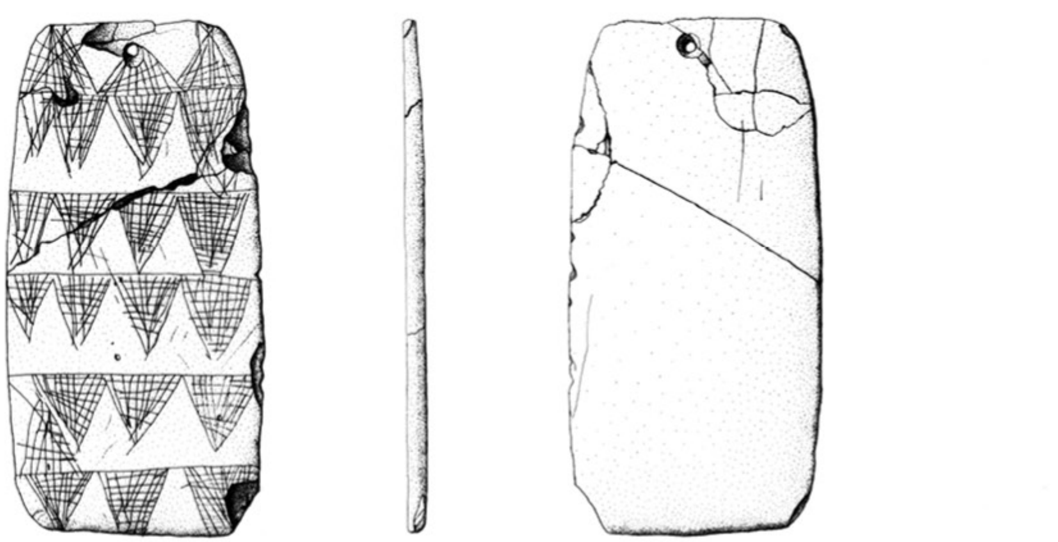
AH 204

0 5 cm

MATERIAIS DA ANTA DA HORTA

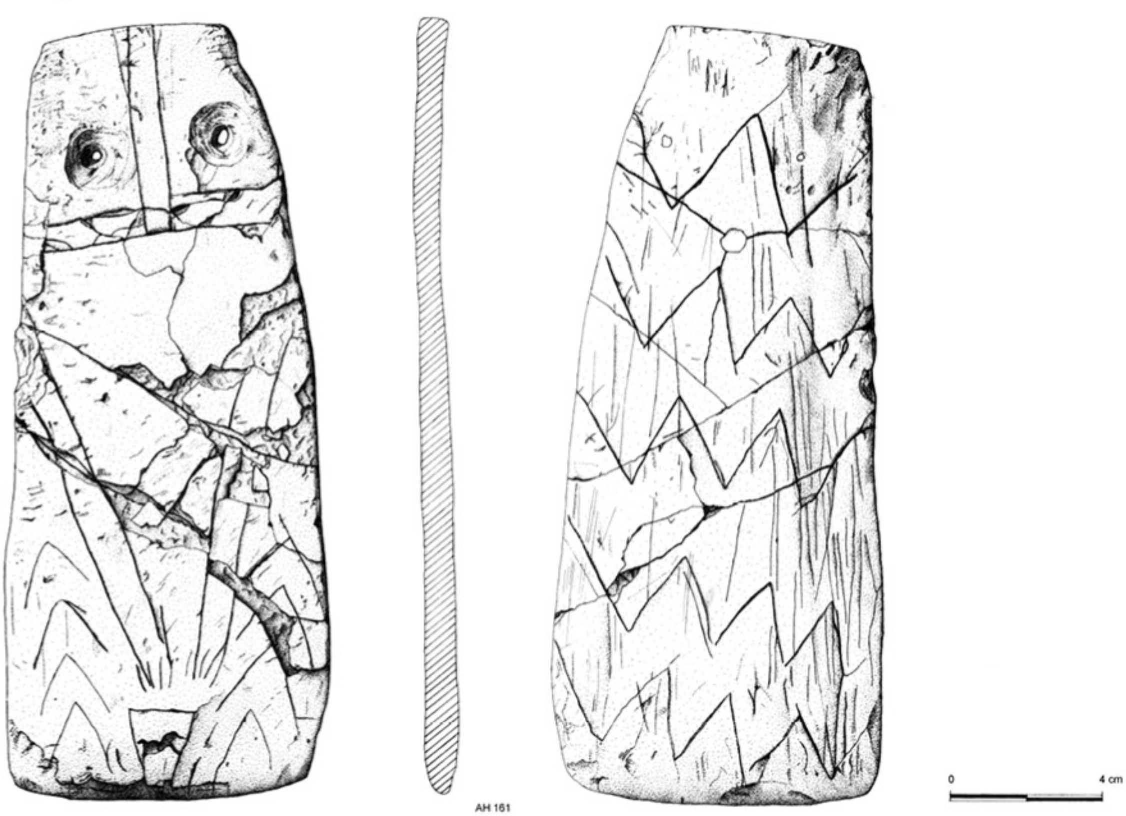


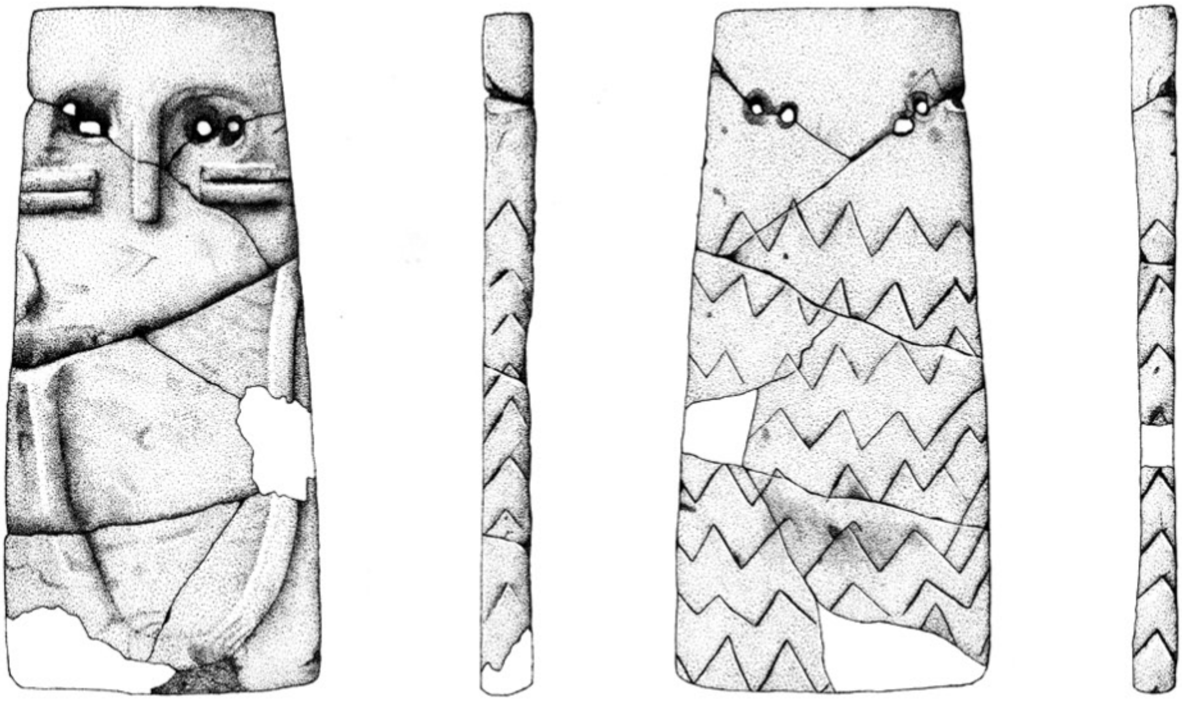
AH 157



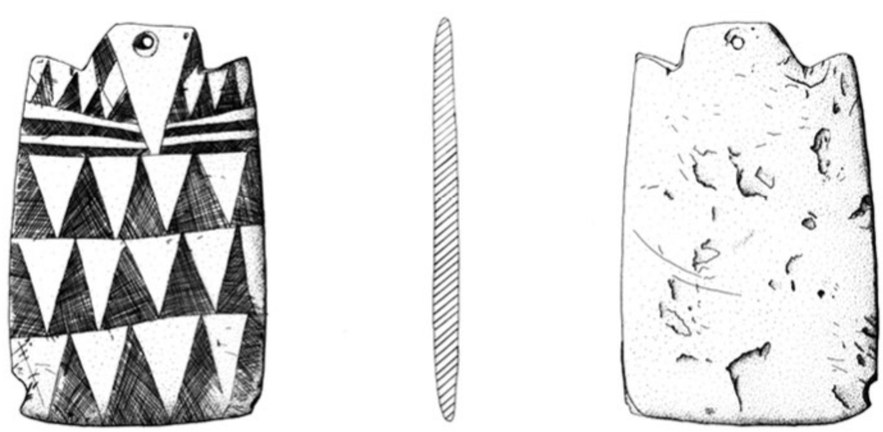
AH 152


AH 198
0
4 cm


0
4 cm
AH 161

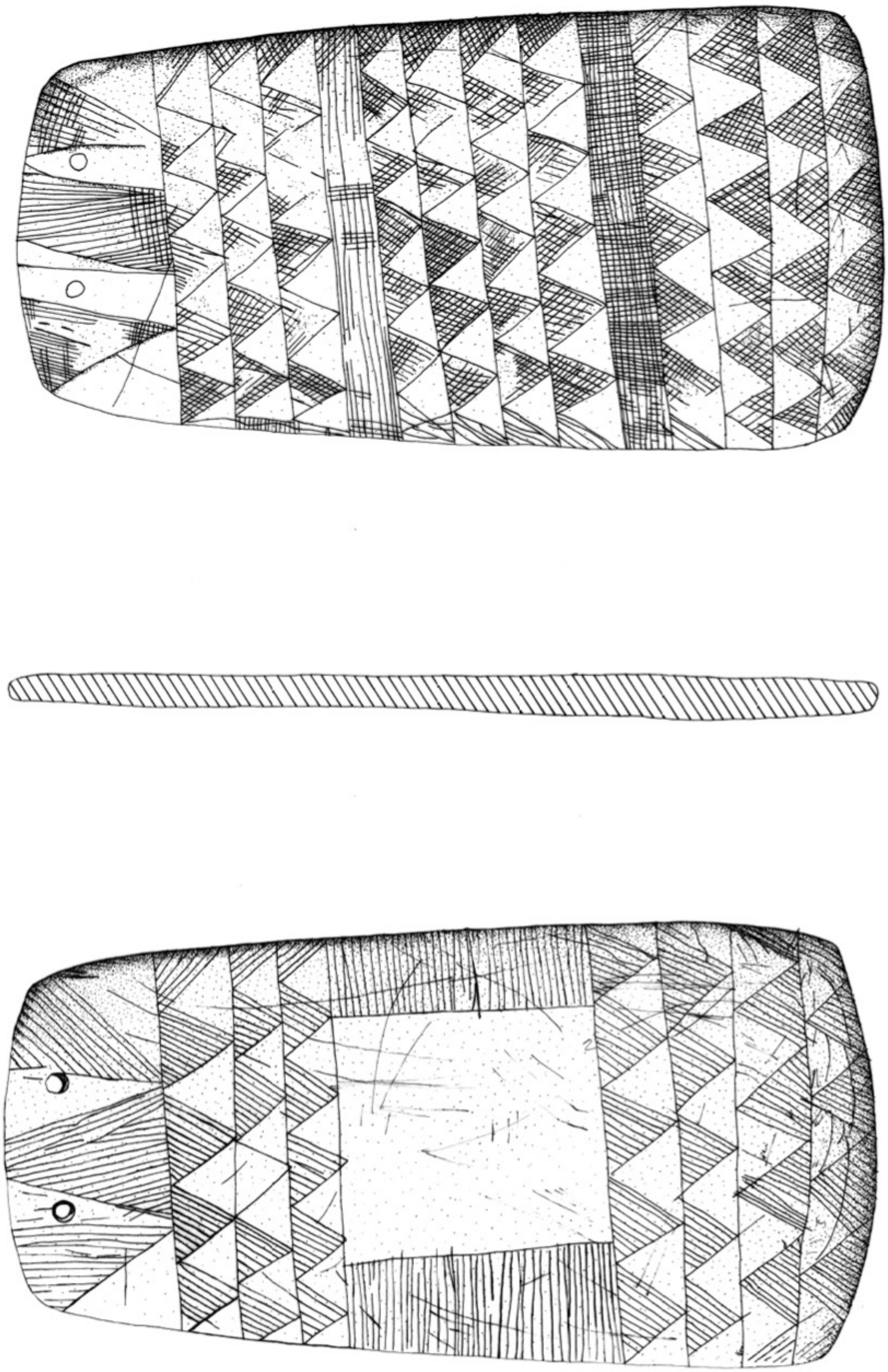


AH 163

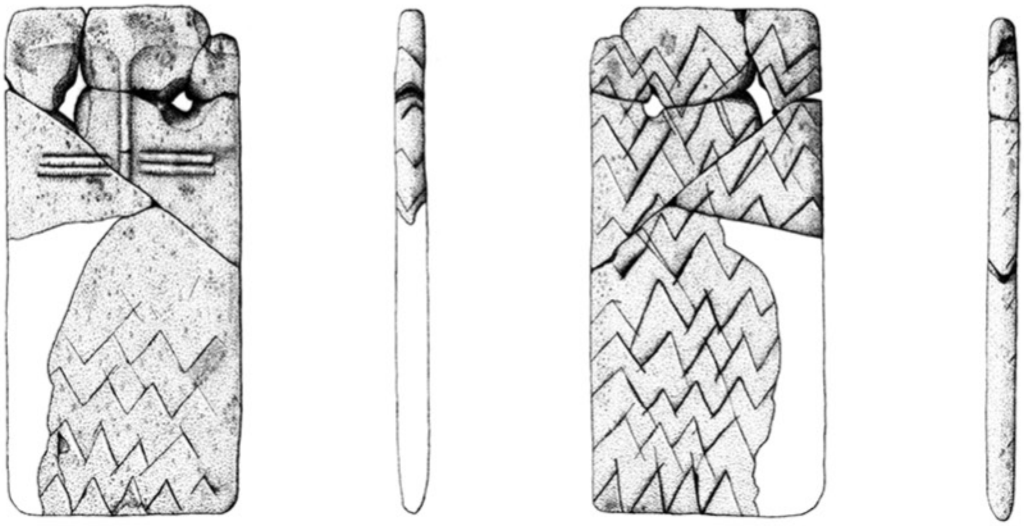


AH 154

0 5 cm

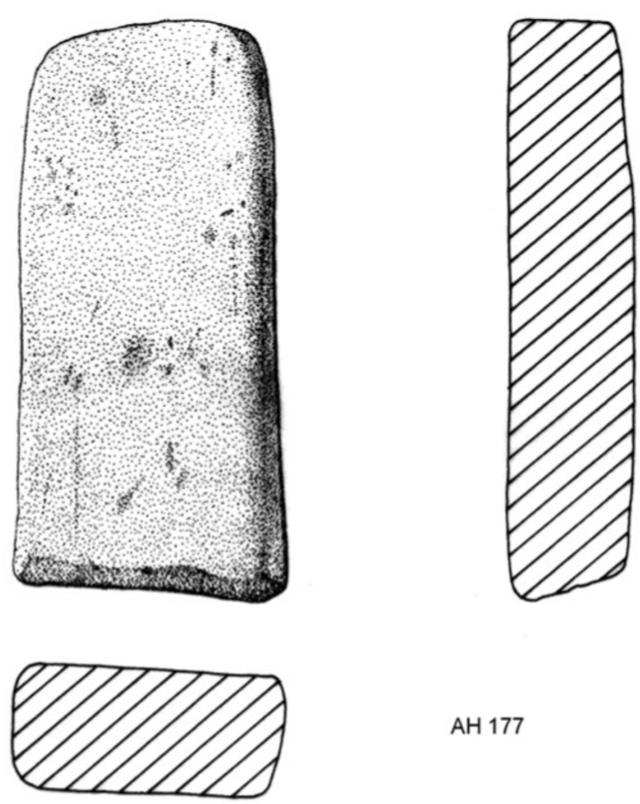


AH 162



AH 165

0 4 cm



AH 177



Pôr-do-sol na Anta da Soalheira



2.5. ANTA DA SOALHEIRA

Os trabalhos desenvolvidos na Anta da Soalheira decorreram em duas fases. Na primeira fase, que decorreu entre 17 e 22 de Outubro de 2001, procedemos à limpeza superficial do monumento, decorrente da qual apresentámos ao IPA um plano de acção para a sua reabilitação. A morosidade na obtenção da autorização por parte do IPA e dos apoios financeiros só permitiu que se retomassem os trabalhos quase dois anos depois. Assim, a escavação e reabilitação do monumento decorreu entre 29 de Abril e 24 de Julho de 2003.

A Anta da Soalheira situa-se na Coudelaria de Alter e possui as seguintes coordenadas UTM, obtidas por GPS: X - 613663; Y - 4342679; e geográficas, igualmente obtidas por GPS: 007º 40´ 59.8´´ W; 039º 13´ 31.1´´ N.

O monumento encontrava-se coberto por grandes blocos graníticos, nele depositados durante a construção da pista do galope. Envolviam este sepulcro oito oliveiras. No dólmen eram visíveis vários esteios, maioritariamente deslocados ou fracturados que definiam a câmara e o corredor. Na câmara, era possível identificar quatro esteios ainda implantados nos respectivos alvéolos e três no corredor. Neste conservava-se, provavelmente ainda *in situ*, um fragmento da cobertura. Era possível observar vestígios do revestimento pétreo da mamoa, apesar de esta ter sofrido os efeitos da lavra, ainda que pouco profunda, destinada à preparação dos pastos. Esta destruição era principalmente visível no lado sul do monumento. Toda a área da mamoa apresentava um coberto vegetal denso. Verificavam-se, ainda, alguns blocos graníticos caídos dentro da câmara do monumento, provavelmente, fragmentos de esteios. Esses blocos foram retirados, com as devidas precauções, com a ajuda de uma máquina, para uma área próxima do monumento. Foi também necessário proceder ao corte de duas oliveiras que tinham crescido na zona do corredor.

Procedeu-se, então, à marcação de uma rede de quadrículas de dois metros de lado, organizadas a partir de dois eixos ortogonais orientados nos sentidos Sul-Norte e Oeste-Este, magnéticos. As quadrículas foram denominadas por um sistema alfanumérico.

Antes de se iniciar a escavação, procedeu-se ao levantamento topográfico do monumento e da área envolvente. A cotagem utilizada nesta escavação teve por base a rede altimétrica interna da Coudelaria de Alter. O transporte de cotas efectuou-se a partir do lancil junto à porta das denominadas Casas Altas, que possui a altitude, relativa, de102,25 metros.

2.5.1. ESCAVAÇÃO DA CÂMARA FUNERÁRIA

Iniciaram-se os trabalhos de escavação na câmara do monumento nos quadrados J 12 e K 12, deixando uma banqueta de terras encostada aos esteios a Norte (1, 2 e 3), para garantir a estabilidade dos mesmos (quadrados J 11 e K 11). As primeiras terras indiciaram, desde logo, que o monumento tinha sofrido violações. Na verdade, desde as primeiras terras até ao último nível, registado na câmara, identificam-se marcas claras de profundos revolvimentos. Registaram-se quatro níveis na câmara do dólmen, três deles, marcadamente, de revolvimento. Um primeiro nível, de terras claras, muito soltas, constituído por muita pedra de pequeno e médio calibre e por muitos materiais datáveis desde o Neolítico (cerâmica e líticos talhados), passando pela Época Romana (materiais de construção como fragmentos de *tegullae*), até à

Época Moderna/Contemporânea (pucarinho). O nível 1 regista-se por praticamente toda a área da câmara, com uma potência média de 0,60 m. Contudo, na zona central do espaço da câmara denotava-se uma mancha mais escura, com a presença de cinzas, que emergia do nível inferior e que, praticamente, o define na sua totalidade (nível 2). Este segundo nível é, maioritariamente, constituído por cinzas e por uma terra escura homogénea, mais compacta, que apresenta uma potência máxima de cerca de 0,65 m. Definimos este nível como se tratando de uma lareira de continuidade. No último nível da câmara, no quadrado J 12, pudemos observar a estruturação da lareira original. Abundantes cinzas estavam delimitadas por pedras de médio e pequeno calibre, com claros sinais de fogo. Foram recolhidos carvões e amostras de terra deste nível, para posterior análise. Contudo, verificaram-se fragmentos de cerâmica romana de construção, indicando-nos estarmos em presença de um espaço de ocupação temporária, contemporânea do domínio romano, ou da Alta Idade Média. Provavelmente, esta anta, depois de violada, terá servido de abrigo a pastores que aqui construíram uma lareira, aproveitando o pára-vento que os esteios, ainda em pé, proporcionariam. Por forma a compreender e delimitar todo o empedrado da lareira e identificar alguma porção do esteio de cabeceira, ou o seu alvéolo, alargou-se a escavação para os quadrados I 12 a), J 13 a) e K 13 a). Do esteio de cabeceira e do n.º5 já nada restava, apenas os seus alvéolos permaneciam. Ambos os alvéolos estavam cobertos por um empedrado, constituído por pedras regulares com sinais de terem suportado altas temperaturas. No alvéolo do esteio de cabeceira, o empedrado surgiu sob o nível de cinzas. À superfície, em J 12, J 13 a) e I 12 a), e por cima da mancha de carvões e cinzas, identificou-se uma camada pouco uniforme de terra clara, compactada, com quase ausência de pedras, que parece resultar das recentes movimentações de solos que ocorreram junto a este monumento e que denominámos por nível 4. Este nível apresentava uma potência máxima de 0,55 m. Os trabalhos de escavação na câmara ficaram concluídos com a intervenção nos quadrados J 11 e K 11, após o escoramento do esteio 2. Nestes quadrados, registaram-se os mesmos níveis de revolvimento, presentes no resto da câmara.



Ídolo-Placa - Anta da Soalheira

2.5.2. **ESCAVAÇÃO DO CORREDOR**

À medida que avançaram os trabalhos de escavação no corredor, apercebemo-nos de que este apresenta duas fases construtivas. A primeira fase parece ser contemporânea da construção da câmara, e é constituída por oito esteios, quatro de cada lado, com dimensões significativas. A segunda fase de construção apresenta esteios constituídos por blocos de granito muito mais pequenos. Esta divisão estava bem definida, quer pela presença de uma cobertura de corredor, aparentemente, in situ, pertencente à primeira fase construtiva, quer pela diferença de volumetria e implantação dos esteios, mas, sobretudo, pela inflexão para Sul que se denota no prolongamento construtivo do corredor.

O corredor apresentava, tal como a câmara, vestígios de profundas violações. Na zona de transição entre a câmara e o corredor, encontrámos o mesmo nível de terras claras, soltas, registado na câmara. Parece que

quem violou o monumento o fez não só na câmara, mas também no início do corredor. O restante corredor, ainda que apresentasse sinais de destruição e revolvimentos, não indiciava o elevado grau de violação constatado nos espaços anteriormente descritos. A partir do final do esteio 11 do corredor, começaram a surgir materiais que pareciam indiciar um nível sem perturbações, com a presença de machados de pedra polida, dois ídolos-placa, em micaxisto, cerâmica pré-histórica, pontas de seta, fragmentos de lâmina e geométricos. A potência média de terras no corredor era de cerca de 0,50 m.

Na zona de transição entre a câmara e o corredor, no espaço interno, foram identificados dois blocos alongados de xisto que parecem ser contemporâneos da montagem do monumento. Pela sua posição simétrica e transversal à zona de passagem, parecem definir-se como estranguladores simbólicos de acesso à câmara.

2.5.3. SONDAGEM NA MAMOA

Por forma a que se compreendesse a estruturação da mamoa, procedemos à escavação dos quadrados M 12 a), N 12 a), O 10 a), O 11, P 10 a) e P 11. Trata-se de uma mamoa constituída, maioritariamente, por terras muito compactadas, com presença de blocos de granito, colocados, unicamente, junto aos esteios.

Para confirmar esta anterior leitura, abriu-se mais uma sondagem na mamoa, nos quadrados L 12 a), L 13 a) e L 14 a). Nesta sondagem, a presença da couraça lítica apenas foi registada na periferia. A ausência de mamoa lítica junto à câmara terá resultado das profundas violações que este monumento sofreu. As pedras da mamoa assentavam directamente sobre uma fina camada de terra muito clara e compacta, que se adossava directamente à rocha em desagregação. Cobria as pedras da mamoa uma camada de terra humosa, com potências que variavam entre os cinco e os quinze centímetros.

2.5.4. REABILITAÇÃO DO MONUMENTO

Toda a área escavada foi coberta com terras e pedras, retiradas durante a intervenção do interior do próprio monumento.

O esteio 6 da câmara, que se encontrava partido, foi colado com a ajuda do mestre canteiro Sr. Manuel Graxinha, ex-funcionário da Câmara Municipal de Évora. No processo de colagem desse esteio, foi utilizado um pivot *central, em aço, e três "gatos", do mesmo metal, embutidos na superfície externa do esteio. Cola de pedra (resina + secante + pó de granito) deu consistência e isolamento às peças metálicas utilizadas.*

Tendo-se identificado à superfície, tombado e deslocado, um bloco de granito, que, pela sua forma e dimensão, parecia corresponder à cobertura da câmara e existindo apenas dois pontos de apoio para sua recolocação, optámos por implantar no local onde se situava o esteio de cabeceira dois tubos de aço, que serviram de apoio ao chapéu do monumento no lugar onde se situaria o esteio de cabeceira. Contudo, e antes de tomada a opção dos tubos de aço, foi construída em betão e ferro uma imitação do esteio de cabeceira. Depois de implantado, observou-se, de imediato, a sua desadequação em relação ao monumento, optando-se pela sua substituição.

No corredor, procedemos à reimplantação dos esteios que se encontravam tombados ou deslocados. A única cobertura que se identificou na área do corredor, que teve de ser removida para escavação e reposicionamento dos esteios tombados, foi, de novo, colocada no local original.

Tendo-se identificado, tombadas, na zona terminal do corredor, duas pequenas peças de xisto, provavelmente esteios, e embora não se tenha definido qualquer alvéolo a elas pertencente, optámos por as implantar,

verticalmente, no final do corredor. Esta opção foi tomada por forma a que não se viessem a perder mais estes dois elementos estruturais do monumento. Abriu-se, ainda, uma pequena vala de drenagem, a Oeste do monumento.
Durante os trabalhos de limpeza da área envolvente, a poucos metros, a Norte, do final do corredor, identificámos um bloco de granito fracturado que dava colagem com outra porção removida em trabalhos anteriores. Embora não tivéssemos encontrado qualquer alvéolo, procedemos à sua implantação no local onde foi identificada a porção maior e, igualmente, procedemos à colagem dos dois fragmentos. Pela forma que apresenta, parece tratar-se de um menir. Na colagem do "menir" apenas foi utilizada cola. Pela sua configuração e estabilidade, optou-se por não utilizar qualquer elemento metálico de união.

2.5.5. ***HISTÓRIA DO MONUMENTO***

Durante o Neolítico, com peças graníticas obtidas na região, é construída a Anta da Soalheira. A uma câmara definindo um polígono, provavelmente octogonal, cuja regularidade é hoje difícil de determinar, unia-se um corredor orientado a nascente. Numa fase posterior, provavelmente no Neolítico final ou nos inícios do Calcolítico, o corredor é alongado. Este acrescento, obtido com blocos de menor dimensão, inflecte para Sul. A identificação de um menir fracturado por entre os blocos de granito que se acumulavam sobre e de lado do monumento levanta a suspeita da sua preexistência no local junto do qual é construído o espaço funerário. Desconhece-se hoje se o túmulo se adaptou ao monumento preexistente, se este foi incorporado como esteio ou, tão-só, se conviveram lado a lado. O monumento funerário terá sobrevivido até ao domínio romano. Por essa altura, ou imediatamente a seguir, a câmara funerária e parte do corredor são violados. Parte dos esteios da câmara, entre os quais se inclui o de cabeceira, são arrancados e outros fracturados. A câmara é escavada até à base. Sobre o solão de base, é montado um empedrado e, continuamente, é acesa uma fogueira. Os esteios conservados in situ servem de pára-vento e protegem quem aí se abriga. Fragmentos de cerâmica de construção romana são incorporados no empedrado. A prolongada ocupação como espaço de habitat é atestada pela acumulação de cinzas, ainda que intervaladas, pontualmente, por terras mais claras. As interrupções na compactação das cinzas parecem resultar de ocupações sazonais do espaço, evidenciando momentos não muito prolongados de abandono. Provavelmente, a anta terá servido de abrigo, ou local de pernoita, ao longo do domínio romano, durante períodos de fainas agrícolas mais intensas. A sequência estratigráfica existente sobre as cinzas produzidas ao tempo do domínio romano ou já durante a Alta Idade Média revela um prolongado período de abandono e eventuais revolvimentos de terra. Nos finais da década de noventa do século XX, durante a construção da nova pista de galope, os monólitos que houve necessidade de remover foram depositados sobre as outras pedras, que há milhares de anos aí tinham sido erguidas para proteger os mortos neolíticos.
As múltiplas violações sofridas por este monumento, ao longo dos tempos, perturbaram, significativamente, os depósitos funerários originais. Os reduzidos materiais contemporâneos das tumulações registaram-se com abundantes fracturas e em ambientes de revolvimento, não possibilitando qualquer correlação contextual. Também no corredor o ambiente de revolvimento impossibilitou reconhecer, em termos artefactuais, qualquer distinção cronocultural entre os dois momentos construtivos. Motivado pelos revolvimentos, mas sobretudo pela acidez das terras, não se identificou qualquer resto ósseo em toda a área escavada.



Anta da Soalheira, antes do início dos trabalhos



Anta da Soalheira, após a limpeza



Início dos trabalhos na câmara



Identificação do primeiro nível de lareira na câmara



Recolha de carvões da lareira



Nível de termoclastos na base da lareira



Câmara da anta, após a escavação,



Pequeno menir e pilares de xisto, na transição do corredor para a



Estrutura de condenação no final do corredor

Sondagem na mamoa



Vista geral da escavação da anta, tomada de Este



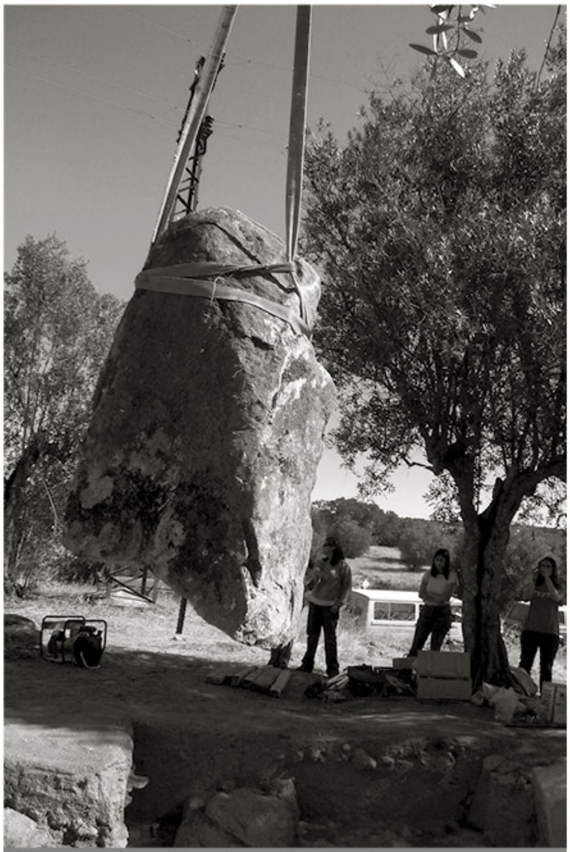
Vista geral da escavação da, anta tomada de Leste



Depósito funerário no corredor (placa, machado e vaso)



Identificação de fragmento de machado na base de um dos pilares de xisto



Fase de colagem de um dos esteios da câmara



Fase de remontagem de um dos esteios fracturados da câmara



Implantação do *pivot* no esteio fracturado



Colagem do esteio

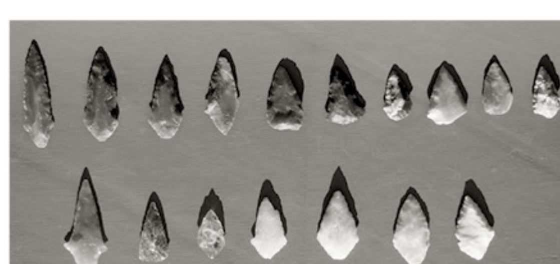

Fase de colagem do menir


Cerâmica decorada



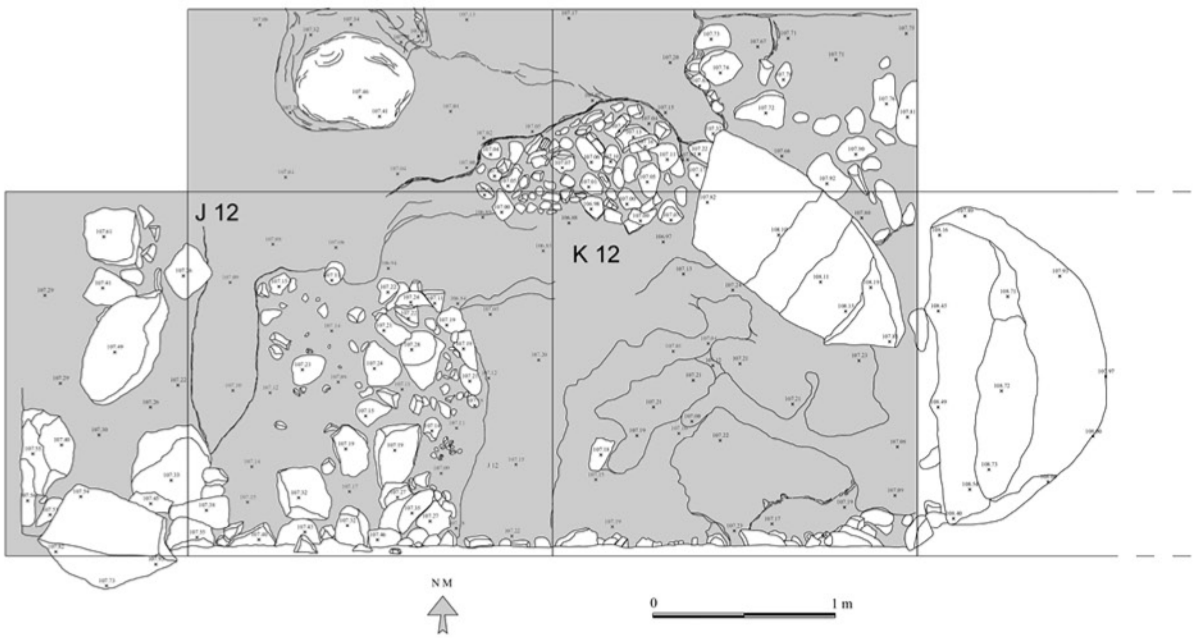
Remontagem do chapéu do monumento


Vista geral da Anta da Soalheira, após a recuperação

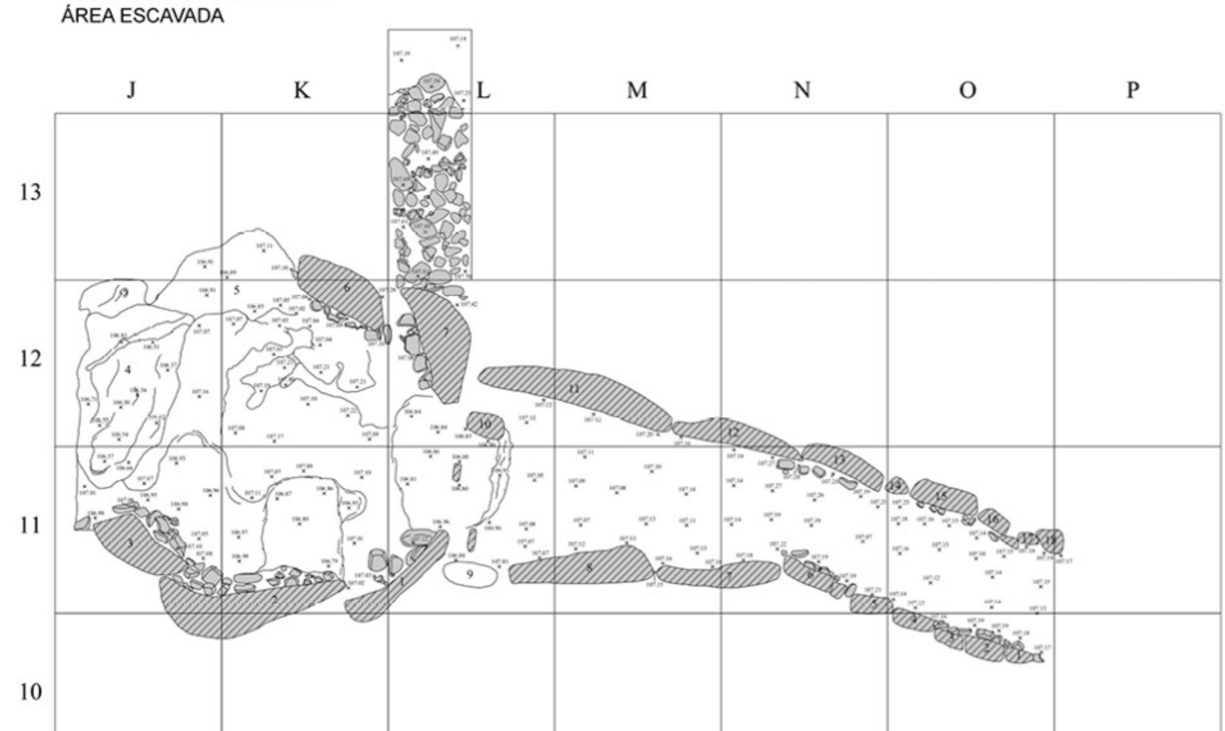


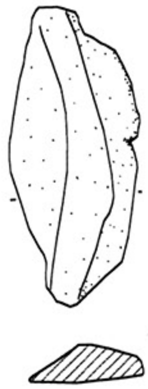
Pontas de seta

COUDELARIA DE ALTER
ANTA DA SOALHEIRA
lareira - ocupação romana (?)

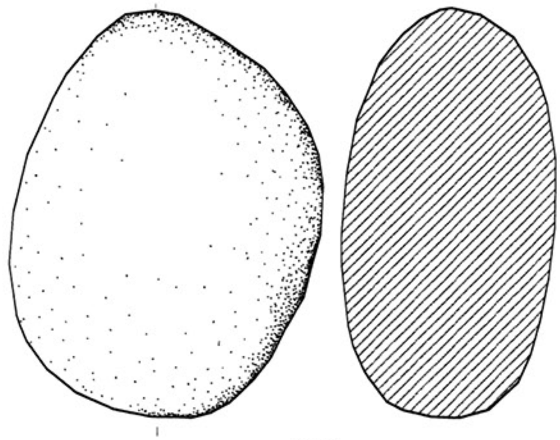


COUDELARIA DE ALTER
ANTA DA SOALHEIRA
ÁREA ESCAVADA

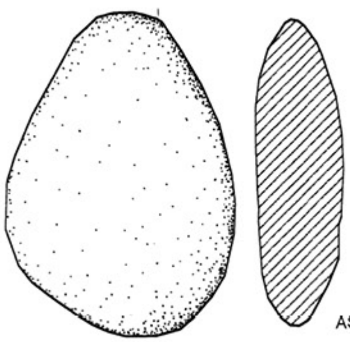




AS 3

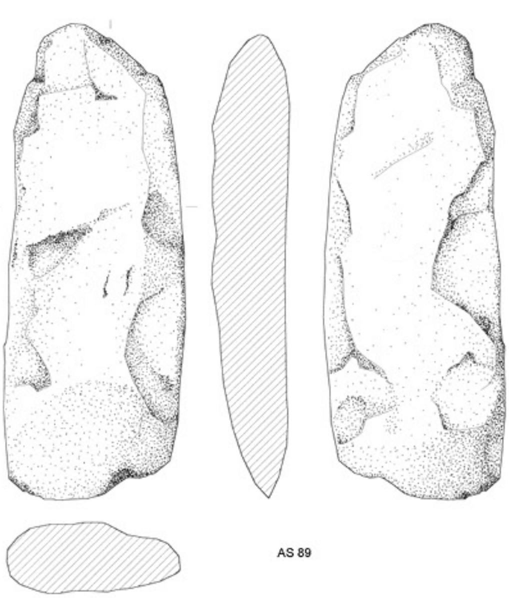


AS 75



AS 64

0 5 cm



AS 89

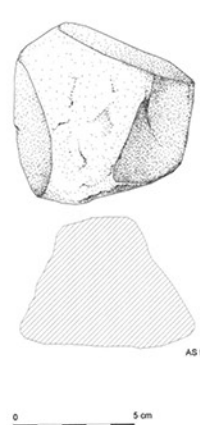
0 5 cm



0 5 cm

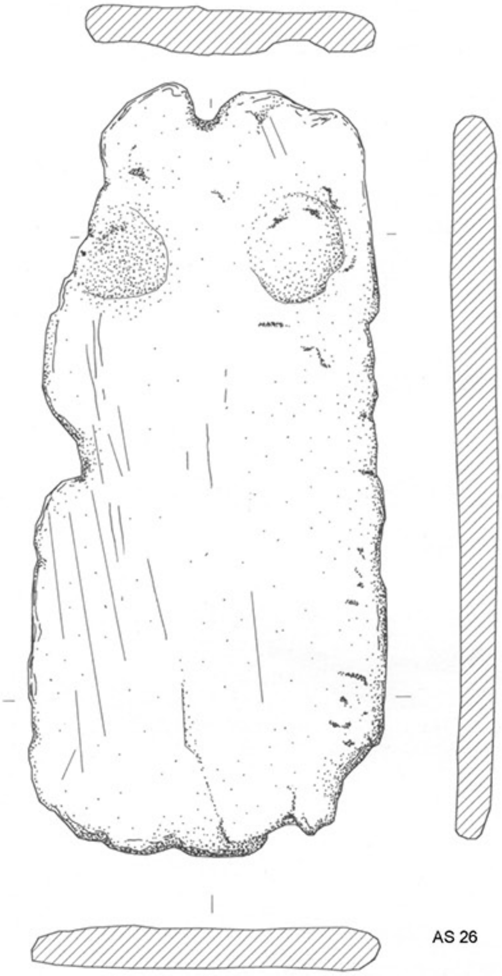


AS 95

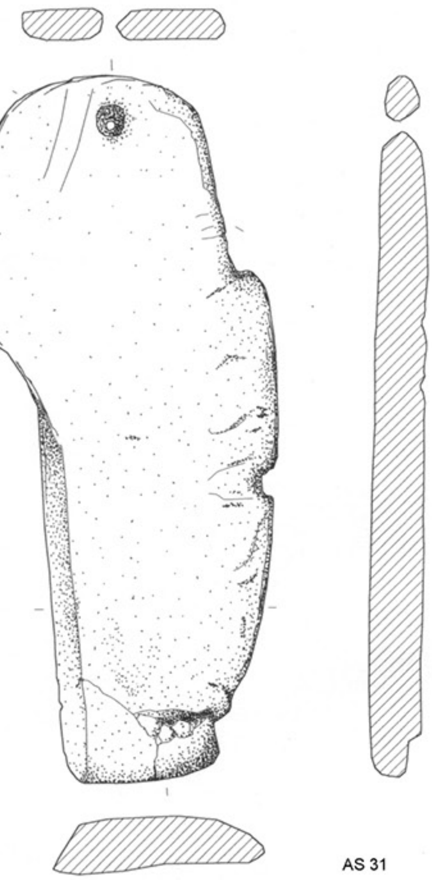


AS 93

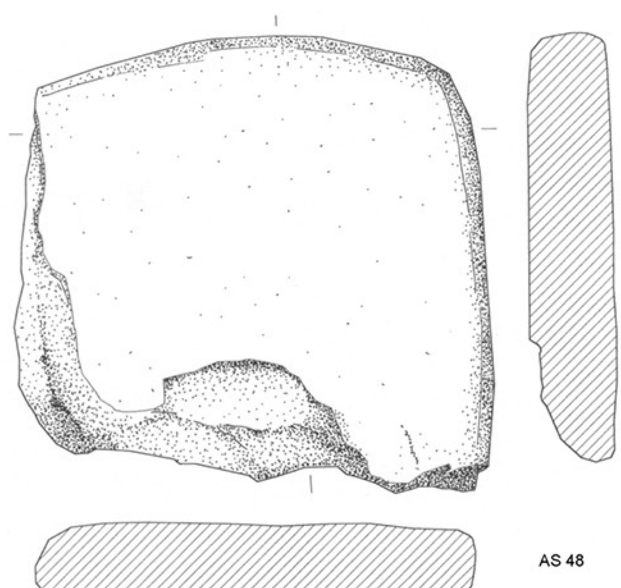
0 5 cm



AS 26



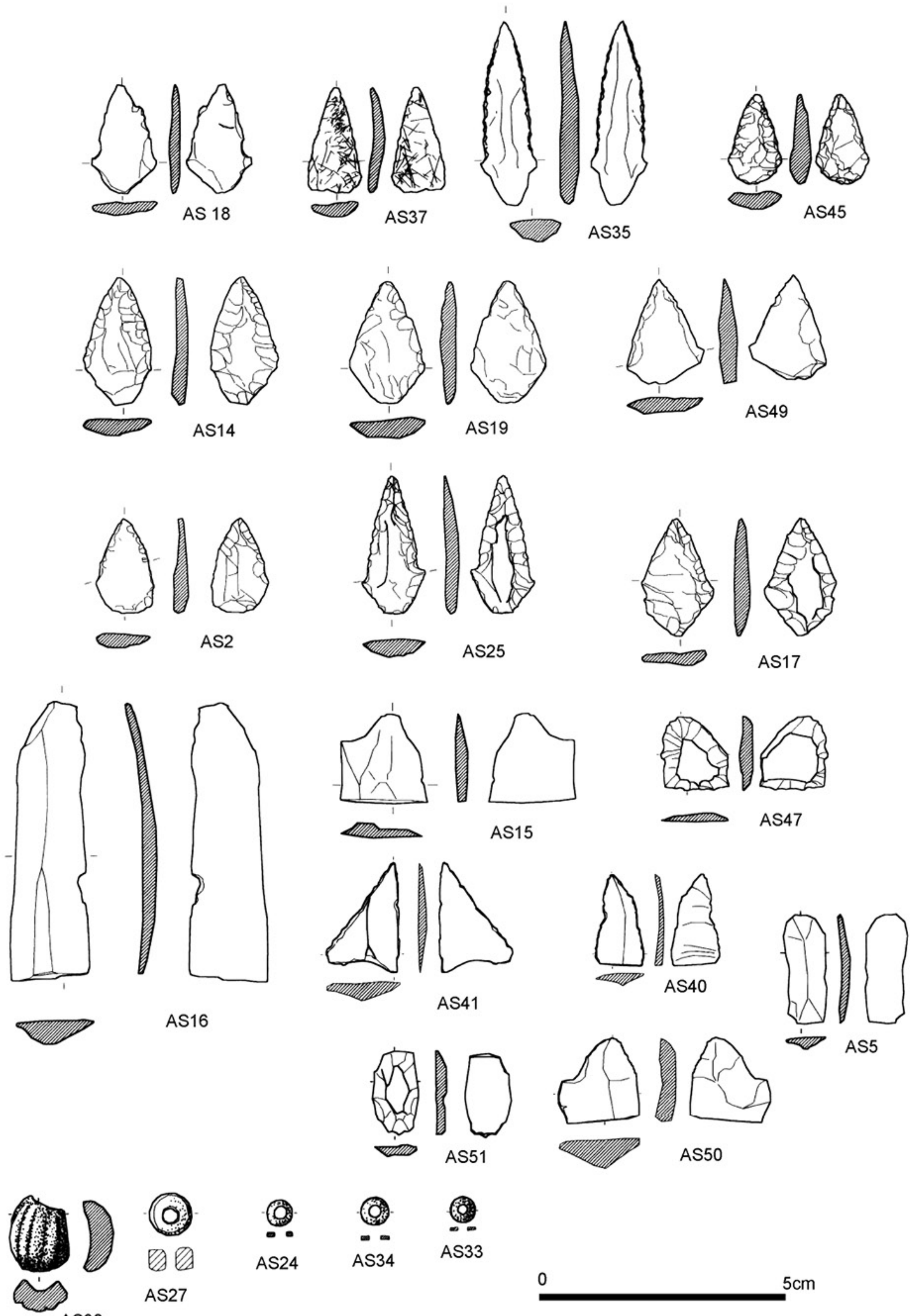
AS 31



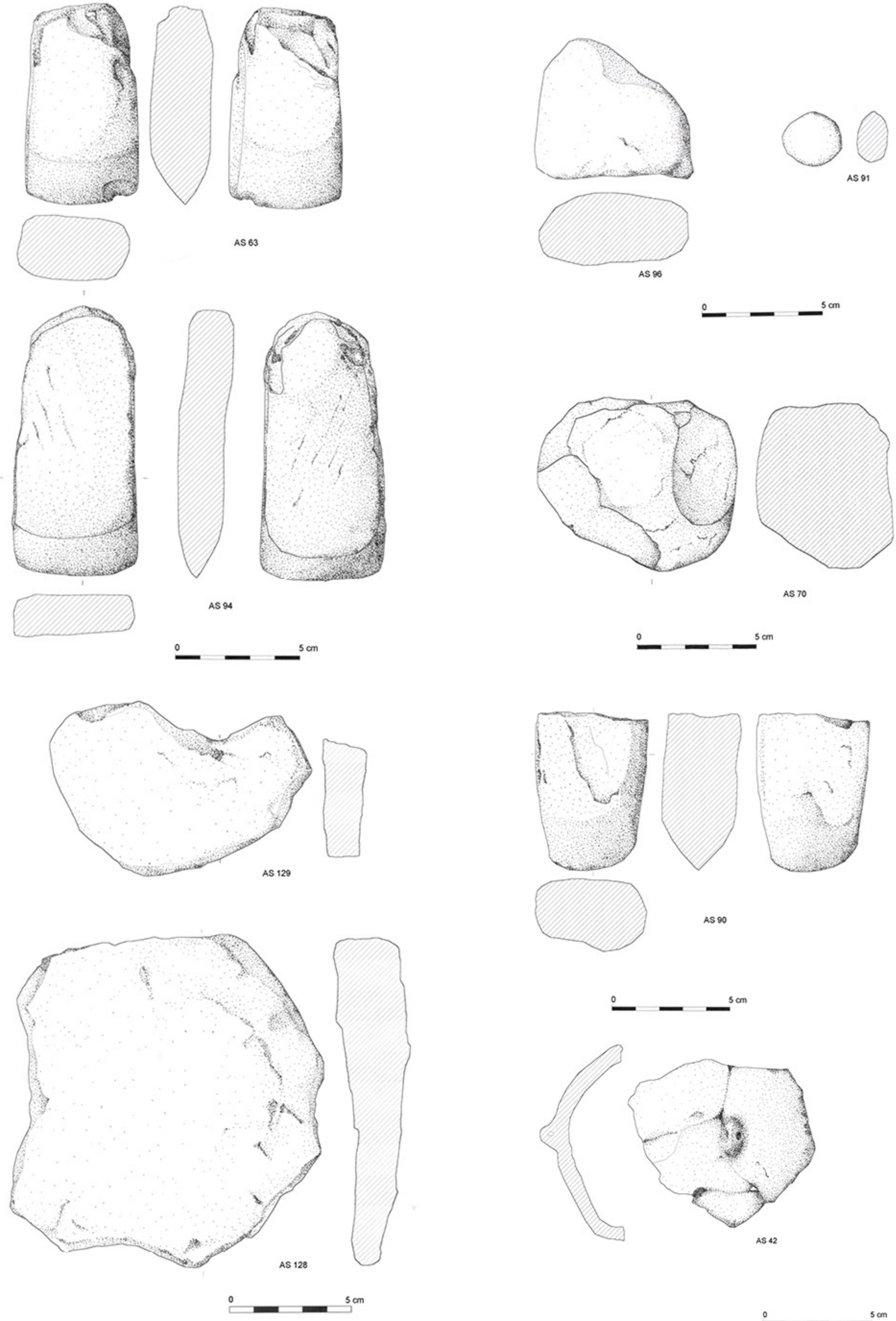
AS 48



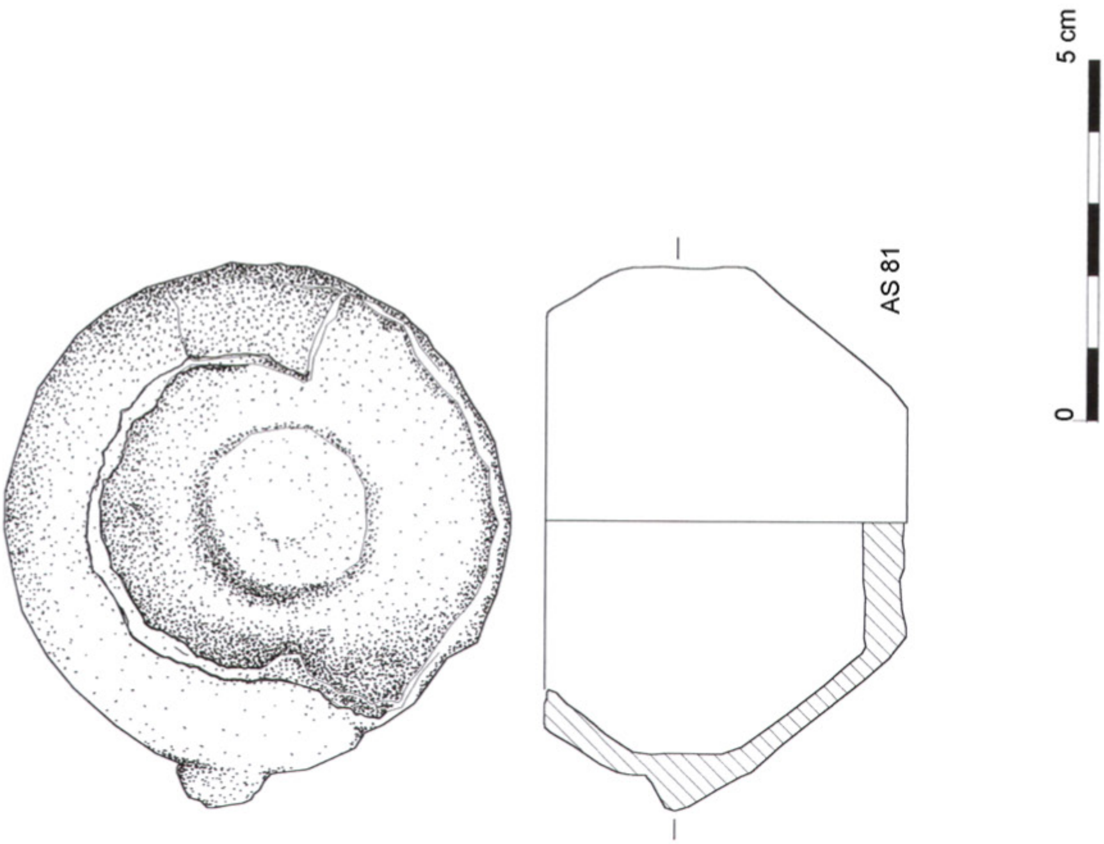
MATERIAIS DA ANTA DA SOALHEIRA

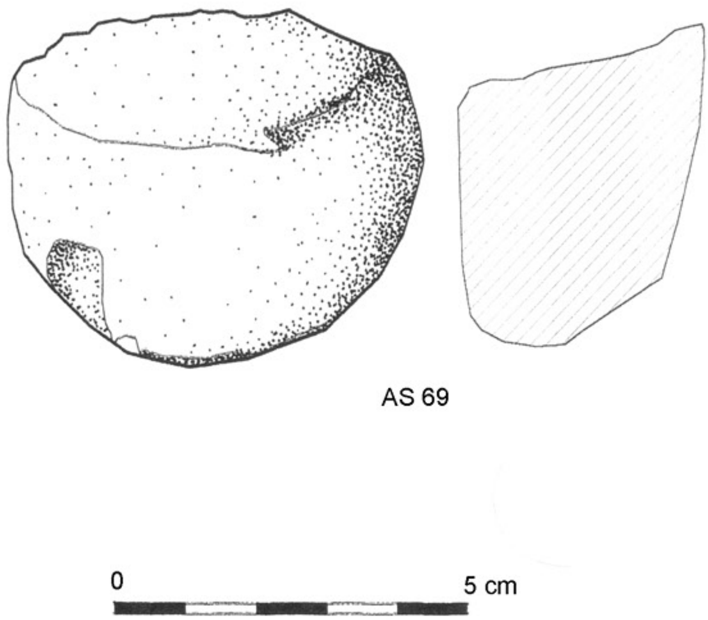


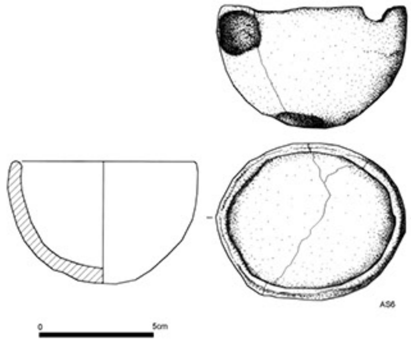
MATERIAIS DA ANTA DA SOALHEIRA

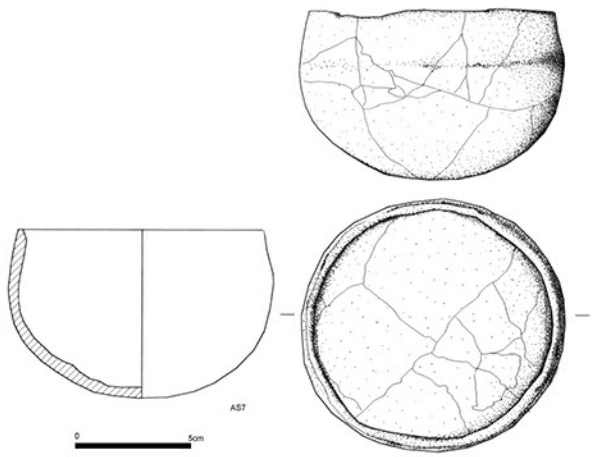


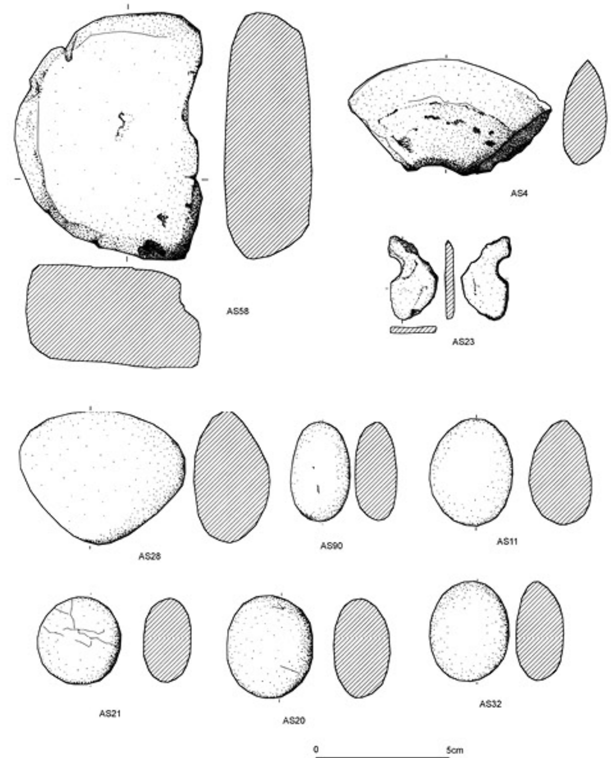
MATERIAIS DA ANTA DA SOALHEIRA

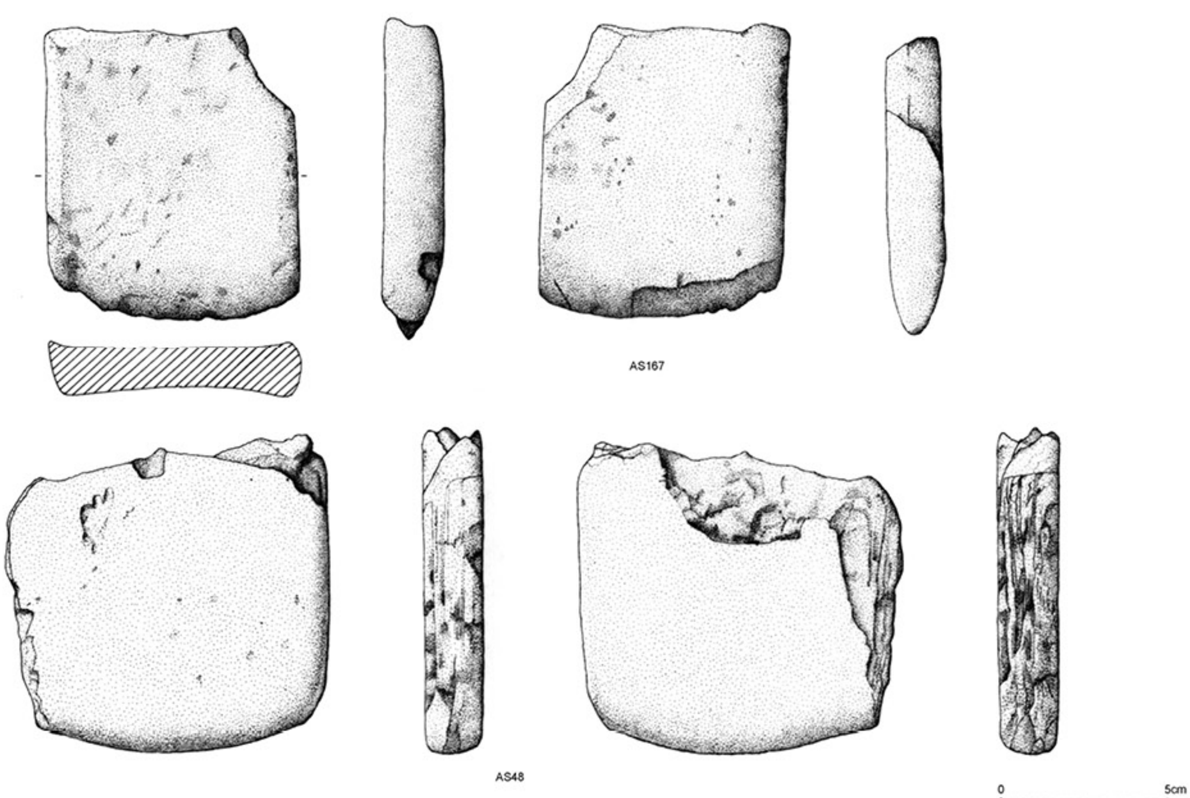

AS 81
0
5 cm

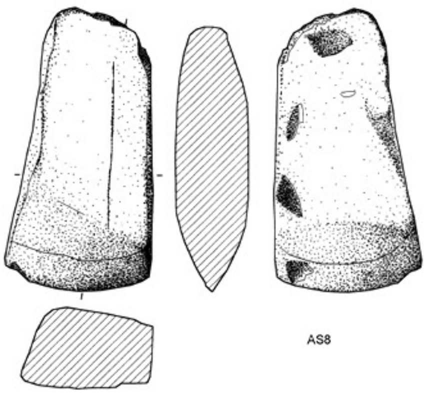

AS 69
0
5 cm


0
5cm
AS6

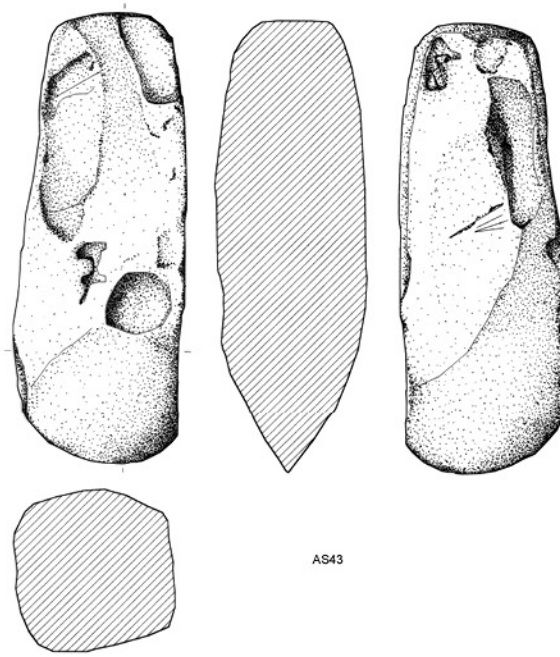

0
5cm
AS7


AS58
AS4
AS23
AS28
AS90
AS11
AS21
AS20
AS32
0
5cm

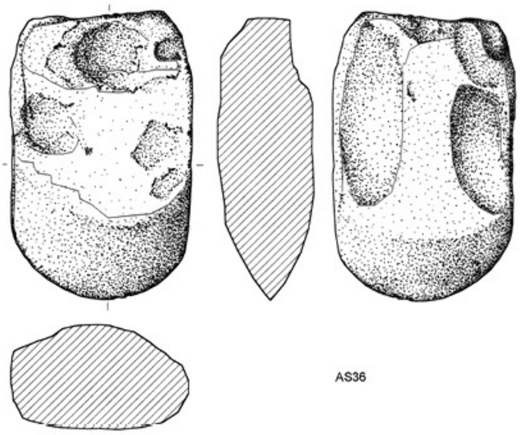

AS167
AS48
0
5cm



AS8

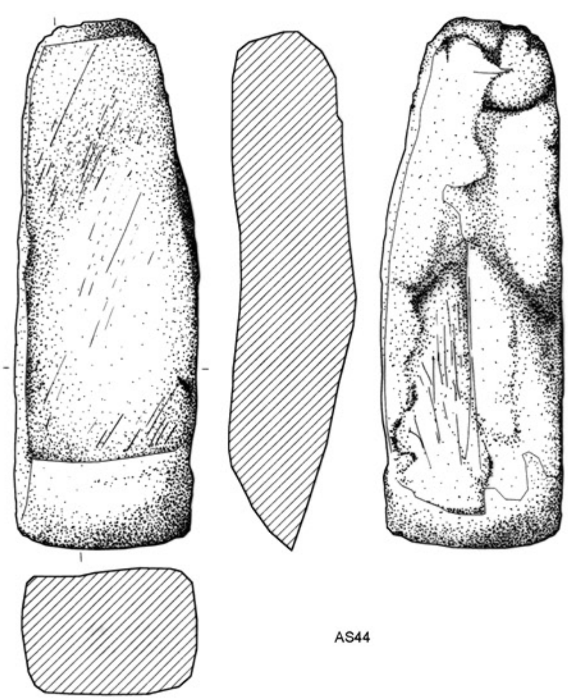


AS43

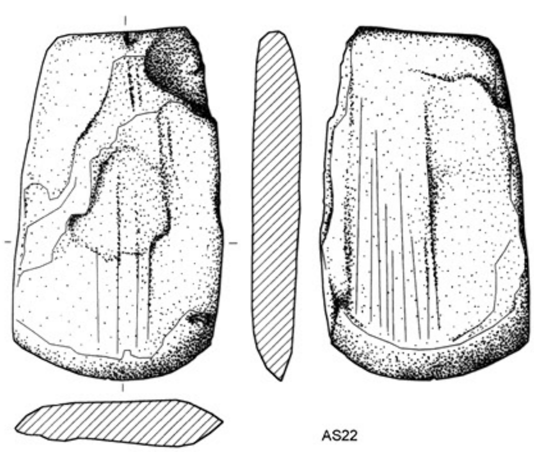


AS36

0 5cm



AS44



AS22

0 5cm

2.6. ANTA DA VÁRZEA GRANDE

Os trabalhos efectuados na Anta da Várzea Grande decorreram em Junho e Julho de 2005.
A Anta da Várzea Grande, situada na Coudelaria de Alter, localiza-se numa elevação natural em língua de terra, no sítio da Várzea Grande, a Este das instalações principais da Coudelaria de Alter e possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: Coordenadas UTM: X – 612400; Y – 4342518; Coordenadas geográficas: 07º41'52.5" W; 039º13'26.5"N.
A observação do terreno permitiu determinar tratar-se, geologicamente, de um território constituído principalmente por granitos e outras rochas de tipo granitóide. O sítio de implantação do monumento apresenta uma potência de solo relativamente escassa, isto é, o substrato rochoso, em algumas zonas, encontra-se a poucos centímetros da superfície. Nas proximidades do monumento existem alguns afloramentos graníticos de grandes dimensões, formando lapas, ou abrigos, que poderão ter servido de habitat *ao tempo da construção do monumento funerário. Num afloramento granítico situado a cerca de 80 metros para poente da anta, na quebra da elevação onde esta se situa, registou-se uma sepultura escavada na rocha atribuível à Alta Idade Média.*
A Anta da Várzea Grande apresentava-se parcialmente destruída.
O monumento megalítico apresenta uma câmara poligonal regular. Dos esteios da câmara, todos em granito, chegaram até nós apenas seis. O corredor do monumento apresenta-se completamente destruído. Os seus elementos estruturais, tombados e fracturados, amontoavam-se uns sobre os outros. O chapéu apresenta-se partido em três partes, localizando-se a porção maior, tombada e invertida, imediatamente por detrás do esteio de cabeceira. Um outro fragmento do chapéu localiza-se na zona do corredor. Após os primeiros trabalhos de limpeza e na sequência dos trabalhos de escavação do corredor, concluímos que nenhum dos esteios de corredor se encontrava in situ. *A cota média no interior da câmara é de 98,55 m, inflectindo para os 97,92 m do corredor.*
A escavação da Anta da Várzea Grande organizou-se a partir de dois eixos ortogonais, orientados, respectivamente, a Norte - Sul e Este - Oeste, magnéticos. A partir destes eixos, estabeleceu-se uma rede de quadrículas de 2 X 2 metros de lado, que cobriu toda a área a intervencionar. Na identificação da quadrícula, utilizou-se o sistema alfanumérico.
Estabeleceu-se um ponto de cota de 100,00 metros, no topo do esteio de cabeceira, a partir do qual se procedeu à cotagem de toda a intervenção arqueológica.
Atendendo ao estado de destruição e revolvimento do monumento, a escavação decorreu por decapagens sucessivas de níveis naturais, quando possível, e decapagens artificiais, com um máximo de 5 a 7 cm de profundidade.

2.6.1. ***ESCAVAÇÃO DA CÂMARA***

Após a extracção da camada humosa, identificou-se um nível de terra solta, com abundantes blocos de quartzito rolado, que se dispunham de maneira arbitrária pelo interior da câmara do monumento. Neste

nível, identificaram-se pequenos fragmentos de tecido pertencentes a uma saca. Provavelmente, o depósito de calhaus rolados, recolhidos na linha de água que corre nas imediações, terá servido de base de lareira para abrigo de algum pastor. Durante as várias decapagens realizadas, observámos a presença constante de pequeníssimas esquírolas de osso, tanto na câmara como no corredor. Por entre o fino nível de terra muito revolvida que se identificou sob a camada de calhaus rolados até à rocha, recolheu-se um fragmento de mandíbula humana e um dente de cavalo. O fragmento de mandíbula terá pertencido a um jovem adulto. Ambas as peças foram submetidas a datação por radiocarbono. O dente de cavalo forneceu uma data posicionável na segunda metade do século XVII (Beta – 214598 Cal AD 1650 a 1670; Cal BP 300 a 280) , enquanto que a mandíbula, por ausência de colagéneo, não possibilitou qualquer resultado cronométrico.

Ao atingir-se a base do monumento, reconheceu-se a presença de diversos abatimentos na rocha, resultado das violações que terá sofrido. A face interna do alvéolo do esteio de cabeceira terá sido destruída durante o processo de violação, ou violações, de que esta anta foi alvo.

2.6.2. ***ESCAVAÇÃO DO CORREDOR***

Com o início das decapagens na área do corredor, verificou-se que nenhum dos esteios e blocos graníticos presentes se encontrava implantado nos seus respectivos alvéolos. Toda a zona do corredor apresentava sinais de profundos revolvimentos, que se prolongavam até à base. O grau de destruição decorrente de violações afectou também os prováveis alvéolos dos esteios do corredor, tornando-se muito difícil, em fase de remontagem do monumento, a reimplantação dos esteios. O elevado grau de destruição não possibilitou o reconhecimento da dimensão correcta do corredor, nem a sua precisa orientação.

2.6.3. ***SONDAGEM NA MAMOA***

Os trabalhos de escavação na mamoa (J - 9, J - 10, H - 8, G - 8, F - 8, E - 8 e D - 8) permitiram concluir que a mesma estaria estruturada da seguinte forma: um nível na base inicialmente constituído por pequenos blocos de quartzito rolados, muito compactados e uniformes, assentavam sobre uma fina camada de argila que regularizava a rocha de base. Uma segunda camada de blocos graníticos, de dimensões médias, assentava no nível de seixos rolados. Esta segunda camada foi compactada e consolidada com terra e outros blocos mais pequenos. Nos quadrados J - 8 e J - 9, procedeu-se à desmontagem integral da estrutura pétrea da mamoa.

2.6.4. ***REABILITAÇÃO DO MONUMENTO***

Depois de se ter procedido à escavação do monumento, procedeu-se à reimplantação dos esteios da câmara que se encontravam tombados e arrancados nos seus alvéolos originais. No corredor, esta tarefa foi dificultada devido ao seu elevado estado de destruição. Os esteios do corredor foram reimplantados, atendendo à sua posição relativa, não se podendo garantir a total veracidade desta operação. O estado de fractura do chapéu e a fragilidade actual dos esteios da câmara desaconselharam a sua recolocação.

Todo o espaço interior da câmara e corredor foram preenchidos por camadas alternadas de pedras e terra crivada. A área escavada da mamoa foi recoberta com terra. A zona onde se procedeu à desmontagem da mamoa foi reconstituída e igualmente recoberta com terra.

2.6.5. **HISTÓRIA DO MONUMENTO**

Durante o Neolítico, numa estreita língua de terra sobranceira a uma várzea, drenada por uma linha de água de curso anual, foi construído um monumento funerário formado por câmara e corredor de acesso e coberto por uma mamoa. Depois de retirada a terra que cobriria a rocha de base, foram abertos alvéolos que receberam lajes de granito, obtidas nos afloramentos que rodeiam o monumento. Um desses blocos, o que se encosta imediatamente a Norte do esteio de cabeceira, apresenta uma forma subcilíndrica, eminentemente fálica, truncada na extremidade superior. Trata-se de um menir claramente reutilizado no monumento funerário. Esta afirmação advém da deficiente forma de regularização da parte inferior, que se destinava, originalmente, a ficar inclusa na terra. Ao ser removido para ser incluído na estrutura funerária, houve necessidade de partir a parte superior, porque a sua dimensão original ultrapassaria a altura dos outros elementos estruturais. Uma parte substancial da porção que originalmente se encontrava enterrada ficou fora do alvéolo, nesta nova função. Construído o monumento funerário, terá servido para a função a que se destinava. A presença de algum espólio votivo, ainda que muito fracturado e em revolvimento, assim como a presença de pequenos fragmentos ósseos, a isso nos levam a concluir. Em data muito posterior, pelo menos no século XVII, um dente de cavalo foi parar ao interior do monumento, altura provável da estruturação do que parece ter sido uma base de lareira, antecedida de uma profunda e global violação do monumento. Em datas posteriores, provavelmente já no século XX, o monumento volta a ser mexido, altura em que, no interior da câmara, é abandonada uma saca, ou parte dela.



Anta da Várzea Grande, antes do início dos trabalhos-vista de Sul



Anta da Várzea Grande, antes do início dos trabalhos-vista de Este



Início dos trabalhos na câmara



Depósito de calhaus rolados na câmara



Decapagem na mamoa



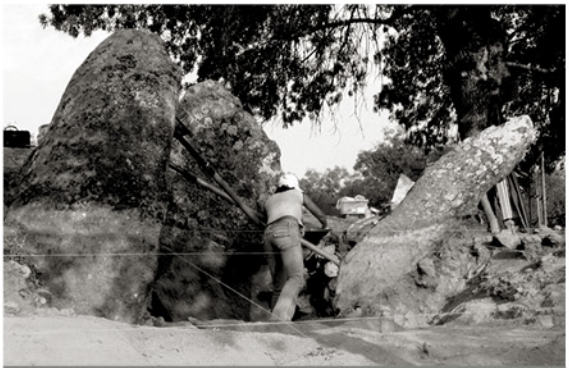
Início da escavação



Reimplantação do menir



Identificação de machado nos níveis de revolvimento



Posição em que se encontrava o menir incluído na câmara



Vista geral da área decapada na mamoa



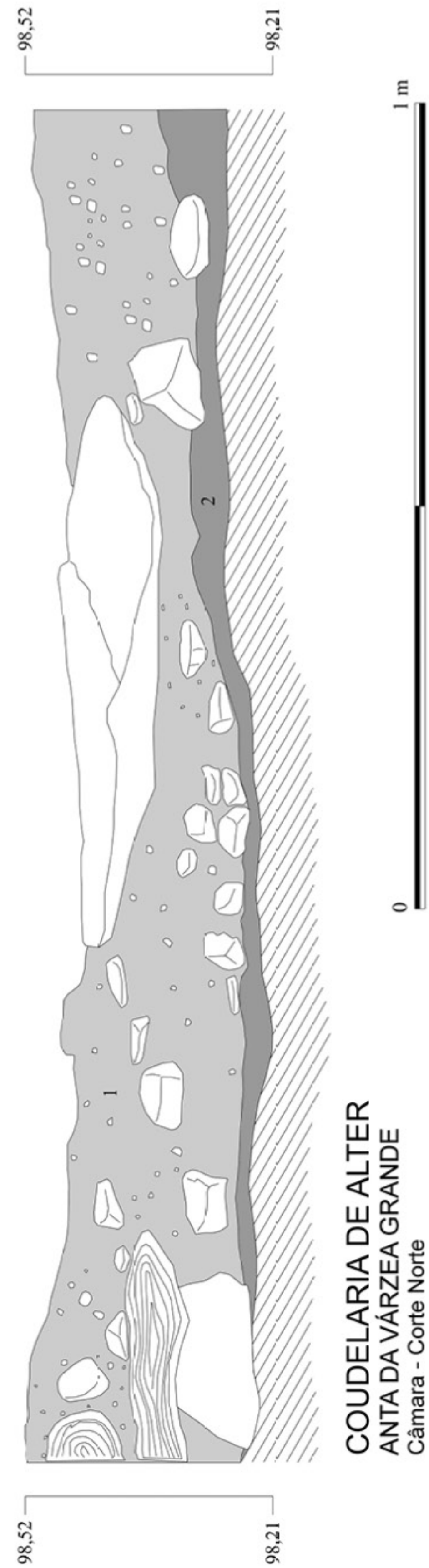
Anta da Várzea Grande, depois de remontada-vista de Sul



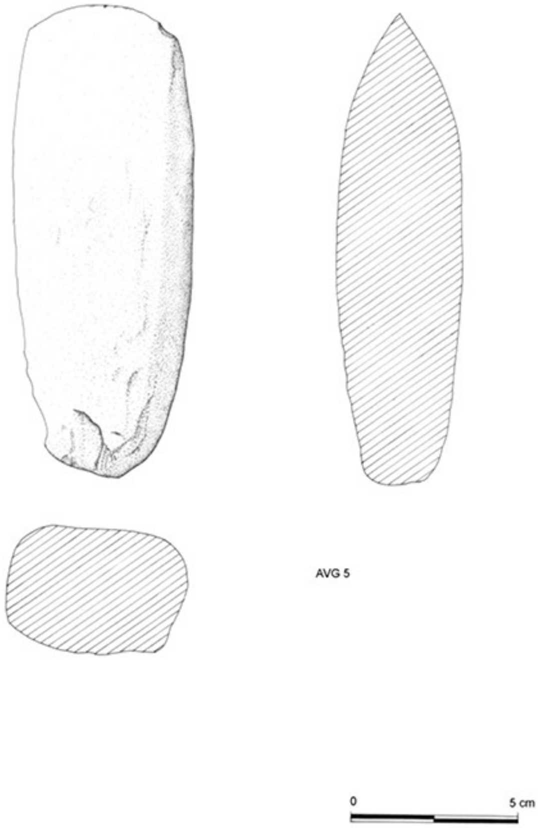
Anta da Várzea Grande, depois de remontada-vista de Este

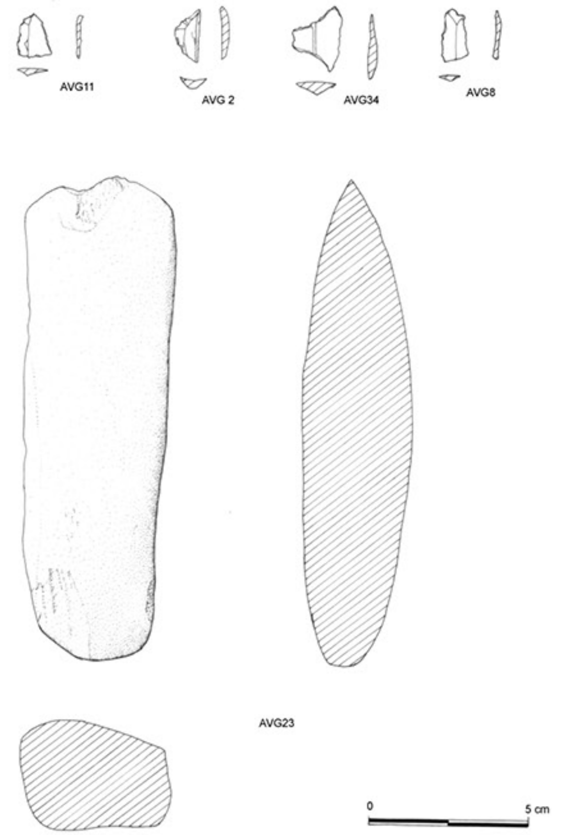


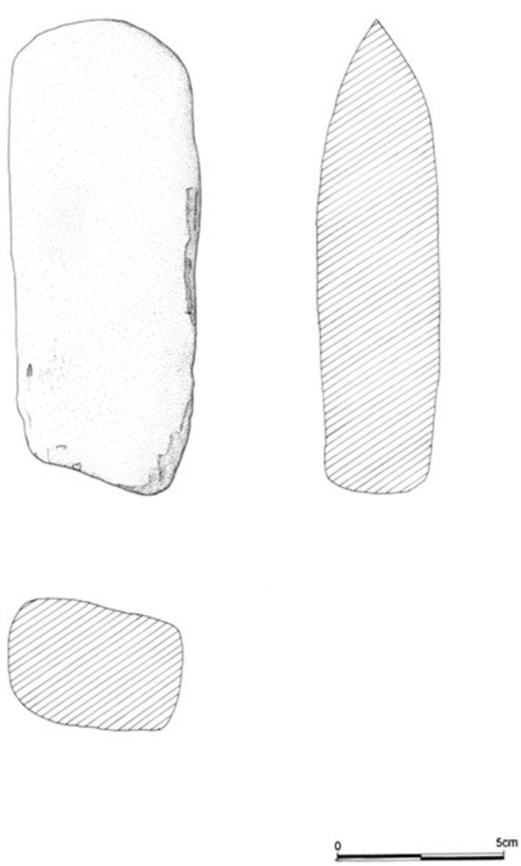
Equipa

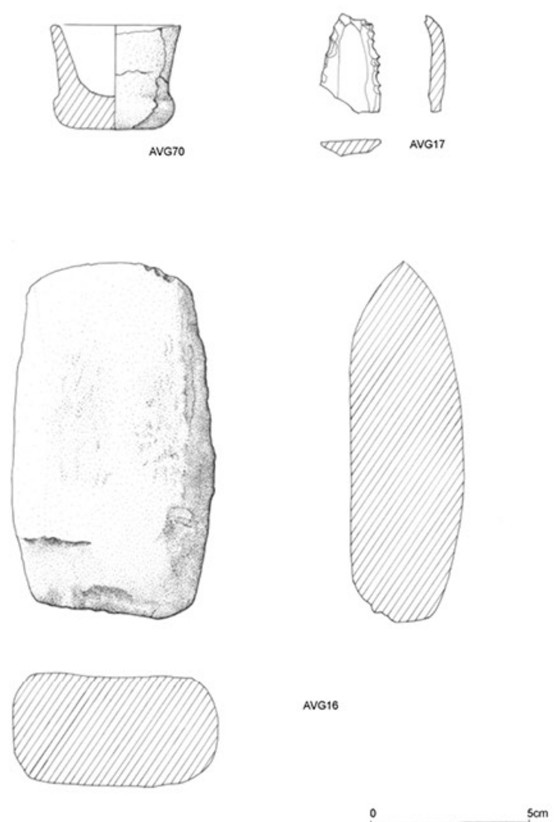

98,52
98,21
1 m
0
1
2
COUDELARIA DE ALTER
ANTA DA VÁRZEA GRANDE
Câmara - Corte Norte


COUDELARIA DE ALTER
ANTA DA VÁRZEA GRANDE
Área escavada
N M
0
2 m
D
E
F
G
H
I
J
8
9
10
11

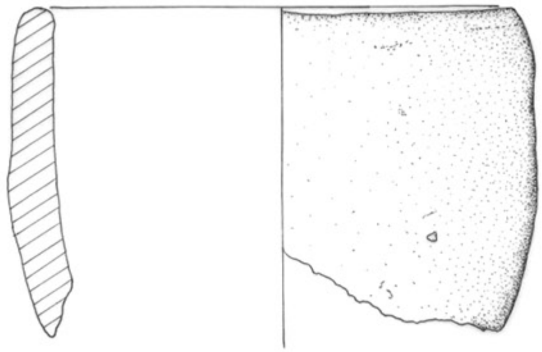




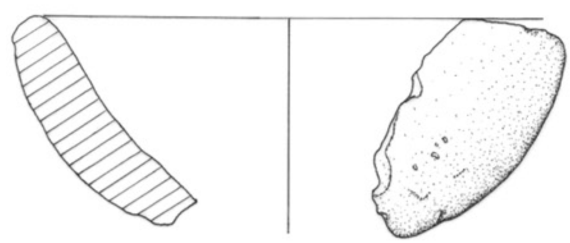




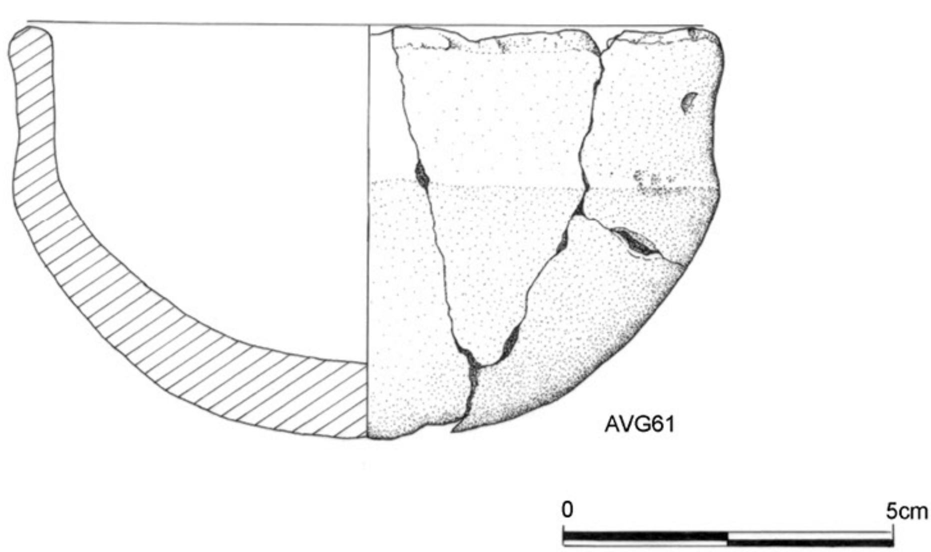
Materiais da Anta da Várzea Grande



AVG35



AVG19



AVG61

2.7. NECRÓPOLE ALTO-MEDIEVAL DO REGUENGO

Para além da vasta ocupação pré-histórica da Coudelaria, até agora inédita, mesmo para a maioria dos funcionários desta instituição, eram desde sempre conhecidas as várias "pias dos mouros", que, maioritariamente, se localizam nos afloramentos que ladeiam, à direita, o principal acesso à zona urbana. Clara Oliveira, durante as prospecções que efectuou, registou seis sepulturas escavadas na rocha, algumas antropomórficas. Das seis registadas, cinco, atendendo à sua proximidade e intervisibilidade, podem definir-se como constituindo uma necrópole. A outra, nas proximidades da Casa da Horta, encontra-se mais afastada, podendo não pertencer a este conjunto. Numa das múltiplas visitas aos trabalhos de escavação da Anta da Várzea Grande, o Director da Coudelaria, Dr. João Costa Ferreira, identificou outra sepultura escavada na rocha. Esta situa-se a cerca de cinquenta metros para Oeste desta anta. No decurso dos trabalhos de limpeza e escavação que desenvolvemos nas sepulturas identificadas na zona do Reguengo, veio a reconhecer-se que a que havia sido denominada por Clara Oliveira como sepultura VI, afinal tratava-se de uma longa lagareta e que, no mesmo afloramento onde identificou a sepultura III, existiam mais duas encobertas por terra.

Os trabalhos desenvolvidos nestas sepulturas tinham como objectivo a sua limpeza e registo gráfico. Não seria de esperar que fornecessem outro tipo de informação, como veio a acontecer.

Estes trabalhos decorreram entre 8 e 28 de Abril de 2003.

Os trabalhos iniciaram-se pela limpeza do coberto vegetal, em redor das sepulturas. De seguida, procedeu-se à remoção das terras depositadas nos afloramentos e à sequente delimitação dos sepulcros. Limparam-se, também, os musgos e líquenes existentes nesses afloramentos.

Concluídos os trabalhos de desaterro e limpeza, procedeu-se ao registo gráfico dos sarcófagos e à criação de uma zona de protecção.

Durante a execução destes trabalhos, verificou-se a necessidade de se efectuarem diferentes intervenções em cada sepultura, que a seguir descrevemos. A identificação das sepulturas desta necrópole foi elaborada com base no levantamento anteriormente realizado. Nesse levantamento, porque não houve movimentação de solos, não foram registadas todas as sepulturas que agora se descrevem.

Assim, registámos com uma letra aposta, a seguir ao número, as novas sepulturas identificadas.

2.7.1. *SEPULTURA I*

A sepultura I localiza-se sobre um afloramento granítico, junto à entrada principal da Coudelaria e possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 614488; Y – 4342333; Geográficas: 007º 40´25.6´´ W; 039º 13´19.5´´ N.

Este sepulcro apresenta uma orientação Norte-Sul (201º).

Trata-se de uma sepultura antropomórfica de moldura rectangular, com 2,25 metros de comprimento e 0,60 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,40 metros. Define-se a cabeceira, através da modelação de ombros. Estes rasgam-se em cota inferior à moldura exterior.

Iniciaram-se os trabalhos de limpeza desta sepultura com a remoção das ervas em redor do afloramento onde esta se encontra. De seguida, procedeu-se à remoção das terras humosas que se depositavam no interior do sepulcro. À medida que se procedia à limpeza geral do afloramento, começaram a identificar-se vários abatimentos na rocha, em torno do sarcófago. Estes abatimentos vieram a revelar a presença de uma lagareta que utilizou a sepultura como receptáculo principal. Vários canais conduzem, para o interior e para o exterior da sepultura, os líquidos produzidos na parte superior do afloramento, quando este foi utilizado para prensagem e esmagamento, provavelmente, de azeitona.



Talha - Sepultura 1

Ao regularizar-se o terreno agrícola envolvente do



Reconstituição da reutilização da sepultura 1, enquanto lagar

afloramento, para melhor escoamento de águas, especialmente do lado oeste, identificaram-se pedras que pareciam definir uma estrutura. Logo que detectada procedeu-se à marcação de uma rede de quadrículas organizada a partir de dois eixos ortogonais, orientados, respectivamente, a Norte - Sul e Este - Oeste, magnéticos. Sob uma fina camada de terra humosa, detectou-se um muro muito destruído, obtido por pedra e argamassa muito pobre, que delimitava uma área com abundantes cinzas. No interior deste aglomerado de cinzas, veio a identificar-se a parte inferior de uma talha, *in situ*, muito fracturada e com sinais de ter sofrido longas e altíssimas temperaturas. A estrutura detectada parece corresponder a um muro de contenção de fogo, ou pára-vento. Os trabalhos agrícolas terão destruído a maior parte desta estrutura que poderá ter-se alargado mais para Ocidente. A talha posiciona-se imediatamente abaixo de um entalhe no afloramento, que se liga a uma caneira que acompanha a borda da sepultura. Parece, assim, não restarem dúvidas quanto à reutilização da sepultura como lagareta. O afloramento, na face oeste, apresenta-se muito degradado devido às fortes temperaturas que sofreu.

A estrutura envolvente do pote, constituída por argamassa muito pobre, pedra e argila, parece estender-se até à parte Noroeste do afloramento, onde existem, abertos na rocha, dois entalhes, verticais e paralelos. Estes entalhes terão, provavelmente, feito parte integrante do mecanismo de transformação e prensagem. Farão igualmente parte desse mecanismo duas outras concavidades existentes no afloramento. A Sudeste, na parte mais alta do afloramento, existe um pequeno orifício de forma cilíndrica, que poderia ter servido de apoio de um qualquer sistema auxiliar de prensagem. Também no mesmo afloramento, a Sudeste do sepulcro, existe uma concavidade, de forma rectangular, que teria servido de local de recolha dos líquidos resultantes da prensagem.

Perante a existência destas estruturas, os trabalhos prosseguiram de forma a facilitar a compreensão e conservação das mesmas. Procedeu-se à remoção da fragmentada talha, mantendo-se inalterado o negativo para posterior musealização do espaço.

2.7.2. ***SEPULTURA II***

A sepultura II localiza-se na parte superior de um afloramento granítico e possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 614359; Y – 4342250; Geográficas: 007º 40´31.0´´ W; 039º 13´16.9´´ N.

Este sepulcro apresenta uma orientação Noroeste--Sudeste (114º). Trata-se de uma sepultura de moldura rectangular, sem identificação de cabeceira ou pés. Apresenta um comprimento de 2,00 metros e 0,72 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,36 metros.

Iniciaram-se os trabalhos de limpeza desta sepultura pela remoção do coberto vegetal em redor do afloramento onde esta se encontra. Durante esta remoção, apareceram alguns fragmentos cerâmicos atribuíveis ao período romano, nomeadamente *tegulla* e *dollium*, por entre as terras muito humosas que envolviam o afloramento.

Ao mesmo tempo, limpou-se o musgo e líquenes do afloramento. O sepulcro apresentava-se cheio de água pluvial, algas e pedras. Também esta sepultura foi reutilizada como receptáculo de lagareta. Denota-se

esta reutilização pela superfície levemente côncava e aplanada que se localiza na parte superior do afloramento, a Norte do sarcófago. No fundo da sepultura, registou-se um abatimento de forma subcircular, destinado à recolha da chamada "última gota".
Num recanto que o afloramento apresenta na sua vertente noroeste, notou-se a existência de algumas pedras que pareciam estar associadas entre si. Achou-se conveniente fazer aí uma sondagem, para uma melhor compreensão. Para o efeito, marcou-se uma quadrícula organizada a partir de dois eixos ortogonais, com orientação, respectivamente, Norte - Sul, Este - Oeste, magnéticos. Escavou-se a partir do limite sul do afloramento, até ao eixo Este-Oeste. Os blocos de pedra (granito, grauvaque e quartzito) foram postos a descoberto na sua totalidade, constituindo uma pequena estrutura de combustão, comprovada pela existência de fracturas térmicas. Apareceram aqui fragmentos de cerâmica comum de contenção, de construção e faianças. São materiais datáveis desde a Idade Média (cerâmicas comuns e tijoleiras) até aos nossos dias (faianças modernas e cerâmicas de contenção). A maior parte destes materiais apresenta sinais de fogo. Esta estrutura de fogo poderá ter algum paralelo com a que se identificou na sepultura I. Concluída a escavação desta estrutura, procedeu-se ao seu aterro por não apresentar qualquer interesse, nem estabilidade para musealização.

2.7.3. ***SEPULTURAS III a), b), c)***

As sepulturas III a),b) e c) localizam-se num afloramento granítico com as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 614366; Y – 4342263; Geográficas: 007º 40´30.7´´ W; 039º 13´17.3´´ N.

A sepultura III a) apresenta uma orientação Noroeste-Sudeste (136º). Trata-se de uma sepultura antropomórfica de moldura rectangular, de 2,00 metros de comprimento e 0,65 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,25 metros. Na sua morfologia, demarca-se uma reentrância para a cabeceira e, na zona dos pés, o fundo eleva-se ligeiramente.
A limpeza desta sepultura iniciou-se com a remoção de terras e pedras de médio calibre, que estavam depositadas no seu interior. Também no interior da sepultura recolheram-se alguns materiais, tais como cerâmica, faiança, vidro e metais. A presença de material de construção contemporâneo, fragmentos de telha com vestígios de argamassa de cal, sugere entulhamento intencional em época recente. Na face este do afloramento, removeram-se as terras aí depositadas pelas fainas agrícolas. Durante os trabalhos de limpeza, identificaram-se outros dois sepulcros. Foram-lhes atribuídas as designações de sepultura III b) e sepultura III c).

A sepultura III b) está orientada no sentido Sudoeste-Nordeste (42º). Trata-se de uma sepultura de moldura rectangular, com 1,97 metros de comprimento e 0,52 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,30 metros. Morfologicamente, descreve uma grande inclinação e estreitamento no sentido Nordeste. Durante a remoção de terras do seu interior, registaram-se pregos recentes em ferro.

A sepultura III c) está, também, orientada no senti-

do Sudoeste-Nordeste (34º). Trata-se de uma sepultura de moldura rectangular, de pequenas dimensões, com 1,00 metro de comprimento e 0,35 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,13 metros. Este sepulcro poderá ter pertencido a uma criança, atendendo às suas reduzidas dimensões. Uma raiz atravessava o fundo da sepultura, na diagonal, tendo provocado a sua fractura.

2.7.4. SEPULTURA IV:

A sepultura IV localiza-se num afloramento granítico com as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 614214; Y – 4342208; Geográficas: 007º 40´37.1´´ W; 039º 13´15.6´´ N.
Este sepulcro apresenta uma orientação no sentido Noroeste-Sudeste (128º). Trata-se de uma sepultura antropomórfica de moldura sub-rectangular, de 1,82 metros de comprimento e 0,55 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,40 metros.
Os trabalhos de limpeza desta sepultura resumiram--se, unicamente, ao retirar do musgo que cobria o afloramento e ao abate do coberto vegetal em seu redor. A registar, na zona noroeste do afloramento, a existência de uma covinha.

2.7.5. SEPULTURA V:

A sepultura V localiza-se num afloramento granítico com as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 614124; Y – 4342480; Geográficas: 007º 40´40.7´´ W; 039º 13´24.4´´ N.
Este sepulcro tem a orientação Noroeste-Sudeste (143º). Trata-se de uma sepultura rectangular, com 1,93 metros de comprimento e 0,58 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,30 metros. Denota-se um regular afeiçoamento do rebordo da sepultura, provavelmente para assentamento de uma tampa.
Os trabalhos de limpeza desta sepultura resumiram-se, unicamente, à remoção do musgo existente sobre o afloramento, ao abate do coberto vegetal em seu redor e à remoção das terras humosas e pedras que se acumulavam no seu interior.
Nessas terras muito revolvidas no interior do sepulcro, identificou-se a parte inferior de uma bilha, atribuível à Alta Idade Média, provavelmente contemporânea da utilização da sepultura. As múltiplas violações que terá sofrido provocaram a sua descontextualização e a ausência de porção significativa deste recipiente.

2.7.6. LAGARETA ("SEPULTURA" VI)

O arqueossítio identificado como sepultura VI revelou-se, afinal, uma lagareta. Nota-se, de facto, algum trabalho antrópico no afloramento, formando uma zona de contenção e escoamento de líquidos, aproveitando a própria morfologia do afloramento.
Esta lagareta localiza-se sobre um afloramento granítico com as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 613817; Y – 4342270; Geográficas: 007º 40´53.6´´ W; 039º 13´17.8´´ N.
Os trabalhos desenvolvidos neste local resumiram--se à remoção de musgos e líquenes da superfície do afloramento. Retirou-se também algum coberto vegetal, na zona a Este, para tentar compreender o pequeno nicho natural que aí se encontra e para melhorar as condições de acessibilidade.

Sepultura I



Sepultura 1, antes do início dos trabalhos



Fase dos trabalhos



Sepultura, antes da escavação



Identificação da talha junto ao afloramento

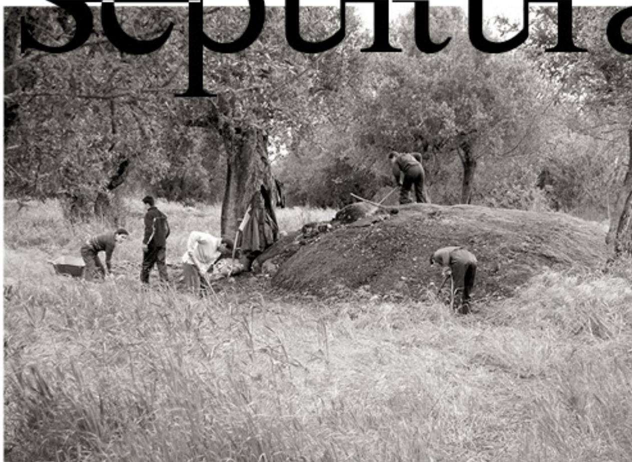


Recolha da talha



Estrutura de contenção de fogo junto ao afloramento

Sepultura II



Início dos trabalhos na sepultura 2



Identificação dos termoclastos junto ao afloramento

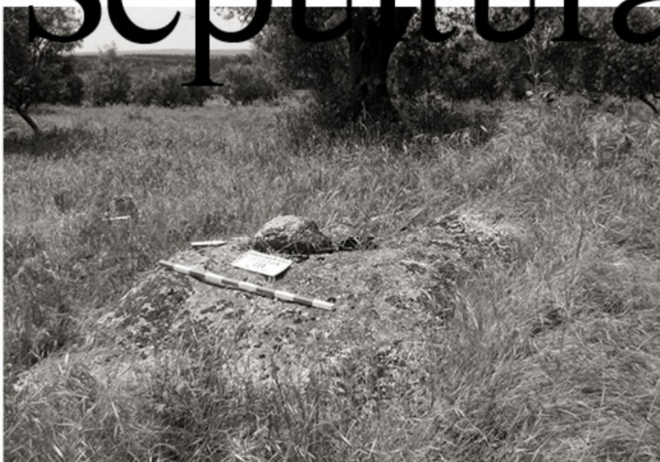


Escavação da estrutura de combustão na base do afloramento



Sepultura 2, depois de concluída a escavação

Sepultura III



Sepultura 3, antes do início dos trabalhos



Sepultura 3 - Fase de desaterro do afloramento



Escavação das sepulturas

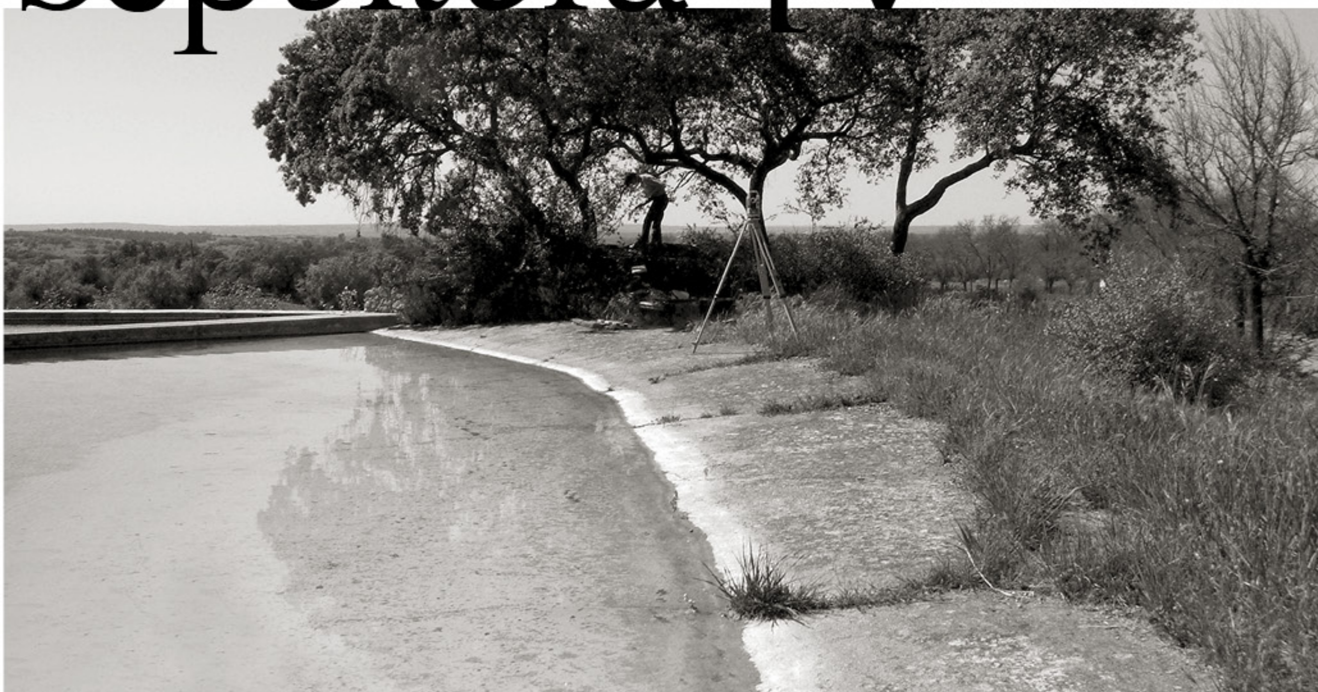


Sepultura 3 - Vista de Este



Vista geral das sepulturas, tirada de Norte

Sepultura IV



Localização da sepultura 4

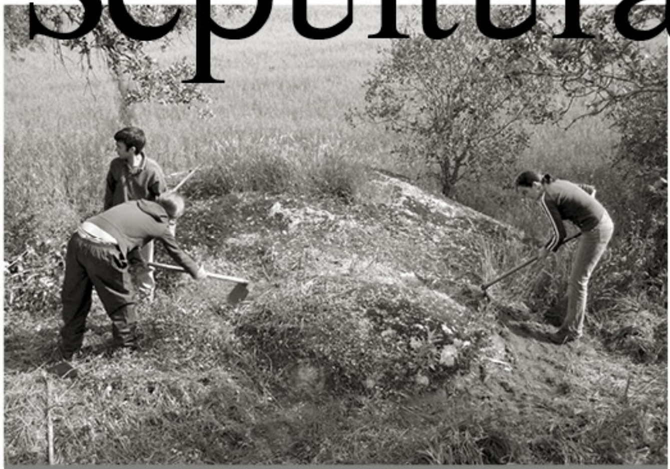


Fase dos trabalhos



Aspecto geral da sepultura 4, após a limpeza

Sepultura V



Sepultura 5 no início dos trabalhos



Sepultura 5 limpeza geral



Limpeza



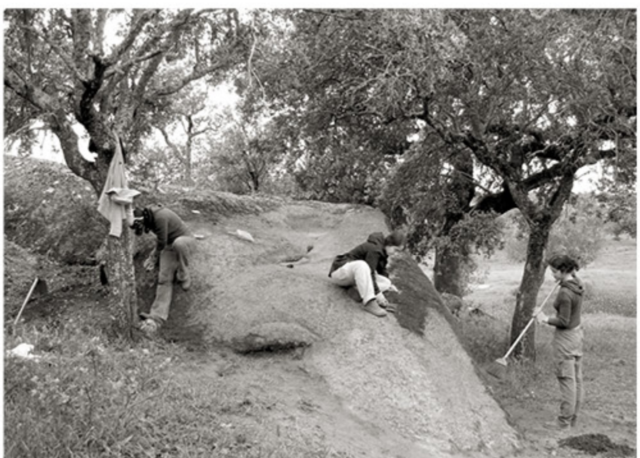
Vista geral da sepultura, após os trabalhos

"Sepultura" VI

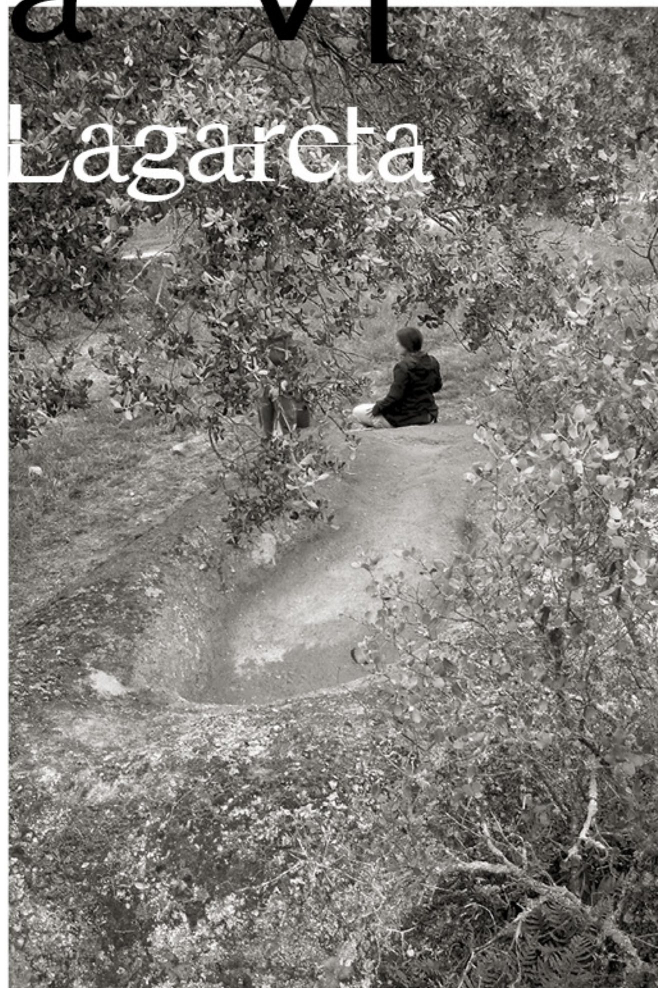
Lagareta



Aspecto geral do afloramento, antes do início dos trabalhos



Limpeza do afloramento onde se localiza a lagareta



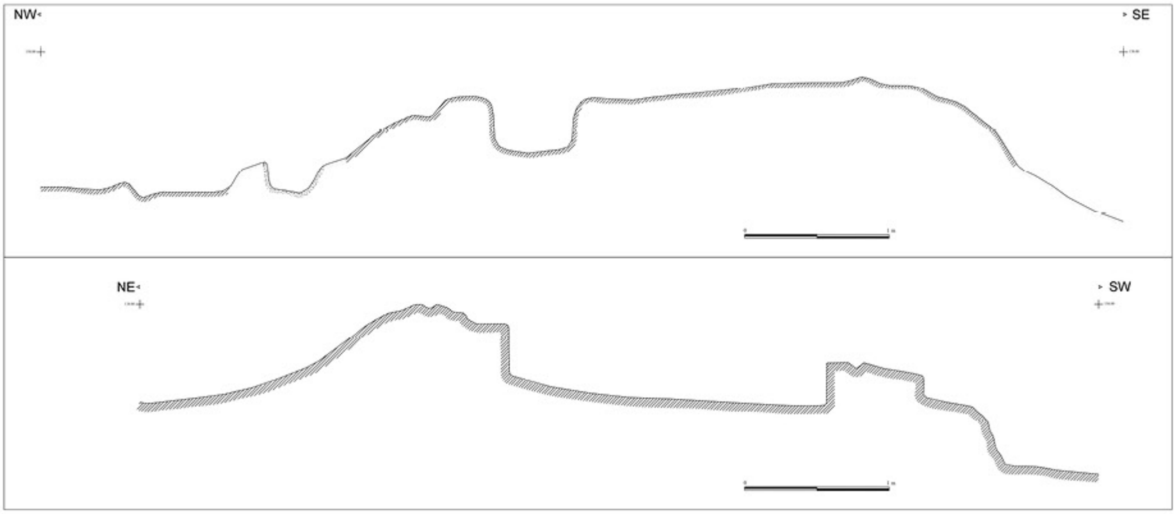
Vista geral da tina da lagareta



Vista geral da lagareta

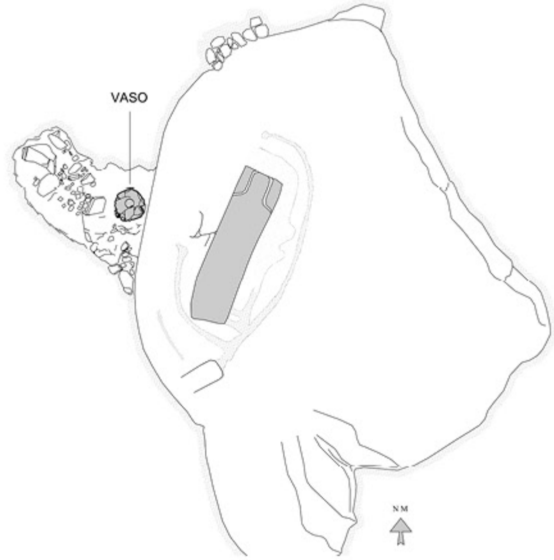


COUDELARIA DE ALTER - Sepultura 1 - CORTES

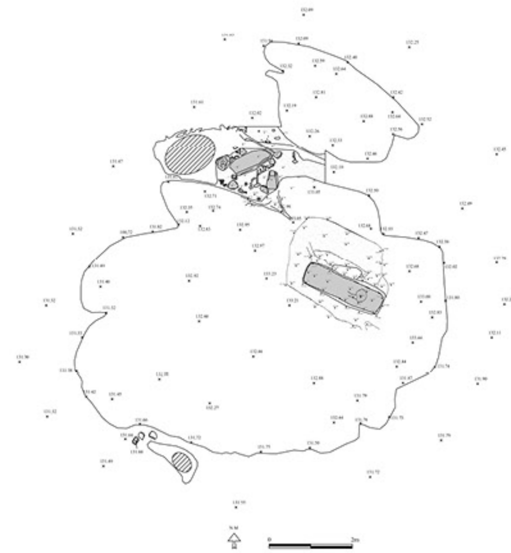


Coudelaria de Alter

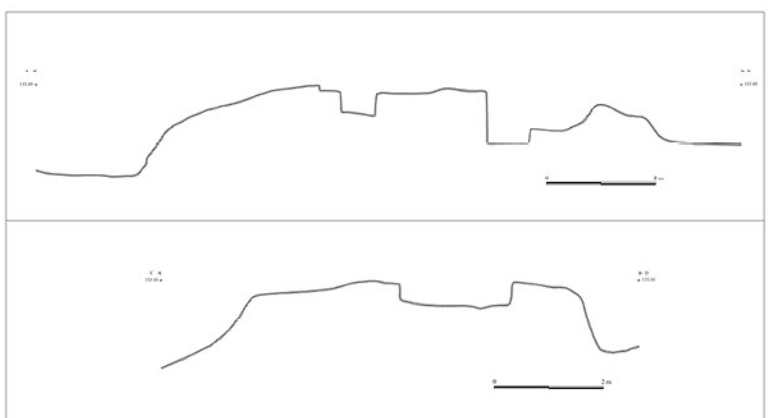
Sepultura I do Regengo
Plano Geral



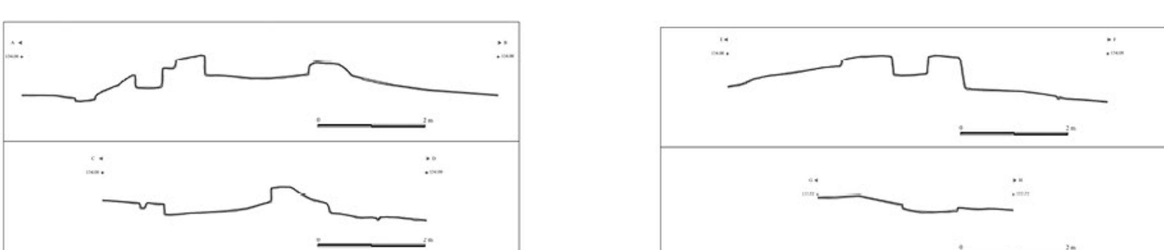
Coudelaria de Alter - Necrópole
Sepultura 2



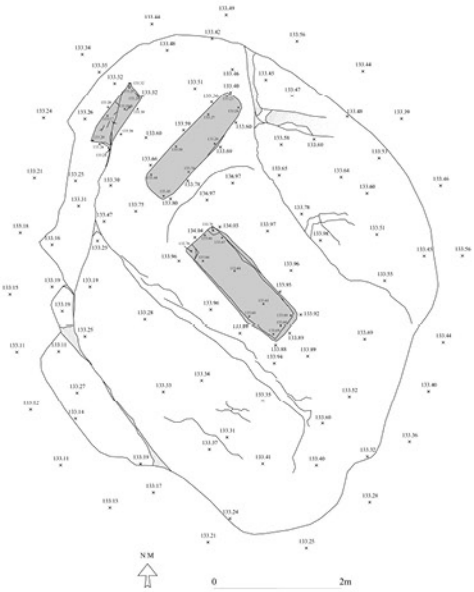
COUDELARIA DE ALTER - SEPULTURA 2 - Cortes



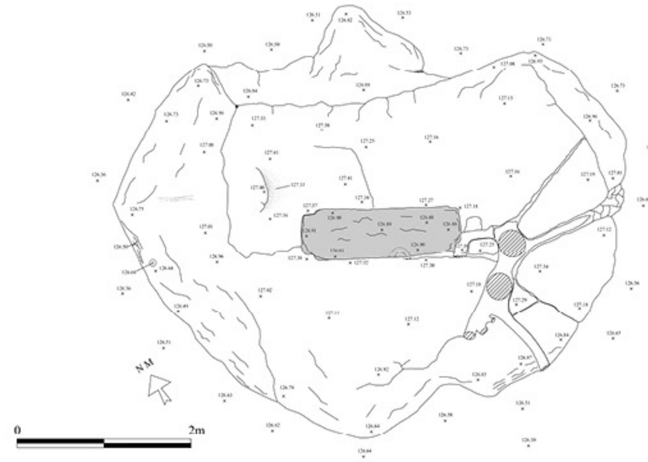
COUDELARIA DE ALTER - Sepulturas 3 a), 3 b) e 3 c) Cortes



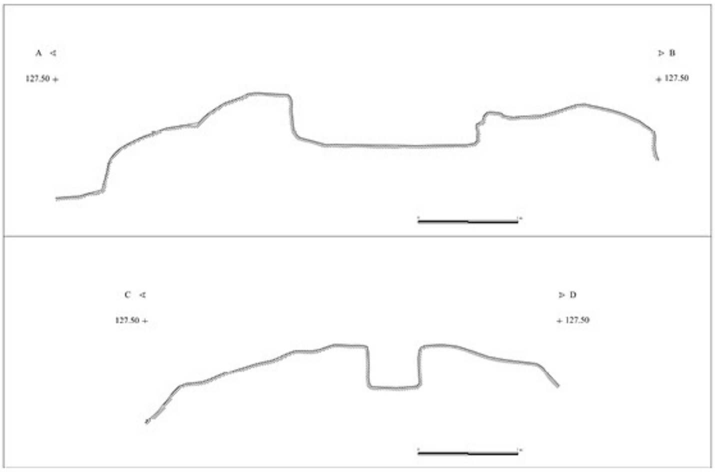
COUDELARIA DE ALTER - Sepulturas 3 a), b) e c)



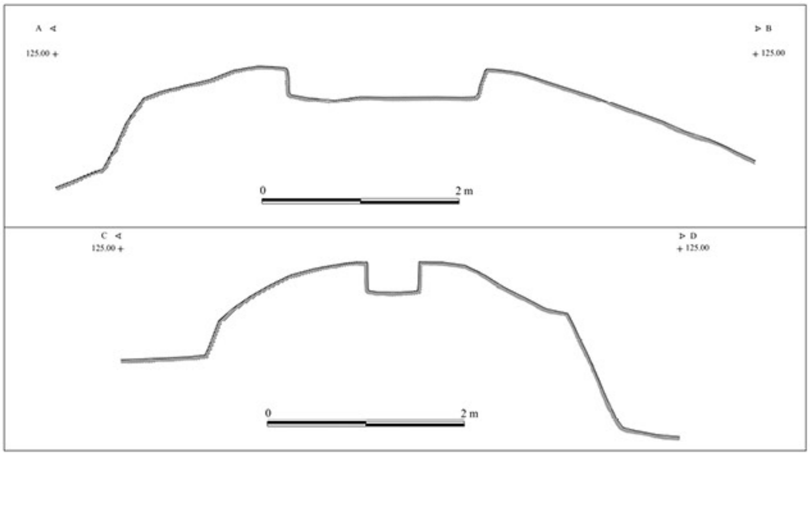
COUDELARIA DE ALTER - SEPULTURA IV



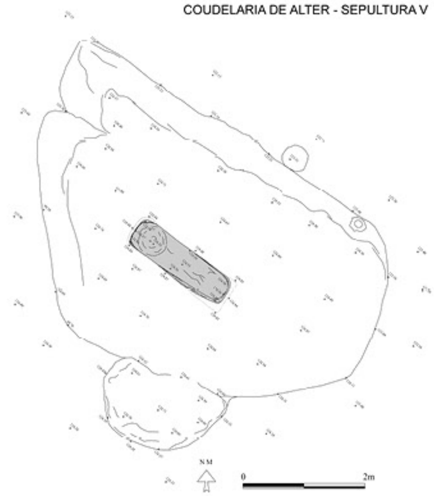
COUDELARIA DE ALTER - SEPULTURA IV - Cortes



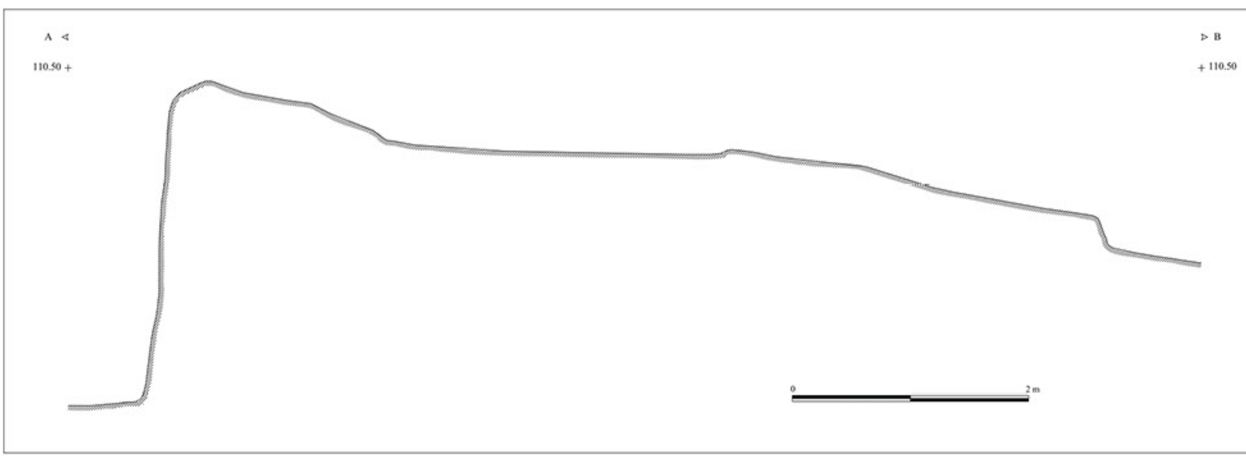
COUDELARIA DE ALTER - SEPULTURA V - Cortes



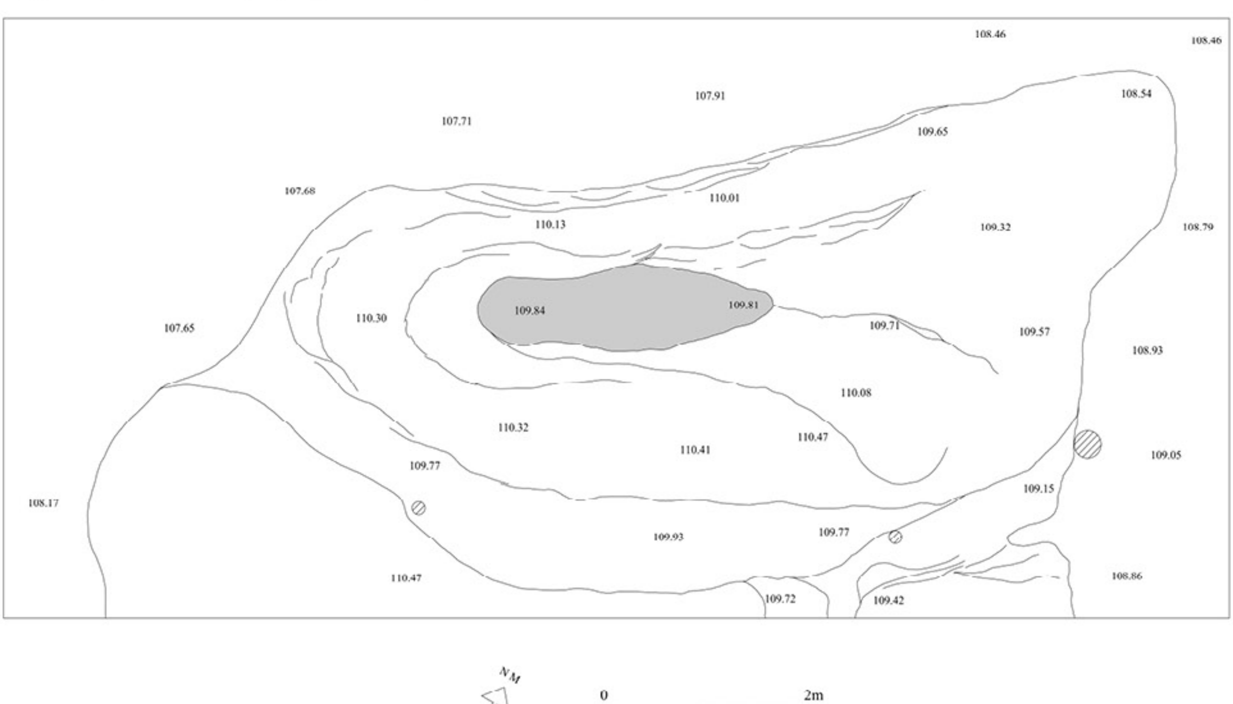
COUDELARIA DE ALTER - SEPULTURA V



COUDELARIA DE ALTER - "SEPULTURA VI" (LAGARETA) - Corte



COUDELARIA DE ALTER - "SEPULTURA VI" - LAGARETA





IGREJA DE S. BARTOLOMEU DO REGUENGO



2.8. IGREJA DE S. BARTOLOMEU DO REGUENGO

2.8.1. **ESTUDO DOCUMENTAL**

Nas cotas mais elevadas (256 m) da actual propriedade da Coudelaria de Alter, reconhecem-se as estruturas, muito arruinadas, do que teria sido um templo cristão. Inventariado no Relatório do Trabalho de Prospecção Arqueológica na Coudelaria de Alter, realizado por Clara Oliveira, entre Abril e Junho de 2000, por solicitação da Direcção daquela instituição, vem registado como Ermida de S. Bartolomeu. Esta denominação e identificação, como a autora do levantamento refere, baseou-se em informação oral. É, portanto, reconhecido, na região, quer a existência naquele local de uma ermida, quer o santo da sua invocação, S. Bartolomeu. Reconhece-se, ainda, na memória popular, porque, naturalmente, ainda não muito distante no tempo, a existência de uma antiga freguesia de Alter do Chão, denominada de S. Bartolomeu do Reguengo, cujo termo limitava o de Alter pelo Noroeste. Contudo, pela informação escrita, tanto impressa como manuscrita, existia nesta freguesia uma igreja paroquial e não uma ermida, cujo orago era S. Bartolomeu. A informação impressa mais antiga, datada de 1751 (Cardoso, 1751), baseada no questionário promovido pela Academia Real da História, em 1721, descreve a referida "Igreja Paroquial" como um edifício de "huma só nave tem por Orago S. Bartolomeu: há nella tres Altares, o principal do Orago, os dous collateraes hum de Nossa Senhora das Candeas, e outro do Menino Jesus" (Cardoso, 1751, 88).

Sete anos depois da edição do Dicionário *do Padre Cardoso, em resposta ao novo questionário, o Padre Manoel Martins Tavares, provavelmente, pároco desta freguesia, informa que "O seu orago hé o Apostolo Sam Bartholomeu. Tem dous altares colaterais, hum dedicado a Nossa Senhora das Candeias outro ao Menino Deos"(M.P., mem. 52, fl.302).*

Parece, assim, não restarem dúvidas, com base na documentação escrita, que neste local teria existido uma Igreja Paroquial de invocação de S. Bartolomeu. Se recuarmos ao século XVII, encontramos os Registos Paroquiais referentes a esta paróquia, cujo mais antigo é um baptismo e remonta a 8 de Setembro de 1612. Neste registo, pode ler-se: "Aos oito dias de Setembro de mil seiscentos e doze anos eu o Padre Pêro Garcia nesta freguesia de São Bartolomeu com licença do Padre Manuel Barreto capelão de ela baptizei e pus os santos óleos a Bastião filho de Simão

Fernandes e de Catarina Fernandes de legitimo matrimónio foram padrinhos Diogo Freme morador na vila e Catarina Dias filha de Diogo Fernandes Garrido e assinei com o capelão".

O primeiro registo de casamento é datado de 2 de Junho de 1613 e diz-nos: *"Aos dois dias do mês de Junho de mil seiscentos e treze anos nesta freguesia de São Bartolomeu eu Padre Manuel Barreto capelão de ela recebi facie eclesia servati servantis por marido e mulher a Diogo Fernandes filho de António Lopes e Leonor Bela já defunta com Catarina Dias filha de Diogo Fernandes Garrido e de Maria Gonçalves já defunta e lhes dei a bênção de casados ambos solteiros e todos fregueses e moradores nesta freguesia sendo por testemunhas Manuel Ramalho e Simão Fernandes moradores nesta freguesia que assinaram comigo capelão que o escrevi".*

O registo do mais antigo óbito é datado de 16 de Julho de 1613, que assim é descrito: *"Aos dezasseis dias do mês de Julho de mil seiscentos e doze anos nesta freguesia de são Bartolomeu faleceu Maria Lopes mulher de Marcos Rodrigues não recebeu nenhum santo sacramento nem fez testamento por morrer subitamente em uma tarde e não me chamarem senão depois de falecida de testemunhas Fernão Gil, Pêro Fernandes, José dias, Catarina Aires e outros muitos e assinei".*

Confirma-se, deste modo, que existiria nas imediações da sede da actual Coudelaria de Alter uma igreja paroquial. Os Registos Paroquiais que se guardam no Arquivo Distrital de Portalegre compreendem o período de 1612 a 1849. Portanto, até meados do século XIX, na Igreja Paroquial de S. Bartolomeu do Reguengo, realizaram-se as normais práticas religiosas de baptismos, casamentos e funerais. De 1849 para cá, não se encontra naquele arquivo mais nenhuma referência, quer relativa à paróquia, quer relativa à freguesia. Considerando a diminuta actividade religiosa que os Registos Paroquiais referem, para o século XIX, é de supor que, por essa época, a população desta freguesia deveria ser já muito reduzida. Esta leitura é já, de facto, confirmada nas respostas ao inquérito da Academia Real da História, datado de 1759. Na resposta, o Padre Manoel Martins Tavares queixa-se do decréscimo populacional, informando que *"os freguezes hé que pagam (ao cura) algum dia heram dois moios hoje pella deminiuisam dos freguezes sam noventa e seis alqueires"*. Mais à frente, diz ainda que *"No dia do santo hé vesitado por alguns sugeitos, mas cada ano com mais demenuisam"*. Esta quebra populacional é, claramente, confirmada pela leitura, em tabela, que a seguir se apresenta, elaborada com base nos Registos Paroquiais. Depreende-se, assim, que, na segunda metade do século XIX, esta freguesia deveria estar praticamente deserta e, por consequência, foi extinta. Contudo, procurando-se na Legislação Portuguesa de vários anos, especialmente na referente ao ano de 1867, ano em que se procedeu à profunda reforma das divisões administrativas do Reino, nada consta em relação a S. Bartolomeu do Reguengo. Nesse ano e com base no quadro apresentado pela Direcção-Geral de Administração Civil, 3.ª Repartição - 1.ª Secção, o concelho de Alter do Chão apenas era formado pelas freguesias de Alter do Chão e Alter Pedroso, nada constando sobre a de S. Bartolomeu do Reguengo.

A anexação da freguesia de S. Bartolomeu do Reguengo à de Alter do Chão terá ocorrido na sequência da Revolução de 1820 e da legislação que, a partir dessa data, começou a ser produzida pelo Regime

Liberal que, durante algum tempo, conferia às autarquias a possibilidade de reordenar o seu território, sem necessidade de autorização régia. Terá sido, portanto, nos meados do século XIX que se extinguiu a freguesia de S. Bartolomeu do Reguengo. Mas, embora a divisão administrativa tenha sido extinta, a paróquia parece ter continuado a sua existência, pelo menos, por mais alguns anos, ainda que já sem pároco residente. Esta leitura advém da interpretação que se poderá fazer do texto de Luís Keil, publicado em 1943. O autor do Inventário Artístico – Distrito de Portalegre, *ao informar do estado de conservação desta igreja, chama-lhe "Igreja Paroquial do Reguengo". Esta terminologia poderia advir apenas do antigo título. Contudo, sabe-se que, ainda nos finais dos anos trinta do século XX, se realizavam baptismos nesta igreja, mantendo, portanto, uma actividade religiosa concordante com a categoria de sede de paróquia. Quando Luís Keil visita este espaço religioso, provavelmente, no final da década de trinta do século XX, descreve-o da seguinte forma: "Fica situada a três quilómetros da Vila de Alter-do-Chão, junto à Coudelaria Nacional. Não possui interesse algum. É da mais humilde construção rural do Alto Alentejo. Apresenta um pórtico simples de volta redonda, com sineira à esquerda. Conserva a imagem de S. Bento, em pedra, do século XV (alt. 0,60) e a Virgem com o Menino (alt. 1,15), muito desfigurada mas possivelmente ainda daquele século. O edifício está muito abandonado." (Keil; 1943).*

Pelas palavras de Luís Keil, constata-se que, nos finais da década de trinta, do século XX, o estado de conservação da Igreja de S. Bartolomeu seria já muito precário. Com o ciclone de Fevereiro de 1941, que assolou, com grande intensidade, o distrito de Portalegre, o estado de degradação em que este templo já se encontrava obrigou à demolição de grande parte das suas estruturas, pelo perigo de derrocada que manifestava. Parte da pedraria foi reutilizada no arranjo dos muros da Coudelaria e o tempo e a vegetação encarregaram-se de ocultar o que restava da vetusta Igreja de S. Bartolomeu do Reguengo. Por informação oral, recentemente recolhida, soubemos que teria existido um acordo verbal entre o então Director da Coudelaria e o Pároco de Alter, que, por permuta, a Coudelaria doava um edifício situado em Alter do Chão e o padre autorizava a demolição integral da Igreja de S. Bartolomeu, talhando-se, assim, o continuado culto que se perpetuava nos terrenos da Coudelaria, especialmente a romaria, que arrastava centenas de pessoas no dia 24 de Agosto.

Se a história recente deste templo parece não levantar grandes dúvidas, elas colocam-se no que respeita, quer à sua origem, quer à terminologia popular para a sua denominação. Na voz do povo de Alter do Chão, o templo de S. Bartolomeu é classificado como ermida. Documentalmente, este templo nunca assim foi denominado, nem o poderia ser, por se tratar de uma sede de paróquia. Provavelmente, começou a ter o epíteto de ermida, a partir do momento em que a freguesia se esvaziou de gentes, as habitações de fábrica pobre, algumas com cobertura vegetal, começaram a ruir e a velha igreja paroquial ficou isolada. Transformou-se, desta forma, na opinião do povo, em mais um templo, em sítio ermado, semelhante a tantos outros e, especialmente, com igual categoria ao do outro templo, Ermida de S. Bento, que se situaria nas imediações da Igreja de S. Bartolomeu.

Sobre este outro templo que se situava nas imediações da Coudelaria e hoje completamente esquecido

na memória popular, a documentação escrita também pouco nos diz.
No documento mais antigo, o *Dicionário*, compilado pelo Padre Luiz Cardoso, refere-se que, na área da freguesia do Reguengo, existe "huma Ermida de S. Bento, a que acodem alguns romeiros com suas offertas". Contudo, o Padre Manoel Martins Tavares, pároco de S. Bartolomeu, em 1758, na resposta ao Inquérito, não se refere a esta ermida. Porém, Francisco Ferreira Varregozo, Prior de Alter do Chão, em resposta ao mesmo inquérito, ao descrever as ermidas fora da vila, refere a de "Sam Bento que se acha muito arruinada". Interessante é também verificar que o Padre Frei Jose Martinz Alvares, responsável pela freguesia de Alter Pedroso, igualmente em 1758, na resposta ao mesmo inquérito, informa que, na sua área administrativa, existe uma Ermida de S. Bento, só que esta "está no castello da dita vila".
Perante estas informações, algo díspares, parece terem existido, nas imediações de Alter do Chão, pelo menos duas ermidas de invocação de S. Bento. Uma no interior do Castelo de Alter Pedroso e outra, provavelmente, na área da actual Coudelaria. Subsistem, contudo, dúvidas quanto à sua filiação. No primeiro inquérito, a Ermida de S. Bento é referida como pertencente à freguesia do Reguengo, enquanto que, no segundo, é o Prior de Alter que a ela se refere e não o pároco de S. Bartolomeu, como o deveria fazer. Teria assumido o Prior de Alter, porque de categoria superior, a responsabilidade de enumerar todas as ermidas localizadas na área do seu priorado, dispensando-se, assim, o padre de S. Bartolomeu de, novamente, a esta ermida se referir? Ou será que, no curto tempo que mediou entre o primeiro e o segundo Inquérito, a administração da Ermida de S. Bento mudou de mãos?
Ainda que sem respostas para estas questões, sabemos, contudo, que, já em 1758, estava muito arruinada e que, no *Inventário Artístico*, editado em 1943, se refere a presença no interior da Igreja de S. Bartolomeu de uma imagem de S. Bento, em pedra, com 60 cm de altura, atribuível ao século XV e que nunca aparece registada nesta igreja a presença desta imagem, em datas anteriores. A imagem do santo terá sido recolhida para a Igreja de S. Bartolomeu, porque seria a mais próxima, quando a ermida a que pertencia entrou em ruína total?
Sabe-se que, em 1752, é construído o actual edifício das Casas Altas da Coudelaria, para estrebaria e celeiro, no sítio onde se localizava uma ermida arruinada. Situar-se-ia aqui a Ermida de S. Bento? Não parece razoável. Se assim fosse, a imagem do santo teria sido recolhida, nessa data, para a Igreja de S. Bartolomeu e já seria descrita pelo padre Manoel Martins Tavares, em 1758. Contudo, ele nada diz a esse respeito. Por outro lado, também não seria razoável que o Prior de Alter do Chão se referisse ainda à Ermida de S. Bento, ainda que arruinada, quando e atendendo às datas, já aí se acolheriam cavalos e forragens.
Resta, portanto, a possibilidade de o edifício das Casas Altas, ou ter sido construído, não em 1752, mas um pouco mais tarde, ou de aí ter existido outra ermida, que não a de S. Bento. Nesse caso, onde se situaria, então, a Ermida de S. Bento? Seguramente, não muito longe da Igreja de S. Bartolomeu, porque foi a ela que se recolheu a Imagem de S. Bento, em data posterior a 1758.
Se se aceitar que as Casas Altas foram construídas sobre uma outra ermida, por que razão nenhum

Inquérito a ela se refere? Torna-se interessante também verificar que nenhum documento, dos que temos estado a citar, se reporta, nem à construção das Casas Altas, nem a qualquer outro edifício relacionado com a Coudelaria. Sobre a Coudelaria, apenas o Prior de Alter do Chão, Francisco Ferreira Varregozo, em 1758, diz o seguinte: "Tem a selebre e oficial coutada do Arneiro, que serve das rassas dos cavallos de Sua Magestade, onde se criam muntos e excellentes cavallos, de milhores cascos, e lombos que há no mundo".

Sobre estas questões, resta, com base, sobretudo, nas Memórias Paroquiais, *proceder ao inventário de todas as ermidas nelas referidas, localizá-las no terreno e, por exclusão de partes, avaliar a possibilidade de, alguma delas, corresponder à informação da preexistência de uma ermida no local, onde hoje se levanta o edifício das Casas Altas, como nos informa Rui de Andrade, em 1947, nos seus* Elementos para a História da Coudelaria de Alter.

Se algumas dúvidas subsistem sobre a localização da Ermida de S. Bento, ou de outra ermida no actual território da Coudelaria, se, igualmente, questões se colocam quanto às razões e data do efectivo colapso da Igreja de S. Bartolomeu, maior insegurança histórica haverá, naturalmente, quanto à data da fundação deste templo. Se atendermos, unicamente, aos vestígios arqueológicos detectados à superfície e referidos por Clara Oliveira, assim como a referência, desde o século XVIII, a antas na Coutada do Arneiro e no Reguengo, facilmente nos apercebemos de que, desde épocas muito recuadas, a área, actualmente ocupada pela Coudelaria, foi espaço preferido para a ocupação humana e, dentro desta, a zona envolvente das ruínas da Igreja de S. Bartolomeu. A concentração de registos arqueológicos nesse sector da Coudelaria é, a todos os níveis, notável. Se os espaços de vivência estão documentados e se revestem de grande interesse, mais relevante se torna o reconhecimento da presença contínua de registos do mundo simbólico. Duas sepulturas megalíticas, um habitat *do Neolítico mais antigo, um "santuário" onde abundam afloramentos com arte rupestre neolítica e diversas sepulturas escavadas na rocha, atribuíveis à Alta Idade Média, conferem, sobretudo, à zona de cotas mais elevadas da área da Coudelaria um ambiente propenso ao mundo espiritual. Terá que ser neste, já tradicional, ambiente mágico-religioso que se deverá enquadrar a edificação do templo cristão conhecido por S. Bartolomeu. A presença de sepulturas escavadas na rocha, balizáveis entre os finais do século VII e os inícios do século XII, por norma atribuíveis a comunidades cristãs, ainda que, temporariamente, sob o domínio islâmico, configuram a possibilidade da existência, desde essa recuada época, de um espaço religioso cristão na zona de cotas mais elevadas da Coudelaria. Fazer remontar a esses longínquos séculos a edificação da Igreja de S. Bartolomeu é, por agora, apenas uma hipótese especulativa. Mais seguro será aceitarmos que a edificação deste templo, ou apenas a sua reformulação, ou invocação, remonte aos finais do século XIV. Reconhece-se que é neste século e no século seguinte que a devoção por este santo atinge o seu expoente máximo, em Portugal. Sabe-se, ainda, que o rei D. Pedro I era grande devoto deste santo e que, durante algum tempo, terá permanecido em Alter do Chão. A darmos crédito às crónicas da época e se aceitarmos que a devoção de D. Pedro por S. Bartolomeu teria origem na capacidade curativa de doenças do foro*

psíquico que a invocação do santo gerava e que teria aliviado a real figura dos seus constantes achaques, não será de excluir, de todo, a hipótese de podermos remontar a essa época a edificação, ou a consagração deste templo a S. Bartolomeu, durante a permanência do rei D. Pedro na vila de Alter do Chão.

As capacidades curativas de doenças do foro neurológico por invocação de S. Bartolomeu são também descritas no Dicionário *do Padre Luiz Cardoso, ao referir-se às festividades do dia do santo, que assim nos diz: (no) "dia de S. Bartolomeu concorre muita gente de varias terras a este Santo, que a livra de accidentes, e assombramentos ...". Ainda hoje diz a voz do povo que, tal como S. Bartolomeu prendeu o diabo que andava à solta, também o retira dos que por ele estão possuídos. Mais se costuma dizer, que, no dia de S. Bartolomeu, dia 24 de Agosto, dia de Verão, por norma muito ventoso e por vezes chuvoso, anda o diabo à solta. Esta associação do dia de S. Bartolomeu com a liberdade dada ao diabo prende-se com a história do santo, que nos conta que, após o acorrentamento do diabo por S. Bartolomeu, Deus ter-lhe-á ordenado que o voltasse a libertar, por forma a que ao Homem fosse dada a possibilidade de escolher, por iniciativa própria, entre o bem e o mal. Ainda que contrariado, S. Bartolomeu libertou o diabo e nesse momento levantou-se sobre a Terra um forte temporal, acompanhado de ventos ciclónicos e chuva torrencial. Em memória desse acontecimento, no dia 24 de Agosto, dia de S. Bartolomeu, o vento sopra sempre com maior intensidade e alguma chuva por vezes ocorre.*

Iconograficamente, S. Bartolomeu é representado com uma figura do diabo aos seus pés, preso por uma corrente, que o santo segura numa das mãos e na outra empunha uma faca, em memória do martírio que sofreu, ao ser esfolado vivo. Por esse motivo, em substituição da faca poderá ser, também, representado segurando uma pele que lhe cai do braço.

Mas, quem foi, segundo as crónicas religiosas, S. Bartolomeu?

Segundo os Evangelhos, que pouca informação nos fornecem, sabe-se que terá sido um dos doze apóstolos escolhidos por Cristo, aparecendo sempre em associação a Filipe, e identificado com Natanael, que, segundo S. João (I, 45-51), é apelidado de Filipe. Dever-se-á, então, considerar que Bartolomeu, filho de Talmai e Natanael (dom de Deus), são dois nomes, um patronímico e outro o nome próprio. Bartolomeu terá nascido em Caná, na Galileia. O apostolado de S. Bartolomeu terá incidido, principalmente, na Ásia Menor, na Arábia, no Egipto, chegando mesmo à China. Terá sido na Arménia Menor que S. Bartolomeu foi martirizado. O registo lendário deste santo retira-se, maioritariamente, do apócrifo Evangelho de S. Bartolomeu. Este texto, divulgado, especialmente, no século XIII, através da Legenda Áurea, *da autoria de Jacobo de Varazzo, ao qual se associam outras informações histórico-lendárias, informa que, segundo a tradição, S. Bartolomeu, quando evangelizava na Arménia Menor, teria fama de curar os que padeciam de doenças neurológicas. Sabendo destas capacidades curativas, o rei Polímio (Polémon II, rei do Bósforo, do Ponto e da Cilícia) requisitou os seus dotes curativos, para que tratasse uma sua filha que padecia de loucura. Curada a princesa, o rei terá querido recompensar S. Bartolomeu com grandes riquezas, que o santo recusou. Conseguiu, contudo, converter ao cristianismo o rei, que abdicou do trono, vindo a tornar-se bispo. Ao novo rei, irmão do bispo*

Polímio, S. Bartolomeu tentou, igualmente, convertê-lo ao cristianismo, mas Astiages, ou Astreges, não querendo abdicar da sua velha religião, mandou-o matar. O martírio de S. Bartolomeu terá passado pelo espancamento, esfolado vivo, crucificado e, por fim, o seu cadáver lançado ao mar. Os despojos do santo terão, de novo, dado à costa, tendo sido recolhido por crentes e recebendo sepultura no mosteiro de Bachkale, na Arménia. Em 410, o bispo de Maruta, translada o corpo para Nephergerd, de onde viaja, novamente, em 507, por vontade do Imperador Anastácio I, para Daras, na Mesopotâmia. Depois de mais algumas transladações, por medo da profanação que sofreriam as relíquias, pelo progresso das tropas muçulmanas, em 983, os restos mortais de S. Bartolomeu recebem nova tumulação em Roma, na ilha Tiberina. Terá sido por ordem do imperador Otão II, da Alemanha, que se construiu, nesse local, para receber, condignamente, as relíquias do mártir, a Igreja de San Bartolomeo In Insula (Falcão e Pereira, 1996).

A devoção por este santo e a consequente dispersão de relíquias faz-se sentir por toda a Europa Ocidental, depois do ano 1000. O martírio que sofreu, fê-lo padroeiro dos ofícios relacionados com a preparação de peles, cardação e tecelagem, estendendo-se, por semelhança, também, aos sapateiros e talhantes.

As faculdades curativas de doenças do foro neurológico, por parte deste santo, justificam as múltiplas invocações, ao longo dos séculos, pelos que eram considerados possessos e tomados pelo diabo, ou endiabrados. A proliferação, em Portugal, de igrejas e ermidas de invocação de S. Bartolomeu, sobretudo, a partir da Reconquista, está intimamente relacionada, ou com comunidades cuja economia assentava no tratamento e transformação de peles e lã, ou com a recuperação de pessoas que sofriam de doenças do foro neurológico e que tinham posses para mandar erigir algum templo em memória de S. Bartolomeu, como poderá ter acontecido em Alter do Chão, com a Igreja do Reguengo.

2.8.2. ***ANÁLISE DOS ÓBITOS NOS REGISTOS PAROQUIAIS DA IGREJA DE SÃO BARTOLOMEU DO REGUENGO***

Fundamental para o conhecimento da comunidade de fiéis da Igreja de São Bartolomeu do Reguengo de Alter do Chão é a consulta dos Registos Paroquiais referentes a esta ex-paróquia e que se encontram depositados no Arquivo Distrital de Portalegre. De entre os vários tipos de rituais que houve necessidade de deixar em escrito – casamentos, baptismos e óbitos –, são, de facto, os óbitos aqueles que mais nos interessam, permitindo o cruzamento entre este tipo de informação e a de que se pode vir a encontrar com os trabalhos arqueológicos. Interessa-nos, fundamentalmente, ter uma ideia de quantos indivíduos foram aqui inumados, uma diferenciação numérica dos sexos, bem como uma diferenciação da natureza das idades (crianças e adultos).

Com o tratamento estatístico desta informação documental, podemos, por exemplo, identificar picos de maior mortalidade, geralmente associados a períodos de peste, ou guerras, e tentar confirmar esse aspecto através de eventuais estudos antropológicos. Contudo, estes dados fornecem-nos, unicamente, pistas. As normas de registo acabam por ocultar muita informação preciosa, tal como, a causa da morte, a idade do defunto e o espaço onde foi inumado. Por outro lado, os registos ocorreram num espaço cronológico

entre 1613 e 1839, ignorando-se, assim, por quanto tempo, para além, ou aquém destas datas, se realizaram enterramentos. Certamente, o número computado de 557 indivíduos registados é inferior à realidade de enterramentos praticados, não só devido ao factor atrás descrito, como também por falhas do próprio pároco, com adiamentos na actualização dos registos. Um dado fundamental, e que não foi registado, diz respeito ao espaço de inumação, se dentro ou fora do templo. Certamente que o interior foi ocupado, sobretudo para as pessoas socialmente mais relevantes. O exterior continua a ser uma incógnita.

Para a realização deste breve estudo estatístico, houve necessidade de criar uma base de dados, subdividida por vários parâmetros: Homens, Mulheres, Meninos e Meninas. Dentro da variedade de termos aplicados ao defunto, considerámos Homem (adulto), aqueles que vinham referenciados com "homem", "casado", "solteiro", "viúvo", com dois nomes ou com alcunha; Mulher (adulta), referenciada como "molher de", "viúva", "solteira", "sogra", "donzella", "maior de idade", "rapariga" e com dois nomes; Menino, referenciado como "menino", "filho de" e um só nome, sem apelido; Menina, referenciada como "menina", "filha de" e apenas nome próprio, sem apelido. Dentro de toda esta ambiguidade de terminologias, optámos por criar um parâmetro de excepções para os casos em se fazia referência a "huma criança", ignorando-se o seu sexo e, ainda, o dos Indefinidos, correspondendo aos casos em que, por impedimentos de leitura, não foi possível inserir esse registo em nenhum dos parâmetros criados.

Nestes 226 anos, registaram-se 557 óbitos, a que corresponde uma média de 2,46 defuntos por ano. Numa breve análise do quadro geral, verifica-se que os picos de maior mortalidade não ultrapassam, no geral, os 8 indivíduos, acompanhados por suaves subidas e descidas. São disso exemplo os anos de 1615-1623 e 1726-1736. Observa-se, contudo, o excepcional ano de 1626, com 22 casos, ultrapassando, em larga escala, o segundo pior ano, o de 1812, com 9 casos. Existe também um período irregular entre 1635 e 1673, com anos sem baixas e outros com súbitas subidas. Entre 1803 e 1811, não se registaram mortes. Não terá o pároco procedido a registos? Terão sido transferidos os cerimoniais para outra paróquia? Numa análise dos mesmos registos para os casos dos baptismos e dos casamentos, reparamos que existe também um interregno entre 1801 e 1809, e 1799 e 1814, respectivamente, para cada um dos casos.

2.8.3. ***TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA IGREJA DE S. BARTOLOMEU***

No levantamento arqueológico dirigido por Clara Oliveira, como acima se refere, foram identificadas as ruínas da Igreja de S. Bartolomeu do Reguengo. Os trabalhos arqueológicos foram desenvolvidos em duas fases, a primeira em 2001 e a segunda em 2003. As ruínas da Igreja de S. Bartolomeu possuem as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 614124;

Y – 4342869; Geográficas: 007º 40´ 40.4´´ W; 039º 13´ 37.0´´ N.

Um fortíssimo coberto vegetal constituído, sobretudo, por frondosas figueiras e espécies arbustivas, cobria uma plataforma claramente artificial, situada à esquerda de uma antiga calçada, praticamente destruída ou coberta por terras. Por entre a vegeta-

ção, distinguiam-se somente algumas pedras argamassadas. Se não existisse informação oral de que se ergueu, um dia, naquele local, seria impossível pelos vestígios superficiais identificar ali uma igreja. O seu estado de ruína deveu-se ao ciclone de 1941, ao arrasamento mecânico a que foi sujeita e, posteriormente, ao aproveitamento da pedra da sua fábrica noutras edificações que se localizam próximo, assim como para a construção do muro delimitador da propriedade da Coudelaria. Num monte próximo, Casa da Horta, situado dentro dos limites da Coudelaria, encontrava-se a pia baptismal, em granito, proveniente do templo de S. Bartolomeu.



Recolocação da pia baptismal

Após a limpeza do denso coberto vegetal, foi efectuada uma raspagem superficial da forte camada de matéria humosa que revestia toda a área, o que possibilitou a identificação de mais alguns blocos de pedra com argamassa e de duas peças graníticas fracturadas, que apresentavam sinais de terem servido de apoio de gonzos metálicos. A disposição alongada, alteada e bem estruturada das raízes de uma das figueiras deixava adivinhar que, não há muitos anos, ali se encontraria um muro que condicionou e modelou a sua disposição.

Foram removidos alguns derrubes de pedras e argamassas, que serviriam, posteriormente, para a consolidação e reconstrução dos muros da igreja. Efectuada a limpeza, procedeu-se ao levantamento geral, à escala 1/100, da igreja e zona envolvente, o que abrangeu uma área de 768 metros quadrados. Após o estabelecimento de uma rede de quadrículas de 2 x 2 metros de lado, organizadas a partir de dois eixos ortogonais, orientados, respectivamente, para Norte–Sul e Este–Oeste, magnéticos, optou-se por iniciar a escavação com uma sondagem transversal ao eixo maior do espaço, na expectativa de se poderem vir a identificar os muros ou os alicerces da igreja. Esta sondagem abrangeu os quadrados L - 7, L - 8, L - 9, L - 10 e L - 11. Não sendo perceptíveis à superfície os limites reais do espaço religioso e procurando-se, igualmente, avaliar o estado de conservação do piso, optou-se por realizar esta sondagem, que veio a possibilitar, de imediato, o reconhecimento de que, do piso, apenas restavam fragmentos de tijoleiras rectangulares que teriam revestido todo o piso. Sob uma camada de terra muito humosa, que não ultrapassava, em média, os dez centímetros, começaram a isolar-se vários sepulcros cobertos e estruturados

com tijoleiras unidas por argamassas. Não sendo nosso objectivo proceder à escavação / estudo dos depósitos funerários, optou-se por escavar em área e não em profundidade, pretendendo-se, assim, compreender a estrutura da igreja e não perturbando os enterramentos, alguns ainda muito próximos em termos temporais. Constatou-se que houve uma clara intenção de destruir e regularizar o espaço religioso. Constatou-se, também, que a fábrica da igreja era extremamente frágil, assentando directamente sobre o solo, com alicerces muito reduzidos. A técnica construtiva mostra-nos paredes com uma largura média de 70 centímetros, compostas por elementos líticos de xisto e granito informes, ligados por argamassas muito pobres. Em frente ao local onde se situaria a porta, registou-se uma pequena calçada obtida por quatro tramos, maioritariamente de blocos de xisto, limitados por fileiras de pedras graníticas de maiores dimensões. Durante estes trabalhos foi ainda identificada uma outra estrutura, adossada ao corpo da igreja, a Norte desta, à esquerda do local onde se situaria o altar-mor, provavelmente, ou uma pequena sacristia, ou um pequeno altar lateral. Detectou-se, também, parte do assentamento de um fino muro, obtido por tijoleiras argamassadas, transversal ao corpo da igreja e que constitui o assentamento das "Grades de Deus", que separariam o altar do restante corpo da igreja.

Na segunda fase dos trabalhos, após nova limpeza da vegetação no interior e em redor das estruturas visíveis, procedeu-se à remoção de terras no exterior da edificação, junto ao muro lateral esquerdo, zona da sacristia / capela lateral, a fim de se delimitar a mesma. Foi posta a descoberto na sua totalidade a estrutura, que está adossada ao corpo da igreja. Tem forma rectangular e muros mais estreitos que os do resto do corpo da igreja (55 centímetros).

Procedeu-se à escavação na zona do altar-mor, na tentativa de localizar este topo da igreja, do qual apenas eram visíveis leves sinais. A demarcação deste muro foi definida pelo limite dos muros laterais do edifício, que coincidiam. A igreja apresenta um comprimento externo de 14 metros por 8 metros de largura e uma área interna de 80 metros quadrados, se exceptuarmos o anexo lateral que ocupa uma área de 7,8 metros quadrados. Concluída a intervenção arqueológica e perante tantas memórias nostálgicas que nos foram sendo relatadas pelos mais idosos de Alter do Chão, optámos por consolidar e reabilitar as ruínas da Igreja de S. Bartolomeu do Reguengo, tentando recuperar a memória e as tradições do local.

O estado de destruição do sítio e a terraplanagem que terá sofrido anteriormente provocaram a quase total ausência de materiais arqueológicos neste local. A proximidade dos sítios pré-históricos poderá explicar a presença de um elemento de mó (dormente) em granito. Os restantes materiais arqueológicos são compostos por pequenos fragmentos de cerâmica de fogo, de características medievais/modernas, fragmentos de faianças, um botão em osso, um fragmento de dedal em bronze e alguns pregos em ferro, todos atribuíveis à Idade Moderna.

Previamente, cobriu-se toda a área com manta geotêxtil para isolar os testemunhos antigos dos novos muros. Com a colaboração dos mestres-pedreiros da Coudelaria, altearam-se os muros numa média de 35 cm, recorrendo-se à técnica tradicional (argamassa e pedra). Para este efeito, utilizou-se pedra que se encontrava no local, pertencente aos muros derrubados da igreja. A parede do altar-mor foi levantada

até aos 3 m. Na construção desta parede utilizou-se tijolo duplo, de modo a que se obtivesse a espessura da restante parede do corpo da igreja e nela se rasgou um nicho central, para albergar a imagem de S. Bartolomeu em dias de romaria. Esta parede foi rebocada de forma irregular e caiada. Para o remate da parede, utilizaram-se pedras de pequeno e médio calibre que foram dispostas de forma irregular para sugerir uma ruína. O topo do altar, em ruína fictícia, foi encimado por uma cruz em ferro forjado feita pelo mestre-ferreiro da Coudelaria. Para pavimentação do interior da igreja, fizeram-se duas escolhas. Para a zona do altar-mor, delimitada pelos testemunhos originais de assentamento das "Grades de Deus", usou-se uma tijoleira de fabrico artesanal com as mesmas dimensões de exemplares que foram encontrados durante a escavação. O restante corpo da igreja foi coberto com saibro para protecção do nível arqueológico que se encontra imediatamente abaixo.

Pela documentação escrita, sabíamos que a porta apresentava um arco de volta perfeita e com base nos testemunhos materiais conhecíamos a dimensão da soleira. Com base nestes elementos, foi edificado um arco de volta perfeita, em tijoleira, para o pórtico de entrada. Decidimo-nos também pela criação de uma torre sineira, em memória da que existia à esquerda do pórtico, conforme nos é transmitido pela documentação escrita. Esta torre, em ferro, foi projectada pelo mestre-ferreiro da Coudelaria. Porque nos diz a tradição que as mulheres que não conseguiam engravidar deveriam tocar três vezes seguidas o sino da igreja e os seus desejos seriam satisfeitos, a nova torre foi encimada por um pequeno sino, adquirido para o efeito. A original pia baptismal em granito, peça de características medievais, encontrava-se junto à Casa da Horta, situada nas imediações da igreja. Foi remontada, no seu local original, à esquerda da entrada da igreja. Também e de acordo com as informações que conseguimos obter, construiu-se um cruzeiro fronteiro ao pórtico de entrada. Foi aproveitada uma pedra de cantaria que se encontrava abandonada nas imediações das "Casas Altas", sobrepujada por uma cruz em ferro adquirida a um particular na Azaruja.

Finalizou-se a recuperação das ruínas, com a aplicação de uma aguada de cal em toda a estrutura edificada. Para facilitar o acesso ao adro da igreja, foi montada uma escada feita com toros de madeira. Optou-se por esta escadaria, de forma a ultrapassar o desnível existente entre o perfil natural do terreno e a plataforma artificial que sustenta o templo.

Os trabalhos terminaram com a realização da Romaria de S. Bartolomeu, a 24 de Agosto de 2003, dia de S. Bartolomeu e da tradicional festa que aqui se realizava. A cerimónia religiosa iniciou-se com o regresso, em procissão e transportada por carro puxado por cavalos, da imagem original de S. Bartolomeu, que havia mais de sessenta anos se guardava na Igreja Matriz de Alter do Chão. Uma celebração religiosa assinalou o acto, terminando com o descerrar de uma lápide evocativa da memória dos que ali receberam sepultura. Terminados os actos solenes, a Banda Filarmónica de Alter do Chão alegrava os que petiscavam sardinhas assadas oferecidas pela Câmara Municipal de Alter. Mais de sessenta anos depois, no dia 24 de Agosto de 2003, a Romaria de S. Bartolomeu do Reguengo foi retomada, repetindo-se nos anos de 2004 e 2005. Esperemos que as gentes de Alter a saibam e queiram continuar.



Igreja de S. Bartolomeu, antes do início dos trabalhos



Limpeza da vegetação



Início da escavação



Nível de enterramentos no interior da igreja



Empedrado original em frente à porta



Reconstituição dos muros



Construção do altar da igreja



Assentamento da torre sineira

Reconstituição da porta





Chegada do carro com a imagem de S. Bartolomeu em 24/08/03



Entrada da imagem de S. Bartolomeu na igreja

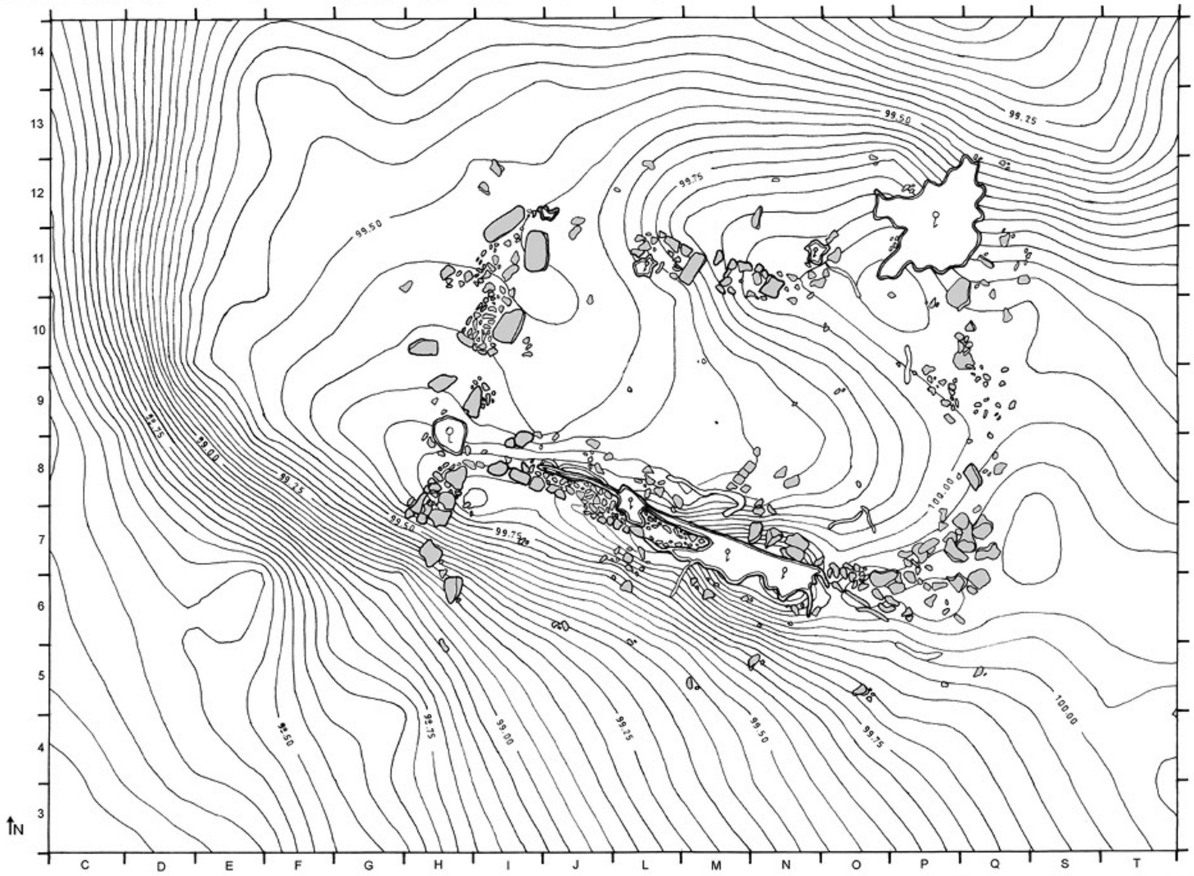


Cerimónia de reconsagração da Igreja de S. Bartolomeu



Vista geral da Igreja de S. Bartolomeu, após a recuperação





COUDELARIA DE ALTER Igreja de S. Bartolomeu - antes da intervenção



COUDELARIA DE ALTER
IGREJA DE S. BARTOLOMEU
estruturas identificadas

3. EM SÍNTESE

Os trabalhos de prospecção e escavação arqueológicos realizados na área da Coudelaria de Alter revelaram uma continuada e ininterrupta ocupação humana do espaço. Reconhece-se que esta antropização se inicia com as comunidades de caçadores/recolectores, cujos testemunhos são reconhecidos, maioritariamente, nas margens das duas principais linhas de água (*vide* relatório, em anexo), mas são os vestígios das primeiras comunidades de agricultores e pastores que marcam a paisagem. Os resultados dos trabalhos que permitiram a identificação de testemunhos paleolíticos na área da Coudelaria são aqui apresentados em anexo, dada a sua especificidade técnica e metodológica.

Nos oitocentos e cinquenta hectares que formam esta propriedade, parece reconhecerem-se três unidades com evidências arqueológicas e, em qualquer delas, são os testemunhos do Neolítico aqueles que mais se destacam. A unidade do Reguengo, que, pela diversidade de testemunhos, se poderá denominar de Complexo Arqueológico e porque foi onde incidiu, maioritariamente, a nossa investigação, é aquela que até ao momento nos pode fornecer mais informação e sobre a qual assentarão, especialmente, as nossas reflexões e interpretações. As outras duas unidades, a de Vale de Carreiras e a da Espera d'El Rei, separadas pela Várzea Grande, poderemos entendê-las como territórios com dinâmicas e especificidades antrópicas próprias.

A unidade de Vale de Carreiras é marcada, maioritariamente, pela Ribeira do Freixo, afluente da Ribeira de Seda. Os testemunhos arqueológicos aqui identificados, quatro antas e testemunhos superficiais de *habitats* atribuíveis ao Neolítico e, eventualmente, aos inícios do Calcolítico, pela sua organização espacial, parecem depender e estar em articulação directa com a Ribeira do Freixo. Foi na suave, mas modelada, encosta virada a Sul, sobranceira ao ainda densamente arborizado talvegue onde esta ribeira corre, que foram implantados os quatro sepulcros megalíticos de Vale de Carreiras que sobreviveram até hoje.

A linha de cumeada é marcada por afloramentos graníticos, por entre os quais ocorrem elementos de mó, percutores esferóides, restos de talhe em sílex e materiais cerâmicos atribuíveis ao Neolítico. Ultrapassado o festo para Norte, a paisagem altera-se e os

vestígios arqueológicos rareiam. Depreende-se, assim, que o fértil vale da Ribeira do Freixo terá sido factor fundamental de fixação das comunidades neolíticas que aqui estanciaram.
Do outro lado da ribeira, em pendente exposta a Norte, numa estreita língua de terra sobranceira ao fértil vale, encontra-se, isolada, outra anta. Esta, denominada de Anta da Várzea Grande e por nós escavada, parece pertencer a um outro contexto paisagístico e cultural que poderemos denominar de Espera d' El Rei e que se prolonga para lá dos muros da Coudelaria. Esta denominação tem origem numa fonte setecentista, com o mesmo nome, que a tradição diz ter sido local eleito pelo rei D. Carlos para espera de caça maior. A unidade da Espera d'El Rei parece articular-se com a linha de festo dominada pelo marco geodésico de Vale da Pia e que fecha o anfiteatro natural que envolve a Coudelaria pelo sul. A partir desta unidade, pelo menos do ponto de vista geomorfológico e paisagístico, parece emergir outra realidade cultural que se diferencia da do Vale de Carreiras.
Os vestígios neolíticos concentram-se, maioritariamente, na muito suave encosta virada a Sul, onde se destacam as antas da Torrejana e Arribana das Colmeias, já fora da Coudelaria. Mas os testemunhos mais notáveis desta paisagem estendem-se ao longo da margem esquerda da Ribeira do Freixo. Aqui, onde ocorrem solos mais pesados e argilosos e encostas mais suaves, os vestígios romanos dominam a paisagem, em detrimento dos das primeiras comunidades agropecuárias. A escassos trezentos metros para poente do muro da Coudelaria encontra-se o Monte da Borra, ou da Porra, como também por vezes aparece cartografado. Praticamente por toda a área envolvente deste prédio agrícola são visíveis vestígios da presença romana. Pesos de lagar, cerâmicas de construção, blocos de granito almofadados, tampas de sepultura em xisto e escória de ferro registam-se com frequência. A ocorrência de abundante escória de ferro poderá justificar o topónimo, mais frequente, deste prédio agrícola, Monte da Borra. Outra toponímia local indicia a presença de testemunhos romanos ou medievais, como é o caso de Vale da Pia, que poderá estar relacionado com a presença de sepulturas.
Mas é a escassos metros da casa agrícola do Monte da Borra, sobre uma suave colina, a Norte da via romana que partia da actual vila de Alter do Chão, contornando a Sul o muro da Coudelaria e dirigindo-se à Ponte Romana de Vila Formosa, que se encontra uma plataforma artificial, sustentada por grossos muros, unidos por argamassa. Sobre esta larga plataforma e por entre o coberto vegetal, ainda se adivinham as estruturas de uma imponente construção romana, provavelmente a mesma a que se refere o manuscrito da Biblioteca Pública de Évora e que o seu anónimo autor denomina de Casa da Aveleda. Mais nos informa o referido manuscrito que, na Casa da Aveleda, um tal Luís Silva, enquanto lavrava, terá encontrado uma quantidade de moedas de prata e que as vendeu a um ourives em Portalegre por "2000 mil Réis". Um pouco mais a Sul, nas imediações da Fonte da Torrejana, não muito distante da anta que aí se situa, regista-se outra larga mancha com presença de materiais romanos. A predominância de testemunhos romanos nesta unidade, ou no seu prolongamento, que parece iniciar-se ainda na extremidade sul da área da Coudelaria e se estende para a sub-bacia hidrográfica da Ribeira de Não-Vás-Lá, condiz com o

tipo de solos que aí ocorrem. Estamos em presença de solos com melhor aptidão agrícola para cereais, que contrastam com os de classe C e D que caracterizam os das outras unidades, mais propícios à pastorícia ou, junto às linhas de água, à horticultura.

Foram os solos arenosos e bem drenados da Coudelaria que justificaram a forte ocupação por parte dos primeiros agricultores e pastores e que, passados milhares de anos, no século XVIII, voltaram a ser escolhidos para acolher a Eguada Real. Por essa mesma razão são tão residuais os vestígios romanos neste mesmo território, contrastando com o que ocorre em solos de classe A e B existentes fora da Coudelaria.

A incipiente tecnologia agrícola das primeiras comunidades neolíticas, ainda incapaz de domesticar solos pesados, obrigou-as a optarem pela exploração de terrenos mais leves e bem drenados que encontramos, com especial incidência, na zona do Reguengo, situada na extremidade nordeste da Coudelaria. Mas estes solos são, igualmente, os mais propícios à pastorícia, especialmente para um número reduzido de cabeças, o que combinava, perfeitamente, com a estrutura económica das primeiras comunidades produtoras, ainda muito dependente da caça e da recolecção.

Estranhamente, só muito recentemente é que foi por todos reconhecido que foram os nichos e abrigos, protegidos por grandes afloramentos, situados preferencialmente junto a nascentes, ou cursos de água, em encostas suaves, expostas a Sul ou poente, com um razoável domínio visual, mas, ao mesmo tempo, camufláveis pelos afloramentos, os locais eleitos para o estabelecimento dos habitats *das primeiras sociedades produtoras. A unidade do Reguengo preenche, globalmente, todos os requisitos para que aqui se tivessem fixado, ainda que sazonalmente, comunidades que davam os primeiros passos para a domesticação da terra e dos animais.*

HABITAT E "SANTUÁRIO" DO REGUENGO

O Habitat *e Santuário do Reguengo, quer pela sua proximidade geográfica, quer pelos conjuntos artefactuais exumados, terão que ser interpretados no mesmo contexto cultural. Se outras sondagens tivessem sido abertas, ou se um dia se vier a promover uma escavação em área, seguramente que se encontrará uma continuidade de ocupação que ligará os dois sítios. Os afloramentos que enquadram os dois arqueossítios constituem-se como uma linha ininterrupta, embora os da zona central sejam menos volumosos, parecendo existir aí um hiato. Provavelmente, o hiato que hoje se observa resultará mais de aterros recentes do que a morfologia natural configuraria.*

Recorde-se que, em torno da Pedra da Águia, sobretudo na face norte, o nível pré-histórico só foi detectado a mais de um metro de profundidade. A continuada ocupação do local e sobretudo a destruição, na década de quarenta do século XX, da aldeia do Reguengo e a consequente regularização do terreno e a sua preparação para pastagens alteraram profundamente o relevo natural da zona.

Durante o Neolítico mais antigo, conforme nos demonstram as estruturas e materiais identificados, em torno da Pedra da Águia, mas especialmente nas faces sul e poente, foram construídos abrigos. Um empedrado, formado por blocos de granito de pequena e média dimensão, provavelmente cobertos por uma massa de palha e terra, à semelhança do que ainda

hoje se utiliza nalgumas cabanas de pastores, alteava e isolava o piso destes habitats. Uma estrutura de madeira, encostada aos afloramentos, compensada por postes, mais ou menos verticais, que suportaria uma cobertura vegetal, de pele de animal ou mista, propiciava um revestimento impermeável. Para evitar que a água da chuva que escorria pela superfície dos afloramentos inundasse o espaço de vivência, os primeiros habitantes do Reguengo rasgaram canais, com cerca de trinta centímetros de largura e vinte de profundidade, que acompanhavam o perfil exterior dos batólitos, conduzindo a indesejada água para o exterior dos abrigos. Na área escavada, foi possível identificar, no interior da área que teria sido coberta, parte do local da lareira, protegida por blocos de granito de grande dimensão, que funcionariam como pára-fogo. Um empedrado com pequenas peças de granito e quartzito revestiam a base da lareira, funcionando como acumuladores térmicos. As fracturas térmicas que apresentavam e a sua coloração indicavam fortes e prolongados lumes. Encostados aos termoclastos, preservaram-se, pelo menos, a parte inferior de dois fornos para alimentos, semelhantes aos identificados nas margens do Guadiana, em Xarez 12 e Carraça 1 (Gonçalves, 2002), para só se referir aqui os reconhecidos no interior alentejano. Moldados em argila, com incorporação de pedaços de cerâmica, múltiplas vezes cozidas, indiciam várias reconstituições, ou moldagens funcionais. As bases dos dois fornos eram revestidas por blocos de pedra, que funcionariam como acumuladores térmicos. Desconhecemos se estes fornos seriam, quando cheios de alimentos, igualmente revestidos de argila na parte superior, ou se funcionariam, unicamente, como bases para assados. Os fornos apresentam uma forma oval, com cerca de sessenta centímetros de comprimento, quarenta de largura e uma profundidade que ainda hoje atinge os doze centímetros. A espessura máxima das paredes não ultrapassa os oito centímetros. No forno melhor conservado, observa-se uma estreita abertura, numa das extremidades, que acompanha toda a altura da parede. Esta abertura, pela sua pequena dimensão, serviria, provavelmente, como respirador. Se fosse essa a sua função, então o forno seria, totalmente, fechado com argila. Estaremos, assim, em presença de fornos em que, pelo menos, a parte superior seria refeita sempre que, por exemplo, uma peça de caça aí fosse colocada. Esta forma de cozinhar ainda, de alguma forma, se mantém hoje, entre os caçadores. O denominado coelho à caçadora é cozinhado, no campo, da seguinte forma: ao animal são retiradas as vísceras e é esfolado. A carne é polvilhada com sal, folhas de louro ou alecrim e regada com vinho. A pele, previamente retirada, volta a envolver o animal. Abre-se uma cova na terra, enterra-se o animal e cobre-se com uma fina camada de terra. Uma fogueira é acesa sobre este "forno" e mantém-se o lume vivo durante cerca de duas horas. Quando o lume se apagar, remove-se a terra e retira-se a pele ressequida. O coelho está pronto para ser comido.

No espaço deste habitat, sobre o nível de empedrado mas, maioritariamente, no entorno da lareira, identificaram-se diversos restos de talhe em sílex, sinal que aí, provavelmente, enquanto se esperava que a refeição estivesse pronta, instrumentos em sílex eram pacientemente talhados. Pela abundância de fragmentos de cerâmica, sem conexão directa, que

se encontraram nas terras que se sobrepunham ao nível de empedrado de base, poderemos deduzir que o nível de regularização do fundo da cabana, formado, possivelmente, por palha e terra, seria refeito periodicamente, sem que os detritos fossem totalmente retirados. Tratando-se de comunidades ainda não totalmente sedentárias deambulariam por diferentes territórios de exploração, regressando, ciclicamente, aos seus antigos habitats*. Ao regressarem, teriam que reabilitar o seu espaço, renovando a cobertura e refazendo o fundo da cabana. Os cuidados demonstrados na condução das águas pluviais, que escorriam pelos afloramentos, mostram-nos que, pelo menos, durante a época das chuvas, Outono e Inverno, a zona da actual Coudelaria estava ocupada por estas comunidades neolíticas.*

Cerca de cinquenta metros para Sul do abrigo que temos vindo a descrever encontra-se o "Santuário" com arte rupestre. Os materiais arqueológicos aqui identificados, durante a escavação efectuada, apresentam características idênticas aos recolhidos nas sondagens abertas em torno da Pedra da Águia, embora em menor número, o que é perfeitamente normal, se, de facto, se tratar não de um espaço de vivência, mas ritual. A única peça identificada que se afasta deste ambiente mágico-religioso é um elemento de mó, um dormente, que se encontrava à superfície, encostado a uma velha oliveira. Fora de contexto arqueológico, facilmente se entenderá o seu transporte e reutilização, provavelmente como assento de algum pastor que não temia a maldição das "oliveiras do feitiço". Reconheça-se, contudo, que esta mó não se encontrava no interior do espaço considerado amaldiçoado, mas sim na sua periferia, junto ao caminho. Sete pequenos seixos rolados, com forma ovóide, vulgarmente denominados por "ovinhos", constituem o lote de artefactos mais significativos e expressivos, identificados no nível de base da área escavada no "Santuário". Sem sinais de percussão, ou desgaste funcional, poderão ter alguma carga simbólica, ou, como também já foi aventado, mais não seriam do que projécteis de funda. Contudo, esta hipótese parece-nos pouco aceitável neste contexto, reconhecendo-se-lhe, com maior facilidade, alguma relação com o ambiente mágico-religioso onde foram recolhidas. Recorde-se que não é invulgar encontrar, entre os conjuntos artefactuais relacionados com feitiçaria, a presença de pedras semelhantes utilizadas em sessões de divinação, denominadas por pedras de lançar.

Os restantes materiais recolhidos na escavação do "Santuário" são três fragmentos de cerâmica, com características pré-históricas e minúsculos restos de talhe, em sílex, que ocorreram em níveis de terra humosa mais superficiais. Pelas suas pequenas dimensões poderão ter sido arrastados do espaço de habitat *que se situa próximo. Dos fragmentos de cerâmica aqui recolhidos, convém destacar o SPH 33. Trata-se de um fragmento de taça liso, com bordo levemente espessado. Esta forma encontra paralelos nas peças HR - 124 e HR - 65, recolhidas em níveis superficiais do* habitat *acima descrito, e que aponta para contextos mais recentes, relativamente ao conjunto artefactual, atribuído ao Neolítico Antigo, identificado no nível dos fornos e empedrado do fundo de cabana, localizado junto à Pedra da Águia. A escavação efectuada no santuário destinava-se, sobretudo, a identificar materiais que nos possibilitassem atribuir um sempre provável posicionamento cronocultural*

para as manifestações gravadas sobre os afloramentos. Infelizmente, os materiais identificados não nos permitem estabelecer qualquer relação segura. Os sete seixos rolados dificilmente poderão servir como baliza cronológica, considerando que eles ocorrem em contextos que se prolongam desde o Neolítico mais antigo até finais do Calcolítico, tanto em espaços de *habitat*, como e maioritariamente em contextos funerários megalíticos. Resta-nos reconhecer que as expressões artísticas gravadas sobre os afloramentos, que atrás descrevemos, especialmente os símbolos astrais da rocha 20, encontram paralelo nas representações existentes em menires de recintos megalíticos dos arredores de Évora, que, segundo os seus escavadores, remontarão a fases iniciais do Neolítico. Se esta relação e posicionamento cronológico estiverem correctos, poderemos considerar que as gentes que cozinhavam em fornos de argila, viviam sobre empedrados e utilizavam cerâmica profusamente decorada foram as mesmas que gravaram covinhas e representações astrais sobre as rochas que definem um espaço mágico-religioso, hoje denominado "oliveiras do feitiço".

Em toda a área escavada, apenas no *habitat*, sobre o empedrado e junto a cerâmicas com decoração incisa, foi possível identificar material passível de datação radiométrica. Trata-se de um dente de cavalo. Contudo, pela sua enorme importância simbólica para a História da Coudelaria e de acordo com a Direcção desta instituição, optámos pela sua conservação, não o submetendo a processo destrutivo de datação. Paralelamente, é intenção da Coudelaria de Alter proceder à futura recolha de DNA desta amostra para comparação com o banco de dados já existente. Esta opção foi também reforçada pela forte hipótese de, ao alargar-se a área de escavação, ser possível recolher outros materiais datáveis. Assim, e na ausência de datações absolutas, haverá que estabelecer paralelos com sítios idênticos do interior alentejano. O "Sítio neolítico da Valada do Mato", situado nas imediações de Évora, que tem vindo a ser estudado por Mariana Diniz, poderá ser o exemplo mais significativo para estabelecer paralelos, enquanto não estão disponíveis, na sua totalidade, os resultados dos trabalhos realizados no vale do Guadiana. Em Valada do Mato, as semelhanças com o *habitat* do Reguengo da Coudelaria de Alter são aplicáveis, no que se reporta ao ambiente envolvente, ao empedrado de base e, sobretudo, aos conjuntos artefactuais, formados por cerâmicas decoradas por incisão, impressão, aplicações plásticas e uma indústria lítica em sílex de feição lamelar (Diniz, 2001). Na Valada do Mato, uma amostra de carvões recolhidos no interior de uma "estrutura de combustão" forneceu uma data calibrada, a 2 sigmas, de 5040 – 4790 BC. (Diniz, 2001 a). Reconhecendo as limitações que advêm por se tratar de apenas uma data, ela assume, contudo, particular importância, porque nos ajuda a posicionar, em termos cronológicos, a emergência das comunidades produtoras nesta zona do Norte Alentejano. Observando-se que o registo pré-histórico identificado no entorno da Pedra da Águia é extremamente homogéneo, e que se posicionará, pelo menos, em meados do V milénio B.C., e será resultante de uma ocupação relativamente restrita no tempo, permitir-nos-á, mais à frente, estabelecer algumas comparações, quer com as evidências arqueológicas do *habitat* da Porta do Tempo, quer com os sepulcros megalíticos estudados na área da Coudela-

ria. Amostras de terras do *habitat* do Reguengo foram recolhidas para análises paleoambientais, cujos resultados se apresentam em anexo.

HABITAT DA PORTA DO TEMPO

O estabelecimento e estruturação de *habitats* durante o Neolítico Antigo, na área da Coudelaria, ocorre, praticamente, pelo menos na zona do Reguengo, por entre todas as formações graníticas de maior volumetria e, maioritariamente, no entorno dos dois sepulcros megalíticos aqui localizados, a Anta da Horta e a Anta da Soalheira.

Por entre os múltiplos afloramentos situados junto à Porta do Tempo, cujo nome poderá ser uma corruptela de templo, já que por esta porta se estabelecia um dos percursos mais directos para a Igreja de S. Bartolomeu, encontram-se os vários abrigos, igualmente com ocupação iniciada durante o Neolítico Antigo, onde procedemos a sondagens, já anteriormente descritas. Dos abrigos escavados, evidencia-se o da Toca da Raposa, quer pela abundância de materiais que forneceu, quer pelas estruturas que comporta. Neste *habitat* parece reconhecerem-se, pelo menos, duas fases distintas de ocupação. A muito reduzida compactação das terras e sobretudo a fraca potência de solo inviabilizou quer a escavação em área por unidades estratigráficas, quer a identificação em corte das fases de ocupação. Por outro lado, denotaram-se, ao longo da escavação, manchas de terra mais humosa que se prolongava até à rocha, indiciadoras de violações, ou intrusões. A percepção da existência de, pelo menos, duas fases de ocupação resulta da evidência de dois grupos de materiais, sobretudo cerâmicos, com características distintas e que se filiam em contextos cronoculturais diferentes. Maioritariamente, nas terras mais superficiais e por consequência mais humosas, registaram-se, essencialmente, cerâmicas abertas, superfícies lisas e um número significativo de bordos espessados. Estes recipientes cerâmicos apresentam diâmetros que oscilam entre os 20 e os 40 cm. Sobretudo abaixo deste nível, registaram-se as cerâmicas decoradas com todas as variantes, incisas, impressas e com aplicações plásticas, estando também presente "cerâmica cardial".

A cerâmica decorada apresentava-se muito mais fracturada, não possibilitando, na maioria dos casos, definir globalmente a sua forma e determinar, com precisão, o seu diâmetro. Nos poucos casos em que foi possível projectar a peça, reconhecem-se formas fechadas com diâmetros inferiores a 25 cm. É também proveniente deste contexto a colher de cerâmica registada com o número TR 30. O fragmento de recipiente cerâmico TR 109, que numa leitura imediata parecia incluir-se nas séries de bordo denteado, depois de observado à lupa binocular, reconheceu-se não pertencer a esse grupo. Trata-se de uma fractura muito regular que acompanhou uma linha de impressão decorativa mais profunda e que fragilizou a peça. Para além desta singular fractura, esta peça apresenta uma pasta muito depurada e bem cozida e uma coloração alaranjada que a afasta do restante conjunto cerâmico de tom castanho-escuro. Maioritariamente, a utensilagem lítica foi identificada sobre o empedrado de base, em associação com as cerâmicas decoradas. Inclui-se neste grupo o machado TR 24, de secção subcircular, com superfície picotada.

A restante indústria lítica é formada por lamelas,

núcleos e restos de talhe em sílex. Este *habitat*, bem protegido e dissimulado por entre os afloramentos mas, igualmente, detentor de um bom domínio visual para todo o vale que se estende a poente, apresenta uma estruturação de piso empedrado semelhante ao identificado no *habitat* do Reguengo, do qual dista cerca de quinhentos metros. Também na cabana que aqui foi montada durante o Neolítico, houve necessidade de conduzir, para o exterior, as águas pluviais que escorriam pelos afloramentos. A solução adoptada por estes habitantes foi mais engenhosa e eficiente. Enquanto que os utilizadores do abrigo situado junto à Pedra da Águia se limitaram a escavar valas de drenagem, os da Toca da Raposa optaram por utilizar blocos finos de granito, resultantes da clivagem natural dos afloramentos, para com eles formarem condutas estruturadas que acompanham o perímetro dos principais batólitos que recolhem e conduzem as águas para o exterior do espaço de *habitat*. Estas condutas assentam, na maior parte do percurso, directamente sobre a rocha de base, sendo, com grande probabilidade, contemporâneas da primeira fase de ocupação.

Durante os trabalhos de escavação, que se prolongaram por todo o Inverno de 2005, tivemos que recorrer à montagem de um toldo impermeável que cobria todo o espaço deste abrigo. Sem que o objectivo fosse desenvolver arqueologia experimental, sentimos como era fundamental a drenagem das águas que escorriam pelos afloramentos e, quando colocámos a descoberto a conduta de drenagem neolítica, observámos como ainda funcionava perfeitamente, evitando que o espaço de *habitat* ficasse inundado. Contudo, o empedrado de base não cobria toda a área do abrigo. Esta ausência de pedras é perfeitamente compreensível nas metades este dos quadrados O 10 e P 9, onde a rocha de base é mais regular e ocorre à mesma cota do restante empedrado, porém, na outra metade destes quadrados e na área escavada de O 9, a rocha de base ocorre a cotas mais profundas, definindo-se um significativo abatimento com notória ausência de empedrado. Foi neste espaço, onde se nota a ausência de pedras de elevação e regularização do piso de *habitat*, que se identificou, adossada à rocha, uma base de lareira formada por uma grossa placa de argila. Hoje, com uma forma irregular e sinais de múltiplas fracturas, resultantes das altas e continuadas temperaturas que sofreu, não nos é possível determinar com segurança o seu perímetro total e, igualmente, a sua forma. Provavelmente, devido à acidez do terreno, não foi possível identificar matéria orgânica passível de datação nas imediações da base de lareira. A cota a que se situa parece enquadrar-se no mesmo nível onde ocorrem, com maior incidência, os materiais mais antigos, atribuídos ao Neolítico Antigo, contudo, situa-se, igualmente, na zona de maior revolvimento e exactamente no espaço onde o empedrado está ausente, tornando-se difícil determinar se esta base de lareira pertence, ou não, ao contexto vivencial mais antigo.

No quadrado O 9, no limite de uma mancha de empedrado, identificou-se um buraco de poste estruturado, que parece ser contemporâneo da fase inicial de ocupação deste abrigo.

Pelo que acima fica descrito, no *Locus* da Toca da Raposa, situado na área de *habitat* da Porta do Tempo, reconhecem-se duas fases de ocupação, correspondentes a dois momentos do Neolítico. O primeiro,

poderemos colocá-lo nos inícios do Neolítico, sendo contemporâneo da primeira ocupação da Pedra da Águia. O segundo apontará para um momento posterior, provavelmente, e, atendendo à presença de bordos espessados, poderá ser posicionado nos finais do Neolítico, ou, mesmo, já em inícios do Calcolítico. Os outros abrigos sondados na área do *habitat* da Porta do Tempo também revelaram ocupações pré--históricas atribuíveis ao Neolítico Antigo.

O *Locus 1*, encaixado entre afloramentos, apresenta--se limitado a Norte por um murete que une os dois afloramentos mais distantes, permitindo o fecho completo desta área de *habitat*. Provavelmente, por neste espaço não se sentirem tanto os efeitos da escorrência de águas pluviais pelas faces dos afloramentos, apenas foi identificada uma curta vala, escavada no saibro, encostada ao afloramento sul, assim como apenas foi registada uma pequena mancha de empedrado, provavelmente destruído pela ocupação medieval, que neste local também se fez sentir. O reduzido número de materiais pré-históricos aqui identificados, formados por cerâmicas decoradas, restos de talhe e fragmentos de lamela em sílex, remetem-nos para um contexto atribuível ao Neolítico Antigo.

O *Locus 2* da Porta do Tempo, para além de apresentar uma estrutura de empedrado semelhante às anteriormente descritas, evidencia, igualmente, uma vala de drenagem, aberta no saibro, encostada ao afloramento de maiores dimensões, que protege o espaço pelo Oeste. Este *habitat*, por se encontrar numa pendente acentuada, apresenta, no nível superficial, claros sinais de escorrência, com presença de materiais modernos e contemporâneos, assim como cerâmicas pré-históricas lisas, formas mais abertas e algumas com sinais de carenas, provavelmente, médias, assim como um fragmento de ídolo-placa em arenito, em fase de acabamento. Neste nível, recolheu-se um fragmento de cerâmica de forma cilíndrica (LOC2 150), que apresenta uma perfuração transversal e que poderá ter pertencido a um peso de tear, atribuível ao Calcolítico. Sob a camada de terra mais solta e por entre o nível de empedrado, recolheram-se cerâmicas decoradas, impressas, incisas e com aplicações plásticas. A indústria lítica lascada é formada por lamelas, buris, núcleos e restos de talhe, em sílex. Uma porção de machado de pedra polida (LOC2 51) foi igualmente recolhida neste contexto. Um pendente em rocha verde (LOC2 35) e um fragmento de idolo-placa, em arenito, em fase de acabamento (LOC2 192), aqui identificados, assumem especial importância, por terem significativos paralelos com os que, com frequência, ocorrem em ambientes funerários megalíticos.

Para além destes *habitats* com testemunhos materiais atribuíveis ao Neolítico Antigo e, provavelmente, ainda que com menor número de materiais, a momentos posteriores, mas ainda dentro do mesmo período pré-histórico, conhecem-se mais locais, tanto na zona do Reguengo, como por entre os afloramentos graníticos situados nas imediações da necrópole megalítica do Vale de Carreiras. Esta associação e interligação espacial voltam a colocar problemas até agora insolúveis e já detectados noutros locais, especialmente no Norte Alentejano.

MENIRES E ANTAS

Na área da Coudelaria, conhecem-se sete sepulturas

megalíticas. Pelo menos, três delas possuem menires, claramente fálicos, incluídos na sua estrutura. Ainda que com um número muito reduzido de datações disponíveis para os menires, das quais se destaca a data obtida para o Menir da Meada, situado em Castelo de Vide, que, em datas calibradas, a 2 sigmas, se situa entre 5010 – 4810 BC, parece ser hoje concordante existir alguma anterioridade dos menires em relação aos sepulcros megalíticos do tipo dólmen. Se aceitarmos essa anterioridade, a presença, que começa a ser hoje já recorrente, de menires no interior de estruturas funerárias dolménicas poderá ter, pelo menos, três explicações possíveis. A mais simplista dir-nos-ia que, devido a uma economia de recursos, os construtores de dólmenes recorreriam àquelas pedras já talhadas e aproveitavam-nas para a construção dos sepulcros. Uma segunda hipótese dir-nos-á que a inclusão dos menires se ficaria a dever a algum ritual que obrigaria os construtores de antas a remover os menires e a incluí-los na sua estrutura. Uma terceira hipótese dir-nos-ia que os dólmenes foram construídos no mesmo local onde se situava já anteriormente o menir, incluindo-o na sua estrutura e mantendo uma sacralização do espaço. De notar que em todos os monumentos funerários por nós escavados onde se registaram menires, estes apresentavam sinais rudes de corte, sobretudo em altura, por forma a poderem incorporar a estrutura funerária. Uma leitura simplista poderá dizer que as três teses poderão coexistir, Contudo, e independentemente da existência, ou não, de menires na estrutura construtiva dos dólmenes, está disponível, há já alguns anos, um conjunto de datas, consideradas demasiado antigas, recolhidas no interior de dólmenes do Norte Alentejano e "Extremadura" Espanhola, que se aproximam da data do Menir da Meada e, ao mesmo tempo, das datas em geral já disponíveis para habitats *do Neolítico Antigo, remetendo-nos, em anos de calendário, para o V e por vezes inícios do VI milénio BC. De facto, já muitas explicações foram aventadas para minimizar o impacto que estas datas antigas teriam nas interpretações tradicionais para a origem do megalitismo funerário, que o remete sempre para momentos de um Neolítico médio e, principalmente, final. Na verdade, a maior parte das datas disponíveis para os dólmenes situa-se entre o IV e o III milénios, em anos de calendário, mas, igualmente, essas datas foram obtidas, maioritariamente, a partir de material ósseo. Contudo, é hoje totalmente aceite que estes sepulcros tiveram uma vida útil e funcional muito longa e com evidentes sinais de reutilizações, reabilitações e desenvolvimentos. Haverá que questionar, coisa que raramente foi feita, se as datações obtidas a partir de restos ósseos não datarão, sobretudo momentos finais de utilização e não o momento fundacional. Todos reconhecemos quão raro é encontrarem-se restos ósseos, passíveis de serem datados, localizados em terrenos xistosos, ou graníticos, terrenos que, pela sua acidez, destroem completamente a matéria orgânica. Provavelmente, teremos vindo, sucessivamente, a datar ossos de momentos finais de utilização destes sepulcros. Lembre-se aqui que as medições por radiocarbono datam o momento da morte do indivíduo e não o momento da tumulação. Recorde-se, também, que as datas mais antigas e consideradas anormais resultam, invariavelmente, de carvões que, por sistema, foram recolhidos na base dos monumentos ou sob as respectivas mamoas, quando bem conservadas.*

Essas datações, porque iam contra as teorias aceites, foram sempre rejeitadas, considerando-se que se reportariam a episódios pré-megalíticos e, portanto, muito anteriores à construção dos sepulcros.
A inexistência de trabalhos em habitats *do Neolítico mais antigo na mesma área onde se localizam os dólmenes com datas igualmente muito antigas, e a só recente disponibilização de datações absolutas para os contextos do Neolítico antigo terão contribuído para que não se tivessem esboçado propostas interpretativas de ligação directa entre dólmenes, menires e* habitats *das primeiras comunidades agropastoris.*
Os trabalhos que desenvolvemos na área da Coudelaria parecem facilitar-nos essa possível relação, ainda que, e por agora, sustentados num conjunto restrito de elementos. Vejamos os paralelos possíveis de estabelecer entre os materiais recolhidos na Anta da Horta, situada a quinhentos metros do habitat *da Porta do Tempo. No interior da câmara funerária, onde ocorreram diversos episódios de revisitação, identificaram-se nove fragmentos de cerâmica com decorações incisas, impressas e aplicações plásticas, cujos motivos decorativos encontram paralelo directo nas cerâmicas do* Locus *da Toca da Raposa e* Locus *II do* habitat *da Porta do Tempo. Se os paralelos ocorressem nas cerâmicas do* habitat *do Reguengo, que se situa a cinquenta metros desta anta, sempre se poderia colocar a hipótese de ter havido contaminações por arraste. Contudo, a distância, ainda significativa, entre os dois locais inviabiliza essa possibilidade. Evidentes e expressivas são as semelhanças das cerâmicas da Anta da Horta, AH330, AH331, AH332, AH333, AH225, AH327, AH318, AH287 e AH293, com as cerâmicas da Toca da Raposa, TR325, TR560, TR559, TR313, TR106, TR452 e TR211, entre tantos outros exemplos. Iguais semelhanças encontram-se no machado de corpo picotado AH185, recolhido na Anta da Horta, e no machado, igualmente de corpo picotado TR24, recolhido na Toca da Raposa. Mas os exemplos mais significativos foram identificados no* Locus *II da Porta do Tempo. Neste pequeno abrigo, no nível de base, onde ocorrem, especificamente, cerâmicas decoradas, restos de talhe e indústria lamelar, recolheu-se um pendente em rocha verde, L C2 35.*
Nas cotas mais superficiais deste abrigo, em terras de arraste, identificou-se um fragmento do que parece ser um ídolo-placa, de arenito, em fase de acabamento (LOC2 192). Pelos exemplos apontados, parece existirem demasiadas semelhanças entre os materiais da câmara da Anta da Horta e os materiais, claramente do Neolítico Antigo, do habitat *da Porta do Tempo, para não podermos estabelecer estreitas relações entre os utilizadores do* habitat *e os construtores, ou os primeiros tumulados deste dólmen. Se, para esta anta, temos evidentes relações, através dos conjuntos artefactuais, com evidências atribuíveis a momentos muito recuados do Neolítico, na Anta da Soalheira, na da Várzea Grande e na n.º2 de Vale de Carreiras, estão presentes, nas respectivas estruturas tumulares, menires fálicos, que nos reportam igualmente para momentos recuados do Neolítico. Perante estas realidades, teremos que colocar a questão: em que momento foram construídos os sepulcros megalíticos de que temos vindo a tratar? Seguramente que em momento posterior à fase da erecção de menires. Mas se encontramos materiais, maioritariamente cerâmicos, atribuídos ao Neolítico Antigo no interior dos dólmenes, onde posicionar a fase dos menires? A fase*

"menírica" não poderá ser muito recuada, em relação à emergência dos dólmenes, porque as datas obtidas a partir de carvões, recolhidos na base de antas e sob as suas mamoas, como Castelhanas, Cabeçuda e Figueira Branca, em Marvão, e mesmo a da Joaninha, em Cedillo, posicionam-se dentro das balizas cronométricas já disponíveis para os habitats do Neolítico Antigo, o mesmo acontecendo com a data do Menir da Meada. Suportados nestes dados, teremos que aceitar que a moda de erecção de menires foi relativamente curta, sendo rapidamente absorvidos nos sepulcros megalíticos. A fase de erecção de menires deverá ter sido muito efémera, ou, então, a explicação para as datas muito antigas nas antas e a presença de cerâmicas do Neolítico Antigo no seu interior deverá ter outra explicação. A tese das trasladações, defendida por Leonor Rocha (Rocha, 2005), seguramente que faz todo o sentido, num contexto lato, contudo não responde ao problema das datas antigas obtidas sob as mamoas. Em textos anteriores e com base em evidências claras, demonstrámos que alguns dos dólmenes estudados no Nordeste Alentejano foram construídos sobre habitats anteriores, onde ocorriam lareiras e silos (Oliveira, 1997 e 1998). Contudo, nos monumentos agora estudados tal situação não foi detectada, encontrando-se os sítios de habitat bem definidos, nas imediações dos dólmenes.

Ainda que sem dados totalmente conclusivos, porque muito trabalho ainda está por fazer, e muitas questões por responder, pensamos, contudo, que já existem demasiadas evidências para rejeitarmos a hipótese de considerarmos que os construtores destes dólmenes foram os mesmos que elegeram os afloramentos da Toca da Raposa ou a Pedra da Águia para aí construírem os seus abrigos, enquanto ensaiavam as primeiras técnicas agrícolas e aprendiam a conduzir rebanhos, entre o VI e o V milénios BC. O maior problema coloca-se quanto ao posicionamento relativo para a emergência dos menires. Se, de facto, eles já preexistiam ao tempo da construção dos primeiros dólmenes, então, durante o Neolítico Antigo teremos que encontrar, pelo menos, duas fases. Uma mais antiga, durante a qual se ergueram menires e, posteriormente, uma fase de construção de sepulcros megalíticos que incorpora menires na sua estrutura funerária. A alternativa a esta interpretação poderá ser equacionada se se vier a definir, um dia, com precisão, o que se entende por Neolítico Médio. Para reequacionar toda esta problemática, há necessidade de alargar as áreas de escavação dos habitats e, sobretudo, procurar encontrar matéria datável para nos ajudar a esclarecer, com precisão, a periodização do Neolítico, no interior alentejano.

NAS IDADES DOS METAIS

Mas, quer a Anta da Horta, quer a Anta da Soalheira-tiveram uma vida útil e funcional, enquanto espaço de tumulação, excepcionalmente longas. O evidente prolongamento do corredor da Anta da Soalheira, com inflexão de 20 graus para Sul, enquanto que o tramo inicial apresenta um desvio para o mesmo lado de apenas 8 graus, indicia, nitidamente, que, nos finais do Neolítico, ou mesmo já durante o Calcolítico, houve necessidade de prolongar o espaço funerário desta anta, com recurso a esteios de menor dimensão, mas obedecendo às novas normas de orientação de corredores, entretanto adoptadas e que implicavam

um acentuado desvio para Sul. Na Anta da Horta, do espantoso depósito votivo identificado na zona terminal do corredor, ou já fora dele, num provável átrio, associado a abundantes ídolos-placa de arenito e xisto com expressivas figurações antropomórficas e outras placas que, por agora, não se lhes conhece paralelos, recolheu-se um fragmento de cabeça de alfinete canelada, em osso, idêntica às recolhidas em ambientes do Neolítico Final ou mesmo já do Calcolítico da Estremadura. O expressivo e aparatoso depósito de oferendas, que implicou a remoção de um crânio e de um calcâneo do interior da câmara, para enfatizar toda a encenação, terá ocorrido já durante o Neolítico Final, senão mesmo no Calcolítico. Verifica--se, assim, uma vida útil destes monumentos, enquanto espaços funerários, desde, os VI / V milénios e meados do III milénio BC. Durante estes milhares de anos, na Anta da Horta, processou-se uma tumulação, que foi submetida a datação. Foi acompanhada de dois ídolos-placa, em xisto, ambos com decoração geométrica, sendo que um, o AH154, apresenta recorte antropomórfico, enquanto que o outro, AH400, apresenta uma forma sub-rectangular. A data obtida para este enterramento, calibrada a 2 sigmas, posiciona-se entre 2930 e 2860 BC.

Mas a utilização das antas da Coudelaria, já não como espaços funerários, continuou ao longo do tempo. Na Anta da Soalheira, durante o domínio romano, ou já nos finais deste, o espaço interno da câmara funerária é transformado em abrigo, no qual se estrutura uma lareira, múltiplas vezes refeita, com a consequente destruição dos depósitos funerários neolíticos e de grande parte da estrutura funerária. O abandono deste espaço como abrigo terá ocorrido já muito tardiamente, atendendo a que, nos níveis superiores, por entre terra muito humosa, ainda se identificaram fragmentos de faiança. Situação semelhante terá ocorrido na Anta da Horta. Após a deposição votiva no corredor, ocorrida nos fins do Neolítico ou já no Calcolítico, terá um longo hiato na sua utilização. Fragmentos de tijoleira romana, faianças e uma medalha de bronze, com a representação de S. Bento, foram identificados, nas terras superficiais do monumento, sob um dos esteios tombados da câmara. Na Anta da Várzea Grande, profundamente violada em diversos tempos, uma datação de radiocarbono efectuada sobre um dente de equino posiciona essa ocorrência no século XVII AD. Recorde-se que o estabelecimento da Coudelaria só ocorreu em 1748, o que nos mostra, como é natural, que, pelo menos, cem anos antes, os cavalos já por aqui seriam frequentes. Na área da Coudelaria, até agora, os testemunhos calcolíticos apenas parece estarem presentes no depósito votivo identificado no corredor da Anta da Horta e, ainda que não muito esclarecedoras, algumas cerâmicas dos níveis superficiais do habitat *da Porta do Tempo poderão apontar para esse período. Contudo, e de acordo com o estudo paleoambiental, elaborado por David Duque e que se apresenta em anexo, os efeitos antrópicos na paisagem da Coudelaria, durante o III milénio a.C., terá sido assinalável. As alterações no coberto vegetal denotam uma presença significativa da pressão humana, com redução drástica de algumas espécies e a substituição por outras, indiciando actividades agrícolas significativas. Embora os estudos paleoambientais nos mostrem uma forte antropização no III milénio a.C., os testemunhos de* habitats*, nitidamente calcolíticos, parecem estar*

ausentes no interior da Coudelaria. Testemunhos da Idade do Bronze e da Idade do Ferro também não se conhecem no interior dos limites da Coudelaria. A parte inferior de um grande vaso, cujo bordo já não chegou até nós, recolhido em zona violada do corredor da Anta da Soalheira, poderá ser o único testemunho atribuível à Idade do Bronze. Nesta zona do Alentejo, os habitats *das comunidades metalúrgicas ocorrem, maioritariamente, no topo de colinas, com boas defesas naturais e ampla visibilidade, características orográficas que não se verificam no interior desta ampla propriedade. Contudo, não muito distante, nos cabeços, insuficientemente prospectados, de S. Miguel, Alter Pedroso e sobretudo no de S. Lourenço, que delimitam o anfiteatro da Coudelaria a nascente, pelas suas características morfológicas poderão ter acolhido povoados das sociedades metalúrgicas. De notar que, na cumeada do cabeço de S. Lourenço, por entre o denso coberto vegetal, parece desenhar-se uma cintura de muralhas, justificando plenamente uma prospecção cuidada desta colina. No sopé deste cerro, para poente, localizam-se quatro antas, uma das quais também denominada de Soalheira. (Leisner & Leisner, 1959) Esta anta, hoje desaparecida, terá sido destruída durante uma plantação de eucaliptos, ocorrida nos finais da década de setenta.*

DA ROMANIZAÇÃO A 1748

Se os testemunhos das Idades dos Metais não ocorrem na área da Coudelaria, a presença romana também não é muito significativa. Para além do abrigo improvisado no interior da Anta da Horta, onde ocorreram fragmentos de materiais de construção romanos, guardou-se, até há poucos anos, no edifício das Casas Altas da Coudelaria, uma ara votiva em granito (Encarnação, 1984). Segundo nos informaram, esta ara encontra-se hoje guardada na Câmara Municipal de Alter", desconhecendo-se a sua exacta proveniência. Contudo, Manuel dos Santos Barreto e outros, no seu artigo intitulado "Arqueologia Romana do Concelho de Alter", informam-nos que a referida ara "provém de um sítio próximo chamado Reguengo" (Barreto, 1978: 282). Desconhecemos onde estes autores terão obtido esta informação, contudo, na área do Reguengo, tanto no interior da Coudelaria, como fora, não identificámos vestígios romanos que justificassem a presença desta ara. Parece-nos mais seguro que a sua recolha tivesse ocorrido no Ferragial d'el Rei, situado na área da vila de Alter do Chão, em propriedade da Coudelaria, assim se justificando a sua deslocação para as instalações centrais desta instituição. Outra hipótese para a possível origem desta ara seria a Casa da Aveleda, importante sítio arqueológico romano, situado paredes-meias com o limite sul da Coudelaria. Se, na área da Coudelaria, os testemunhos romanos são muito reduzidos, já os vestígios da Alta Idade Média estão bem presentes, registados através das várias sepulturas escavadas na rocha. Este tipo de sepulcros, bem documentados em toda a Península Ibérica, mas insuficientemente estudados, parecem balizar-se, maioritariamente, entre o século VI e a Reconquista Cristã. No Norte Alentejano, estas sepulturas ocorrem, geralmente, associadas a pequenos núcleos urbanos, com casas de planta quadrangular, construídas em pedra, sem recurso a argamassas. No lapso de tempo em que são posicionáveis, chegam a esta zona da Península povos com origens diversas, continentais, mediterrânicos e norte africanos. Trata-se

de um dos períodos históricos menos estudados, especialmente, no que se reporta ao espaço rural, impossibilitando-nos de aventarmos qualquer origem cultural que as explique. No concelho de Marvão, Afonso do Paço, ao escavar o Povoado do Monte Velho, na freguesia da Beirã, onde ocorrem várias dezenas de sepulturas escavadas na rocha, incluídas numa ampla zona de *habitat*, recolheu uma telha, na qual estava gravada a mensagem (H)IC PAX (H)IC C(H)RIST(VS) - Aqui esteja a paz, aqui esteja Cristo. Segundo Afonso do Paço, esta inscrição deverá balizar-se entre os séculos VI e o VIII (Paço, 1949). Se quisermos estabelecer um paralelo com a necrópole da Coudelaria, poderíamos dizer que, pela mesma altura, sobretudo na área do Reguengo, provavelmente no mesmo local onde se veio a constituir a aldeia com o mesmo nome e hoje desaparecida, terá existido uma comunidade que tumulava os seus mortos em sepulcros escavados nos afloramentos graníticos. Estes sepulcros que implicam um forte investimento na morte, seguramente que não eram generalizáveis a todos os membros da comunidade. Pelo investimento que implicava a realização deste tipo de túmulos, a eles apenas teria acesso uma elite da sociedade. Contudo, essa selecção não tinha em conta a idade do defunto, considerando que, no afloramento da sepultura 3, se identificou um sarcófago de criança, à semelhança do que ocorre noutros locais. Reconhece-se, também, que, nos preceitos funerários que existiriam entre estas comunidades que assim tumulavam, não terá existido qualquer norma que obrigasse, como é comum a tantas e diversas culturas, a uma orientação regulamentar dos sarcófagos. Os túmulos orientam-se das formas mais díspares, procurando, acima de tudo, utilizar a superfície mais regular do afloramento onde se inscrevem.

Uma moeda em prata, de Abderramão II, da dinastia Omíada, datável do século IX, cunhada em Córdova, foi por nós encontrada nas terras superficiais do *habitat* neolítico da Toca da Raposa. Esta moeda, tal como qualquer moeda encontrada fora de contexto, não nos permite tecer grandes considerações culturais, contudo, e por se tratar de espécime muito raro, nesta como noutras regiões, poder-nos-á permitir levantar a hipótese de que alguém com suficiente poder económico, em vésperas da constituição do Califado de Córdova, por aqui passou e se terá abrigado num acolhedor nicho da Toca da Raposa, onde terá perdido tão valiosa peça.

Tempos depois, quando a memória funerária das sepulturas escavadas na rocha já se havia perdido, provavelmente nos finais da Idade Média, dois destes túmulos da zona do Reguengo foram reutilizados como lagares. Nas sepulturas 1 e 2, a superfície adjacente no afloramento, foi rebaixada, formando um amplo, mas pouco profundo receptáculo que, através de canais abertos na pedra, encaminhava o conteúdo da área de prensagem para o interior da sepultura, funcionando esta como tanque principal. O sistema de canais da sepultura 1 é muito mais elaborado, reconhecendo-se, no final de um deles, um entalhe aberto na rocha, destinado a facilitar a recolha dos resíduos, após a prensagem. No limite dos afloramentos onde se moldaram os lagares, registaram-se estruturas de combustão. No interior da lareira anexa à sepultura 1, preservava-se, *in situ*, ainda que apresentando múltiplas fracturas, a parte inferior de um pote em cerâmica. A face interior apresenta-se ainda com claros sinais de gordura, o que dificultou a sua estabilização primária. As terras envolventes da lareira, onde abundavam muitas cinzas, foram submetidas a análise, tentando-se identificar

alguma partícula que nos indicasse que frutos seriam transformados neste lagar. As altas temperaturas que a lareira atingiu não possibilitram a preservação de qualquer amostra que nos esclarecesse o fim a que se destinavam estes lagares. Pela gordura acumulada no pote recolhido junto à sepultura 1, poderemos afirmar que se destinariam à produção de azeite, não sendo, de excluir, igualmente, a produção de vinho. A presença da lareira e do pote, como partes integrantes do processo de transformação, reforçam a possibilidade de se destinarem, essencialmente, à produção de azeite, sendo fundamentais para separar este produto das vulgarmente denominadas águas russas. A existência destes lagares artesanais, com fraca capacidade produtiva, em espaço rural, maioritariamente atribuídos aos finais da Idade Média e Idade Moderna, igualmente conhecidos noutros locais, poderá estar directamente relacionada com a fuga ao pagamento do dízimo, devido por esta actividade. Reconheçamos que, desde a chegada dos romanos, foram introduzidas novas formas de produção de azeite, muito mais expeditas e produtivas do que a tecnologia reconhecida nestes lagares, que muito se aproxima da que se identifica em ambientes da Idade do Ferro. Mas a presença destes lagares, atribuíveis à Idade Média, permite-nos afirmar que, pelo menos, a zona do Reguengo manteve presença humana, durante esse período. Terá sido, igualmente, por essa altura que o pequeno povoa-do que remontaria à Alta Idade Média se começa a estruturar num núcleo urbano com maior dimensão, permitindo constituir-se, pouco tempo depois, como paróquia autónoma. Se as nossas deduções estiverem correctas, terá sido por ordem de D. Pedro I que se terá erguido no Reguengo, propriedade régia desde a Reconquista, a Igreja de S. Bartolomeu. A presença deste rei na vila de Alter está suficientemente comprovada, tal como em várias outras povoações do Norte do Alentejo, vindo a falecer, em Estremoz, em 1367.

O mais antigo Registo Paroquial da Igreja de S. Bartolomeu do Reguengo, conservado no Arquivo Distrital de Portalegre, reporta-se a um baptismo realizado a 8 de Setembro de 1612. Observando os livros de registo de óbitos relativos a esta freguesia, provavelmente aquele que melhor nos poderá informar sobre a flutuação demográfica, nota-se que terá havido um ligeiro aumento populacional na altura da instalação da Coudelaria. Dez anos depois, em 1758, segundo o pároco desta freguesia, Manuel Martins Tavares, existiriam na área da sua paróquia "noventa e três pessoas de sacramento".

Adjacente à povoação de S. Bartolomeu do Reguengo, situa-se a Coutada do Arneiro, onde se veio a instalar, em 1748, por vontade de D. João V, a Coudelaria de Alter. Sobre o processo de instalação, da titularidade da propriedade e dos conflitos com as gentes de Alter do Chão e de todos os episódios por que passou a mais antiga coudelaria do mundo, torna-se obrigatório ler o que copiosamente escreveram Ruy d'Andrade e Joaquim Tiago Ferreira e se encontra publicado, a partir do primeiro número do Boletim Pecuário*, editado 1947, com o título "Elementos para a História da Coudelaria de Alter".*

Do que parece não restarem dúvidas é que a área onde hoje pastam os Cavalos de Alter foi a mesma que as mais antigas comunidades de pastores e agricultores escolheram para aí apascentarem os seus rebanhos e lançarem as primeiras sementes à terra, rumo a uma economia de produção e a uma sedentarização efectiva.

4. BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Rui & FERREIRA, Joaquim Tiago (1947); *"Elementos para a História da Coudelaria de Alter"*, *Boletim Pecuário*, nº 1, Lisboa.

ATTWATER, Donald *(1983)*; *Dicionário de Santos*, Publicações Europa-América.

BARRETO, Manuel dos S. et alii (1978); "Arqueologia Romana do Concelho de Alter do Chão", *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, AAP, Lisboa.

CALADO, Rafael Salinas (1944); *Alter do Chão – Uma das vilas mais interessantes do Alentejo*, Imprensa Lucas.

CARDOSO, P. Luiz (1751); *Diccionario Geografico ou Notícia Histórica ...*, Tomo II, Lisboa.

DINIZ, Mariana (2001); "O sítio neolítico da Valada do Mato, Évora: problemas e perspectivas", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, n.º 1, IPA, Lisboa.

DINIZ, Mariana (2001); "Uma datação absoluta para o sítio do Neolítico Antigo da Valada do Mato, Évora", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, n.º 2, IPA, Lisboa.

DUQUE, David (2005); "Resultados antracológicos de los yacimientos de la Coudelaria de Alter do Chão y su integración en las secuencias paleoecológicas y paleoambiaentales de la Prehistoria reciente del Suroeste peninsular", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 8, n.º 1, IPA, Lisboa.

ENCARNAÇÃO, José d' (1984); *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Instituto de Arqueología de Coimbra, Coimbra.

FALCÃO, José António; PEREIRA, Fernando António Baptista (1996); *A Imagem Gótica da Igreja de São Bartolomeu da Serra (Santiago do Cacém)*, Beja, Dep. do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja, Beja.

GONÇALVES, Victor S. (2002); "Lugares de Povoamento das antigas sociedades camponesas entre o Guadiana e a Ribeira do Álamo (Reguengos de Monsaraz): um ponto da situação em inícios de 2002", *Revista Portuguesa de Ar-*

queologia, vol. 5, n.º 2, IPA, Lisboa.

INÁCIO, Ana Calado (1992); "O actual Concelho de Alter do Chão nas Memórias Paroquiais de 1758", *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre*, n.º 7 (Nova Série).

KEIL, Luís (1943); *Inventário Artístico – Distrito de Portalegre*, Academia Nacional de Belas-Artes.

LEISNER, Georg & Vera (1959); *Die Megalithgraber Iberischen Albinsel, Der Westen*, Berlin.

OLIVEIRA, Clara (2000); *Relatório do Trabalho de Prospecção Arqueológica na Coudelaria de Alter, Abril/Junho. (estudo inédito policopiado).*

OLIVEIRA, Jorge de (1997); (Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever), ed. especial da *Ibn Maruán*, Lisboa.

OLIVEIRA, Jorge de (2001); "O Megalitismo de Xisto da Bacia do Sever Montalvão - Cedillo", *Muitas antas pouca gente ?*, *Trabalhos de Arqueologia* 16, IPA, Lisboa.

OLIVEIRA, Jorge de (2001); "Continuidade e Rupturas do Megalitismo do Distrito de Portalegre", *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. III, ADECAP, Porto.

PAÇO, Afonso do (1949); "Inscrição Cristã do Monte Velho (Beirã-Marvão)", *Brotéria*, vol. XLIX, Lisboa.

RÉAU, Louis (1958); *Iconographie de L'Art Chrétien. Iconographie des Saints*, Paris, Press Universitaires de France, Paris.

RIBEIRO, Teresa Casquilho (1998); *O Município de Alter do Chão nos finais do séc. XVIII*, Palimage Editores, Lisboa.

ROCHA, Leonor (2005); *Estudo do Megalitismo Funerário no Alentejo Central - a contribuição de Manuel Heleno*, Dissertação de Doutoramento, ed. policopiada.

TAVARES, José Campos (1990); *Dicionário de Santos*, Lello & Irmão, Porto.



5 ANEXOS

DOCUMENTOS

S. Bartholomeu

Freguesia da Provincia do Alentejo, Bispado de Elvas, Comarca de Villa-Viçosa, Termo da Villa de Alter do Chão: tem trinta e três fogos: está situada em campina. Os freguezes tem suas habitações a mayor parte delles em terras de Reguengo, e Almoxarifado da Casa de Bragança. Descobre-se desta Freguesia, e seus limites, a Cidade de Portalegre, a Villa do Crato, a Villa da Chancellaria, a Villa de Aviz, e a Villa de Seda.

A Igreja Paroquial de huma só nave tem por Orago S. Bartholomeu: há nella tres Altares, o principal do Orago, os dous collateraes hum de Nossa Senhora das Candeas, e outro do Menino Jesus. Tem huma Ermida de S. Bento, a que acodem alguns romeiros com suas offertas: dia de S. Bartholomeu concorre muita gente de varias terras a este Santo, que a livra de accidentes, e assombramentos, offertando muitos seus folgos vivos. O Paroco he Cura, apresentando de Ordinario: tem de congrua dous moyos de trigo. Os frutos, que aqui se cultivão em mayor abundancia são trigo, favas, feijoens pretos, e meloens. Os moradores vivem de suas lavouras huns, e outros de cultivar alumas hortas, que regão duas fontes, que correm todo o ano; as aguas dellas são as melhores, que há por estes sitios: tem os moradores que habitão no destricto do Reguengo, o privilegio dos Reguengueiros, por serem obrigados a pagar à Casa de Bragança oitavos, e tornas, cujas pensoens se cobrão pelo Almoxarifado da Villa de Alter do Chão, a cujas Justiças estão sugeitos.

Era esta Freguesia antigamente sugeita à Matriz de Alter do Chão: hoje he Freguesia sobre si; e se diz por tradição, que os moradores pedirão ao Ordinario, que querião ter Paroco, a que elles mesmos pagassem, o qual lho concedeu; porém, como cousa antiga, não se sabe o anno em que se separou da Igreja de Alter do Chão.

Cardoso, P. Luiz; Diccionario Geografico ou Noticia Histórica ..., *Tomo II, Lisboa, 1751, pp. 88/89.*

Freguezia de São Bertolomeu do Reguengo, termo de Alter

Em a provincia do [Ale]ntejo no termo da villa de Alter do Cham comarca de villa Visosa está huma freguezia. Aprezenta o ordinario antigamente os fregueзes. Tem noventa e três pessoas de sacramento. A parte do Poente hé de tapadas com oliveiras e azinheiras e hortas, ao Nascente de largo limpo descobre-se desta parte do Bispado de Portalegre, a villa do Crato do Priorado, terras do Bispado da Guarda parte do Arcebispado de Lixboa, e de Evora. Não tem termo. O seu orago hé o Apostolo Sam Bartholomeu. Tem dous altares colaterais, hum dedicado a Nossa Senhora das Candeias outro ao Menino Deos. Não tem irmandades. Tem titulo de cura os freguezes hé que pagam algum dia heram dois moios hoje pella deminiuisam dos freguezes sam noventa e seis alqueires.

Não tem beneficiados, nem conventos, nem hospital, nem caza da Mizericordia nem hermidas. No dia do santo hé vesitado de alguns sugeitos, mas cada ano com mais demenuisam. Os frutos que recolhem hé trigo e algum senteio. Não tem juis, estam os moradores sujeitos ao juis da dita villa, e ao Ouvidor da comarca. Não hé couto. Não há memoria que desta floresce-sem sujeitos insignes, nem pella dita se ordenasse ou fosse frade, ao prezente tem hum sojeito com ordens menores. Não tem feira, nem correio. Dista sete legoas da capital nobre, e leal cidade de Elvas, e trinta da sempre leal e fidelissima cidade de lixboa. Tem previlegios concedidos pello Senhor Duque Dom João aos seus reguengueiros, os quais lhe não guardam. Não tem fonte, lagoa de que haja de fazer memoria.

Não hé porto de mar, nem [fortificação] murada.

Não padeseo ruinas. Não tem serras nem rio memoravel nem mais de que possa responder ao que me procuram e por verdade me asigno. Alter do Cham 19 de Maio de 1758.

Humilde e indigno subdito de Vossa Excellencia Illustrissima.

Ass.) Padre Manoel Martins Tavares

ANTT – *Memórias Paroquiais*, vol. 31, memória 52, fls. 301 – 302
Citado de:
Inácio, Ana Calado; "O actual Concelho de Alter do Chão nas Memórias Parquiais de 1758", A Cidade – Revista Cultural de Portalegre, n.º 7, 1992, Portalegre.

Igreja Paroquial do Reguengo

Fica situada a três quilómetros da vila de Alter-do--Chão, junto à Coudelaria Nacional.
Não possui interesse algum. É da mais humilde construção rural do Alto Alentejo. Apresenta um pórtico simples de volta redonda, com sineira à esquerda. Conserva a imagem de S. Bento, em pedra, do século XV (alt. 0,60) e a Virgem com o Menino (alt. 1,15), muito desfigurada mas possivelmente ainda daquele século.
O edifício está muito abandonado.

Keil, Luís; Inventário Artístico – Distrito de Portalegre, *Academia Nacional de Belas Artes. Lisboa, 1943.*

Antiguidades de Alter do Chão

NUM MANUSCRITO ANÓNIMO DA 2.ª METADE DO SÉCULO XVII

No termo da Vila de Alter do Chão se acham vários edifícios dos antigos; como são, uma anta no Reguengo nos montes Morenos e outra na Coutada do Arneiro, outra em uma azinhaga chamada do Pereiro, outra na cabeça chã em uma Courela chamada da antinha, outra às Torrejonas em uma Courela que chamam da Capela, outra à Cabeça da Azinheira em uma Courela da Fábrica; no Mato de Alter se acham também duas uma no Vale de João Soares, outra no Vale do Borralho encontra-se mais vários edifícios no termo da dita Vila como são na cabeça d'El Rei muitos vestígios de casas donde se têm tirado várias pedras de cantaria, e descoberto alicerces de monumentos sumptuosos, mais da mesma sorte se têm descoberto no sítio chamado Outeiro do Clarinho ao Caminho da Mó, e na Ribeira de Alter haverá três anos achou um pastor, que se chama Manuel Roiz um grande pedaço de vaso na Courela chamada da Retorta, donde também se têm descoberto vários vestígios antigos, na Casa da Aveleda, é comum ver-se conti-

nuamente os mesmos vestígios, e haverá dois anos indo lavrando um homem chamado Luís Silva achou por descobrimento do arado quantidade de moedas de prata, cujas vendeu em Portalegre a um ourives por 2000 mil Réis. E no Termo da mesma Vila junto à Ribeira de Seda se acha um sítio chamado o Castelo Velho donde se descobrem vários vestígios de antigos Conventos. Se admira nas Constituições dos Clérigos da Matriz da mesma Vila se acha uma notícia que diz que a tal Vila se chamava a Cidade de Altereri, cuja chegava donde hoje chamam Alter Pedroso, e à Casa da Aveleda, e cuja dividia um Rio que lhe passava pelo meio cujo sítio chamam hoje Rio do Espírito Santo, e como de facto em se cavando no tal sítio se descobrem muitas águas.

Biblioteca Pública de Évora.
Cód. CIX/1-16, n.º 67.

N.º 67

1

R. No termo da V.a de Alter do Chão se achão varios edificios de antiguos, como são, hũa Anta no lugar chamado no monte Alvarenga, outra na tapada de Armeiro, outra em hũa tirinda chamada do Asseiro, outra na cabeça chamada em hũa Courella chamada da antinha, outra às Torrejonas com hũa Courella, se chamão da Capella, outra à Cabeça da Azinheira em hũa Courella da Fabrica; no Mato de Alter se achão tambem duas, hũa no valle de São Soares, e outra no valle de Barralho e no Conraste mais varios edificios, no termo da d.a V.a como são na Cabeça de El Rey m.tos vestigios de Casas donde se tem tirado varias pedras de Cantaria, e descubertos alicerces de monumentos sumptuosos, mais da mesma sorte se tem descuberto no sitio chamado o Outeiro do Clarinho ao caminho da Alter e na ribeira de Alter haverá tres annos achou hum pastor, que se chama Man.el Roiz hũa grande pedaço de ouro na Courella chamada da Ferreira, donde tambem se tem descuberto varios vestigios antiguos, na Cara da Aveillada, e como hum certo continuam.te [illegible] vestigios, e haverá dois annos sendo lavrando hum homem chamado Luis da Silva achou por descobrimento do arado quantid.e de moedas de prata, cujas vendeo em Est.e a hum ourives por 9000 mil r.s e no termo da mesma V.a junto a Rib.a de Seda se acha hum sitio chamado o Carvalho donde se descobre varios vestigios de antiguos como tão admira[illegible] [illegible] da Mata e a mesma V.a se acha hũa noticia que dis que V.a se chamava antig.te de Alteri, cuja chegava donde hoje chamão Alter pedroso, e acaba da Atalaia, a cuja dividia hum rio que chamava pellomos, ao sitio chamão hoje o Rio dos Santos Sanctos, e como de facto em se lavrando no dito sitio se descobrem m.tas agoas.

DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE ÓBITOS POR ANO, SEXO E IDADE NOS LIVROS DE ÓBITOS DA IGREJA DE S. BARTOLOMEU DO REGUENGO

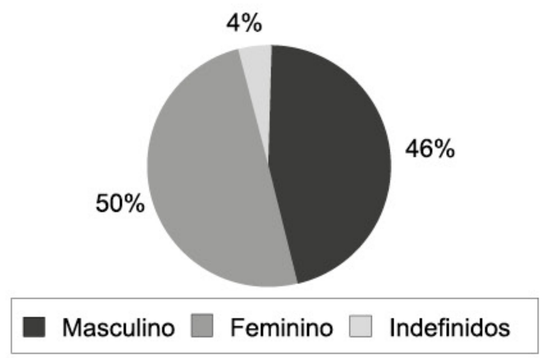
1613 - 1839

ANO	TOTAL	Homens	Mulheres	Meninos	Meninas	Crianças	Indefinid.
1613	4		2		2		
1614	1	1					
1615	1					1	
1616	4		1	3			
1617	5		4		1		
1618	8	2	2	1	3		
1619	7		1	1	3	2	
1620	4			2		1	1
1621	1		1				
1622	1		1				
1623							
1624	1	1					
1625	3		3				
1626	22	1	4	11	5		1
1627							
1628							
1629	2			2			
1630	2		1		1		
1631	3			2	1		
1632	3		1		2		
1633	6	2	2	1	1		
1634	3		1	1	1		
1635							
1636	4		1				3
1637							
1638	1		1				
1639	4	2			1		1
1640							
1641	8	2	5				1
1642	1						1
1643							
1644	5		2				3
1645							
1646	1						1
1647	3	2	1				
1648	4	1	2				1
1649							
1650	1						1
1651	2	2					
1652							
1653	1						1
1654							
1655							
1656	2	1	1				
1657	2	1			1		
1658							
1659							
1660	3	2			1		
1661		1					
1662	7	2	2	3			
1663							
1664	1	1					
1665	3	1			2		
1666	2	1	1				
1667	5	3	1			1	
1668							
1669							
1670							
1671							1
1672	2	1				1	
1673							
1674							
1675	1	1					
1676	1	1					
1677	1		1				
1678							
1679	2	1	1				
1680	2	1	1				
1681	2	1	1				
1682	3	1	1			1	
1683	6	1	4	1			1
1684	5	1	3		1		
1685	8	2	5				1
1686	1						1
1687							
1688	5		2				3
1689							
1690	1						1
1691	3	2	1				
1692	4	1	2				1
1693	1						1
1694	2	2					
1695							
1696	1						1
1697							
1698							
1699	2	1	1				
1700	2	1			1		
1701							
1702							
1703	3	2			1		
1704		1					
1705	7	2	2	3			
1706							
1707	1	1					
1708	3	1			2		
1709	2	1	1				
1710	5	3	1			1	
1711							
1712							
1713							
1714							1
1715	2	1				1	
1716							
1717							
1718							
1719	1	1					
1720	4		2		2		
1721	7	4	1	1		1	
1722	3	1	1	1			
1723	3		1		2		
1724							
1725	2		1	1			
1726	1	1					

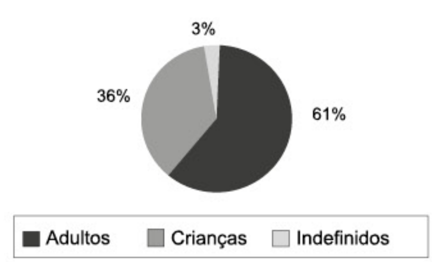
ANO	TOTAL	Homens	Mulheres	Meninos	Meninas	Crianças	Indefinid.
1727	2	1	1				
1728	6		4	2			
1729	5	3	1	1			
1730	8	2	2		4		
1731	7	1	1	2	3		
1732	8	2	3	1	2		
1733	5		2	3			
1734	4	2	1		1		
1735	5	1	2		2		
1736	4	1		1	2		
1737							
1738	2	2					
1739	3	2	1				
1740							
1741							
1742	1		1				
1743	2		2				
1744	2		2				
1745	1	1					
1746	1		1				
1747	7	2	1	3		1	
1748	2	1	1				
1749	3	1	1	1			
1750	3	1		2			
1751	2		2				
1752	6	2	1	1	2		
1753	3	3					
1754	2		2				
1755	4		3	1			
1756	3	2	1				
1757	2			2			
1758	3		2		1		
1759	5		3	1	1		
1760	2	1	1				
1761	3	1	1	1			
1762	6	1	1	1	3		
1763	5	2	2	1			
1764	1			1			
1765	4	1	3				
1766	1	1					
1767	2	1	1				
1768	4	2	2				
1769	3	2		1			
1770	2	1	1				
1771	8	3	2	2	1		
1772	5	1	3	1			
1773	2	1			1		
1774	2	2					
1775							
1776	5	2	1	1	1		
1777	3		1	2			
1778	3	2	1				
1779	2	1		1			
1780	1	1					
1781	2			1	1		
1782	1			1			
1783							

ANO	TOTAL	Homens	Mulheres	Meninos	Meninas	Crianças	Indefinid.
1784	2	1	1				
1785	4		1	2	1		
1786	4	2	1		1		
1787	2			1	1		
1788	1	1					
1789	2	1	1				
1790	7	2	1	3		1	
1791	1		1				
1792	1			1			
1793	1	1					
1794	1		1				
1795	6	2		1	3		
1796	3	1			2		
1797	3			2	1		
1798	1	1					
1799	2	1		1			
1800	2	1		1			
1801	2		1		1		
1802	2		1		1		
1803							
1804							
1805							
1806							
1807							
1808							
1809							
1810							
1811							
1812	9	2	3	3	1		
1813	4	2	1	1			
1814	1	1					
1815							
1816	2	2					
1817	1				1		
1818	3		1	2			
1819	1		1				
1820	1		1				
1821							
1822							
1823	2	2					
1824	3		2	1			
1825							
1826	3	1	1		1		
1827	1			1			
1828	3	1	1	1			
1829	1	1					
1830	3	1	1		1		
1831	8		3	2	3		
1832	5	1	1	2	1		
1833	5		1	3	1		
1834	1	1					
1835							
1836	2	1	1				
1837	1		1				
1838							
1839	1				1		
Totais	557	155	188	104	86	8	16

% de óbidos por Sexo

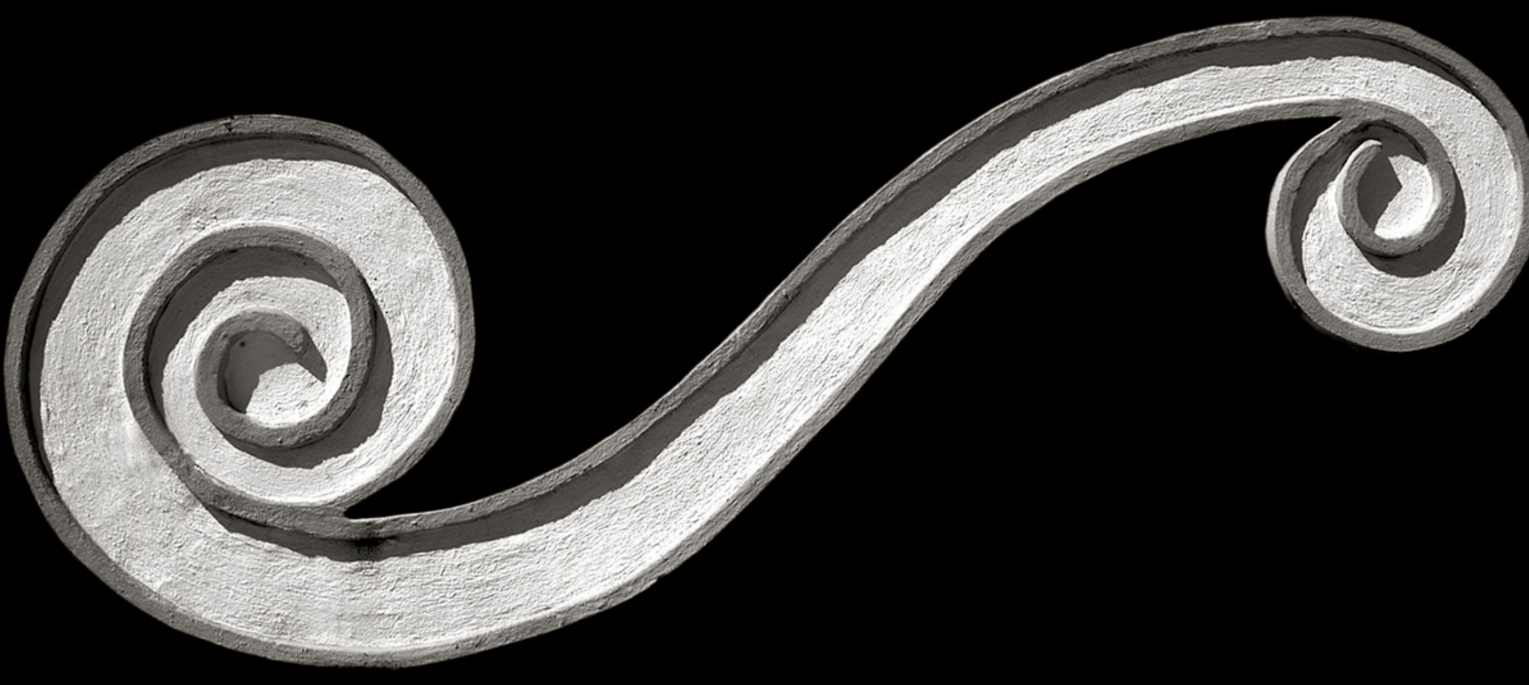


% de óbidos por Grupo Etário





Eguada - Coudelaria de Alter







Parada das Casas Altas da Coudelaria de Alter



Monumento a D. João V – Fundador da Coudelaria de Alter



Vista geral da Coudelaria tirada de nascente



Anta 1 de Vale de Carreiras



Anta 2 de Vale de Carreiras



Anta 3 de Vale de Carreiras



Anta 4 de Vale de Carreiras



Vista geral do corredor da Anta da Soalheira



Montagem de esteio da Anta da Soalheira



Colagem de esteio da Anta da Soalheira







Depósito de ídolos-placa - Anta da Horta





Anta da Horta – Quadrado O10



Ninho de ídolos-placa - Anta da Horta



Desenho de ídolos-placa *in situ* - Anta da Horta





Pedra da Águia – *Habitat* do Reguengo



Escavação de um dos fornos no *Habitat* do Reguengo

X

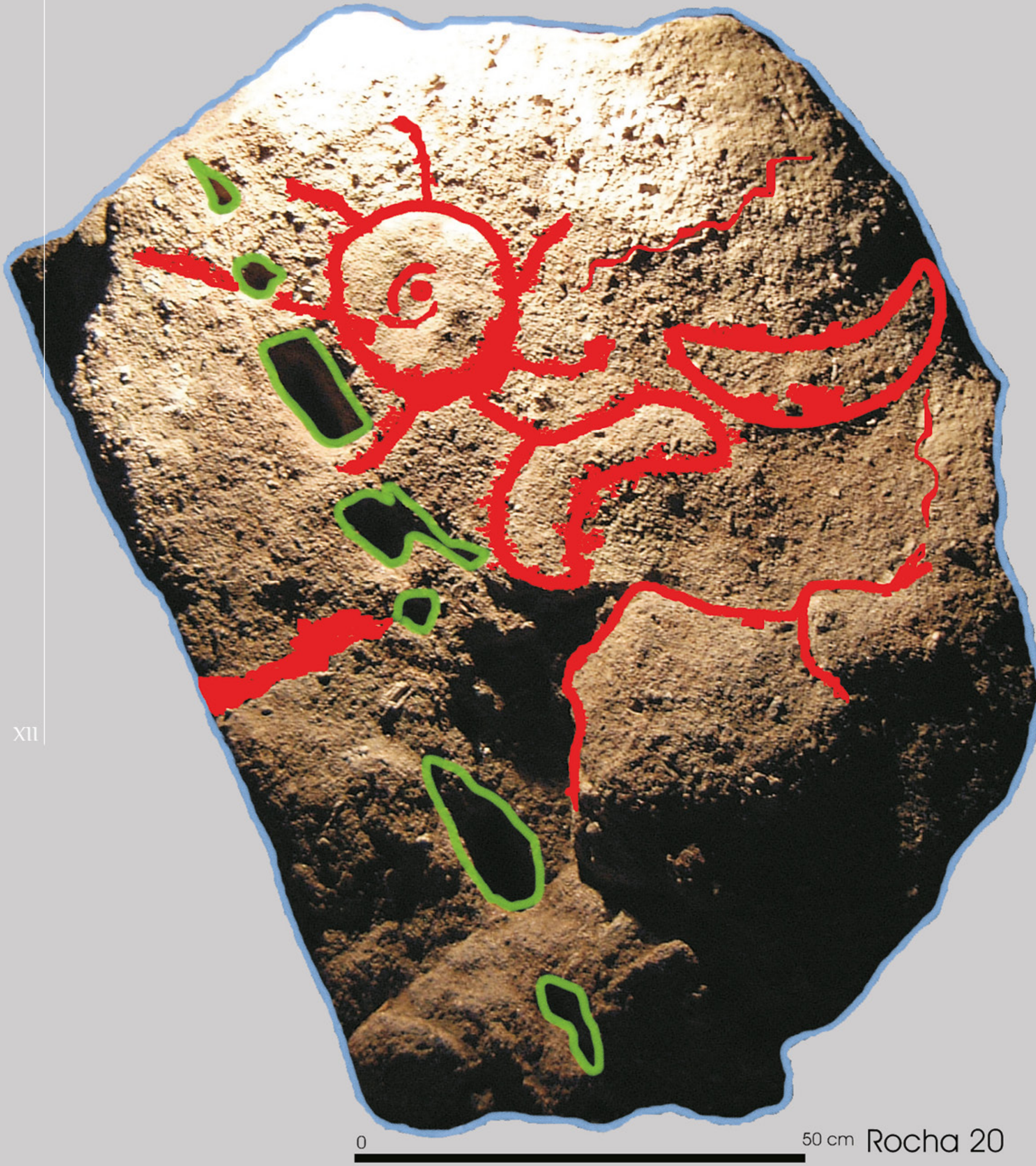


Habitat do Reguengo



Escavação do Santuário do Reguengo





XII



Habitat da Toca da Raposa - Nascer do Sol



Habitat da Toca da Raposa



Vista geral da Sepultura III tirada de norte



Recolha de talha - Sepultura I



Igreja de S. Bartolomeu do Reguengo



Cerimónia de reconsagração da Igreja de S. Bartolomeu



Ídolos-placa – Anta da Horta





OLhos de Deusa - Anta da Horta



Eguada da Coudelaria de Alter



Visita de Sua Excelência o Sr. Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, ao Núcleo Arqeológico da Coudelaria de Alter *(Foto de M. Isaac)*

ANEXOS

RELATÓRIOS

EL MEDIO VEGETAL DE LA COUDELARIA DE ALTER DO CHAO A PARTIR DE LOS RESULTADOS ANTRACOLÓGICOS

David M. Duque Espino[1]

1. Introduccion

Durante los meses de invierno de los años 2003 y 2004 fui requerido por el Dr. Jorge Oliveira (Universidad de Évora) para realizar las labores pertinentes sobre el estudio de materiales arqueobotánicos recuperados en varios yacimientos, intervenidos al amparo de un proyecto de investigación y puesta en valor en la Coudelaria de Alter do Chao. Dentro de una amplia labor inter-disciplinar, nuestro cometido se centró en el estudio antracológico de un hábitat prehistórico y dos monumentos megalíticos excavados durante el año 2003.

Dentro de las intervenciones arqueológicas desarrolladas en la Coudelaria, los datos que aquí presentamos se centran en el antracoanálisis de los carbones recuperados en un hábitat prehistórico y tres monumentos megalíticos (Fig. 1).

El enclave habitacional, reconocido como "Habitat Pré-histórico do Reguengo", se corresponde con una pequeña ocupación localizada en una discreta elevación del entorno dominada por afloramientos graníticos (Fig. 1). La documentación de este enclave se ejecutó mediante la realización de tres sondeos, en diferentes zonas del cerro.

En los niveles de base de todos ellos se documentaba, invariablemente, un estrato inalterado con restos líticos y cerámicos, que, de forma preliminar y genérica, se adscriben a un horizonte neolítico antiguo de ocupación. Dos de los tres cortes realizados fueron sometidos a un muestreo de recuperación de sedimentos. Éstos fueron los Sondeos 1 y 2, siempre en sus niveles de base.

[1] Investigador postdoctoral –Área de Prehistoria y del "Grupo de Estudios Prehistóricos Tajo-Guadiana" (UEx.) y Centre de Bio-Archéologie et d'Ecologie (UMR 5059-CNRS/UM2/EPHE) - financiado por la Consejería de Educación de la Junta de Extremadura.
E-mail: despino@unex.es – dduque@univ-montp2.fr

El Sondeo 1, realizado junto a un bolo granítico, se concretó en una cuadrícula de 2 x 2 m, reducido a la mitad por el propio afloramiento. Del nivel de base y en toda su extensión se recogieron un total de 40 l de tierra que posteriormente fueron sometidos a flotación.

El Sondeo 2, por su parte, fue trazado en un espacio delimitado por varios afloramientos, con unas dimensiones de 6 x 4 m. La recogida de sedimentos se realizó selectivamente en varias zonas del Corte, en su nivel de base: 20 l en la cuadrícula P-12; otros 20 l en O-12; y 50 l en el espacio de transición de las cuadrículas N-12 y N-13. Todas las muestras fueron sometidas con posterioridad a flotación para la recuperación de macrorrestos vegetales. De todas ellas, sólo la muestra de 50 l de sedimento proporcionó macrorrestos vegetales, las otras dos resultaron estériles.

De este mismo enclave, pero de otro sector del hábitat estamos pendientes de finalizar la recuperación de restos arqueobotánicos de los sedimentos almacenados en campañas acaecidas en años posteriores. Se trata concretamente de sedimentos procedentes de una zona del hábitat con niveles ocupacionales bien conservados que parecen contextualizar definitivamente a este asentamiento dentro del Neolítico Antiguo.

El dolmen o "Anta da Horta", localizado a escasos 200 m al sur del hábitat neolítico (Fig. 1), fue excavado en su totalidad. Se recogieron diversas muestras de sedimento de diferentes zonas del monumento en niveles adscritos principalmente al Calcolítico. Del interior de la cámara se recogieron dos muestras de 20 l cada una, para su posterior flotación. Del corredor, en su nivel de base, se recogió otra muestra de 20 l de sedimento. En la documentación del túmulo que encerraba la cámara se recogió otra muestra de tierra de 40 l, justo por debajo de las piedras de calzo de uno de los ortostatos.

Los trabajos desarrollados en "Anta da Soalheira", situado unos 500 m al este del anterior (Fig. 1), permitieron recuperar muestras de sedimentos para su posterior flotación de diferentes contextos crono-estratigráficos, producto de las fuertes violaciones a la que se había visto sometido el monumento. Una de esas violaciones o reutilizaciones corresponde a época romana en la que, además de los restos cerámicos, se ha documentado una hoguera en la transición del corredor a la cámara. De este espacio se han recogido muestras de carbón de forma directa y unos 40 l de sedimentos en el desmontaje de la estructura de combustión. Otra reutilización se sitúa en el corredor, sobre uno de los ortostatos que lo delimitan, con presencia de vasos completos *in situ* asociados a una cronología de la Edad del Bronce. Las únicas muestras de sedimento susceptibles de adscribirse a un momento calcolítico son la procedente del nivel 11 del túmulo que encerraba el monumento, con 20 l de sedimento, y otros tantos recogidos en una cavidad del interior de la base de la cámara.

Por último, los trabajos desarrollados en "Anta da Várzea Grande" (Fig. 1) permitieron recuperar unos 80 l de sedimentos de una zona del túmulo (cuadrícula G 8), supuestamente de las menos alteradas. En todas ellas hay que destacar la escasa presencia de restos carbonizados que además no hemos analizado, pues junto a ellos y en todas las muestras aparecen restos carpológicos no carbonizados de Vitis sp., Olea europaea y una innumerable cantidad de malas hierbas que muestran, sin lugar a dudas, la alteración de esta parte del monumento.

2. Metodología antracológica

La metodología antracológica de los diferentes yacimientos de la Coudelaria de Alter do Chao ha seguido las diferentes fases que atañen a esta disciplina: los trabajos de campo y el trabajo de laboratorio.

Durante los trabajos de campo, se procedió a la recuperación de muestras arqueobotánicas sobre aquellos contextos estratigráficos que presentaban un adscripción crono-cultural clara. Para ello, y en el caso de la Antracología, se utilizaron dos métodos: la recogida directa del carbón y la recuperación de diferentes volúmenes de sedimento que serían posteriormente flotados.

La recogida directa del carbón sólo se llevó a cabo en la hoguera romana de "Anta da Soalheira", pues en ella quedaron los restos de las últimas combustiones realizadas. Esto ha permitido recuperar muestras con fragmentos de carbón de tamaño considerable, pero sin embargo se ha traducido en una pobreza taxonómica propia de este tipo de muestras, como tendremos ocasión de comprobar en los resultados.

Las restantes muestras antracológicas, incluidas las del desmontaje del hogar romano, fueron obtenidas tras la flotación de las diferentes cantidades de sedimento recuperados en cada uno de los yacimientos y contextos. Este trabajo fue realizado en las instalaciones de la propia Coudelaria y consistía en la utilización de una máquina de flotación realizada con un bidón de plástico. En su interior se colocaba una criba de 1 mm, donde se depositaba el sedimento una vez lleno de agua el bidón. Mediante la presión de la corriente de agua, se disgregaba el sedimento y flotaban todos aquellos restos

vegetales que la muestra pudiera contener. Los restos flotados caían al exterior sobre otra criba de 0,25 mm de luz de malla a través de una vertedera. La utilización de una luz de malla tan reducida para la criba exterior nos evitaba tener que usar una columna de tamices.

Una vez flotada la muestra, se dejaban secar de forma natural y sin la incidencia directa del sol, tanto la fracción gruesa que quedaba en la criba interior de la máquina como la fracción fina del tamiz exterior. Tras secarse, se almacenaban las fracciones por separado con doble bolsa y se les adjuntaba la ficha arqueológica correspondiente.

Realizado todo el proceso de flotación, todas muestras fueron trasladadas al Laboratorio de Prehistoria de la Universidad de Extremadura, donde se procedió a la separación y estudio de las diferentes muestras.

Un primer paso en el trabajo de laboratorio ha consistido en la recuperación y separación de las diferentes muestras arqueobotánicas. Dicho trabajo se ha realizado sobre las fracciones gruesas y finas obtenidas en la flotación.

La fracción gruesa era analizada mediante la observación directa de pequeñas cantidades de sedimento hasta agotarlo. Mediante este procedimiento, recuperábamos todos aquellos ecofactos que por cualquier motivo no hubieran flotado. Las fracciones finas, por su parte, eran previamente cribadas con un tamiz de 2 mm de luz de malla. Los restos y sedimentos que se filtraban fueron debidamente almacenados, siglados y enviados a D. Guillem Pérez Jordà para su análisis carpológico, aunque desgraciadamente su estudio ha resultado estéril. Los restos que quedaban en la criba eran observados mediante una lupa.

Los restos antracológicos separados de cada una de las muestras eran nuevamente almacenados y siglados para, con posterioridad, realizar el estudio anatómico de los fragmentos de carbón. Este último proceso de trabajo se ha realizado mediante la observación al microscopio óptico de luz reflejada de los tres planos anatómicos (planos transversal, longitudinal tangencial y longitudinal radial) (Fahn, 1978; Essau, 1985). Con ello definíamos cada uno de los elementos de la estructura anatómica de cada fragmento, que, para su determinación taxonómica, era comparado con muestras de carbón actual de la colección de referencia del Laboratorio de Prehistoria y con los atlas de anatomía vegetal al uso (Greguss, 1955 y 1959; Jacquiot, 1955; Jacquiot y otros, 1973; Schweingruber, 1978 y 1990; Vernet, 2001).

Tras el análisis anatómico, el trabajo antracológico se centró en el estudio cualitativo y cuantitativo de las diferentes muestras que veremos en el siguiente apartado. Para ello, se tomó como unidad de análisis el fragmento de carbón, como suele ser habitual en la mayoría de los estudios antracológicos del ámbito europeo (Chabal, 1982).

3 Resultados antracológicos

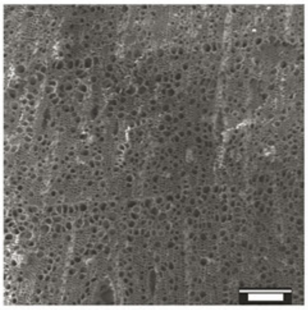
Un primer aspecto que hemos de comentar sobre los resultados antracológicos de la Coudelaria de Alter do Chão es el bajo número de restos obtenido en el conjunto de las muestras. Dicha circunstancia nos ha obligado a agotar todas y cada una de las muestras antracológicas, que en su conjunto han sumado 478 fragmentos de carbón y deparado la determinación de 12 taxones (Fig. 2):

Arbutus unedo (madroño)

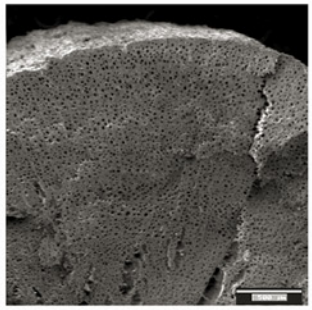
Plano transversal: Anillos con poros difusos a zona semiporosa y densidad variable, con vasos de 20 a 50 µm en la madera inicial, decreciendo progresivamente hacia el leño tardío. La disposición de los mismos es de forma aislada o en grupos de 2 a 6 tráqueas organizadas radialmente. Presenta anillos de crecimiento muy bien marcados y el parénquima es apotraqueal y paratraqueal, de forma indiferente.
Plano longitudinal tangencial: Radios heterogéneos, algunos uniseriados, con 5 células de altura, y otros pluriseriados, con 1 a 5 células de anchura, habitualmente bi- o triseriados y hasta 20 e incluso 30 células de alto. Estos últimos presentan una o dos filas de células cuadradas o alargadas en los extremos de los radios. En los vasos se observan con nitidez los engrosamientos helicoidales, las punteaduras intervasculares de tamaño medio y redondas, así como las perforaciones simples y, en ocasiones, escalariformes.
Plano longitudinal radial: Destacan igualmente los engrosamientos en espiral de los vasos, así como sus punteaduras intervasculares medianas y las perforaciones simples y escalariformes de 1 a 5 barras, en ocasiones. Los radios son heterogéneos y los campos de cruce presentan puntuaciones muy numerosas, de morfología variable y tamaño grande.

Cistaceae sp. (jara)

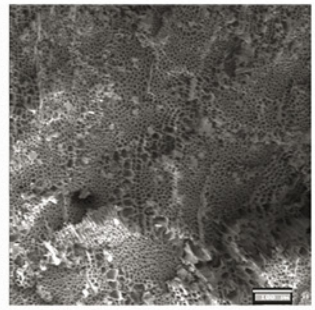
Plano transversal: Madera heteróxila de poros difusos y aislados que, según la especie, puede oscilar entre las 20 y 50 µm en la madera inicial y de 5 a 30 en la final. Mayor densidad de vasos en la madera inicial. Los límites de los anillos de crecimiento son poco visibles y el parénquima es apotraqueal difuso.



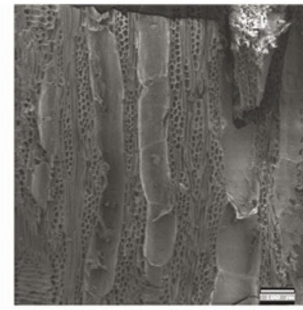
Arbutus unedo (Pl. Tr.)



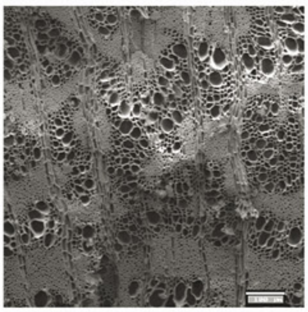
Cistaceae sp. (Pl. Tr.)



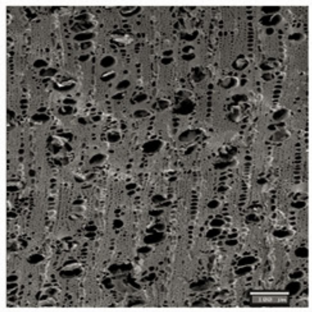
Daphne gnidium (Pl. Tr.)



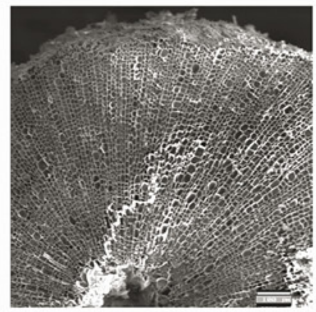
Fraxinus sp. (Pl. L. T.)



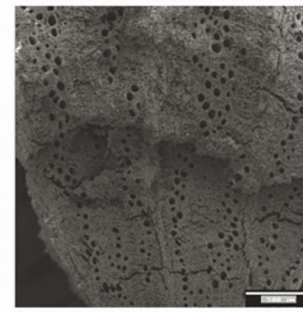
Leguminosae sp. (Pl. Tr.)



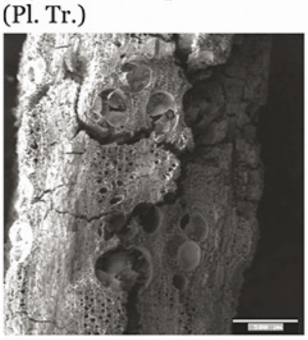
Olea europaea (Pl. Tr.)



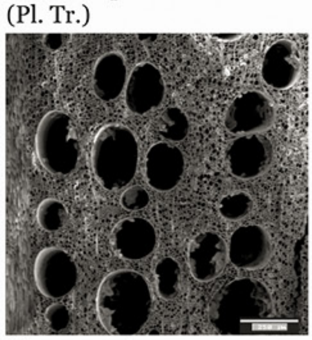
cf. *Plantago* sp. (Pl. Tr.)



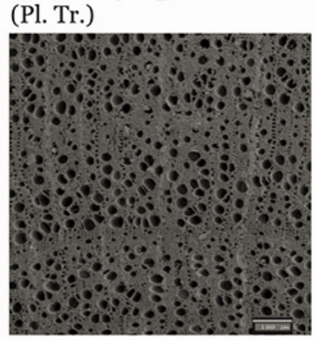
Quercus ilex-coccifera (Pl. Tr.)



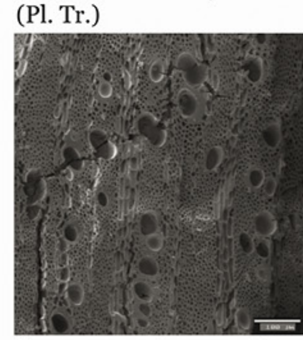
Quercus sp. t. caduficolio (Pl. Tr.)



Quercus suber (Pl. Tr.)



Rosaceae sp. t. maloidea (Pl. Tr.)



Rosaceae sp. t. prunoidea (Pl. Tr.)

Quadro 1. Resultados antracológicos de los diferentes yacimientos y muestras de la Coudelaria de Alter do Chão.

Plano longitudinal tangencial: Los vasos presentan numerosas punteaduras intervasculares de reducido tamaño, dispuestas en filas alternas. Presentan escasos engrosamientos helicoidales, difíciles de observar y sólo se reconoce su ausencia total en Cistus ladanifer. Los radios heterogéneos suelen ser uniseriados o biseriados y pueden oscilar en altura de 1 a 25 células.

Plano longitudinal radial: Los vasos presentan perforaciones simples y los radios muestran su carácter heterogéneo. Los campos de cruce de vasos-radios tienen punteaduras débilmente vestidas.

Daphne gnidium (torvisco)

Plano transversal: Madera heteróxila de porosidad difusa, con tráqueas dispuestas en forma de flamas y bandas oblicuas con diámetros oscilantes entre 10 y 40 µm. Los límites de crecimiento no son muy definidos y el parénquima es apotraqueal difuso y paratraqueal en bandas terminales.

Plano longitudinal tangencial: Los vasos presentan numerosas punteaduras intervasculares redondeadas o elípticas, dispuestas en filas

alternantes. No presenta engrosamientos helicoidales, lo que la distingue dentro de este género. Los radios heterogéneos son uniseriados, habitualmente, y bi- o triseriados, con mucha menor frecuencia, con alturas pequeñas.

Plano longitudinal radial: Los vasos sin engrosamientos en espiral presentan perforaciones simples y punteaduras numerosas. Los radios son heterogéneos.

Fraxinus angustifolia-excelsior (fresno)

Plano transversal: Madera de porosidad concentrada en el inicio de los anillos de crecimiento, cuyos vasos o tráqueas aparecen de forma aislada o en agrupaciones radiales de 1 a 4 poros. Los tamaños de los vasos varían de forma importante entre los que se sitúan en el leño temprano con en torno a 150 µm de diámetro, frente a las del leño tardío, que rondan las 25 µm. Todos los vasos llevan asociados abundante parénquima en disposición paratraqueal vasicéntrico.

Plano longitudinal tangencial: Los vasos presentan numerosas punteaduras intervasculares redondas, de dimensiones pequeñas. Los radios son homogéneos, uni- o biseriados, alguna vez hasta 3 células de anchura. La altura de los mismos oscila entre las 10 y las 15 células.

Plano longitudinal radial: En las tráqueas se aprecian las perforaciones simples, mientras que las células de los radios presentan su carácter homogéneo. Los campos de cruce de los radios con los vasos presentan punteaduras de dimensiones reducidas.

Leguminosae sp. (retama, escoba, etc.)

Plano transversal: Madera de poros difusos, a veces semiporosa, con diámetros oscilantes entre 15 y 60 µm y agrupados en flamas oblicuas y tangenciales. Los límites de los anillos de crecimiento son visibles y el parénquima es paratraqueal en bandas y apotraqueal hacia el límite de los anillos.

Plano longitudinal tangencial: Las paredes de los vasos presentan numerosas punteaduras vestidas de tamaño pequeño y formas elípticas, al tresbolillo. Tienen radios homogéneos y heterogéneos uniseriados y hasta 6 células de anchura. La altura de los radios es muy variable, siendo los multiseriados, a veces, bastante altos.

Plano longitudinal radial: Los vasos presentan perforaciones simples y engrosamientos helicoidales.

Olea europaea (acebuche/olivo)

Plano transversal: Se corresponde con una madera de porosidad dispersa con las tráqueas aisladas o en grupos radiales de dos a cinco poros generalmente. Los anillos de crecimiento están poco marcados y tienen un recorrido sinuoso. Los diámetros de los poros oscilan entre las 30 y las 60 µm, a los que se les asocia un gran cantidad de parénquima de tipo paratraqueal vasicéntrico.

Plano longitudinal tangencial: Los radios son heterogéneos, uni-, bi- o triseriados y hasta 20 células de altura. Los vasos muestran las punteaduras intervasculares muy pequeñas y de formas redondas a elípticas.

Plano longitudinal radial: Los vasos presentan perforaciones simples y punteaduras intervasculares. Los radios muestran su heterogeneidad. Los campos de cruce presentan punteaduras, entre radios y vasos, muy pequeñas y redondeadas.

cf. Plantago sp. (llantén; pie de liebre)

Plano transversal: Poros difusos, pequeños y generalmente escasos en disposición radial. El límite de los anillos de crecimiento no es muy nítido en nuestro caso, pero suelen estar marcados por una banda de células del tejido básico mal lignificada.
Plano longitudinal tangencial: Radios generalmente ausentes. A veces existen grupos de 2 a 5 células de anchura parecidos a un radio, que pueden presentarse en alguna zona del xilema.
Plano longitudinal radial: Radios no observados. Los tipos de fibra son confusos, presentando una situación intermedia entre parénquima fusiforme y fibras libriformes. Punteaduras alrededor de las fibras pequeñas, a menudo en grupos. Cada parte de los vasos y las fibras a menudo se presenta ordenada. La perforación de los vasos es simple.

Quercus ilex-coccifera (encina - coscoja)

Plano transversal: Tipo de madera heteróxila que presenta poros difusos, dispuestos aisladamente en filas radiales, formando flamas alargadas y sinuosas. Los límites de los anillos de crecimiento son poco o nada evidentes. Los poros de la madera inicial son inferiores a 120 µm en Quercus coccifera y 150 µm en Quercus ilex y los de la madera final de 20 a 50 µm y de 15 a 60 µm, respectivamente. El parénquima en ambos casos es apotraqueal en bandas tangenciales uniseriadas y abundante. Los radios son mayoritariamente estrechos, aunque algunos son muy anchos para las dos especies mencionadas.
Plano longitudinal tangencial: Los vasos presentan punteaduras intervasculares medianas, numerosas, de formas circulares a elípticas, en disposiciones opuestas o alternas. Los radios son homogéneos uniseriados y hasta 10 células de altura o multiseriados. Presentan sobre todo fibras libriformes y traqueidas yustavasculares. Dos son los criterios de discriminación específica: uno el ancho de los radios multiseriados de 300 a 1000 µm en Q. ilex y hasta 300 µm en Q. coccifera; y otro, la distancia entre radios multiseriados que es hasta 1500 µm en Q. ilex y entre 1500 y 2350 µm en Q. coccifera (Saint-Laurent, 1926).
Plano longitudinal radial: Los vasos presentan perforaciones simples. Los radios son homogéneos y las punteaduras vasos-radios de los campos de cruce grandes y elípticas.

Quercus sp. t. caducifolio (quejigo, melojo, roble)

Plano transversal: Madera heteróxila con el límite visible que presenta poros en anillos con diámetros oscilantes entre las 200 y 500 µm en el leño temprano, disminuyendo hasta las 20 µm en el leño tardío. Estas dimensiones y disposición de los vasos en leño temprano y su

relación con las del leño tardío las aproximan más a Quercus pyrenaica o Quercus robur. Sin embargo, los escasos fragmentos estudiados, los reducidos tamaños de los mismos y las condiciones bioclimáticas mesomediterráneas en la que se inscriben la mayor parte de los asentamientos donde aparecen hacen que tengamos que ser cautelosos con esta última afirmación. Las tráqueas aisladas presentan una disposición en anillo en una o dos filas en el leño temprano con presencia de tílides y radial u oblicua en el leño tardío. El parénquima abundante es apotraqueal en bandas tangenciales uniseriadas.

Plano longitudinal tangencial: Los vasos muestran punteaduras intervasculares pequeñas, muy numerosas en la madera final, de formas redondas y elípticas dispuestas en líneas opuestas o alternas. Los radios son homogéneos uni- o multiseriados.

Plano longitudinal radial: Las tráqueas tienen perforaciones simples y los radios muestran su carácter homogéneo. Las punteaduras de los campos de cruce son grandes, elípticas o alargadas, y muestran unas direcciones variables.

Quercus suber (alcornoque)

Plano transversal: Madera hetoróxila que presenta con frecuencia una zona semiporosa y un límite de crecimiento poco visible. A veces, los poros son dispersos, lo que constituye un problema para su distinción con respecto a Q. ilex y Q. coccifera, siendo sus únicos criterios diferenciadores, siempre que el tamaño del fragmento de carbón lo permita, la mayor talla de las tráqueas del leño temprano, cuyos diámetros suelen oscilar entre las 200 y las 300 µm, su proporción superior (hasta 4/1) con respecto al diámetro de los vasos del leño tardío y su frecuente disposición de forma aislada por todo el anillo de crecimiento sin formar flamas. El parénquima abundante es paratraqueal y apotraqueal en bandas tangenciales uniseriadas.

Plano longitudinal tangencial: En esta vista, los vasos muestran punteaduras intervasculares opuestas o alternantes y muy numerosas, de formas redondeadas a elípticas. Los radios, homogéneos, son uni- o multiseriados (muy excepcionalmente biseriados) con alturas de hasta 20 células en los primeros y muy variables para los segundos. Presentan fibras traqueidales y traqueidas yuxtavasculares.

Plano longitudinal radial: Los vasos se caracterizan por presentar perforaciones simples y los radios por el carácter homogéneo de sus células y por el tamaño pequeño de las punteaduras en los campos de cruce.

Rosaceae sp. t. maloidea (piruétano; serbal; majuelo)

Plano transversal: Madera con los límites de crecimiento bien visibles con porosidad dispersa a zona semiporosa. Los vasos se presentan solitarios y pequeños, la mayor parte de las veces y, en general, distribuidos regularmente o ligeramente más concentrados en el leño temprano. Parénquima apotraqueal difuso.

Plano longitudinal tangencial: Radios uni- a triseriados, la mayor parte de las veces homo-

géneos, aunque no faltan los heterogéneos. Las punteaduras de los vasos son pequeñas, no muy numerosas y dispuestas al tresbolillo.
Plano longitudinal radial: Los vasos presentan perforaciones simples y engrosamientos helicoidales muy finos que no se dan en todas las tráqueas ni en todas las especies que componen esta subfamilia. Las punteaduras de los radios-vasos son redondeadas.

Rosaceae sp. t. prunoidea (pruno)

Plano transversal: Madera heteróxila de poros difusos con los límites de los anillos de crecimiento, a veces, poco marcados. Los vasos se presentan solitarios o en filas radiales cortas de hasta cuatro tráqueas. Los poros tienen dimensiones que no superan las 70 µm en el leño temprano, donde además tienden a presentarse de forma más densa.

Plano longitudinal tangencial: Los radios son heterogéneos y, según la especie, la anchura varia mucho. En nuestros casos, muchos de los fragmentos tenían radios uniseriados, biseriados y multiseriados. Es característico de todos ellos la presencia en todo el contorno de los radios de células marginales verticales.

Plano longitudinal radial: Las perforaciones son simples y presentan engrosamientos en espiral.

De todo ello, la ocupación prehistórica de Reguengo ha aportado 58 fragmentos, 14 el Sondeo 1 y 44 el Sondeo 2, con los que se han determinado 6 taxones (Quadro 1). Anta da Horta ha aportado 148 fragmentos, con los que se han determinado 10 taxones (Quadro 1). En Anta da Soalheira se han analizado 272 carbones, repartidos desigualmente entre sus diferentes fases crono-culturales, con los que se han determinado sólo 6 taxones (Quadro 1).

	COUDELARIA DE ALTER DO CHÃO								
	Habitat Pré-histórico do Reguengo Neolítico		Anta da Horta Neolítico-Calcolítico			Anta da Soalheira Neolítico-Calcolítico		Bronce	Romano
	Sondeo 1	Sondeo 2	Cámara	Corredor	Túmulo	Cámara	Túmulo	Vaso	Hogar
	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º
Arbutus unedo			8						
Cistus sp.		2	8						
Daphne gnidium					4				
Fraxinus angustifolia-excelsior		28			2				
Leguminosae sp.	2		6		2	10		4	99
Olea europaea		4	54		12		6	6	
cf. Plantago sp.			1						
Quercus ilex-coccifera	11	6	16	2	23		41	8	80
Quercus sp. t. caducifolio		2			2	3		4	
Quercus suber									2
Rosaceae sp. t. maloidea					2				
Rosaceae sp. t. Prunoidea						1			
Indeterminable	1	2	3		3		3		5
Total n.º	**14**	**44**	**96**	**2**	**50**	**14**	**50**	**22**	**186**
N.º de taxones	**2**	**5**	**6**	**1**	**7**	**3**	**2**	**4**	**3**

Quadro 1. Resultados antracológicos de los diferentes yacimientos y muestras de la Coudelaria de Alter do Chão

4. Interpretación de los resultados

Como se puede comprobar, el número de fragmentos obtenido y analizado por yacimiento es, a todas luces, insuficiente para poder realizar una estimación cuantitativa sólida de la evolución del paisaje vegetal de los entornos de la Coudelaria. No obstante, la agrupación de las muestras por fases crono-culturales puede aportarnos algunas claves para la caracterización, al menos, cualitativa de la evolución del medio vegetal de Alter do Chão (Fig. 3).

Un primer aspecto llamativo sobre los escuetos resultados de los yacimientos de Alter do Chão tiene que ver con las diferencias cuantitativas y cualitativas existentes entre los datos aportados por el hábitat neolítico con respecto a las muestras de época calcolítica de los dos dólmenes y, de éstas, con respecto a los datos obtenidos para la muestra de la Edad del Bronce y la posterior romana procedentes del Anta da Soalheira.

No obstante, no debe perderse de vista, en ningún momento, la poca entidad de las muestras, incluso valoradas por fases crono-culturales, pues dicha particularidad debe estar incidiendo directamente en la infra- o sobrerrepresentación de las valoraciones de los taxones. Dicha circunstancia se hace sobre todo más evidente en la muestra del II milenio a.C., donde sólo contamos con 22 fragmentos de carbón.

Otra limitación a la valoración paleoecológica de los resultados antracológicos se presenta con la muestra romana, cuyos restos carbonizados proceden de las últimas combustiones realizadas en un hogar puntual dentro del monumento, formando parte de una de las muchas reutilizaciones del dolmen a partir de su construcción. Dicha muestra, a pesar de ser la más

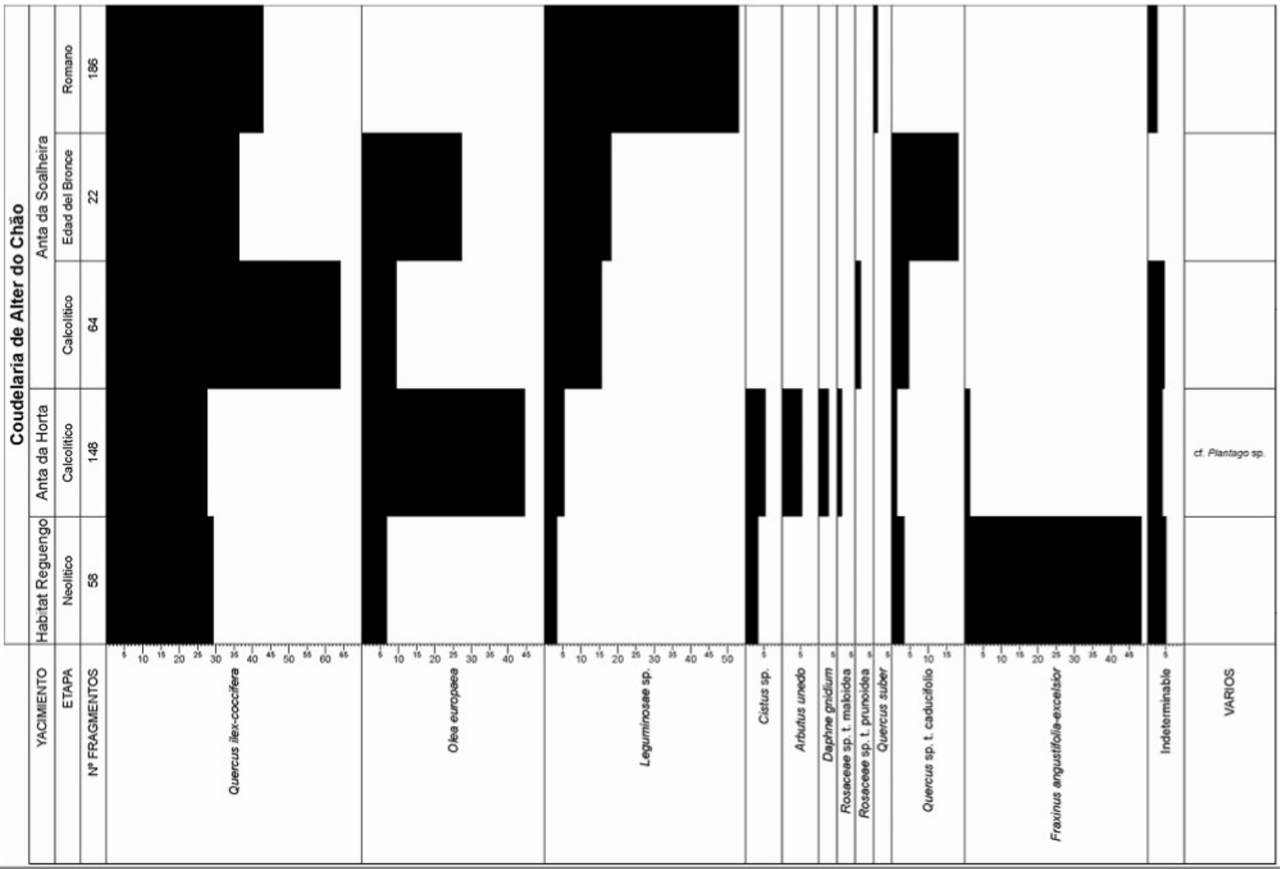


Fig. 3. Diagrama antracológico sintético de la Coudelaria de Alter do Chão

numerosa en números de efectivos, se ajusta plenamente a los resultados metodológicos obtenidos por la Antracología sobre muestras de hogares concretos. Éstos son, principalmente, la presencia de un bajo número de taxones y la infra- o sobrerrepresentación cuantitativa de los mismos en relación a los valores relativos obtenidos sobre muestras de carbón disperso de su mismo nivel de ocupación (Badal García, 1990). La primera de dichas premisas parece cumplirse en el hogar romano del Anta de Soalheira al contar sólo con tres taxones, de los que no podemos precisar las diferencias cuantitativas con respecto a muestras de carbón disperso de la misma cronología y del mismo contexto geográfico por falta de registros.

Con todo ello, vemos cómo destaca un primer espectro, adscrito a un Neolítico[2] Antiguo , en el que destaca el predominio de una especie indicadora de ambientes templado-húmedos como Fraxinus angustifolia-excelsior. A este taxón le sigue de lejos Quercus ilex-coccifera. Ambos, además de la discreta representación de los Quercus caducos, parecen constituir los elementos vegetales predominantes en el paisaje vegetal de la Coudelaria para momentos del Neolítico Antiguo, conformando un estrato arbóreo de frondosas caducifolias y perennifolias más propio de una fase atlántica del Holoceno.

Junto a ello, hemos de destacar que este espectro

[2] Para más información consultar las dataciones presentadas por el Dr. Oliveira en este volumen.

de la ocupación prehistórica de la Coudelaria muestra los menores síntomas de incidencia sobre el medio vegetal, tal y como parece evidenciarse a partir de los escasos valores que presentan los arbustos y matorrales sustitutivos de las formaciones vegetales. Éstos son las leguminosas, las cistáceas y Olea europaea que, comparándolos con espectros más recientes, muestran una relativa y escasa importancia.

Este panorama parece sufrir una variación importante a partir de las muestras antracológicas centradas en el III milenio a.C., donde la práctica desaparición de los fresnos y los aumentos representativos de Olea europaea y Quercus ilex-coccifera pueden estar mostrando el predominio del bosque esclerófilo-perennifolio en su variante termófila como consecuencia de un impacto ambiental. Impacto ambiental en el que factores climáticos no hemos de olvidar que en estas fechas se produce el tránsito del Atlántico al Subboreal y antrópicos – se produce en líneas generales para todo el cuadrante suroccidental de la Península Ibérica la primera ocupación sistemática del territorio deben ser los responsables de las variaciones observadas en el medio vegetal.

Dicha intervención antrópica se deja notar a partir del III milenio a.C. en la proliferación y aumento de los elementos de matorral, cuya pauta, en el caso concreto de la Coudelaria, parece marcarla la curva ascendente de Leguminosae sp. Junto a ella, jaras, madroños, torviscos, rosáceas y una ruderal como cf. Plantago sp. son el mejor testimonio de la intervención del hombre sobre su entorno inmediato en momentos en los que se considera están plenamente adoptados los sistemas productivos agropecuarios.

Tales impactos de los sistemas agropecuarios parecen ser crecientes a medida que nos desplazamos en el tiempo hasta la romanización de estos espacios, cuando la curva de Leguminosae sp. alcanza su punto culminante, superando al menos en sus frecuencias relativas a Quercus ilex-coccifera. Aunque, en este sentido, no hemos de perder de vista el contexto arqueológico de la muestra antracológica, cuya lectura paleoecológica puede estar sesgada por la utilización puntual de estas especies como combustible en el hogar puntual documentado en el Anta da Soalheira.

Los datos, por tanto, aportados por los antracoanálisis de los diferentes asentamientos de la Coudelaria de Alter do Chão, con las limitaciones y carencias ya comentadas, muestran, en líneas generales, un panorama de vegetación que podemos resumir en formaciones climatófilas y edafófilas. Unas formaciones que en su definición dinámica parecen responder a las tendencias paleoambientales y paleoecológicas del Suroeste peninsular (Duque Espino, 2003; 2004; 2005a y 2005b)

De cualquier manera, todas ellas en su conjunto encuentran gran acomodo en la caracterización

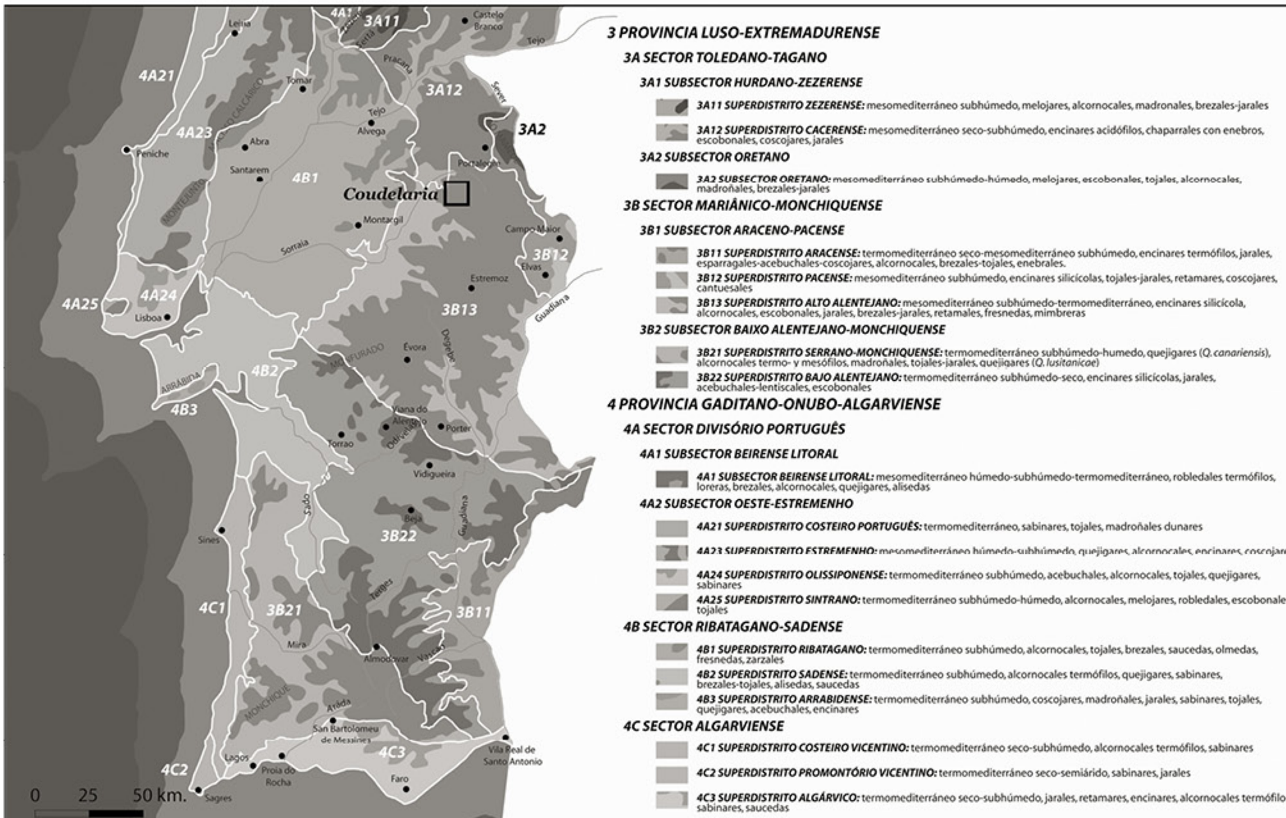


Fig. 4. Localización de la Coudelaria en el contexto biogeográfico general del centro y sur de Portugal.

de series de vegetación descritas para este sector biogeográfico en el que se incardina la Coudelaria (Fig. 4). Concretamente en el sector mariánico-Monchiquense, dentro del subsector Araceno-Pacense y del superdistrito Alto Alentejano (Costa y otros, 1999). Esta unidad biogeográfica corresponde bio-climáticamente a un generalizado mesomediterráneo subhúmedo que puede derivar hasta un termomediterráneo. Siendo, por tanto, su vegetación característica encinares (Quercus ilex) y alcornocales (Quercus suber), así como formaciones seriales o propiciadas por la mano del hombre tales como escobonales, jarales, brezales-jarales y retamares dentro del espectro climatófilo. Junto a ellos, son característicos de esta unidad biogeográfica, pero asociados a sus cursos de agua, fresnedas (Fraxinus sp.) y mimbreras (Salix sp.). Es, igualmente, esta caracterización de las series de vegetación actuales, representativa de estos espacios, la que de nuevo nos obliga a tomar con suma cautela los resultados de la evolución de la vegetación mostrada en el diagrama antracológico, sus implicaciones paleoambientales y paleoecológicas, hasta que sus limitaciones sean subsanadas por nuevos y más amplios estudios antracológicos, particulares, y arqueobotánicos, en líneas generales.

Bibliografia

BADAL GARCÍA, E. (1990); *Aportaciones de la Antracología al estudio del paisaje vegetal y su evolución en el Cuaternario reciente, en la costa mediterránea del País Valenciano y Andalucía (18.000-3.000 B.P.).* Tesis Doctoral inédita. Universitat de Valéncia.

CHABAL, L. (1982); *Méthodes de prélèvement des bois carbonisés Protohistoriques pour l'étude des relations homme-végétation. (Exemple d'un habitat de l'age du Fer: Le Marduel, St. Bonnet du Gard. Fin VIIIe-Fin ler siècle avant J.C.).* D.E.A., U.S.T.L., Montpellier.

COSTA, J. C.; AGUIAR, C.; CAPELO, J. H.; LOUSÃ, M. y NETO, C. (1999); "Biogeografía de Portugal Continental". *Quercetea*, Vol. 0. Bragança.

DUQUE ESPINO, D. M. (2003); "Aproximación a la evolución del paisaje vegetal neolítico de la cuenca del río Sever a partir de los datos antracológicos preliminares de varios monumentos megalíticos". *Ibn Marúan*, 12. Marvão, p. 199-230.

DUQUE ESPINO, D. M. (2004); *La gestión del paisaje vegetal en la Prehistoria Reciente y Protohistoria en la Cuenca media del Guadiana a partir de la Antracología.* Tesis Doctoral inédita, Universidad de Extremadura. Cáceres.

DUQUE ESPINO, D. M. (2005a); Aproximación al paisaje vegetal de los grupos megalíticos del río Sever a partir de los datos antracológicos de varios dólmenes. III Congreso del Neolítico en la Península Ibérica. Santander, 5-8 de octubre de 2003.

DUQUE ESPINO, D. M. (2005b); "Resultados antracológicos de los yacimientos de la Coudelaria de Alter do Chao y su integración en las secuencias paleoecológicas y paleoambientales de la Prehistoria Reciente en el Suroeste peninsular". *Revista Portuguesa de Arqueología*, Vol. 8, N.º 1. Lisboa p 21-41.

ESAU, K. (1985); *Anatomía vegetal.* Barcelona: Ed. Omega.

FAHN, A. (1978); *Anatomía vegetal.* H. Blume ediciones.

GREGUSS, P. (1955); *Identification of living Gymnosperms on the basis of xylotomy.* Akadémiai Kiado. Budapest.

GREGUSS, P. (1959); *Holzanatomie der Européischer laubhölzer und Straücher.* Akadémiai Kiado. Budapest.

JACQUIOT, C. (1955); *Atlas d'anatomie des bois des confieres.* 2 vol. Centre Thecnique du Bois, Paris.

JACQUIOT, C.; TRENARD, Y.; DIROL, D. (1973); *Atlas d'anatomie des bois des angiospermes.* 2 vol. Centre Thecnique du Bois, Paris.

SAINT-LAURENT, J. de (1926); *Étude sur les caractères anatomiques des bois d'Algérie.* Bull. St. Rech. Forest. Nord-Afr., 1 (7), p 241-246.

SCHWEINGRUBER, F.H. (1978); *Mikroskopische holzanatomie.* Zürcher A. G. Zug.

SCHWEINGRUBER, F.H. (1990); *Anatomie europäischer Hölzer.* Haupt, Bern und Stuttgart.

VERNET, J.L., ed. (2001); *Guide d'identification des charbons de bois préhistoriques et récents. Sud-Ouest de l'Europe: France, Péninsule ibérique et Îles Canaries,* Paris.



PROSPECÇÕES ARQUEOLÓGICAS E GEOARQUEOLÓGICAS PARA A LOCALIZAÇÃO DE ESTAÇÕES DO PALEOLÍTICO NA ÁREA DA COUDELARIA DE ALTER-ALTER DO CHÃO

Nélson Almeida

RELATÓRIO

Introdução

O relatório que agora apresentamos contém os resultados das prospecções que realizámos na Coudelaria Nacional de Alter do Chão com vista à localização de estações do período Paleolítico. Estes trabalhos estão englobados no projecto Pré-História Antiga no Nordeste Alentejano (PHANA), que iniciámos em 1998 ao abrigo de um Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos e que, actualmente, se encontra já na sua terceira fase. Os contactos frequentes que tivemos com o Prof. Doutor Jorge Oliveira, no âmbito do acompanhamento pelo Instituto Português de Arqueologia, relativos aos seus trabalhos arqueológicos na área da Coudelaria de Alter do Chão, levaram este investigador a propor-nos iniciar uma prospecção nesta área, sobre o período paleolítico. Aceitámos de bom grado o repto que o Prof. Doutor Jorge Oliveira nos lançou e avançámos para este projecto, que apenas foi possível devido ao apoio que este investigador nos proporcionou.

Metodologias

Prospecções arqueológicas de superfície

Iniciou-se a investigação com uma leitura aprofundada das cartas militares, à escala 1: 25 000, e geológicas, à escala 1: 50 000, da zona onde se insere a Coudelaria de Alter do Chão. Esta primeira observação do terreno é fundamental para se definirem metodologias de trabalho adequadas à realidade do terreno onde se irá trabalhar. Esta prospecção geológica, tendo em conta o período cronológico estudado, afigurou-se, ainda, fulcral para definição de áreas com potencial arqueológico mais elevado, pois permite uma primeira detecção de áreas, que, devido às suas características geomorfológicas, pedológicas e estratégicas (na vertente de proximidade aos recursos naturais), possuam maior probabilidade de terem tido ocupação humana durante o período em estudo.

A intervenção no terreno propriamente dita principiou com o reconhecimento das áreas a serem alvo de prospecção, previamente definidas no trabalho de gabinete. Após este primeiro reconhecimento, realizou-se uma prospecção sistemática de superfície que consistiu no percurso pedestre das áreas com interesse arqueológico, por parte dos arqueólogos da equipa, com um espaçamento de cerca de 20 m. As estações detectadas durante esta fase foram referenciadas em suporte geográfico (Carta Militar de Portugal, esc. 1: 25 000). De seguida, elaborou-se a respectiva ficha de sítio (Circular IPA, de 15 de Dezembro de 1998). Os materiais mais relevantes foram recolhidos e guardados com a respectiva ficha de inventário, sendo posteriormente lavados e marcados.

Prospecções geoarqueológicas

Quando se prospecta há áreas com vista à detecção de estações do período paleolítico, é-se confrontado com a dificuldade inerente a este tipo de estações. A experiência acumulada com o projecto PHANA permitiu verificar que a detecção deste tipo de sítio apenas ocorre quando o sítio é afectado por actividades humanas ou naturais, sendo postos a descoberto materiais arqueológicos. De facto, as ocupações do período paleolítico ao ar livre são detectadas em cortes de origem antrópica (construção de estradas, abertura de valas para infra-estruturas, terraplanagens, etc…), ou de causas naturais (erosão fluvial, lixiviação superficial, etc...). A detecção de uma ocupação que não tenha sido afectada por este tipo de acções, e que esteja preservada debaixo do solo, torna-se, caso não se tenha poderes extra-sensoriais, impossível.

Para tentar superar esta contrariedade, optou-se por recorrer a um método, já testado por alguns investigadores noutros países, mas que corresponde a uma inovação no nosso projecto: sondagens geoarqueológicas mecânicas. Estes tipos de sondagens tiveram grande aceitação entre os anos trinta e sessenta do século XX, pois permitiam realizar comparações estratigráficas entre várias áreas com objectivo de datações relativas. Este método foi caindo um pouco em desuso com a chegada dos métodos de datação por radiocarbono (Stein,1986). Actualmente, e com o surgir da arqueologia preventiva e empresarial, este tipo de sondagens tem sido retomada (Schuldenrein, 1991).

Optou-se por executar as sondagens em áreas

em que a prospecção de superfície não revelou materiais arqueológicos, mas que apresentavam condições para terem sido ocupadas durante o período paleolítico. Tendo em conta as limitações orçamentais do projecto e os preços de aluguer das máquinas usualmente utilizadas para este tipo de sondagens, decidiu-se testar a eficácia de uma máquina de abrir buracos para postes neste tipo de trabalho. Este tipo de instrumento já tem sido utilizado desde os anos 70 (Fry, 1972).

O aparelho que se utilizou é da marca Tecumseh, equipado com um motor Dolmar de 50 cm² de cilindrada. A recolha de sedimento foi feita com recurso a uma broca helicoidal com cerca de 150 cm de comprimento por cerca de 15 cm de largura. Tendo em conta o tipo de broca utilizada, o sedimento foi recolhido de trinta em trinta cm, para evitar um demasiado revolvimento das camadas sedimentológicas.

Como ainda não tínhamos utilizado este tipo de metodologia, um dos nossos objectivos foi verificar a utilidade deste tipo de sondagens na detecção de estações arqueológicas conservadas em profundidade. Do mesmo modo, tentámos averiguar das potencialidades deste método na rentabilização de tempo, pessoal e material.

Resultados

Prospecções arqueológicas

Os trabalhos de prospecção arqueológica encetados nesta zona foram antecedidos pela prospecção geológica da zona em estudo. A prospecção geológica, entendendo-se como trabalho preparatório, teve como finalidade a localização de áreas que, devido às suas características geomorfológicas, possuem maior probabilidade de terem tido ocupação humana, durante o período em estudo. Como resultado desta primeira aproximação, foram definidas áreas onde a prospecção para o período paleolítico poderia ser mais frutífera e áreas que não apresentam características compatíveis com ocupações humanas desse período. Entre as áreas mais promissoras, a primeira corresponde às duas margens da Ribeira do Freixo e de alguns dos seus afluentes. A segunda centra-se nos calcários margosos localizados junto à escola do Reguengo. Na Ribeira do Freixo, foram identificados dois níveis de terraço diferentes, o que apresenta bons indícios para a existência de ocupações paleolíticas. Quanto aos calcários margosos, foi possível verificar a existência de algares colmatados, podendo conter material arqueológico.

Como resultado dos trabalhos de prospecção, detectaram-se sete estações arqueológicas. Destes sítios, um consiste num achado isolado atribuível ao período do Neolítico, Barragem 1, e os outros seis a possíveis ocupações paleolíticas. Entre os materiais encontrados sobressai um biface localizado na Ribeira do Reguengo 1 (foto n.º 2), um denticulado em quartzo localizado no corte da charca situada na Espera do Rei e que parece estar *in situ* geológico e possivelmente arqueológico (foto n.º 4) e um núcleo em quartzito proveniente do sítio Antas 2 (foto n.º 3). Também no local da Barragem 2 se detectou alguma indústria lítica (foto n.º 1). Por fim, foi recolhido um núcleo em quartzo, isolado no local Antas 1 (foto n.º 4).

Na área prospectada, foi identificada uma jazida

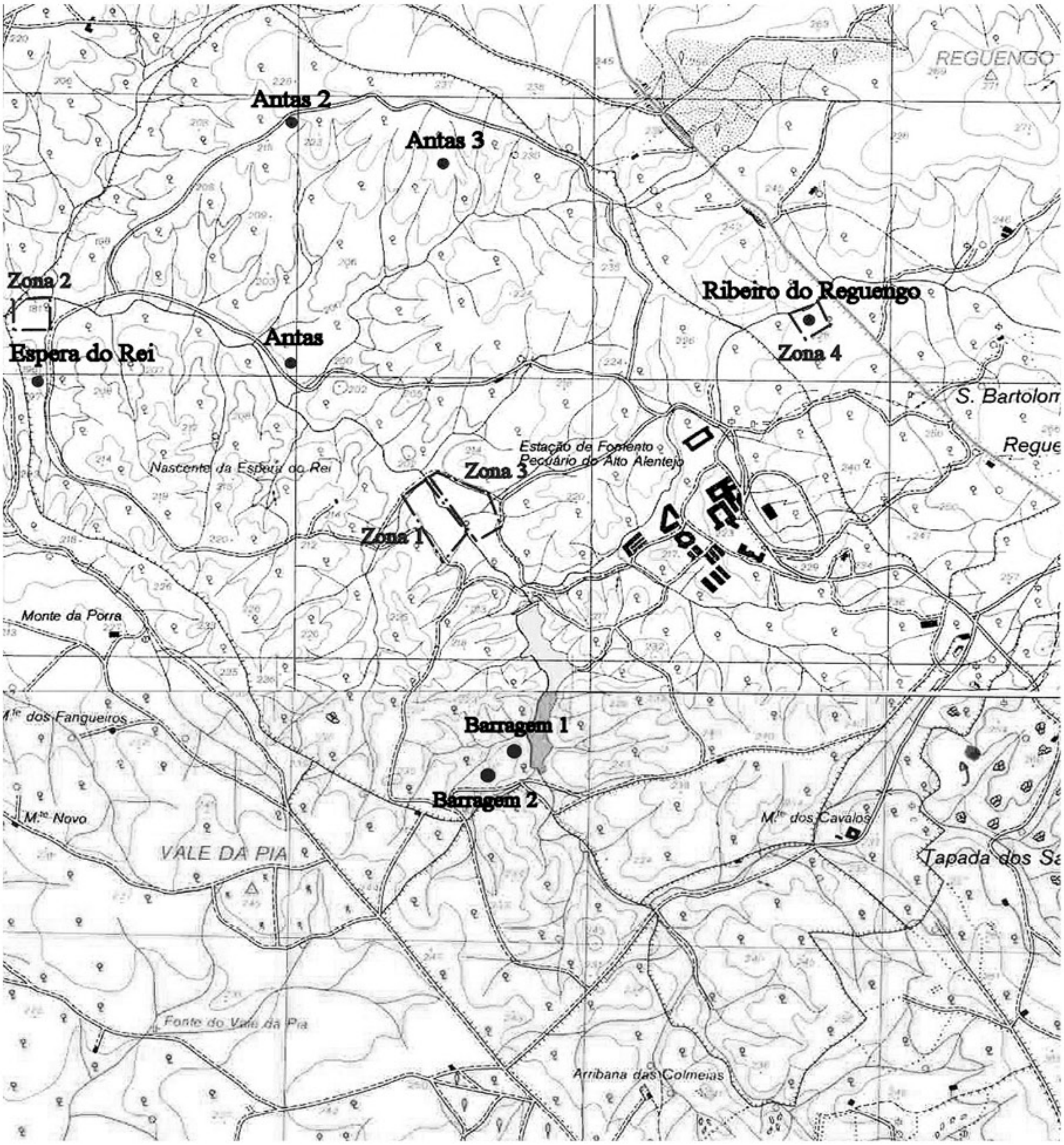


Fig. n.º 1 - Localização dos sítios arqueológicos referenciados durante a prospecção de superfície e das zonas onde se realizaram sondagens geoarqueológicas

de matéria-prima, possivelmente de calcedónia. No local Antas 3, além de grande quantidade desta rocha, foi detectado algum material lítico (foto n.º 5).

Prospecções Geoarqueológicas

No final dos trabalhos de prospecção arqueológica, foram definidas três áreas onde a realização de sondagens geoarqueológicas poderia resultar profícua. Nessas áreas, não tinham sido localizados materiais arqueológicos que permitissem definir alguma estação. Além destas áreas, também se optou por fazer algumas sondagens geoarqueológicas no local da Ribeira do Reguengo 1, de forma a verificar da existência de uma estação do Paleolítico inferior conservada. Deste modo, as prospecções geoarqueológicas desenvolveram-se em quatro zonas, definidas no final das prospecções de superfície.

Zona	Sondagem	Coordenadas	GPS	Profundidade	Materiais Arqueológicos	
		Norte	Oeste			Profundidade
Zona 1	S.1	39º 13,294'	007º 41,871'	70 cm	Lasca	40 cm
	S.2	39º 13,301'	007º 41,853'	50 cm	estéril	
	S.3	39º 13,307'	007º 41,853'	130 cm	estéril	
	S.4	39º 13,324'	007º 41,894'	80 cm	estéril	
	S.5	39º 13,331'	007º 41,878'	60 cm	Lasca em quartzo	60 cm
	S.6	39º 13,346'	007º 41,859'	30 cm	Frag. de machado em pedra polida	30 cm
	S.7	39º 13,356'	007º 41,916'	45 cm	estéril	
	S.8	39º 13,369'	007º 41,898'	30 cm	carvões	
Zona 2	S.1	39º 13,772'	007º 42,784'	50 cm	estéril	
	S.2	39º 13,775'	007º 42,839'	50 cm	núcleo	40 cm
Zona 3	S.1	39º 13,333'	007º 41,759'	70 cm	estéril	
	S.2	39º 13,359'	007º 41,782'	70 cm	estéril	
	S.3	39º 13,371'	007º 41,792'	50 cm	estéril	
	S.4	39º 13,381'	007º 41,773'	130 cm	estéril	
	S.5	39º 13,397'	007º 41,782'	55 cm	estéril	
	S.6	39º 13',401	007º 41',805	40 cm	estéril	
	S.7	39º 13',414	007º 41',841	130 cm	dois núcleos	50 e 120 cm
	S.8	39º 13',433	007º 41',886	80 cm	duas lascas e um denticulado	60,70 e 80 cm
	S.9	39º 13',398	007º 41',868	30 cm	estéril	
	S.10	39º 13',388	007º 41',844	40 cm	estéril	
	S.11	39º 13',372	007º 41,834'	20 cm	estéril	
Zona 4	S.1	39º 13',723	007º 41',078	100 cm	estéril	
	S.2	39º 13',743	007º 41',098	100 cm	estéril	

Tabela 1: Resumo dos dados geográficos e arqueológicos das 23 sondagens realizadas

Iniciamos a campanha de sondagens geo-arqueológicas em Março de 2006, ainda durante um período de chuvas. Estes trabalhos incidiram na zona 1, onde se realizaram oito sondagens, e na zona 2, onde se executaram apenas duas. Na zona 3, intervencionada já em Maio de 2005, procedeu-se à realização de onze sondagens geoarqueológicas (foto n.º 8). Na zona 4, abriram-se as duas últimas sondagens, perfazendo um total de 23 (Tabela 1).

Zona 1:

Sondagem n.º 1

A sedimentologia nesta sondagem revelou um

solo humoso nos primeiros vinte e cinco centímetros que se vai mesclando gradualmente com um areão grosseiro, de cor cinzenta, embalado em siltes e argilas resultante da alteração do granito de base e que domina nos últimos trinta centímetros da sondagem. Nesta sondagem, foi recolhido material arqueológico (lasca em quartzo).

Sondagem n.º 2

Nesta sondagem, deparou-se com uma sedimentologia semelhante à encontrada na sondagem 1. Após o solo humoso e uma zona de transição, surge um areão grosseiro, de cor cinzenta, embalado em siltes e argilas no final da sondagem (foto n.º 6). Esta sondagem revelou-se estéril em termos arqueológicos.

Sondagem n.º 3

Esta sondagem chegou aos 130 cm. No início apareceu uma camada de solo arável, com pouca matéria humosa, seguido por areão de cor cinzenta, embalado em siltes e argilas. Apanhámos, nos últimos 20 cm, argilas compactas de cor castanho - clara-possíveis aluviões da ribeira. Esta sondagem revelou-se estéril em termos arqueológicos.

Sondagem n.º 4

A sedimentologia desta sondagem revelou um substrato arenoso sobre argilas compactas de cor castanho - clara, saturadas de água do nível freático. Esta sondagem revelou-se estéril em termos arqueológicos.

Sondagem n.º 5

Após o solo humoso no topo da sondagem e uma zona de transição, surge um areão grosseiro de cor cinzenta, embalado em siltes e argilas que aparecem a cerca de 40/50 cm de profundidade. Recolheram-se materiais (lasca em quartzo) a cerca de 60 cm de profundidade.

Sondagem n.º 6

A argila aparece desde o início da sondagem. Recolheram-se materiais arqueológicos (fragmento de machado em anfibulite: fig. n.º 2) a cerca de 30 cm.



Fig. n.º 2 - Fragmento de machado em anfibulite

Sondagem n.º 7

A argila aparece desde o início da sondagem. Esta sondagem revelou-se estéril em termos arqueológicos.

Sondagem n.º 8

A argila aparece desde o início da sondagem. Esta sondagem revelou-se estéril em termos arqueológicos. Recolheram-se carvões.

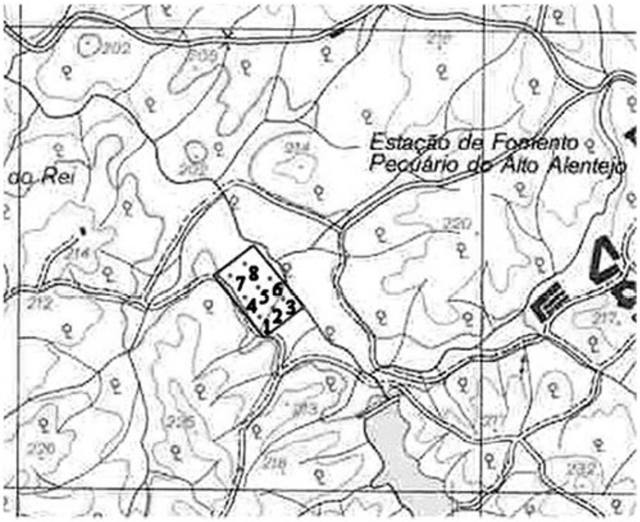


Fig. n.º 3 - Localização da zona 1, com indicação aproximada das sondagens geoarqueológicas realizadas

Zona 2

Sondagem n.º 1

A sedimentologia desta sondagem revelou um substrato argiloso compacto de cor castanho - clara, com a presença de alguns seixos. Esta sondagem revelou-se estéril em termos arqueológicos.

Sondagem n.º 2

A sedimentologia desta sondagem revelou um substrato argiloso compacto, de cor castanho - clara, com a presença de alguns seixos. Recolheu-se material arqueológico (núcleo em quartzo) a cerca de 40 cm.



Fig. n.º 4 - Localização da zona 2, com indicação aproximada das sondagens geoarqueológicas realizadas

Zona 3

Sondagem n.º 1

Esta sondagem chegou aos 70 cm de profundidade, com solo vegetal até ao final. A amostra revelou-se estéril em termos de material.

Sondagem n.º 2

A amostra revelou uma sedimentologia mais argilosa. Á cerca de 40 cm tornou-se mais arenosa com grãos de quartzo de grande dimensão. Finalmente, a cerca de 70 cm, surgiu um nível argiloso siltoso (podemos estar na presença do leito fóssil da ribeira). Esta sondagem revelou-se estéril em termos arqueológicos.

Sondagem n.º 3

Esta sondagem, de aproximadamente 50cm, apresentou uma sedimentologia constituída por solo humoso, de cor castanho-escura, com grãos de quartzo de grande dimensão.
A sondagem revelou-se estéril em termos arqueológicos.

Sondagem n.º 4

Nesta sondagem, verificámos a presença de um sedimento mais escuro , humoso, no topo. De cerca de 50 cm até aos 1, 30 cm, registou-se um sedimento arenoso de cor alaranjada, com pouco seixo e nenhum calhau. Sondagem estéril, do ponto de vista arqueológico.

Sondagem n.º 5
A sondagem desenvolveu-se até aos 55 cm, apresentando um sedimento arenoso de cor castanho - clara, nível onde apareceu o terraço. Sondagem estéril, do ponto de vista arqueológico.

Sondagem n.º 6
Nesta sondagem, o terraço foi interceptado a

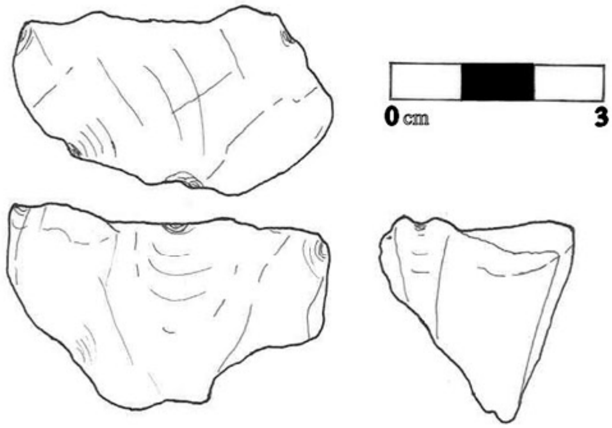


Fig. n.º 5 - Núcleo em quartzo recolhido na sondagem 7

30/40 cm. Estéril em termos arqueológicos.

Sondagem n.º 7
A sondagem inicia-se com um sedimento mais humoso de cor escura. Entre os 50 e 130 cm, registou-se um areão alaranjado argiloso sem calhaus ou seixos .
Perto dos 50 cm registou-se o aparecimento de um núcleo em quartzo (fig. n.º 5) e aos 120 cm recolheu-se outro.

Sondagem n.º 8
Até ao final da sondagem (80 cm), verificou-se uma sedimentologia constituída por areias de grão grosseiro, de cor castanha.
Aos 60 cm recolheu-se uma lasca, aos 70 cm recolheu-se um denticulado (fig. n.º 6-1) e aos 80 cm outra lasca (fig. n.º 6-2).

Sondagem n.º 9
Sedimentologia uniforme até aos 30 cm, nível onde aparece o terraço, constituída por solo de cor castanha e com grande quantidade de matéria orgânica (fig. n.º 6) -. Sondagem, estéril do ponto de vista arqueológico.

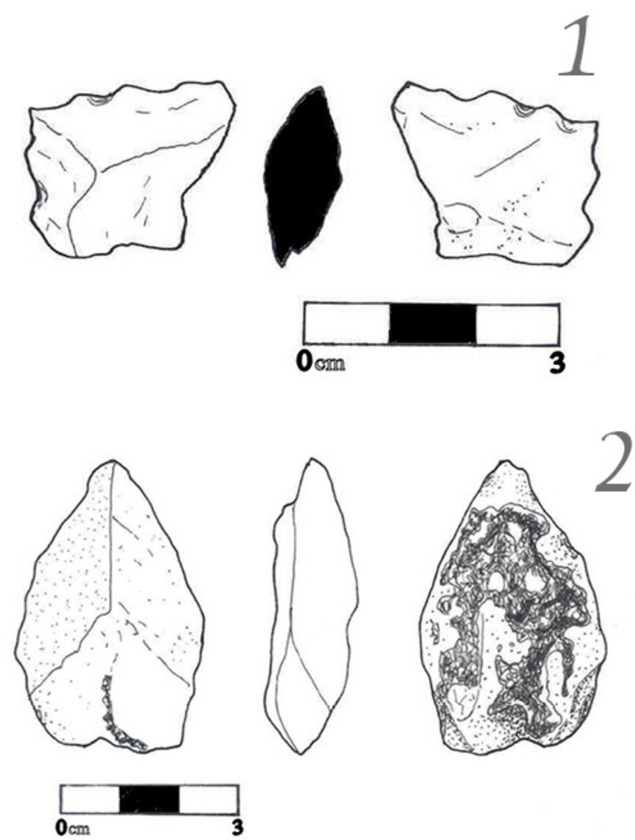


Fig. n.º 6 – Matérias arqueológicos recolhidos na sondagem 8. 1- Denticulado em quartzo 2- lasca em quartzo com concreção na face inferior.

Sondagem n.º 10
Sedimentologia uniforme até aos 40 cm, nível onde aparece o terraço (foto n.º 9) . Sondagem estéril, do ponto de vista arqueológico.

Sondagem n.º 11
Sedimentologia uniforme até aos 20 cm, nível

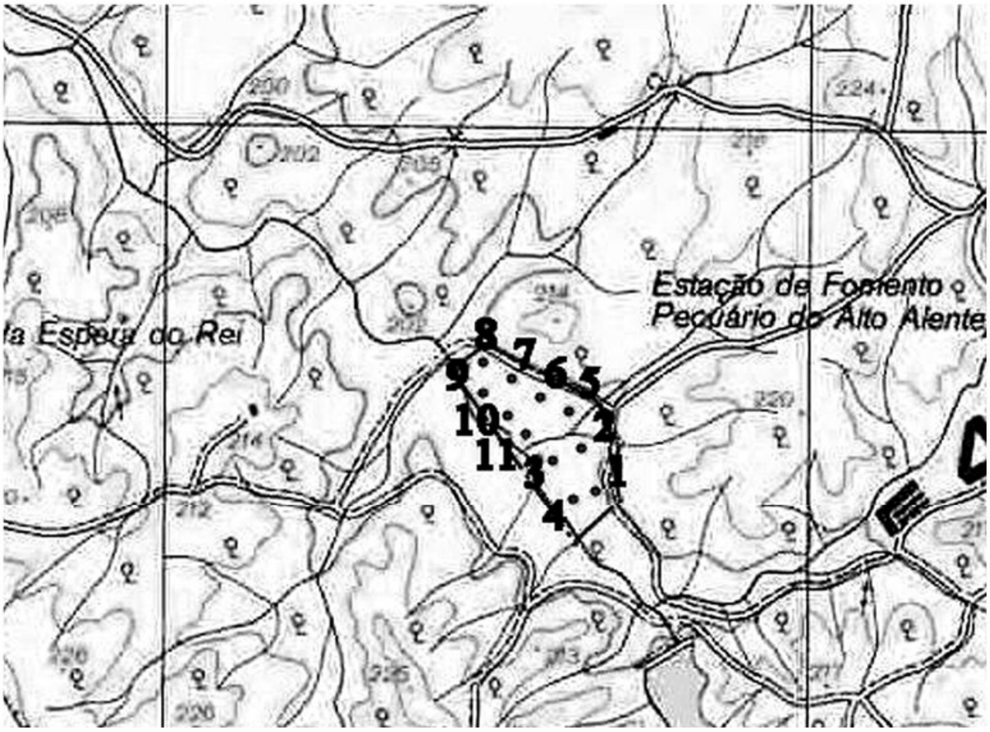


Fig. n.º 7 - Localização da zona 3, com indicação aproximada das sondagens geoarqueológicas realizadas

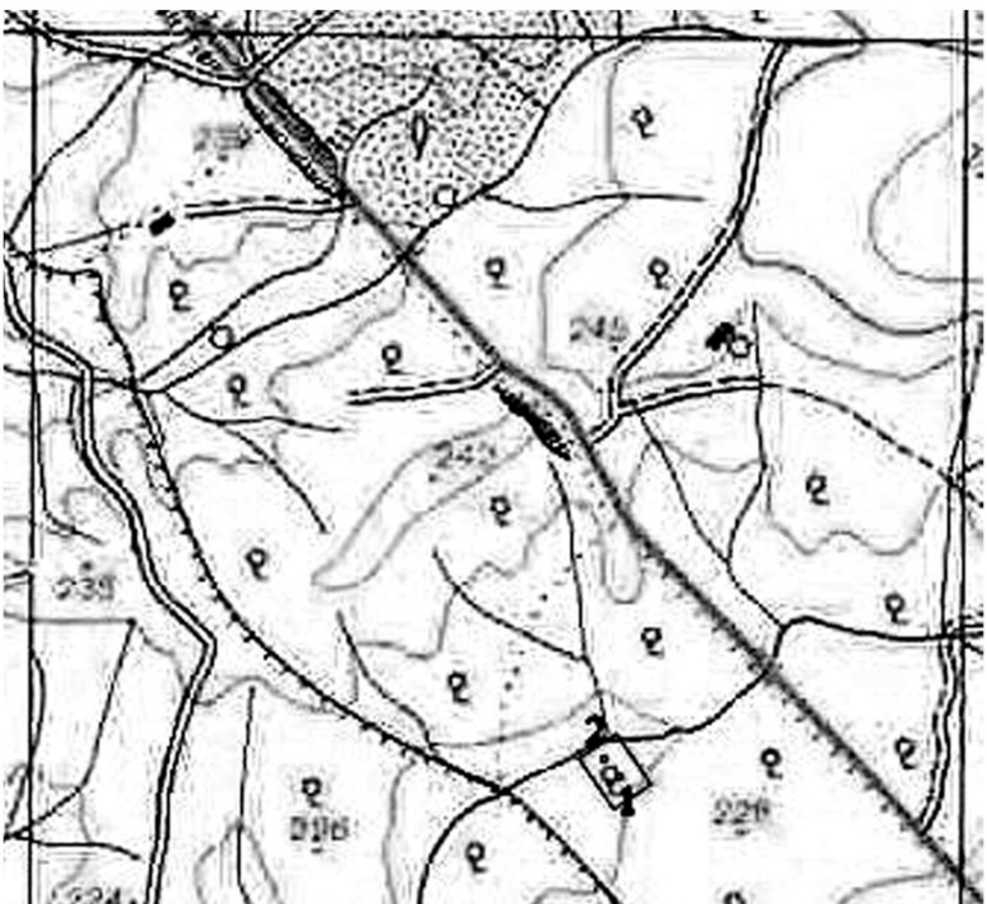


Fig. n.º 8 – Localização da zona 2, com indicação aproximada das sondagens geoarqueológicas realizadas

onde aparece o terraço. Estéril, do ponto de vista arqueológico.

Zona 4

Sondagem n.º 1

A sondagem chegou aos 100 cm sem encontrar terraço. O sedimento inicial é de cor escura, a partir dos 40 cm, de cariz granítico com grãos grosseiros de quartzo. Estéril, do ponto de vista arqueológico.

Sondagem n.º 2

O sedimento desta sondagem apresentou uma cor castanho - escura, de cariz granítico, com grãos grosseiros de quartzo. Aos 100 cm apareceu argila sem vestígios de terraços. Sondagem estéril, do ponto de vista arqueológico.

Conclusões

O dado mais interessante do trabalho realizado na Coudelaria de Alter do Chão assenta na possibilidade de se detectarem estações arqueológicas de profundidade que, sem o recurso a este tipo de sondagens, passariam despercebidas. É o que acontece, por exemplo, nas sondagens 7 e 8 da zona 3, que parecem ter interceptado uma estação possivelmente do período do Paleolítico e, na sondagem 6 da zona 1, onde se recolheram vestígios do período do Neolítico. No total das 23 sondagens realizadas, 6 apresentaram materiais arqueológicos, o que corresponde a cerca de 26%. Ficou evidenciada a utilidade deste tipo de sondagens mecânicas para a detecção de estações de profundidade.

O recurso de sondagens mecânicas desta índole permite conseguir uma visão geral da estratigrafia de determinada zona, o que possibilita, em casos de escavações de emergência ou preventivas, rentabilizar qualquer intervenção arqueológica. Esta rentabilização assenta na possibilidade de detectar as estações, definir áreas de dispersão e prever estratigrafias. A possibilidade de contar com estes dados no início de um processo de escavação vai tender para a minimização do tempo dispendido no campo e maximização de recursos humanos e materiais.

Esta campanha, ao ser realizada em meses diferentes, permitiu definir a melhor época para a realização destas sondagens, que deverão ser feitas entre finais de Março e finais de Abril.

Também se optou por fazer algumas sondagens geoarqueológicas no local da Ribeira do Reguengo 1, onde se recolheram materiais do Paleolítico inferior. Estas sondagens permitiram concluir que os materiais estão em posição secundária e que não existe, na área e até à profundidade sondada, uma estação arqueológica. A existir esta estação, ou estará mais funda ou localizada noutra área mais acima no vale. Deste modo, pode confirmar-se ou infirmar-se a presença de sítios arqueológicos conservados.

Em jeito de conclusão, pode considerar-se que estes trabalhos de prospecção foram essenciais para se poder traçar um primeiro esboço das tendências da implantação geográfica das ocupações paleolíticas desta área. Outra mais-valia das sondagens geoarqueológicas consistiu na definição de algumas áreas de interesse, onde os trabalhos se poderão concentrar no futuro.

Bibliografia

FRY, Robert E. (1972): "Manually Operated Post-Hole Diggers as Sampling Instruments". *American Antiquity*, Vol. 37, N.º 2, pp. 259-261.

SCHULDENREIN, Joseph. (1991): "Coring and the Identity of Cultural-Resource Environments: A Comment on Stein". *American Antiquity*, Vol. 56, N.º 1, pp. 131-137.

STEIN, Julie K. (1986): "Coring Archaeological Sites". *American Antiquity*, Vol. 51, N.º 3, pp. 505-527.



Foto n.º 1 - Vista geral do local Barragem 2. Os materiais foram recolhidos na pequena clareira visível após a linha de arbustos



Foto n.º 2 - Biface em quartzito de grão grosseiro recolhido na estação Ribeira do Reguengo 1



Foto n.º 3 - Núcleo em quartzo leitoso recolhido no local Antas 2



Foto n.º 4 - Lasca em quartzo leitoso recolhido no corte da charca da Espera del Rei



Foto n.º 5 - Vista geral do local Antas. O achado isolado foi recolhido na berma do caminho, na zona à sombra na imagem



Foto n.º 6 - Vista geral do local Antas 3. O material foi recolhido no topo do cabeço



Foto n.º 7 – Zona 1, sondagem n.º 2, vista geral



Foto n.º 8 – Zona 1, sondagem n.º 8, vista geral



Foto n.º 9 – Zona 3, vista geral da área onde se realizaram as sondagens 1 a 4



Foto n.º 10 – Zona 3, sondagem n.º 10, vista de pormenor da amostra